COLEÇÃO
GEORGES BERNANOS

GEORGES
BERNANOS



SOB O SOL DE SATÃ

é
REALIZAÇÕES

Sob o Sol de Satã



Minha Impalpável Biblioteca

Impresso no Brasil, novembro de 2010
Título srcinal: *Sous le Soleil de Satan*
Copyright © Le Castor Astral, 2008

Este livro, publicado no âmbito do Programa de Apoio à Publicação da CulturesFrance, contou com o apoio do Ministério Francês das Relações Exteriores e Europeias.

Os direitos desta edição pertencem a
É Realizações Editora, Livraria e Distribuidora Ltda.
Caixa Postal: 45321 · 04010 970 · São Paulo SP
Telefax: (5511) 5572 5363
e@erealizacoes.com.br · www.erealizacoes.com.br

Editor

Edson Manoel de Oliveira Filho

Gerente editorial
Bete Abreu

Revisão
Sheila Tonon Fabre
Alyne Azuma
Patrizia Zagni

Capa e projeto gráfico
Mauricio Nisi Gonçalves / Estúdio É

Diagramação e editoração
André Cavalcante Gimenez / Estúdio É

Pré-impressão e impressão
Edições Loyola

Reservados todos os direitos desta obra. Proibida toda e qualquer reprodução desta edição por qualquer meio ou forma, seja ela eletrônica ou mecânica, fotocópia, gravação ou qualquer outro meio de reprodução, sem permissão expressa do editor.

SOB O SOL DE SATÃ

GEORGES BERNANOS

Tradução de Jorge de Lima

é
REALIZAÇÕES

Sumário

Prefácio

Sob o Sol Exatamente 7

Prólogo
A HISTÓRIA DE MOUCHETTE

I 13
II 15
III 33
IV 53

Primeira Parte
A TENTAÇÃO DO DESESPERO

I 83
II 95
III 127
IV 193

Segunda Parte
O SANTO DE LUMBRES

I 217
II 225

III 229
IV 233
V 241
VI 251
VII 259
VIII 265
IX 271
X 277
XI 283
XII 287
XIII 303
XIV 309
XV 315

PREFÁCIO
Sob o Sol Exatamente

"O senhor terá quinhentos leitores na França. Está chegando muito cedo ou muito tarde", antecipou Daniel Halévy a Georges Bernanos em 1926, no momento em que *Sob o Sol de Satã* estava prestes a aparecer nas livrarias. Era o ano em que André Gide publicava *Os Moedeiros Falsos*, André Malraux, *A Tentação do Ocidente*, e Blaise Cendrars, *Moravagine*. Quem podia imaginar que um romance enraizado nas paisagens noturnas da região de Boulonnais iria fazer sucesso? Como imaginar que essa história que mostra uma jovem aniquilada pelo desespero e um cura atormentado pelo diabo triunfaria na França dos anos loucos? O seu autor era um desconhecido de 38 anos, pai de família, que lutara durante a Primeira Guerra Mundial em um regimento de cavalaria e trabalhava como inspetor em uma companhia de seguros. Começara o seu livro um dia depois do armistício de 1918 e escrevera uma grande parte em hotéis e vagões de trens, durante as suas viagens no leste da França.

Louis Émile Clément Georges Bernanos, que nasceu no dia 20 de fevereiro de 1888, em Paris, não tinha nem a estatura, nem, sobretudo, a ambição de ser "das letras". Aliás, nunca terá essa ambição. "Não sou escritor", ele escreverá no prefácio de *Os Grandes Cemitérios sob a Lua*.

"Só de ver uma folha de papel em branco a minha alma fica esgotada. O tipo de recolhimento físico que esse tipo de trabalho me impõe é tão detestável para mim que eu o evito sempre que possível. (...) Escrevo nos cafés e nos vagões de trem para não ser vítima de criaturas imaginárias, para reencontrar através de um olhar lançado ao desconhecido que passa a medida certa da alegria e da dor."

A alegria e a dor: desde o primeiro de seus oito romances, Georges Bernanos retratou as modalidades mais radicais da condição humana. Foi o que surpreendeu os leitores de 1926 – não quinhentos, mas cem mil –, é o que surpreende os leitores de hoje. É impossível ler *Sob o Sol de Satã* sem ver imediatamente que a redação deste livro, envolto por trevas, provém ao mesmo tempo de uma necessidade íntima, de uma aventura interior e de alucinações familiares – sem os truques, sem as trapaças e os artifícios narrativos que uma prática constante do "ofício" literário permite dominar com o tempo. A partir de uma perspectiva estritamente formal, pode-se, aliás, argumentar que é um romance mal construído, com três partes unidas umas às outras de forma estranha e com longas digressões que desequilibram a narração. Isso é sempre possível. A desconstrução das obras-primas é um exercício em que se destacam alguns maus alunos sábios. Explicam que o fim de *A Cartuxa de Parma* é muito rápido, que as discussões políticas em *A Educação Sentimental* são muito numerosas ou que há duques demais em *Em Busca do Tempo Perdido*.

Essa atividade assemelha-se ao trabalho de desossar do açougueiro. Ela não tem a nossa consideração. Sugerimos outra utilização das obras-primas: abri-las como se acabassem de chegar, *sem autoria*. Essa disciplina intelectual permite não se deixar cair na armadilha da tradição, como foi o caso de André Gide na sua época. Muito tempo depois da publicação de *Sob o Sol de Satã*, ele deu a seguinte resposta espantosa a um amigo que lhe perguntou por que se recusara a ler esse romance: "É a mesma coisa que Balzac e Barbey, e essa coisa é estranha para mim". Gide com o seu preconceito: a ideia de que há duques demais

na obra de Proust já vinha dele. Aos nomes de Balzac e de Barbey, ele deveria ter acrescentado o de Bloy. O quadrado ficaria completo.

Nós, agora, não devemos cair na armadilha. Esqueçamos o que sabemos, ou acreditamos saber, sobre Georges Bernanos, esqueçamos as considerações de *Lagarde & Michard* sobre *esses escritores católicos*, esqueçamos inclusive o filme de Maurice Pialat – pelo menos Sandrine Bonnaire no papel de Mouchette, tão sensível e tão justa. Vamos abrir este romance como se a tinta azul do jovem escritor de 1926 e a sua caligrafia aplicada dos cadernos do aluno principiante ainda não tivessem secado. E deixemos nos atormentar por esse bramido surdo, esse lirismo interior, essa extraordinária força imaginativa: "É a hora vesperal, a amada hora de P. J. Toulet. Dissolve-se o horizonte; aos últimos raios do sol, uma grande nuvem branca, cor de marfim, paira no céu crepuscular e do zênite ao solo: a solidão imensa, gelada, cheia dum silêncio líquido... É a hora do poeta que destilava a vida em seu coração para extrair-lhe a essência secreta, perfumada, envenenada..." Temos aí algo melhor do que um estilo: uma voz. É evidentemente essa voz que surpreendeu os primeiros leitores de *Sob o Sol de Satã* em 1926.

Em uma carta escrita a Georges Bernanos dois anos mais tarde, Antonin Artaud resumiu o sentimento geral. O que escreveu sobre *A Impostura*, o segundo romance de Bernanos, poderia ter sido escrito a respeito de *Sob o Sol de Satã*: "Raramente algo ou um homem me fez sentir a dominação da infelicidade, raramente vi o impasse de um destino recheado de fel e de lágrimas, encurralado por dores inúteis e negras como nessas páginas cujo poder alucinatório não é nada perto dessa exalação de desespero que delas emana. Não sei se sou para o senhor um pária, mas de qualquer maneira o senhor é para mim um irmão com lucidez desoladora".[1]

Tudo está dito. Só resta sentir, por sua vez, a desoladora lucidez de Bernanos lendo *Sob o Sol de Satã*. Não resumirei a história, isso significaria

[1] Carta de Antonin Artaud, em *Combat pour la Vérité, Correspondance*

privar aqueles que descobrem este livro do prazer de devorá-lo como um romance policial, perguntando-se: "Quem foi? O diabo ou Deus? Esta é a grande questão do livro, até essa cena incrível, na última parte, em que o padre Donissan tenta fazer um milagre ressuscitando uma criança morta. O que poderia lhe dar essa força sobrenatural: o ódio ou o amor? Esse dilema é representado por Bernanos de maneira grandiosa. Primeiramente, o confronto entre Mouchette, que a mentira e o mal fizeram com que ficasse exterior a ela mesma, e o padre Donissan, que para salvar Mouchette do vazio deve enfrentar ao mesmo tempo o desespero e o diabo, obriga o leitor a voltar à fonte misteriosa onde tudo está ligado: a angústia e a fé, o riso e as lágrimas, a dor e a alegria. "A terrível dominação da infelicidade" é algo de aterrador para Bernanos. Dessa maneira, ele chega à sua literatura suspeita de heresia: pode-se criticar o romancista por ser retumbante com complacência, não por ter desejado fazer uma literatura edificante. O autor de *A Alegria* era um católico que escrevia romances – temos no *Sol* uma matéria mística e teológica dinamitada desde o interior – porém, ele nunca reivindicou a qualificação de "escritor católico". No momento em que se impunha como uma espécie de Dostoiévski à francesa, escritores como Paul Bourget, Henry Bordeaux e René Bazin publicavam em Paris uma "literatura da salvação" sem trégua. Georges Bernanos não era um deles. Raramente se beneficiou da aprovação dos padres – e isso não se resolveu com os funcionários de Deus especializados na pastoral social que surgiram depois do Vaticano II. Para um padre democrata, Bernanos é muito jansenista. Porém, o que existe contra ele a partir da perspectiva da estrita ortodoxia católica, ele tem a seu favor a partir de uma perspectiva romanesca: atribui ao diabo um poder assustador.

Dessa maneira, Satã dá um excelente personagem de romance *noir*, um "Invencível" sempre disposto a voltar a atacar as almas – sem parar, até o fim dos Tempos.

Sébastien Lapaque

Escritor e crítico literário francês

Prólogo
A HISTÓRIA DE MOUCHETTE

I

É a hora vesperal, a amada hora de P. J. Toulet. Dissolve-se o horizonte; aos últimos raios do sol, uma grande nuvem branca, cor de marfim, paira no céu crepuscular e do zênite ao solo: a solidão imensa, gelada, cheia dum silêncio líquido ... É a hora do poeta que destilava a vida em seu coração para extrair-lhe a essência secreta, perfumada, envenenada. O turbilhão humano com mil braços e mil bocas já se agita na sombra; o bulevar fervilha e deslumbra ... e ele, recostado à mesa de mármore, olha a noite subir, como um lírio.

Nesse momento começa a história de Germana Malorthy, da vila de Terninques, em Artois. O pai era um desses Malorthys do Boulonnais que são uma dinastia de moleiros e fabricantes de farinha, todos gente da mesma cuia, gente que sabe tirar o maior proveito de um saco de trigo, amante dos grandes negócios e da vida farta. Malorthy, o pai, foi quem primeiro veio estabelecer-se em Campagne; aí se casou e, deixando o trigo pela cevada, fez política e cerveja, ambas porém da pior espécie. Os moageiros de Doeuvres e de Marquise o tomaram sempre como louco varrido que acabaria na miséria, depois de haver desmoralizado negociantes que nunca tinham pedido nada a ninguém, a não ser o honesto lucro. "Somos liberais de pais a filhos", proclamavam, querendo dizer desse modo que eram negociantes irrepreensíveis...

O doutrinador revoltado de que o tempo zomba com profunda ironia, as mais das vezes só tem em sua linhagem as mais mansas das gentes. A posteridade espiritual de Blanqui povoou os registros civis, e as sacristias estão atulhadas com a de Lamennais.

A vila de Campagne tem dois senhores: o médico licenciado Gallet, nutrido do breviário Raspail, deputado do distrito. Das alturas para onde o guindou o destino, contempla ainda com melancolia o paraíso perdido da vida burguesa, sua pequena cidade obscura, e a sala familiar de *reps*verde em que tomou corpo a sua insignificância. Crê honestamente fazer perigar a ordem social e a propriedade, o que deplora, e, calando-se ou abstendo-se, espera desse jeito prolongar suas diletas agonias.

"Não me fazem justiça", exclamou um dia esse fantasma com uma sinceridade pungente, "vejamos! eu tenho consciência!". No entanto, o sr. marquês de Cadignan levava no mesmo sítio vida de rei sem reino. Ao corrente dos grandes negócios pelos "Mundanismos" do *Gaulois* e pela crônica política da *Revue des Deux Mondes*, alimentava ainda a ambição de restaurar na França o esporte esquecido da volataria. Infelizmente, os problemáticos falcões da Noruega, de raça ilustre, adquiridos por uma fortuna, havendo-o decepcionado, desfalcando-lhe as rendas, torcera-lhes o pescoço, a todos esses cavalheiros teutônicos, e mais modestamente se ocupava em adestrar gaviões de caça à cotovia e à pega. Nos intervalos dava caça às raparigas; era o que afirmava pelo menos a ruindade alheia, que se contentava com maledicências e intriguinhas; o homenzinho caçava furtivamente, por sua conta e risco, taciturno sobre as pegadas, como um lobo.

II

Malorthy teve de sua mulher uma filha, que de início desejou se chamasse Lucrécia, por devoção republicana. O mestre-escola, tendo de boa-fé a virtuosa dama como a mãe dos Gracos, fez a esse propósito um pequeno discurso e lembrou que Vítor Hugo havia celebrado antes dele essa grande memória. Os registros do estado civil enfeitaram-se dessa vez com um nome glorioso. Infelizmente o cura, assaltado de escrúpulos, resolvera esperar um aviso do arcebispo e, de boa ou má vontade, o nosso incontido cervejeiro conformou-se que sua filha fosse batizada com o nome de Germana.

Não teria cedido se fosse um menino, mas como era uma menina.

A menina atingira os dezesseis anos.

Uma tarde, Germana entrou na sala, à hora da ceia, com um balde de leite fresco... a dois passos do limiar, parou; dobraram-se-lhe as pernas, empalideceu.

– Meu Deus! – exclamou Malorthy –, a pequena desmaia de fraqueza!

A pobrezinha apoiou as mãos no ventre e pôs-se a chorar. O olhar sagaz da mãe Malorthy parou no da filha.

– Deixe-nos um momento, papai – disse ela.

Como acontece, após mil suspeitas confusas, apenas confessadas, a evidência era clamorosa, manifesta. Pedidos, ameaças e mesmo pancada não puderam tirar da obstinada rapariga nada e nada, a não ser lágrimas bobas. A de espírito mais obtuso manifesta em tais crises um sangue-frio lúcido, que indubitavelmente corresponde ao sublime do instinto. Onde o homem se embaraça, ela se cala. Excitando a curiosidade, bem sabe que finda desarmando a cólera.

Entretanto, decorridos oito dias, Malorthy resolve falar à mulher, entre duas boas baforadas de cachimbo:

– Amanhã vou à casa do marquês. Tenho minhas ideias, minhas suspeitas.

– À casa do marquês! – retorquiu ela... –A presunção vai lhe estragar, Antônio, nada sabe ao certo; vai é servir de mangação.

– Veremos, respondeu o homenzinho. São dez horas; deite-se.

Mas, no dia seguinte, quando se viu refestelado no fundo de uma grande poltrona de couro, na antecâmara de seu temível adversário, mediu de alto a baixo toda a sua imprudência. Com a cólera abrandada: "Neste assunto bem posso ir longe... ", disse a si próprio.

Malorthy julgava-se capaz de tratar esse negócio do mesmo jeito que muitos outros, como camponês ladino, sem amor-próprio. Pela primeira vez a paixão falava alto e numa língua desconhecida. Jacques de Cadignan então havia atingido seu nono lustro. De medíocre estatura, balofo, pela idade, usava em todas as estações um casaco de veludo castanho que o fazia mais gordo ainda. Mesmo assim, era homem encantador, devido a uma espécie de amabilidade e polidez rústica de que abusava com admirável inteligência. Como muitos dos que vivem na obsessão do prazer e na presença real ou imaginária da mulher, por mais que procurasse parecer brusco, voluntarioso e mesmo um tanto rude, traía-se falando; a voz solícita e terna, às vezes

quase imperceptível, era imensamente suave, com inflexões de criança mimada. Havia também herdado da mãe irlandesa uns olhos azul-claros, de limpidez sem profundidade, impregnados de luz incerta.

– Boa tarde, Malorthy, sente-se.

Com efeito, Malorthy havia-se levantado. Preparara seu arrazoado e agora se achava espantado de não reencontrar as palavras que queria dizer. No começo falou como se estivesse sonhando, a esperar que a cólera o libertasse.

– Sr. Marquês – disse –, venho falar de minha filha.

– Ah!... – disse o outro.

– Venho falar-lhe de homem para homem. Há cinco dias que percebemos a coisa; refleti, pesei o pró e o contra; não há como um entendimento, falar cara a cara, e eu prefiro vir à sua presença antes de ir mais longe... depois, nós não somos selvagens!

– Mais longe, como? – perguntou o marquês, para depois continuar tranquilamente, no mesmo tom:

– Não quero desmerecer você, Malorthy, mas com os diabos, você me propõe uma charada! Ora, nós ambos estamos fora de moda, velhos demais para certas brincadeiras, somos uns cacos, não? Quer que eu fale por você? Pois bem, a pequena está grávida e você procura um papai para o seu neto... Não é isso?

– O filho é seu! – exclamou à queima-roupa o fabricante de farinha.

A calma do homem gordo causava-lhe um arrepio nas costas. Dos argumentos que repassara porfiadamente e considerava irrefutáveis, não achava nenhum que ousasse apresentar. Em seu cérebro, a evidência se desfazia como fumaça.

– Não gracejemos – tornou o marquês. – Creia que nada lhe direi de desagradável antes de ouvir suas razões. Somos velhos conhecidos, Malorthy. Você bem sabe que não sou tolo a ponto de afugentar as garotas; tenho lá minhas pequenas aventuras, como toda a gente. Mas pela fé de homem honesto! Não se faz uma criança nesta terra sem que

as danadas das comadres inventem contra mim os seus "se", "mas", "parece"... não estamos mais nos tempos senhoriais: cabe-me escolher com liberdade. A República é para todos, ora bolas!

"A República!", pensou Malorthy, estupefato. Encarava a sua profissão de fé como uma façanha, conquanto o marquês falasse sem dissimulação; mesmo como verdadeiro camponês, sentia-se comprometido com um governo que preside aos concursos agrícolas e premia os animais gordos. Sobre política e história, as ideias do castelão de Campagne eram, aliás, quase iguais às do último de seus rendeiros.

– Então? – perguntou Malorthy, esperando sempre um sim ou um não.

– Então eu o perdoo, pois você se deixou ir na onda, como se diz. Você e seu miserável deputado, como todos os nossos moços, me arranjaram uma reputação de Barba Azul. O marquês isso, o marquês aquilo, a escravidão, os direitos feudais... bobagens! Mesmo como marquês, tenho direito à justiça, não? Seja justo e leal, Malorthy! Diga-me, francamente, qual foi o imbecil que o aconselhou a vir aqui, à minha casa, para me contar essa história desagradável e ainda por cima me acusar? Há rabos de saia nisso, juro! Descaradas! – Começou a rir um bom riso largo, um riso de cabaré. Quase que o moageiro riu também, tal como após um negócio longamente debatido: "Toque! Senhor Marquês, vamos beber!...". Ah! que o francês nasce cordial.

– Ora, ora, Senhor de Cadignan – suspirou Malorthy –, quando não existisse outra prova, todo mundo sabe que o senhor fazia a corte à pequena e há muito tempo, senhor Marquês! Aí está! Não faz nem um mês, eu passava pelo caminho de Wail, quando os vi, bem agarradinhos, ali em Leclercq, sentados à borda do valado. Então eu disse comigo: "Isso não vai adiante. Passará. Passará. Dá-se também que a garota está comprometida com o jovem Ravault. Mas uma coisa lhe digo: é moça de muito amor-próprio. Enfim, o mal está feito. Um homem rico como o senhor, um nobre como o senhor,

não brinca com questões de honra ... olhe lá, não estou lhe pedindo para casar com ela; não sou tão bobo assim. Mas também não devem tratar-nos como gente à toa, arranjar suas coisas e nos dar com os pés, caçoando de nós.

Pronunciando essas últimas palavras, ele tinha retomado, sem pensar, o tom habitual ao camponês que transige, e começou a falar com insinuante simplicidade, quase uma queixa. "Ele não ousa negar", dizia consigo mesmo, "vai propor qualquer coisa ... na certa". Mas seu perigoso adversário deixava-o falar às moscas. O silêncio prolongou-se um minuto ou dois, durante os quais só se ouviam as pancadas de uma bigorna, ao longe... Era uma bela tarde de agosto, plena de rumores e sussurros.

– E então? – disse o marquês, afinal.

Durante essa curta espera, o moageiro tinha concentrado suas forças. Respondeu:

– O senhor é que deve propor.

Mas ao outro veio agora uma ideia; perguntou:

– Faz muito tempo que ela esteve com esse Ravault?

– Sei lá!

– Sabe que pode haver um indício no que me acaba de dizer? – proferiu calmamente o marquês. – É uma informação interessante... os pais é que geralmente são umas boas bestas! Acredite que em duas horas deitaria a unha no responsável; eu o teria num abrir e fechar de olhos aqui, preso.

– Explique-se! – exclamou Malorthy, fulminado.

O cervejeiro não conhecia grande coisa dessa forma superior do atrevimento que os belos espíritos chamam cinismo.

– Meu caro Malorthy – continuava o outro no mesmo tom –, não tenho conselho algum a dar-lhe: demais, num caso desses, um homem como o senhor não o aceita. Digo-lhe simplesmente: volte dentro de oito dias; daqui até lá, acalme-se, reflita, não divulgue coisa alguma,

não acuse ninguém; diga-me: poderia achar alguém menos paciente do que eu? O senhor não é mais criança, que diabo! O senhor não tem testemunhas nem cartas, nada. Oito dias bastam para ouvir as pessoas e tirar de uma pequena coisa um grande proveito; vamos ver... – Compreendeu-me, Malorthy? – concluiu com um tom alegre.

– Talvez muito bem – respondeu o moageiro.

Nesse instante o tentador hesitou; um segundo sua voz tremeu. "Ele desejaria que eu esvaziasse o saco", pensou Malorthy, "atenção!..."

Esse sinal de fraqueza restituía-lhe a coragem. Demais, tonteava ao sentir a cólera empolgá-lo.

– Inteire-se melhor de tudo – disse ainda Cadignan – e deixe a pequena em paz. Além disso, o senhor nada arrancará dela. Essa bela caça é teimosa como quê. Não se deixa pegar ao faro do melhor cão.

– É o que, justamente, eu queria dizer – declarou Malorthy, apoiando cada palavra com uma oscilação de cabeça. – Fiz o que pude: esperarei oito, quinze dias, tantos quantos forem necessários... Malorthy não deve nada a ninguém; se a filha portar-se mal, nela recai a censura. Idade já tem para aguentar com um erro, do mesmo modo pode também se defender...

– Vamos, vamos, nada de palavras ocas – exclamou o marquês.

Mas o outro não hesitou mais; recorreu à intimidação.

– A gente não se desembaraça de uma bonita rapariga assim, sem mais nem menos, como de um homem velho, sr. de Cadignan, todo o mundo sabe disso... O senhor é bastante conhecido e ela mesma contará o caso, com mil diabos! Cara a cara e publicamente; a pequena tem sangue debaixo das unhas! Na pior das hipóteses, seremos nós os últimos a rir...

– Eu desejaria ver isso, por minha fé – disse o outro.

– O senhor vai ver – jurou Malorthy.

– Vá perguntar-lhe – exclamou Cadignan –, vá perguntar-lhe o senhor mesmo, amigo!

O fabricante de cerveja reviu num momento o pálido rosto da filha, resoluto, indecifrável, e essa orgulhosa boca que há oito dias se fechava com seu segredo ... Então gritou:

– Com os seiscentos diabos!... Ela me contou tudo! Pois saiba!

E recuou dois passos.

O olhar do marquês hesitou um segundo, mirou-o de alto a baixo, depois, de repente, se tornou carregado. O azul-pálido das pupilas ficou verde. Nesse momento, Germana poderia ler nele seu destino. Foi até a janela, fechou-a, tornou a voltar até a mesa, sempre silencioso. Depois sacudiu os fortes ombros e, aproximando-se de seu visitante, quase o tocando, disse-lhe:

– Jure-o, Malorthy!

– Juro-o! – respondeu o cervejeiro. – Essa mentira lhe pareceu uma astúcia honesta. Demais, ficaria mal se se desdissesse. Apenas uma ideia lhe atravessou o cérebro e, não podendo destrinchá-la, se afligiu. Entre dois caminhos que se lhe abriam, teve a impressão vaga de ter escolhido o mau e nele ter-se embrenhado irreparavelmente.

Esperava um desabafo; teria mesmo o desejado. Contudo, o marquês disse com calma:

– Vá embora, Malorthy, é melhor não mexer mais nisso hoje. Você de um modo, eu de outro, fomos logrados por uma sem-vergonhinha que aprendeu a mentir antes de saber falar. Escute!... As pessoas que o aconselharam são bastante sabidas para evitar-lhe duas ou três tolices, de que a maior seria querer me intimidar. Que pensem de mim o que quiserem, pouco me incomodo! Em suma, os tribunais não foram feitos para os cachorros, se você quiser... está muito bem!

– Quem viver verá! – respondeu nobremente o cervejeiro.

E meditando outra resposta achou-se fora, na rua, só e decepcionado.

– Esse diabo é capaz de nos dar borra de cevada por cevada, e a gente ainda lhe agradece...

Andando, repassou todos os detalhes da cena, compondo para si um papel vantajoso. Mas, apesar disso, seu bom senso espezinhava-lhe o amor-próprio; esse debate de homem a homem, de que tanto esperava, dera em nada. As últimas palavras de Cadignan, na verdade bem misteriosas, não cessavam de inquietá-lo. "O senhor em um sentido, eu em outro, fomos gentilmente ludibriados..."

A impressão era que a garota a ambos houvesse dominado.

Levantando os olhos, viu entre as árvores sua bela casa de tijolos vermelhos, as begônias do gramado, a fumaça da fábrica de cerveja, vertical no ar da tarde, e não se sentiu mais infeliz. "Terei minhas compensações, o ano será bom." Há dois decênios que sonhava ser um dia o rival do castelão: é o era. Incapaz de uma idéia geral, mas dotado de senso agudo dos valores reais, sabia que ia ser o primeiro em sua pequena cidade natal a pertencer à raça dos senhores, de que as leis e os usos de cada século refletem a imagem e a semelhança – meio negociante, meio rendeiro, possuidor de um motor a gás pobre, símbolo da ciência e do progresso modernos – igualmente superior ao camponês de classe e ao médico político, que é apenas um burguês desclassificado. Decidiu enviar a filha a Amiens, para aí dar à luz. Pelo menos estava certo da discrição do marquês. Demais, os tabeliães de Wadicourt e de Salins não faziam mais mistério da venda do castelo. O ambicioso cervejeiro remoía essa revanche. Não sonhava nada de melhor, não tendo bastante imaginação para desejar a morte do rival. Era dessa boa gente que sabe conduzir seu ódio, mas a quem o ódio não conduz.

* * *

... Era uma manhã do mês de junho; do mês de junho uma manhã claríssima e sonora, uma clara manhã.

– Vá ver como os nossos animais passaram a noite! – ordenou a mamãe Malorthy (pois as seis belas vacas se achavam no pasto desde

a véspera). Estava Germana sempre obrigada a rever esse trecho da floresta de Sauves, a colina azul e a grande planície até o mar, com o sol nas dunas.

O horizonte que já se aquece e adelgaça, o caminho cavado, ainda cheio de sombra, e as pastagens em volta, de macieiras corcundas. A luz tão fresca quanto o orvalho. Germana continua a ouvir as seis belas vacas que bufam e mugem na manhã clara. Respirará sempre a bruma cheirando a canela e fumaça, que pica a garganta e obriga a cantar. Verá sempre o caminho cavado onde a água dos pântanos se ilumina ao nascer do sol... e mais maravilhoso ainda, na orla do bosque, entre seus dois cães Roube-à-Mort e Rabat-Joie, o herói que lhe pertence fumando o cachimbo de tojo, enroupado de veludo, com suas grossas botas, como um rei.

Haviam-se encontrado três meses antes, no caminho de Desvres, um domingo. Tinham andado juntos, lado a lado, até a primeira casa... Algumas palavras do pai lhe voltavam pouco a pouco à memória, e tantos famosos artigos do *Réveil de l'Artois*, acompanhados de socos na mesa – a servidão, as masmorras – e ainda a história da França ilustrada, Luís XI de barrete frígio (atrás, um enforcado oscila na forca; vê-se a grande torre do Plessis)... Germana respondia sem hipocrisia, de cabeça erguida, com coragem; mas à lembrança do cervejeiro republicano, estremecia, com um arrepio à flor da pele; tinha um segredo, o seu segredo!...

Com dezesseis anos, Germana sabia amar (não sonhar com o amor, que só é um passatempo mundano...). Germana sabia amar, isto é, alimentava em si, como um belo fruto amadurecido, a curiosidade do prazer e do risco, a confiança ousada das que jogam a sorte num golpe, afrontam os mundos desconhecidos, recomeçando em cada geração a história deste carcomido universo. A burguesinha de cútis de leite, de olhos repousantes, de mãos tão doces, em silêncio, costurava que costurava, esperando o momento de surgir e viver. Germana tinha

bastante audácia para imaginar ou desejar, mas sabia organizar todas as coisas, a escolha fixada com um bom senso heroico. Belo obstáculo à ignorância, quando generoso sangue, a cada palpitação, leva a sacrificar tudo ao que não se conhece! A velha Malorthy, que nascera feia e rica, jamais esperara para si mesma outra aventura que não fosse o casamento conveniente – negócio de tabelião; virtuosa por condição, não guardava menos o sentimento muito vivo do equilíbrio instável de toda vida feminina, como de um edifício complicado, que o menor abalo pode desfazer.

– Malorthy – dizia ela ao cervejeiro –, nossa filha necessita de instrução religiosa...

Não conseguia expressar melhor seu pensamento senão dizendo apenas o que sentia. Mas Malorthy não se deixava convencer:

– Que necessidade tem ela de aprender com um padre, no confessionário, tudo o que não deve saber? Os padres corrompem as consciências das crianças, todo mundo sabe disso.

Por esse motivo proibira que a filha seguisse o curso de catecismo e "que frequentasse mesmo qualquer desses papa-hóstias que levam a discórdia aos melhores lares", dizia ele. Falava também, em termos sibilinos, dos vícios secretos que arruínam a saúde das moças, cuja teoria e prática aprendem nos conventos. "As freiras trabalham as moças a favor do padre", era uma de suas máximas. "Arruínam previamente a autoridade do marido", concluía batendo na mesa. Pois não aceitava que se gracejasse do direito conjugal, o único que certos libertadores do gênero humano querem absoluto.

Quando Mme. Malorthy se queixava ainda que a filha não tinha amigas, sempre enfurnada em seu jardinzinho fúnebre de teixos podados:

– Deixe-a em paz – respondia. – As moças deste lugar nascem cheias de malícia. Com essa história de patronato, filhas de Maria e o resto, o cura vive com elas uma hora cada domingo. Cuidado! Se

tivesse querido ensinar-lhe a vida, devia obedecer-me e mandá-la ao liceu de Montreuil; ela já teria agora seu diploma! Mas na idade dela certas amizades não convêm... Sei o que estou dizendo...

Assim falava Malorthy, de acordo com a opinião do deputado Gallet, a quem esses delicados problemas de educação feminina não deixavam indiferente. Com efeito, o homenzinho outrora médico do liceu de Montreuil sabia muitas coisas sobre as donzelas e não as ocultava.

– Do ponto de vista da ciência... – dizia às vezes com o sorriso do homem que, tendo perdido as ilusões, estava cheio de indulgência pelos prazeres dos outros, não os procurando para si próprio.

No jardim dos teixos podados, na varanda vazia, rescendendo a betume queimado, foi que a ambiciosa garota se cansou de esperar não se sabe o quê, o que não vem nunca... Foi daí que ela partiu e foi mais longe do que se fosse às Índias... Felizmente para Cristóvão Colombo, a terra é redonda; a caravela lendária mal impelia sua roda de proa, já estava sobre o caminho da volta... Mas outro caminho pode ser tentado, reto, inflexível, que se afasta sempre e de onde ninguém regressa. Se Germana ou as que a seguirem amanhã pudessem falar, diriam: "Que adianta esse tal bom caminho, que não leva ninguém a parte alguma? Que querem que se faça de um universo redondo como uma bola?".

Às vezes uma pessoa parece ter nascido para uma vida pacífica e no entanto é um destino trágico que a espera. Fato surpreendente e imprevisível... Mas os fatos nada são: o trágico é que lá estava em seu coração.

* * *

Se seu amor-próprio houvesse sido menos cruelmente atingido, Malorthy teria se decidido, sem dúvida, a relatar à mulher, de maneira

mais agradável, sua visita ao castelo. Pensou que seria melhor dissimular algum tempo ainda sua inquietação e seu embaraço, num silêncio altivo, cheio de ameaças. Demais, queria uma desforra, pensando obtê-la facilmente por um lance dramático de que sua filha seria a protagonista. Para muitos tolos vaidosos que a vida decepciona, a família é na verdade uma instituição necessária, pois coloca à sua disposição e como ao alcance da mão um pequeno número de seres fracos, que o mais covarde pode amedrontar. Pois a incapacidade gosta de extravasar sua influência no sofrimento alheio.

– Eis por que, logo depois de acabada a ceia, Malorthy, de repente, com seu tom de comando:

– Filhinha – disse –, preciso lhe falar...

Germana levantou a cabeça, colocou lentamente seu tricô na mesa e esperou.

– Você me desconsiderou. Você me desconsiderou, e muito! Moça de família que erra é como um falido... todo o mundo pode amanhã apontar-nos a nós, gente irrepreensível, que honra seus negócios, que nada deve a ninguém. Pois bem! Em vez de nos pedir perdão e de combinar tudo conosco, como deve ser, que é que está fazendo? Não acaba mais de chorar, e é um "oh!" e um "ah!" contínuos, e lamentações e mais lamentações. Mas para informar seu pai e sua mãe, não dá um passo. Silêncio, discrição e nada mais! Isso não durará nem mais um dia – concluiu batendo na mesa. – Chega de choro! Quer falar, fala: sim ou não?

– Não peço outra coisa – respondeu a pobrezinha, para ganhar tempo.

O minuto que ela, apavorada, pressentia, tinha chegado, não havia dúvida: e eis que no momento decisivo, as ideias amadurecidas em silêncio, há uma semana, apresentavam-se a um só tempo numa confusão terrível.

– Vi seu amante ainda agora – prosseguiu o pai. – Vi com os meus olhos ... a senhorita se oferece a um marquês; envergonha-se da cerveja

do papai... pobre ingênua qu e já s e julga senhora e castelã, c om o s condes e os barões e um pajem para segurar a cauda do vestido!... Mas tivemos um bate-boca danado! Vejamos agora se chegaremos a um acordo: você vai me prometer que andará direito e obedecer de olhos fechados.

Ela chorava baixinho, o olhar claro através das lágrimas. A humilhação que temia de antemão não mais a amedrontava. "Vou morrer de vergonha, na certa!", repetia a si mesma na véspera ainda, esperando um estouro a qualquer momento. E agora procurava essa vergonha e não a achava mais.

– Quer me obed ecer? – insistia Ma lorthy.

– Que quer que eu faça?

Ele refletiu um momento:

– O senhor Gallet e stará amanh ã aqui.

– Não – inter rompeu a moça –, aman hã é dia da feira: sáb ado.

Malorthy contemplou-a um segundo, de boca aberta.

– Não cogitei nisso. Efetivamente. Tem razão. Sábado.

Germana tinha feito essa observação com uma voz clara e calma que seu pai desconhecia. Junto à lareira, a velha mãe teve um sobressalto.

– Sábado... está bem!

– Sábado – continuou o cervejeiro, que perdia o fio de seu discurso. – Gallet é um rapaz que conhece a vida. Tem escrúpulos e sentimento... Guarda suas lágrimas para ele, minha filha! Nós dois iremos falar-lhe.

– Oh! não... – disse el a.

A sorte fora lançada à fase crítica da luta quando ela mais amava a vida e a liberdade! Esse "não" em seus lábios pareceu-lhe mesmo doce e amargo como um primeiro beijo. Era seu primeiro desafio.

– Ora! Ora! – rugiu o homem.

– Paciência, Antônio – disse a mãe Malorthy –, deixe à menina tempo de respirar! Que quer que esta criança diga ao seu deputado?

– A verdade, com os diabos! – exclamou Malorthy. – Em primeiro lugar, Gallet, meu deputado, é médico! Se a criança nascer antes do casamento, teremos uma palavra dele para uma casa de Amiens! Em segundo lugar, o médico é a instrução, a ciência... não é um homem. É o padre do republicano. Vocês me fazem rir com essas precauções! Crê que o marquês falará em primeiro lugar? A pequena não tinha a idade, na época, e isso constituirá uma agravante, talvez! Isso é uma arma! Nós o arrastaremos ao tribunal, com mil raios! Ora! Ora! Um sujeito pretensioso que nos julga uns imbecis, que tem a coragem e o cinismo de negar a evidência das coisas, um sujeito que mente como respira! Marquês de tamancos!... Desgraçada! – gritou, voltando-se para a filha, ele levantou a mão para seu pai!

Malorthy não tinha premeditado essa última mentira, que era apenas um rasgo de eloquência. O rasgo, porém, gorou completamente. O coração da pequena revoltada bateu mais forte, menos ao pensamento do ultraje feito a seu senhor e dono do que à imagem entrevista do herói, em sua magnífica cólera... A mão! A mão dele! A terrível mão!... E com um olhar pérfido procurou no rosto do pai os sinais da agressão.

–Por um momento – disse então a velha Malorthy–, deixe-me falar!

Ela tomou a cabeça da filha entre as mãos:

– Pobre tola, a quem quer confessar a verdade, senão a seu pai e a sua mãe? Quando desconfiei da coisa era tarde demais! Agora sabe o que valem as promessas dos homens. Todos uns mentirosos, Germana! A senhorita Malorthy?... Sumiu! Não a conheço. Não tem mais um tico de orgulho para obrigá-lo a engolir sua mentira? Permitirá que se pense que você se deu a um qualquer, a um criado, a um vagabundo? Vamos, confesse-o! Ele a fez prometer que nada diria?... Não se casará com você, minha filha! Quer que diga a você? O tabelião de Montreuil tem já ordem dele de vender a fazenda das Charmettes, moinho e tudo. O castelo irá como o resto. Qualquer manhã dessas, vai ver!

Zero! Ninguém! E para você, a mangação do canalha!... Responda-me agora, cabeça dura!

"Zero! Ninguém"... Das palavras ouvidas, essas ressoavam em seus ouvidos. Só... abandonada, desencorajada, decaída... só no rebanho comum... arrependida!.. Mas que temer no mundo, senão o tédio e a solidão? Que temer, senão esta casa sem alegria?

Então, cruzando as mãos sobre o peito, procurou ingenuamente os pequeninos seios sobre o tenro coração magoado! Mergulhou as unhas sob a fazenda leve, até que uma nova certeza lhe jorrou daquela dor, com um grito do instinto.

– Mamãe! Mamãe! Prefiro morrer!

– Chega – disse Malorthy. – Você escolherá entre ele e nós. Tão certo como me chamo Antônio, dou ainda um dia a você... ouve bem? Má! Nem uma hora mais!

Entre ela e o amante, Germana via o pai furioso, o escândalo irreparável e, no fim, a única porta fechada sobre o futuro e a alegria...

Na verdade prometera silêncio, mas esse pai que ela agora detestava era enfim sua salvaguarda..

– Não! Não! – disse ainda.

– Ela está louca, meu Deus! – gemia a mãe Malorthy, levantando os braços para o céu. – Louca! perdida!

– Por que me maltratam assim? – disse Germana, chorando mais alto. – Por que me fazem sofrer, afinal? Decidam o que quiserem, batam-me, expulsem-me, eu me matarei... mas não lhes direi nada, mesmo assim! E quanto ao senhor marquês, mentira; ele nem ao menos me tocou.

– Vagabunda! – rugiu o cervejeiro, entre os dentes.

– Por que me interrogam, se não querem acreditar em mim? – repetia ela, com voz de criança.

Verdadeiramente ela afrontava o pai, desafiava-o através das lágrimas; sentia-se a mais forte, com toda sua juventude, com toda a sua cruel juventude.

– Acreditar no que diz? Seria preciso que fosse mais sabida! Quer que lhe diga uma coisa? Ele acabou contando-me tudo! Está aí! Apertei-o a meu modo: "Negue, se quiser, disse-lhe eu, a pequena contou tudo.

– Oh! ma... mãe! Mamãe – balbuciou Germana –, ele se atreveu!

Seus belos olhos azuis, subitamente secos e ardentes, tornaram-se cor de violeta; sua fronte empalideceu e ela remoía em vão algumas palavras na boca árida.

– Cale-se, assim vai matá-la! – interveio a mãe Malorthy. – Que desgraça!

Mas mesmo mudos, os olhos azuis já tinham falado demais. O cervejeiro apreendeu aquele olhar carregado de desprezo, furtivo. A mãe que defende o filho é menos terrível e menos resoluta que a mulher de quem se arrebata a carne de sua carne, seu amor, esse outro fruto.

– Saia daqui, vá! – gritou furioso o pai.

A moça esperou um momento, de olhos baixos, os lábios a tremer, contendo a confissão prestes a escapar-se como uma suprema injúria. Depois apanhou o tricô, o novelo e a agulha, e se retirou com o mais altivo andar, mais vermelha do que uma camponesa num dia de colheita. Mas logo que se achou livre, galgou a escada em dois saltos de corça, tornando a fechar a porta como um furacão. Pela janela entreaberta, podia ver no fim da alameda, entre dois pés de hortênsia, a grade de ferro pintada de branco que fechava seu pequeno universo à orla de um canteiro de alhos... Mais além, outras casinhas de tijolos, alinhadas até a volta do caminho, onde fumega um feio telhado de colmo sobre quatro paredes de barro, esburacadas, morada de certo homenzinho Lugas, último mendigo da comuna... e aquele outro colmo em ruínas, no meio das belas telhas envernizadas, é ainda outro mendigo, outro homem livre.

Ela esperava, estirada no leito, a face no travesseiro. Esperava coordenar ideias, passá-las a limpo, mas só ouvia o zum-zum da cólera... coitada! O destino decide-se num leito de criança, tão claro, rescendendo a verniz e a lençóis novos!

Duas horas, Germana revolve um sem-número de projetos para conquistar o mundo, se o mundo não tivesse já o seu senhor, com quem as meninas pouco se incomodam ... Gemeu, disse coisas, chorou, sem nada poder mudar do inexorável impasse. Sua aventura conhecida, a culpa confessada, que possibilidade lhe restava então de ver o amante? Ele deve estar convencido de que o denunciei, gemia ela, não gostará mais de mim! "Uma dessas manhãs, zero! Ninguém!" – exclamara ainda há pouco a mãe Malorthy... coisa estranha! Pela primeira vez, começou a sentir certa angústia, não pelo receio de ver-se abandonada, mas diante da solidão que vinha. Não lhe causava medo ser ludibriada, jamais pensara em tal coisa. Esta vidinha burguesa respeitável, a honesta casa de tijolos, a cervejaria bem afreguesada, com o motor a gás pobre – o bom proceder e sua recompensa – todas as atenções à jovem, filha do conceituado negociante, sim, a perda de todos esses bens não a inquietava um minuto. Ao vê-la, em seu vestido domingueiro, bem penteada, ao ouvir-lhe o riso vivo e fresco, Malorthy não duvidava que sua menina fosse prendada como nenhuma outra, "educada como rainha", dizia, às vezes, um tanto orgulhoso. Dizia ainda: "Tenho consciência de meus deveres, é quanto basta". Mas ele confrontou sempre somente sua consciência com seu grande livro.

O vento refrescara: lá longe, as vidraças das janelas iluminaram-se uma a uma: a estrada areenta era apenas uma mancha esbranquiçada e o ridículo jardinzinho de repente se alargou e ficou enormíssimo com a dimensão da noite... Germana despertou de sua ira, como de um sonho. Saltou da cama, veio escutar à porta e não ouviu senão o ronco habitual do cervejeiro e o solene tique-taque do relógio; voltou à janela aberta, deu dez giros dentro de sua estreita jaula, cautelosa, destra e furtiva, como um lobo adolescente... Quê?... Já meia-noite? O profundo silêncio! E eis o perigo e a aventura; apraz às grandes almas nele penetrarem como asas. Tudo dorme; nenhum obstáculo...

"Livre", disse consigo, súbito, com essa voz baixa e velada que o amante não ignorava, com um gemido de prazer... estava livre, de verdade.

Livre! livre!, repetia, com uma certeza crescente. Mas, ao certo, não sabia dizer quem a tornava livre nem quais as cadeias que tinham caído. Pois apenas ela se expandia dentro do silêncio cúmplice... Acontecia mais uma vez no mundo, que um jovem animal feminino, no limiar de uma bela noite, experimen tava timidamente, inebriado após, os músculos adultos, os dentes e as suas garras.

Abandonava todo o passado como o abrigo de um dia.

Abriu a porta, às apalpadelas, desceu a escada, degrau por degrau, torceu a chave na fechadura e recebeu em pleno rosto o ar da noite, que jamais lhe pareceu tão leve. Deixou o jardim, atrás, como uma sombra... a grade... o caminho e a primeira curva da estrada... Só respirou ao deixar a aldeia por trás das árvores compacta, obscura... então se sentou à orla do talude, ainda trêmula do prazer da descoberta... O caminho que percorrera pareceu-lhe imenso... A noite diante dela abria-se como um asilo e como uma presa... Não arquitetava nenhum projeto, sentia na cabeça um vácuo delicioso... "Fora daqui! Vá!", dizia-lhe ainda há pouco Malorthy. Que havia de mais simples? Tinha partido.

III

– Sou eu – disse Germana.

Cadignan levantou-se de um salto, estupefato. Uma palavra de carinho ou de censura teriam, sem dúvida, feito explodir-lhe a cólera. Porém, viu-a muito serena, muito simples, no limiar da porta; parecia apenas emocionada. Atrás dela, sobre a areia, pairava sua sombra leve. E ele reconheceu imediatamente o olhar tranquilo, imperturbável que tanto amava e a luz fugidia no fundo das pupilas irisadas.

– Depois da visita de seu pai, um raio suspenso sobre minha cabeça... à uma hora da manhã, em minha casa, merecia que batesse em você!

– Meu Deus! Como estou cansada! – disse ela. – O caminho está alagado; caí duas vezes dentro da água. Estou molhada até os joelhos... dê-me qualquer coisa para beber, sim?

Até aquele instante, nem a grande intimidade nem coisa alguma conseguiram mudar o tom habitual da conversação entre ambos. Ela ainda o chamava de "senhor" e às vezes "senhor marquês". Mas nessa noite o tratava por "você" pela primeira vez.

– Não se pode negar – exclamou ele alegremente –, tem audácia!

Germana segurou gravemente o copo estendido, procurou levá-lo à boca, sem tremer, mas os dentes rangeram no cristal e as pálpebras não puderam conter uma lágrima que deslizou até o queixo.

– Ufa! – concluiu. – Vê, estou com a garganta opressa de tanto chorar. Chorei duas horas, trancada em meu quarto. Nem sei como não enlouqueci. Teriam acabado por me matar, sabe? ... Ah! sim, e eram meus pais! Felizmente nunca mais tornarão a me ver.

– Nunca? Não diga tolices, Mouchette! (era seu nome de amor). Não se deixam as raparigas correrem nos campos, como perdizes. O primeiro guarda que aparecer carregará você no saco.

– Acha? Tenho dinheiro. Que é que me impede de tomar amanhã à noite o trem de Paris, por exemplo? Minha tia Eglé mora em Montrouge numa bela casa, onde há uma mercearia. Trabalharei, serei muito feliz.

– Tolinha, é maior? Diga : é maior?

– Não sou, mas serei, isso chegará – respondeu imperturbável. – É só esperar.

– Ela desviou os olhos por um momento, depois levantando para o marquês um olhar tranquilo:

– Fica comigo?

– Ficar com você, ora! ora! – exclamou ele, andando de um lado para outro a fim de melhor disfarçar o embaraço. – Ficar com você? Acha tudo muito fácil. Onde vou esconder você? Pensa que eu tenho esconderijos para meninas bonitas? Isso só nos romances, minha sabidinha! Antes da noite de amanhã teriam nos deitado a garra, seu pai com a polícia atrás, e a metade da aldeia armada de forcados. Até o deputado Gallet, esse médico dos diabos, esse grande magarefe!

Germana não se conteve, riu gostosamente batendo as mãos; mas nesse momento parou de rir e compondo um rosto muito sério ponderou com voz doce:

– Ah! sim! O sr. Gallet? Eu devia encontrá-lo amanhã, com papai; uma ideia dele.

– Uma ideia dele! Uma ideia dele! Como você diz essas coisas! Já repeti cem vezes, Mouchette; não sou um homem mau, conheço

minha culpa. Mas com os seiscentos demônios! Nada me resta mais. Vendendo o pouco que ainda tenho, vai me restar apenas o com que não morrer de fome, uma miséria! Tenho parentes ricos, sim, minha tia Arnoul, por exemplo, mas rija, aos sessenta anos, como não sei que diga, rica, riquíssima... mas uma mulher que m e enterrará... de aventuras já estou farto. Convém jogar cautelosamente, desta vez, Mouchette; e em primeiro lugar ganhar tempo.

– Oh! como é bonito! Como é bonito!

Ela havia-lhe voltado as costas e acariciava com as mãos uma comodazinha Luís XV, de laca, com pagodes e ornatos dourados. Com as pontas dos dedos, traçava sinais miste riosos, na poei ra, espalhada no mármore de veios roxos.

– Deixe a cômoda em paz – disse ele. – Dessas velharias tenho o celeiro cheio. Poderia fazer-me a honra de me responder?

– Responder o quê?

Pôs-se a encará-lo com o mesmo olhar pacífico.

– Responder o quê!... Ia dizendo ele. Mas não pô de deixar de desviar os olhos.

– Não gracejemos, Mouchet te, e ponh amos os pingos nos is. Aliás, não quero irritar-me. Deve compreender que somos ambos interessados em deixar passar a tempestade. Posso conduzir você amanhã à pretoria; sim ou não? Então? Não tenciona, creio eu, ficar aqui, nas barbas de seu pai! É uma hora e meia da manhã, concluiu ele, vendo o relógio; vou atrelar o Bob e levar você depressa até o caminho de Gardes. Voltará à casa antes do dia, como se nada houvesse acontecido. E amanhã apresentará a Malorthy a carinha mais cínica. No momento propício, providenciaremos. Combinado? Vamos! Depressa!

– Oh! não! Não voltarei à Campagne esta noite.

– E onde quer dormir, cabeça dura?

– Aqui, no meio da estrada. Não importa onde. Que me importa?

Desta vez o marquês perdeu a paciência e começou a vociferar a torto e a direito, mas em vão. Assim a tarasca rosna e range enleada no musgo:

Em um primseden demoupo
L'embourgino, l'adus que broupo.

– Eu ainda sou muito bom em esperar convencer uma teimosa como você. Vai pois, se quiser, dormir com as cotovias. Afinal, sou eu o culpado de tudo? Poderia fazer coisa melhor, mas preciso de tempo: num mês, a velha casa estaria vendida e eu, folgado. Mas agora? Agora, Malorthy vai cair em cima de mim, em minha casa, como uma bomba, e me ameaça com a polícia. E isso vai dar num escândalo, um escândalo dos mil diabos. E por quê? De quem é a culpa? Tudo isso porque uma garota se faz de teimosa, tomada de medo, nos deseja de pés e mãos amarrados, aconteça o que acontecer! Contou tudo ao papai, como ao vigário... e depois, desembrulhe-se, meu amigo! Não estou censurando você, Mouchette, apesar de tudo... Vamos! Vamos! Não chore mais, não chore!

Ela apoiara a cabeça na vidraça e chorava silenciosamente. Acreditando havê-la convencido, parecia-lhe agora menos difícil ter pena dela e lamentá-la. Porque é natural ao homem odiar no sofrimento alheio o seu próprio sofrimento. Experimentou virar para si a cabecinha obstinada, atraindo docemente com ambas as mãos a loura nuca.

– Por que chora? Não refleti no que disse. Depois estou vendo uma coisa: Malorthy, com esse ar arrogante de conselheiro-geral, num dia de comício... "Responda-me, desgraçada!... Diga a verdade a seu pai"... Acabaria batendo em você. Não bateu em você, ao menos?

– Oh! não – disse ela entre dois soluços.

– Então levante o nariz, Mouchette, vamos pôr uma pedra sobre isso tudo.

– Ele não sabe de nada, gritou a moça, cerrando as mãos com força. Nada, escapuli.

– Ora essa! – retorquiu ele.

Na verdade, não compreendia grande coisa desta explosão de orgulho ferido. Mas via, com maior espanto diante dele, uma Germana desconhecida, de olhos maus, a testa sulcada de cólera viril e o lábio levantado, entremostrando os dentes alvos.

– Vamos! – concluiu ele. – Deveria ter dito isso logo.

– Você não me acreditaria – respondeu ela, depois de curto silêncio, a voz ainda trêmula, mas o olhar já claro e frio.

Ele olhava-a desconfiado. Esse capricho, esse humor vivo e ousado, essas palavras bruscas já lhe eram familiares. Mas no ardor da conquista, ele só percebera até então a simples defesa de uma bonita rapariga astuciosa a quem um último escrúpulo entretém na ilusão de ser ainda livre, no instante mesmo em que ela mais se esquiva.

A robusta maturidade inspira facilmente uma confiança cega, e a mais cínica experiência está em matéria de amor mais perto do que se pensa da ingenuidade quase cândida. "O camundongo vai e vem diante do gato, dizia às vezes, mas não tarda em ser apanhado." Não duvidava, com efeito, havê-la apanhado. Mas quantos amantes tomam entre os braços a perfeita e ágil inimiga!

Um momento mesmo, o homenzinho simples teve, pela primeira vez, o pressentimento de um perigo próximo e inexplicável. A grande sala em desordem, amontoada de móveis, descidos há pouco tempo do sótão, onde estavam apodrecendo, pareceu-lhe de repente imensa, vazia. Então abriu mais os olhos procurando fora do círculo da lâmpada a delgada silhueta imóvel, a única e silenciosa presença... depois, riu alto, com alegria.

– Que diz da palavra de honra de seu pai? Blague?

– Que palavra? – perguntou ela.

– Nada; uma pilhéria que só eu compreendo... Venha cá e feche a janela.

Atrás dela a porta abrira-se brusca e silenciosamente. A leve viração salgada vinda de alto-mar, mas impregnada do hálito insulso dos charcos, fez voar até ao teto os papéis esparsos sobre a mesa e arrancou da manga do candeeiro longa chama rubra que se esvaiu em fuligem. O vento refrescou depois. De uma extremidade à outra do parque, o pinheiral começou a gemer. Germana rodou a chave na fechadura e voltou-se bruscamente.

– Aproxime-se, ande! – disse Cadignan.

Porém, recuando dois passos, ela deixou habilmente a mesa entre ambos; depois, sentou-se à beira de uma poltrona, como uma criança.

– Vamos passar a noite assim, Mouchette? Teimosinha! – exclamou ele com um riso forçado.

Cadignan tomava habilmente partido de uma obstinação que percebia não poder dominar; porém, mais que o desejo de carícias de que estava cansado, a ideia do perigo iminente enchia-lhe o coração.

"Amanhã virá bem depressa", pensava com uma espécie de alegria. Pois o repouso é bom, porém mais delicioso ainda é uma curta trégua.

Demais, ele estava nessa idade em que o *tête-à-tête* feminino torna-se logo intolerável.

– Um momento, quer? – disse friamente Mouchette, sem levantar os olhos. Dela, só via sua fronte lisa, obstinadamente pendida. Porém, a pequena voz ácida soava esquisitamente no silêncio.

– Dou cinco minutos! – disse o homem em tom de gracejo, ocultando sua perturbação, pois a fria impertinência da moça lhe havia alterado o bom humor (como o cão cordial e palerma a receber bem no focinho uma ferroada brusca).

– Não acredita em mim? – perguntou a moça, depois de meditar, como se concluísse um monólogo interior.

– Não acredito em você? – disse o marquês.

– Não procure enganar-me! Há oito dias que penso, penso... mas faz um quarto de hora que compreendo tudo, a vida, enfim! Pode caçoar de mim! Antes não me conhecia a mim mesma, a mim, Germana. Fica-se alegre, sem se saber, alegre diante de tudo, de um belo dia... mas seja como for, essa alegria excessiva acaba nos convencendo que desejamos outra coisa, em segredo. Mas o quê? O que desejamos com tanta ânsia? Ah! sem ela o resto nada vale! Eu não era tão tola a ponto de pensar que era fiel. Julga? Moças e rapazes, não somos cegos ou tontos como se pensa; aprende-se mais indo-se pelos caminhos que no catecismo do cura! Todos me falavam de você: "Minha querida, boas e belas, ele as tem...". Eu pensava: "Por que devo eu escapar?". Chegou a minha vez ... Agora compreendo como os olhos duros de meu pai o apavoraram!... Oh! Eu o detesto!

– Palavra de honra, você está louca – exclamou Cadignan, estupefato. Não resta a você um grão de bom senso, Mouchette, com essas frases de romance!

Encheu lentamente o cachimbo, acendeu-o e disse:

– Procedamos por ordem.

Que ordem? Quantos outros antes dele alimentaram essa ilusão de apanhar em falta uma bonita rapariga de dezesseis anos como Germana? Vinte vezes há de julgá-la enleada na mais grosseira mentira, ou que ela nem mesmo o terá ouvido, atenta apenas aos mil nadas que desdenhamos, ao olhar que a evita, a qualquer palavra interrompida, à inflexão da sua voz – essa voz sempre e sempre mais conhecida, possuída – paciente em aprender as coisas, falsamente dócil, assimilando-se pouco a pouco à experiência de que é tão orgulhoso, menos por uma lenta aprendizagem do que por instinto soberano, todo de clarões e iluminações súbitas, mais hábil a adivinhar que a compreender e nunca satisfeita por não ter aprendido a prejudicar por sua vez.

– Procedamos com ordem. Que me censura? Algum dia escondi que na minha velha biboca de pimenteiras eu não era menos miserável

que qualquer campônio? Podemos aguentar o golpe, não? Que se fechem os olhos sobre os aborrecimentos futuros, nada melhor: em matéria de amor quem entoa não é o último a se empolgar por sua canção. Mas prometer o que não se pode cumprir é verdadeiramente uma grosseira burla. Imaginemos a cara do sacripanta do vigário ao nos apresentarmos domingo na missa, de mãos dadas? Realizada, porém, a venda de meu moinho de Brumeux, pagas as dívidas, iriam me restar uns mil e quinhentos luíses, com os diabos! Isso é o que há de positivo. Concluamos: mil e quinhentos luíses, dois terços para mim, o último para você. Jogo franco. Topa a parada?

– Oh! lá, lá! – riu Germana ainda com os olhos cheios de lágrimas. – Que sermão!

O marquês tonteou desapontado, fixando sobre a estranha rapariga, através da fumaça de seu cachimbo, um olhar em que a cólera crescia. Arrogantemente, Germana encarou-o também:

– Pode ficar em paz com os seus luíses ; precisa deles mais do que eu!

Certamente, Germana teria ficado bem embaraçada de justificar aquele seu singular prazer e de dar um nome a todos os sentimentos confusos que enchiam seu coração ferido. Entretanto, nesse momento, ela só desejava humilhar o amante em sua pobreza e tê-lo à sua mercê.

Correr o risco de uma hora antes transpor a noite ao encontro da aventura, desafiando o julgamento do mundo inteiro, e topar no fim, oh, raiva!, outro vilão, outro velhaco do tamanho do pai! A decepção foi tão forte, o nojo de tudo tão rápido e decisivo, que na verdade os acontecimentos que se vão seguir estavam já como que escritos nela. É o acaso... dizem. Mas o acaso muito se parece conosco.

Há de espantar-se o tolo com o brusco impulso de uma vontade há muito tempo freada e que uma dissimulação necessária, apenas consciente, tenha já marcado de crueldade – desforra inefável do fraco, eterna surpresa do forte, e permanente armadilha engatilhada!

Outro se dedica em seguir passo a pass o, em suas caprichosas viravoltas, a paixão mais forte e mais invencível que o raio, a gabar-se de ser um observador atento, mas não conhece de outrem, em seu espelho, senão sua pobre careta solitária! Os mais simples sentimentos nascem e crescem dentro de uma noite indevassável, aí se confundem ou se repelem, movidos por secretas afinidades, como se fossem nuvens carregadas de eletricidade; e a nós só nos é dado ver à superfície das trevas os breves clarões da tempestade oculta. É por isso que as melhores hipóteses psicológicas permitem talvez reconstituir o passado, mas nunca predizer o futuro. E, iguais a muitas outras, elas dissimulam somente a nossos olhos um mistério tão fundo que esmaga o espírito.

Depois de um derradeiro esforço, a viração se exauriu e emudeceu. Os loureiros que formavam a tríplice cerca da senhorial casa haviam de novo adormecido e no fundo do parque as corpulentas árvores de folhagem negra, os pinheiros de sessenta pés ainda estremeciam as frondes, grunhindo como ursos. A luz da lâmpada brilhou mais forte, morna, familiar à extremidade da mesa de nogueira, com uma crepitação monótona. E tão perto na noite se podia ver através das vidraças o ar morno e pouco pesado, que dava vontade de ir sorvê-lo.

– Aí tem! Dane-se sozinha se quiser, Mouchette – disse tranquilamente o marquês –, mas não conseguirá tirar-me a calma esta noite. Palavra de honra! É prazer ver-te aqui dentro!

Cadignan arrumou o fumo do seu cachimbo com um dedo minucioso e continuou, meio sério, meio gracejando:

– Vamos que se recusem quinhentos luíses, Germana, mas não se escarra na mão de um pobre diabo que oferece lealmente o fundo de sua bolsa. Este tico de explicação basta. A miséria não me envergonha, pequena...

Às últimas palavras, Germana corou.

– Também a mim não me envergonha, disse ela. Já lhe pedi por acaso alguma coisa?

– Não... não... Mouchette, porém Malor thy, seu pai...

Palavra sem maldade, mas cortou a frase subitamente, ao ver a boca amarga da amante em quem um soluço de criança parava na garganta.

– Malorthy, Malorthy? Que é que tenho com isso? Basta! Nunca o denunciei, é uma mentira! Ah! quando ontem à noite... diante de mim... ele tentou falar em... fiquei louca de raiva! Aí está! Teria enterrado uma tesoura na garganta ou me enforcado diante dele, de propósito! Vocês dois não me conhecem ainda! As desgraças agora é que começaram!

Percebia-se que ela fazia a voz dura de propósito, dando pequenas pancadas secas e repetidas na mesa; um pouco risível em sua cólera com essa ligeira ênfase com que as mulheres mais sinceras se atordoam antes de ousarem tomar atitude.

Cadignan, sem interrompê-la, admirava-a pela primeira vez. Um outro sentimento que não era o desejo, uma espécie de simpatia paterna, não conhecida até então, predispunha-o à sorte daquela menina revoltada, mais acre e mais orgulhosa do que ele. Quem sabe se um dia... Fitou-a face a face e sorriu. Porém ela viu nisso um desafio.

– Faço mal em me zangar – disse Germana friamente. – Isso devia acontecer. Eu acabaria morrendo antes do tempo, em casa deles, nessa casa detestável com seu jardim de boneca... mas você, Cadignan (atirava-lhe o próprio nome como um desafio), pensava que fosse outro homem!

Empertigou-se para acabar a frase antes que a voz declinasse. Por mais ousada e confiante que se esforçasse por parecer, não via outra saída a não ser o alçapão da casa paterna, a inevitável ratoeira de onde tinha fugido há duas horas, empolgada por um verdadeiro delírio de esperança. "Ele me decepcionou", pensava ela. Mas, em consciência, não sabia dizer como nem por quê. Já os amantes, face a face, não se reconheciam mais. O homenzinho dentro de sua decadência pensava

proceder bem pagando seus prazeres burgueses com o resto de suas moedas que a pequena selvagem, na verdade, detestava mais que a miséria e a vergonha... Que tinha ela vindo pedir, através da primeira noite livre, a esse pançudo gozador, que só tinha de sua raça camponesa e militar a energia física e uma espécie de grosseira dignidade? Fugira, eis tudo; ainda estava aturdida ao sentir-se livre. Procurava-o como se procura o vício, na ilusão há muito tempo acariciada de dar um passo arriscado, de perder-se de uma vez. Tal livro, tal mau pensamento, tal imagem entrevista de olhos fechados, ao crepitar do fogão, as mãos juntas sobre a obra esquecida, apresentavam-se, de repente, à sua lembrança, como uma medonha ironia. O escândalo que sonhara, um escândalo de entontecer, minguava silenciosamente até as proporções de uma cabeçada de colegial. A volta ao lar, o parto discreto, os meses de solidão, a honra readquirida nos braços de um bobalhão... e anos, anos e anos, todos cinzentos, e apenas movimentados com os fedelhos que viriam ... Pressentindo toda essa mornidão gemeu de mágoa. Ai dela!, como uma criança que havendo partido de manhã, à descoberta de um mundo novo, faz a volta da granja, para se encontrar de novo na cacimba da horta, assistindo à morte de seu primeiro sonho; assim havia ela dado um pequeno passo inútil fora da estrada comum. "Nada mudou, murmurava, tudo no mesmo..." Mas contra essa evidência, uma voz interior, mil vezes mais clara e mais verdadeira, testemunhava o desmoronamento do passado, o vasto horizonte descoberto, qualquer coisa de deliciosamente inesperado, a hora irreparável enfim. Através do desespero, seria penetrá-la toda uma grande alegria silenciosa, semelhante a um pressentimento. Que achasse em algum lugar, fosse onde fosse, um asilo, que importa? Que importa um asilo a quem soube transpor uma vez a soleira do lar e acha tão leve a porta que se bateu atrás de si? Temeria por acaso esse debochado marquês a opinião da vila que ela agora afrontava? Tanto pior! Não sentia menos su a própria força, tendo encontrado a medida

na fraqueza alheia. Desde esse instante, no fundo de seus olhos insolentes, seu próprio destino estava delineado.

Ambos tinham emudecido. No centro da alta janela sem cortinas a lua apareceu de repente, através da vidraça, nua, imóvel, tão viva e tão próxima que parecia ouvir-se a vibração de sua flava luz.

Então, por divertida coincidência, a mesma solução apresentada há algumas horas por Malorthy pairou nos lábios de Cadignan:

– É você que deve propor, Mouchette.

Mas como ela o interrogasse com um bater de pálpebras, sem falar:

– Peça, sem nenhum acanhamento – disse ele.
– Leve-me!

E continuou, depois de tê-lo medido com os olhos, examinando-o, avaliando-o com absoluta justiça, detidamente como uma dona de casa faz com um frango:

– A Paris... a qualquer lugar!

– Não falemos nisso ainda, sim? Nem sim, nem não... Entretanto, quando der à luz, e nascido o garoto...

Germana soerguera-se, a boca entreaberta com um gesto de imensa surpresa:

– Repita essa história de dar à luz!.. de garoto...

Abriu numa enorme gargalhada, as mãos pousadas na garganta nua, a cabeça inclinada para trás, inebriando-se em seu desafio sonoro, em que atirava aos quatro cantos da sala antiga, como um grito de guerra, aquelas notas de cristal.

Cadignan corou. E sempre a rir, ela acrescentou:

– Meu pai levou-o na caçoada... Acreditou nele?

A audácia da mentira afastava qualquer suspeita. O inverossímil dispensa provas. O marquês não duvidou que ela estivesse dizendo a verdade. Além do mais, a cólera o sufocava.

– Cale-se! – gritou Cadignan, batendo com a mão na mesa.

Porém ela ria, ria baixinho, prudentemente, as pálpebras semicerradas, os pés sob a mesa, prontos para fugir, de um pulo.

– Diabos! Diabos! – repetia o homem traído sacudindo a invisível farpa.

Por um momento seu olhar encontrou o da amante, entrevendo o que havia de cilada nele.

– Vamos ver quem está falando a verdade – concluiu furioso. – Se o burro de seu pai zombou mesmo de mim, quebro-lhe os rins. Mas agora, calma, calma!

Entretanto, a Germana só interessava encará-lo através dos longos cílios, gozar-lhe a inquietação; empalidecia ao sentir-se temida e astuta, na verdade viril.

Um minuto, ele puxou nervosamente o bigode: "Essa história é singular... qual dos dois está me enganando?". Nunca uma palavra mentirosa foi tão facilmente proferida, sem peias, impensadamente, como um gesto de defesa, tão espontânea como um grito.

– Escute, Mouchette! Esteja grávida ou não, eu não volto atrás – disse ele afinal... – Apenas consiga vender meu pardieiro, hei de achar um canto para nós dois, uma casa de guarda-caça, a meio caminho do rio e do bosque, onde se possa viver tranquilamente. E... com os mil diabos, quem sabe se isto não vai terminar mesmo em casamento?...

Cadignan estava se enternecendo; ela respondeu tranquila:

– Quer fugir comigo amanhã?

– Você é ingênua, Germana! – exclamou ele verdadeiramente comovido. – Fala disso como se falasse num passeio pela vila, numa tarde de domingo! É menor, Mouchette, e a lei não é brinquedo, não!

Cadignan, três quartas partes sincero, porém com essa prudência que herdara em seu velho sangue camponês, tentava não se comprometer, espreitando-lhe um grito de alegria, um abraço, lágrimas, enfim, uma qualquer cena comovente que o livrasse daquela situação.

Porém, a astuciosa deixava-o falar, escutando-o num silêncio em que havia um mundo de sarcasmo.

– Oh! – falou ela afinal. – Não estou disposta a esperar essa casa guarda-caça ... na minha idade! Que bela figura entre o seu rio e seu bosque?... Se ninguém me quiser mais, você acha que eu vou me atrapalhar?

– Isso vai acabar mal – respondeu desdenhosamente o marquês.

– Pouco se me dá de acabar mal ou bem – gritou Germana, batendo as mãos... – Além do mais, tenho também uma ideia...

Como Cadignan desse de ombros, continuou o desafio:

– Nem mesmo um amante me falta...

– Pode-se saber?

– Sei que esse não me recusará nada, esse é rico ...

– Moço?

– Mais que você... tão jovem que fica branco como linho se eu o toco com o pé debaixo da mesa. Está aí.

– Veja só!

– Um homem instruído, sábio mesmo...

– Já sei!... O deputado, não?

– Isso mesmo! – confirmou ela, quase gritando, o olhar ansioso. Esperava por um estouro, mas Cadignan se contentou em responder, sacudindo a cinza do seu cachimbo:

– Grande bem lhe faça! Belo partido! Pai de dois filhos e marido de uma mulher que não o larga de mão ...

Contudo a voz tremia-lhe ... o sarcasmo não passou despercebido da rapariga prudente , que seguia todos os seus gestos com olhar atento – medindo a largura da mesa que a separava do amante –, o coração pulsando forte, mãos úmidas e geladas. Mas sentia-se leve como uma corça.

Certamente a Cadignan em outros tempos em nada estorvaria uma ou duas amantes. Ainda na véspera tinha sido mais sensível à

vergonha de ser apanhado em flagrante delito de mentira por um ridículo adversário do que ao temor de perder uma Mouchette loura. Não duvidava também que ela o houvesse enganado e, no seu egoísmo ingênuo, censurava-lhe essa fraqueza como um crime, não a perdoando mesmo. Todavia, o nome do homem que mais odiava, com ódio antigo de homem rústico, perturbara-o até o âmago.

– Não mete prego sem estopa. E isso é muito numa garota de sua idade. Afinal, filha de gato é gatinha... o papai vende cerveja ruim, e a filha... vende-se o que se tem!

Ela tentou alçar a cabeça com estudada arrogância; mas a injúria pesada, desferida de chofre, fez com que a moça vergasse: agora soluçava.

– Ainda há de ouvir muitas e muitas, se viver bastante – continuou o marquês, calmamente. – Amante de Gallet! Nas barbas do pai.

– A Paris, quando eu quiser – balbuciou entre lágrimas. – ... Sim! Paris.

As dez pequenas garras rangiam na mesa onde Germana apoiava as mãos. O tumulto das ideias em seu cérebro a atordoava; mil mentiras, um turbilhão de mentiras aí zumbiam como colmeia. Os mais diversos projetos, sempre bizarros, imaginados e imediatamente desfeitos passavam, passavam interminavelmente, como na sucessão de um sonho. Da atividade de todos os sentidos jorrava uma confiança inexprimível, semelhante a uma efusão da vida! Num minuto, os próprios limites do tempo e do espaço como que se desfaziam diante dela, e os ponteiros do relógio correram tão céleres como sua jovem audácia... Nunca tendo conhecido outro constrangimento a não ser um pueril sistema de hábitos e preconceitos, não imaginando outra sanção que o julgamento de outrem, não via limites à maravilhosa plaga onde abordava como náufrago. Por mais que se tenha provado o amargo e doce do deleite, o mau pensamento não consegue embotar-se de antemão à medonha alegria do mal que se conquistou – com a primeira revolta

tão semelhante a um segundo nascimento. Pois o vício mergulha no coração uma raiz lenta e profunda, mas a bela e venenosa flor consome seu maior brilho num dia apenas.

– Paris? – perguntou Cadignan.

Germana viu bem que ele ansiava levar avante o interrogatório, embora receasse.

– Paris – repetiu a moça, a face ardendo, os olhos secos. – Sim... Paris, em minha casa – um bonito quarto – e livre... Todos os deputados têm amantes, continuou com uma gravidade imperturbável... isso é sabido... não são eles que fazem a lei? Entre mim e ele, a coisa já está ajustada... há muito tempo!

Na verdade, o triste legislador de Campagne (de quem uma má bile impregnava o espírito e uma mulher ciumenta atormentava sem tréguas) tinha manifestado várias vezesà filha do cervejeiro certos sentimentos paternais cuja verdadeira significação as raparigas prudentes não ignoram. E era tudo ... mas, sobre esse pobre tema, a pérfida Mouchette sentia-se com força de arranjar mentiras até o dia seguinte. Cada mentira era uma nova delícia que lhe passava nos lábios como uma carícia; nessa noite, mentiria, mesmo debaixo de injúrias, de pancadas, mesmo com risco da própria vida; mentiria por mentir. Germana se lembraria mais tarde dessa estranha crise como do mais louco desperdício que jamais fizera de si própria, um pesadelo voluptuoso.

"Por que não?", pensou Cadignan.

– Vejam só essa boba, vejam, que acredita piamente em qualquer joão-ninguém, na pior espécie de palhaço! Fará de você o que faz dos eleitores! Amante de um deputado, arre!

– Ri! Ri à vontade – disse Mouchette. – Há coisas muito piores!

O nariz do homem rústico, ordinariamente rosado e jovial, estava mais lívido que as faces. Um momento, rompendo sua raiva, andou de um lado para outro, as mãos na larga blusa de veludo; depois deu alguns passos em direção da amante, que, para defender-se,

deixava prudentemente a mesa entre sua pessoa e o perigoso adversário. Porém, ele passou de olhos baixos, direto à porta, fechou-a e pôs a chave no bolso!

Depois voltou à poltrona e disse secamente:

– Não me atormente mais, menina. Satisfaço sua vontade; guardo você aqui até amanhã; agora tenho satisfação nisso... o risco é meu. Mas fique dócil e responda-me: o que acabou de dizer é blague, não?

Ela própria estava extremamente pálida.

– Não! – respondeu de dentes cerrados.

– Então? – retornou Cadignan – ... Quer me fazer crer?

– Ele é meu amante, eis tudo!

Mouchette libertava-se assim dessa nova mentira, como quando se cospe um licor acre e escaldante. E quando não ouviu mais o eco de sua própria voz, sentiu o coração fugir, como na descida de um balanço. Por um pouco se enganaria com a inflexão de sua própria fala; e, enquanto atirava ao marquês a palavra "amante", cruzava os dois braços sobre os seios, com um gesto simultaneamente ingênuo e perverso, como se essas três sílabas, arrebatando-lhe as vestes, a expusessem nua.

– Oh! Deus! – exclamou Cadignan.

Levantou-se de um pulo e tão depressa, que o primeiro impulso de Mouchette, mal calculado, levou-a quase aos braços dele. Encontraram-se no canto da sala e ficaram por um momento face a face, emudecidos. Desvairada, Mouchette pulou sobre uma cadeira, subiu à mesa; mas os saltos altos dos sapatos escorregaram na madeira lisa; num gesto inútil, estendeu as mãos. As do marquês apanharam-na pela cintura, puxando-a brutalmente. A violência do choque atordoou-a; o homem forte levou-a, como uma presa. Sentiu-se jogada brutalmente no canapé de couro. Depois, por um minuto ainda, Mouchette só viu dois olhos ferozes, em que p ouco a pouco se estampavam a angústia e a vergonha.

Novamente, estava ela livre, de pé, em plena luz, os cabelos desgrenhados, uma dobra do vestido descobrindo a meia preta, procurando com os olhos o seu execrável senhor. Porém, apenas distinguia uma vasta sombra compacta e o reflexo da lâmpada na parede, cega, pela imensa cólera, sofrendo em seu orgulho dor maior que a de um membro atingido por sofrimento físico, tremendo, intolerável... Quando o conseguiu ver afinal, o sangue voltou-lhe como em ondas ao coração.

– Fale, Mouchette. Fale! – dizia o homem inquieto.

Sem parar de repetir essas palavras, ia aproximando-se passo a passo, os braços estendidos, tentando agarrá-la sem violência, como faria com qualquer de seus ferozes pássaros. Ainda desta vez ela escapou.

– Que tem, Mouchette? – repetia Cadignan, com voz sumida. Germana espiava-o de longe, a bonita boca deformada em ricto. "Estará delirando?", pensou um instante... Tendo cedido a um desses impulsos de raiva, de onde nasce subitamente o desejo, sentia menos remorso que confusão, pois sempre tratara suas amantes como o leal companheiro que tem sua parte em um jogo brutal. Entretanto, Cadignan não a reconhecia mais.

– Responde ou não? – vociferou exasperado diante daquele silêncio.

Mas Mouchette recuava cautelosamente diante dele. Como fugisse em direção à porta, procurou barrar-lhe o caminho, empurrando a poltrona, mas a moça de um salto evitou o obstáculo com um grito de susto tão lancinante que ele ficou parado no mesmo lugar, ofegante. No momento, porém, em que se voltou para segui-la, viu-a espantado na outra extremidade da sala, erguida na ponta dos pés, esforçando-se por alcançar qualquer coisa na parede.

– Olá! Baixe as patas, danadinha!

Com dois pulos, tê-la-ia agarrado e desarmado, mas uma falsa vergonha o conteve. Aproximou-se dela, sem pressa, com o passo de um homem decidido, que não para. Pois acabava de reconhecer sua própria "hammerless" – uma magnífica Anson – nas mãos da amante.

– Experimente e verá! – dizia avançando sempre, como se ameaçasse um cão danado.

A louca Mouchette respondeu com um gemido de terror e de cólera; ao mesmo tempo levantou a arma.

– Imbecil! Está carregada! – quis dizer ainda. Mas a última palavra ficou como que esmagada nos lábios, pela explosão. A carga atingiu-o debaixo do queixo, fazendo voar a mandíbula aos pedaços. O tiro tinha sido deflagrado de tão perto que, atravessando o pescoço, deixara a bucha na gravata.

Mouchette abriu a janela e desapareceu.

IV

Doutor Gallet, tendo terminado a carta, traçava o endereço no envelope, com sua letra miúda, habilmente talhada.

Timoleão, o jardineiro, atrás dele, falou:

– Mlle. Germana manda dizer ao senhor...

Mlle. Malorthy surgiu no mesmo instante à porta, dentro de seu manto preto, guarda-chuva na mão. Entrara tão depressa que o eco de seu passo rápido, nos ladrilhos, não havia ainda se esvaído.

Germana deu uma gargalhada no nariz do jardineiro, que riu também.

Pela janela entreaberta penetrava o ar da noite, sempre cúmplice; e um clarão fulvo, que ainda restava à borda da poltrona, no mesmo instante se extinguiu.

– Em que posso servi-la, senhorita Germana? – perguntou o doutor Gallet, apressando-se em fechar o envelope.

– Papai devia, pessoalmente, anunciar-lhe que a próxima reunião do Conselho foi adiada para o dia nove do corrente... mas como eu passava por aqui... – respondeu com sua calma habitual, acentuando tão esquisitamente as palavras "conselho" e "adiada para nove do corrente" que Timoleão riu de novo sem saber por quê.

– Ande! Ande! – disse áspero ao criado o doutor, estendendo-lhe a carta e seguindo-o com os olhos até fechar a porta. E logo a Mouchette:

– Que é que há?

– Quer sabê-lo imediatamente? – respondeu Germana, colocando o guarda-chuva atravessado na poltrona. – Pois bem, estou grávida, está ouvindo bem?

– Cale-se, Mouchette – balbuciou Gallet com a voz sumida. – Fale mais baixo.

– Proíbo-o que me chame Mouchette, Mouchette, não! – Atirou o mantô numa cadeira e ficou de pé diante dele.

– Você pode verificar – disse ela. Nunca se acredita nisso de repente.

– Desde quando?

– Há uns três meses (começou a desabotoar tranquilamente a saia, conservando um alfinete entre os dentes).

– Mas só agora é que me comunica isso?

– Oh! Oh! comunicar! – disse, tentando rir sem largar o alfinete. – Fala cada coisa!

Os lábios fechados, seus olhos riam um riso de criança.

– Será que vai se despir aqui, vejamos! – observou-lhe o médico, fazendo um grande esforço para conservar o sangue-frio; passe ao menos no meu gabinete.

– Que tem isso? – perguntou Germana Malorthy. – Dê uma volta à chave. Seu gabinete é frio demais.

Gallet levantou os ombros desdenhosamente, olhando-a de esguelha, a garganta seca. Mouchette, uma perna no braço da poltrona, a outra dobrada, retirava o calçado calmamente.

– Aproveito a ocasião... vê? Machucam-me estupidamente os pés; andei todo o dia. Dê-me os sapatinhos de camurça que deixei aqui terça-feira, sim! No quarto de vestir, atrás do armário. Sabe de uma coisa? Vou passar a noite aqui. Disse a papai que iria a Caulaincourt, à casa de minha tia Malvina... sua mulher volta amanhã, não?

Doutor Gallet ouviu-a boquiaberto, sem reparar que havia na espantosa mobilidade do rosto pequeno alguma coisa de imóvel como um esgar, uma ruga de fadiga e de obsessão, que terminava num tique, ao sorrir.

– Acabará estragando tudo com suas imprudências – falou ele num tom de recriminação. – De começo eu só a via em Bolonha ou Saint-Pol e agora não sabe mais o que inventar ... Viu Timoleão? Por mim...

– Quem não arrisca não petisca. Mas vá já buscar meus sapatos, sim? E não se esqueça de puxar a porta atrás de você.

Seguiu com os olhos o estranho amante que lá se ia deslizando nuns chinelos de feltro, apertado numa jaqueta de abas pobres, de gola estreita, lustrosa nos cotovelos.

Em que pensa essa mulher? Ou não pensa em coisa alguma? O ridículo e o odioso desse tartufo de dentes amarelos não a assustavam mais. Pior: amava-o. Tanto quanto podia, ela o amava. Desde a noite em que matara ao mesmo tempo o inofensivo marquês e sua própria imagem enganadora, a pequena Malorthy, Mlle. Malorthy, se debatia em vão contra sua ambição decepcionada. Fugir, deixar a vila, seria acusar-se irremissivelmente; fora obrigada por isso a retomar seu lugar em casa, mendigar o perdão paterno, de rosto fingido; e mais humilde e silenciosa que nunca sob os olhares de intolerável piedade, urdir em torno a mentira constante. "Amanhã", dizia a si mesma com o coração vazio, "amanhã virá o esquecimento, e eu serei livre". Mas esse amanhã nunca chegava. Lentamente, os laços antes desfeitos a esmagam agora sem compaixão. Por uma amarga irrisão, a gaiola se tornara em asilo, e ela continuava a respirar atrás das grades, outrora como hoje detestadas. A personagem que afetava ser destruía pouco a pouco a outra, e os sonhos que a haviam impelido se desfaziam um a um, roídos pelo verme invisível do tédio. A obscura cidadezinha que ela desafiara novamente se fechava sobre

si, digerindo-a. Jamais uma queda foi mais rápida nem mais irrevogável. Repassando em sua memória cada incidente da noite criminosa, Mouchette não encontrava nada que justificasse a lembrança penosamente conservada, mas repentinamente extinta desse tesouro destruído. O que quisera, a presa visada, e escapa do primeiro pulo, desaparecida para sempre, nem sabia mais que nome lhe dar. Aliás, teria ela dado algum dia um nome mesmo a essa presa? O que visara seria mesmo o enorme homem tombado na noite do crime? Mas que presa seria então? Quantas outras raparigas lutam, sofrem e morrem, nos caminhos comuns, para quem a vida só dura uma hora ou cem anos! Eis a vida, por um momento aberta, despojada de qualquer proteção, o vento do espaço es boteteando-a, rude... e após atingida em cheio, precipitando-se célere, como uma pedra. Mas estas nenhum crime cometeram, a não ser que o fizessem em sonho. Nenhum segredo possuem. Podem dizer: "Como éramos loucas!", alisando seus cabelos grisalhos sob a touca de babados. Morrerão ignorando que se houvessem posto em ação as jovens garras, em uma noite de tempestade, poderiam matar, brincando.

Depois do crime, o amor de Gallet se tornou para Germana outro problema, outro silencioso desafio. De início, se atirara aos braços do vilão sem alma, agarrada aesses destroços. Porém, a menina revoltada astuciosamente abrira, do mesmo jeito, esse coração, como se abre um abscesso. Tanto por deleite do mal como por desejo de mais um perigoso passatempo; fizera de um ridículo fantoche um animal venenoso, engendrado e criado por ela, semelhante a essas quimeras que povoam o vício adolescente e de que findara por gostar, como de sua própria imagem e símbolo do seu próprio aviltamento. Todavia já estava cansada de tal divertimento.

– Aí estão – disse Gallet, jogando no tapete os dois sapatos.

Estacou espantado com o silêncio. Olhando sempre de esguelha, entreviu na sombra Mouchette estendida na poltrona, os joelhos do-

brados, a cabeça inclinada sobre o ombro, um canto dos lábios imperceptivelmente levantado, pálida, pálida.

– Mouchette, Mouchette!

Aproximou-se aflito, acariciando com os dedos as pálpebras fechadas: entreabriram-se lentamente, sobre o olhar turvo e sem alvo. Depois virou a cabeça gemendo.

– Não sei o que me deu; tenho frio...

– Então ele viu que Mouchette se despira e agora estava envolta apenas em seu leve mantô de lã.

– Que foi? – perguntou. – Que aconteceu? Dormia?

Gallet permanecia de pé, a cabeça curvada para a frente, rindo sempre, com seu riso acre.

– A crise passou – disse ele, segurando-lhe o braço. – O pulso um pouco rápido, é natural. Nada de grave. Você não sabe vivervai na onda... que pena! Tosse?

Sentou-se a seu lado, entreabrindo o mantô meio fechado. O incomparável ombro fugidio, de uma graça animal, um instante descoberto, estremeceu. Mas ela o repeliu, sem aspereza.

– Quando quiser – disse ele. – Confesse contudo que não posso me pronunciar sem um exame prévio das vias respiratórias. É o seu ponto fraco. Aliás, a sua saúde é deplorável.

Continuou a falar ainda algum tempo. Então é que percebeu que ela chorava. Os olhos abertos e fixos, o rosto calmo, o arco da boca sempre tenso, chorava, silenciosamente, sem um gemido sequer.

Um momento o doutor ficou de boca aberta. Uma curiosidade bem acima de sua natureza, a análise de qualquer sentimento inacessível, do pobre ser que ali jazia, o enobreceu por um instante. Mas a efusão consequente ficou nos lábios; desviou os olhos e calou-se.

– Ama-me? – disse ela de repente, num lamento estranhamente grave e duro.

Depois ajuntou logo:

– Faço essa pergunta atormentada por uma ideia.

– Que ideia?

– Ama-me? – tornou imediatamente com a mesma voz. Dizendo isso, levantou-se ridiculamente nua em seu mantô entreaberto, nua e pequena, e nos olhos esse mesmo olhar onde o orgulho se esvaía.

– Responda-me! Responda-me depressa!

– Vejamos... Germana...

– Nada disso!... Nada disso! Diga-me somente: amo você... Sim?...

Inclinou a cabeça para trás, fechando os olhos. Entre os lábios frementes Gallet viu os dentes belos e alvos, a respiração acompanhava-se-lhe de um leve sopro, perceptível no silêncio.

– Ama-me! Não quer dizer?

Deixou-se deslizar rente aos pés do médico, pensativa, durante um minuto, o queixo nas mãos juntas ... levantou-se de novo, em frente a ele, os olhos cheios de astúcia.

– Sei que me odeia... menos que eu! – disse ela gravemente. E continuou ainda: – Somente é que você... não sabe o que isso é.

– Que é? O quê?

– Odiar e desprezar – disse Germana.

E então começou, com extrema volubilidade, a falar como fazia cada vez que uma palavra lançada ao acaso despertava dentro de si um desejo elementar qualquer, não a alegria ou o tormento dessa pequena alma obscura, mas essa mesma alma. E na vibração desse corpo jovem, mas já poluído em sua brilhante mortalha de carne, no ritmo inconsciente das mãos abertas e fechadas, no impulso contido dos ombros e das insaciáveis ancas, havia qualquer coisa da majestade dos animais.

– Mas diga-me uma coisa, Gallet, você nunca sentiu... como dizer? Uma coisa, assim que nos vem como uma ideia ... como uma vertigem... de nos deixarmos cair, deslizar... de ir até o âmago de tudo, onde o desprezo dos imbecis não iria nos incomodar ... mas ainda aí, meu caro, nada nos contenta ... há qualquer coisa ausente... ah!,

antigamente!, como eu tinha medo! Medo de tudo... de uma palavra... de um olhar... de nada... Aí está! essa velha senhora Sangnier... você a conhece; é a vizinha do senhor Rageot... certo dia essa mulher me causou um mal enorme!... Nesse dia eu passava pela ponte de Planques – e eis que a vi ocultando de mim a pequena Laura, sua sobrinha... Falei então a mim mesma: serei eu, na verdade, a peste? Ah! mas agora... agora... sou eu que a desprezo: eu tenho de ir adiante! Que espécie de sangue têm nas veias, essas mulheres, que tremem diante de um olhar, dando a ilusão de ser honestas até nos braços dos amantes... Pudor, no mundo, decerto que há... Certamente, se quiser, há pudor neste mundo! Mas nós, nós procuramos outra coisa. É isso é o que nos atrai e repele... Isso que se teme e de que se foge sem pressa – que se encontra cada vez com a mesma crispação do coração – que se torna o ar que respiramos – isso é o nosso elemento – o nosso pudor! O prazer deve ser procurado por si mesmo... ele só! Que importa o amante! Que importa o lugar ou a hora! Algumas vezes... algumas vezes... à noite... a dois passos desse pai gordo que ronca, sozinha em meu pequeno quarto... eu sou a que todos acusam! Acusam-me de quê?, pergunto. Levanto-me... escuto... sinto-me tão forte! Com esse corpo de nada, esse ventre escorreito, esses seios que cabem no côncavo de sua mão; aproximo-me da janela aberta, como se me chamassem de fora; espero... estou pronta... Não é só uma voz que me chama, sabe? Mas centenas, milhares; são homens que me chamam? Depois de tudo isso vocês não passam de rapazotes cheios de vícios – apenas rapazotes! Juro a você! Quem me chama – aqui ou ali, não me interessa!... No vozerio que passa... alguém... alguém se delicia e se admira em mim... homem ou animal... como sou louca!... homem ou animal que me possua... que me possua bem possuída... esse abominável amante!

A gargalhada de Germana interrompeu-se de repente, e o olhar que tinha fixo nos olhos de seu companheiro ficou vazio de qualquer

luz, conservava-se de pé por milagre, dir-se-ia morta. Depois vergou sobre os joelhos.

– Mouchette – disse gravemente Gallet, que se levantara –, sua hiperemotividade me assusta. Precisa de repouso.

Teria podido prosseguir por muito tempo nesse tom porque Mouchette não o ouvia mais. Com um movimento quase insensível, seu busto se inclinara para diante, as espáduas se abateram sobre o divã e quando Gallet lhe segurou a cabeça entre as mãos, viu espantado um rosto de pedra.

– Veja só! Ora essa! – exclamou.

Em vão tentou descerrar-lhe as mandíbulas, introduzindo entre os dentes cerrados uma espátula de marfim. O lábio atingido sangrou. Gallet foi até a sua farmácia, abriu-a, tateou os vidros, escolheu, cheirou, sempre com o ouvido atento e o olhar inquieto; mais inquieto ainda com essa presença silenciosa, atrás dele, e de quem esperava um grito, um suspiro, um sinal no reflexo das vidraças, qualquer coisa que rompesse o encantamento... afinal ele se voltou.

A cabeça agora ereta, resignadamente sentada no tapete. Mouchette com um sorriso triste via-o aproximar-se. Gallet apenas percebeu nesse sorriso certa inexplicável piedade, vinda de tão alto, de uma suavidade sobre-humana. Porque a luz da lâmpada, caindo-lhe em cheio sobre a testa branca, ocultava o resto da face na penumbra, esse sorriso, apenas adivinhado, se tornava estranhamente imóvel e sombrio. Julgou, a princípio, que ela dormia, mas de repente Mouchette com voz tranquila perguntou:

– Que faz aí de pé com esse vidro na mão? Deixe-o em qualquer lugar! Deixe-o, peço-lhe! Escute: estive por acaso fora de mim? Desmaiada? Diga! Estive? E se eu houvesse morrido em sua casa... não me toque! Sobretudo, não me toque!

Gallet sentou-se à beira de uma poltrona, segurando sempre o vidro. Contudo, seu rosto readquiria pouco a pouco a expressão

habitual de manhosa obstinação, às vezes feroz. Mas acabou encolhendo os ombros com desdém.

– Pode zombar – continuou ela com a voz sempre calma –, é isso mesmo. Quando esse desmaio se apodera de mim... tenho medo que me toquem... parece-me que sou de vidro. É bem isso... uma grande taça vazia.

– Hiperestesia é coisa normal depois de um choque nervoso.

– Hiper... o quê? Que nome esquisito! Conhece mesmo isso? Tratou de muitas mulheres como eu?

– Centenas – respondeu com presunção. – Centenas... No liceu de Montreuil vi casos muito mais graves. Essas crises não são raras em moças que vivem em comum. Observadores de renome chegam mesmo a sustentar...

– Julga mesmo ter conhecido mulheres como eu?

Calou-se, depois disse:

– Pois bem, está mentindo! Mentiu!

Curvou-se para ele, tomou-lhe as mãos, inclinou docemente a face... e no mesmo minuto ele sentiu no pulso e até no coração a dor que lhe causavam os dentes da amante cravados em sua carne. E já a jovem fêmea rolava com ele sobre as almofadas de couro, mas o homem só lhe enxergava o olhar vazio, onde amadurecia seu próprio júbilo... antes que ele o fizesse, ela se levantara.

– Levante-se – dizia ela rindo. – Levante-se! Não sabe como está? Respira como um gato. Seus olhos ainda continuam turvos. Mulheres como eu, meu caro... não há nenhuma... ninguém capaz de fazer de você um amante...

Ela chocava com o olhar o vício que despertara no homem. Semanas e semanas, efetivamente, Germana aquecera em seus braços o legislador de Campagne, comunicando-lhe outra vida. "Nosso deputado está outro", dizia a boa gente. Pois o pobre diabo, de aparência tão minguada, decepcionaria antes qualquer outra companheira que não a sua legítima;

agora botava pança. A volúpia, o júbilo do prazer, sem saciá-lo nunca, davam-lhe essa graxa nova e, na necessidade de manter oculta sua alegria de avarento, cevava-se, economizando até as palavras para digeri-la inteira. A dissimulação constante, diária, causava admiração à amante. Desconhecendo talvez toda a extensão de seu poder, admirava-o pela profundidade, tenacidade e minúcia da mentira. A mentira era o seu maior gozo; o pusilânime algumas vezes aceitava o perigo, apalpando-o apenas; nisso se ressarcia compensando-se. A longa humilhação de sua vida conjugal rebentava então como uma bolha de lama. O pensamento outrora odiado ou temido de sua impiedosa companheira tornara-se um dos elementos de sua alegria. A infeliz ia, vinha, deslizava da adega ao celeiro, minada de suspeita crônica. Parecia ainda rainha e senhora entre essas quatro paredes detestadas. "Sou senhora de minha casa" (era um de seus desafios). Que importa! Não o era mais ... o próprio ar que respirava, ele o havia roubado; era o ar de outrem que ela respirava.

– Amo você – proferiu o deputado. – Antes de conhecê-la eu nada sabia.

– Fale de você! (e ela ria a sem parar, com esse riso cada dia mais tenso e mais duro). Nunca fui mulher de grandes ambições... pequenas, bem pequenas ... (ele a ouvia com ar de censura e ironia, querendo parecer diferente). É tão besta! Toma-me por uma desavergonhada! Que *blague*!

Ria a bom rir: um orgulho animal entonava-lhe a voz que elevara um pouco. Nesse momento seu olhar, ainda uma vez, alheava-se, perdia-se.

Mas Gallet só possuía de verdadeiramente humano uma expressão, apenas sensível, de vaidade, de casmurrice, e um quase nada de ingenuidade cândida, de qualquer modo, um tributo a seu sexo.

– Entretanto... – objetou.

Germana fechou-lhe a boca. Ele sentiu sobre os lábios seus cinco dedos:

– Oh! Como é divertido ser bela! O homem que nos procura é sempre belo. Mas mil vezes mais belo é aquele de quem somos a fome e a sede de cada dia. E você, meu caro, tem os olhos desse homem. – Segurou a cabeça do amante para melhor mergulhar-lhe o olhar dentro das pálpebras moles. Nunca essa rara chama brilhou mais clara nem mais tentadora, loucamente vã. Um momento, o legislador de Campagne julgou-se na verdade um outro homem. A trágica vontade da amante era visível e palpável, e para ela estendeu os braços, com lamentosa voz:

– Mou... Mouchette, minha pequena Mouchette!

Ela se deixou abraçar. Mas de dentro desse abraço, dardejou-lhe o olhar dos maus dias.

– Bem, agora já sei que me ama...

– Vejamos...

– Espere um momento – tornou a moça –, vou me vestir. Estou gelada!

Em poucos minutos ele viu, surpreso, que Germana ali já estava toda encolhida, o mantô abotoado, os pés infantilmente juntos, as mãos cruzadas nos joelhos.

– Depois de tudo isso, meu caro, acabou não me examinando.

– Quando quiser.

– Não! Não! – exclamou ela. – Ficará para outra vez... além do mais, sobre o meu caso sei mais que qualquer entendido; dentro de seis meses serei mãe, como se diz. E que mãe!

Gallet seguia com os olhos o desenho do tapete.

– Essa notícia me surpreende – disse afinal com uma gravidade cômica. – Preciso mesmo me explicar. Essa gravidez é inverossímil. Tenho sérios motivos para dizer-lhe isso... mas pode se aborrecer de novo...

– Não! – disse Germana.

– Nós não temos, você e eu, em matéria de amor, preconceitos nem escrúpulos. Como podemos, então, acreditar em uma moral que

a higiene – uma ciência tão exata quanto a matemática – desmente a cada dia? A instituição do casamento evolve, de acordo com o processo de toda evolução, para o que chamamos, nós os médicos, "a união livre". Não farei, pois, nenhuma alusão indiscreta, respeitando em você a mulher livre e senhora de seus destinos. Devo falar do passado com a devida reserva. Mas tenho graves razões para diagnosticar uma gravidez mais antiga. Estou persuadido de que o exame – se você o permitisse – confirmaria esse diagnóstico, *a priori*. Peço-lhe somente cinco minutos.

– Não! – disse ela. – Mudei de opinião.

– Concordo, mas ficarei com essa ideia, provisoriamente.

Em vão, esperou o médico pela ira, pelo protesto ou por qualquer gesto de enfado de Germana. Porém, mais uma vez, um longo silêncio vinha desconcertá-lo. Mouchette, impassível, mergulhou em completo alheamento e, nesses instantes, era-lhe o rosto de uma candidez extrema.

– A ciência é mesmo uma coisa formidável – declarou ela afinal. – Ninguém pode esconder nada. Contudo não o menti... Repare mesmo; isso ainda não se vê ... em todo o caso não pretende deixar-me em apuros, não?

– Que é que diz?

– Não darei à luz nem em três meses nem em seis nem nunca mais.

Gallet replicou:

– Você me atordoa!

Mas Mouchette levantou de novo para ele o olhar agudo:

– Não sou tão besta! Sei como isso é fácil para vocês. Um, dois, três, zás e a coisa está fora... ventre vazio, sem nada...

– O que me pede, meu bem, é coisa muito séria, que a lei castiga. Como é de meu feitio, falo com a maior franqueza. E por isso um homem da minha posição não pode sem mais nem menos dar com os

pés em certas convenções, preconceitos, se quiser – talvez respeitáveis, certamente poderosos... A lei é a lei.

Ele percebera claramente que o estouvamento de Mouchette a havia traído. Como se torna sem importância a amante que não sabe conservar o seu mistério!

– Será que pretende ensinar padre-nosso a vigário? – ajuntou ele, complacente. – Fica certa de que o amor nunca me fará perder a cabeça a ponto de esquecer determinadas precauções elementares... além do mais, é possível que esteja interpretando mal sintomas que não sabe interpretar. Mas, se está grávida mesmo, Mouchette, não sou eu o responsável.

– Não falemos mais nisso – exclamou ela rindo. – Irei a Bolonha. E lá resolverei o caso.

– Outra coisa: a simples honestidade me impõe ainda um dever...

– Que dever?

– O dever de preveni-la de que uma intervenção cirúrgica é sempre perigosa, às vezes mortal... fique certa!

– Fique certa! – secundou ela.

Depois, tendo-se levantado, aproximou-se da porta com passo discreto, quase humilde. Mas foi em vão que virou a maçaneta, a princípio, hesitante, depois, cada vez mais nervosa, em seguida desatinadamente. Por distração, sem dúvida, Gallet a tinha fechado com duas voltas de chave. Então Germana recuou até a escrivaninha, onde parou, muito pálida. Falava sozinha; repetindofrases assim: *Isto lembra-me qualquer coisa, porém o quê?* Ruído de chuva nos vidros? Sombra que de repente se torna mais espessa? Ou qualquer outra coisa ainda mais obscura? Gallet correu para a porta, abrindo-a. E menos à sua amante que a seu medo, e risco (não sabia qual) – que estava porém tão perto de si –, a palavra que ia ser dita e que não deveria escutar – os lábios, já frementes, não reteriam mais tempo, obrigados à confissão misteriosa. Seu gesto foi tão brusco, tão instintivo, que, na sombra do

corredor, voltando-se para a luz, ele se admirava de estar ali, em frente à sua amante imóvel. O medo do ridículo, contudo, lhe restituiu a voz:

– Se está com tanta pressa, minha filha, então não quero retê-la mais. Desculpe-me ter por dis tração fechado a porta à chave – ajuntou ele, num requinte de polidez que muito lhe agradou.

Mouchette ouvia-o de olhos baixos, sisuda. Depois passou diante dele, afastando-se com o mesmo passo humilde, a face pendida.

Essa inesperada submissão acabou de desconcertar o médico. Igualzinho a muitos imbecis que, num caso grave, têm sempre alguma coisa a dizer e o fazem tarde demais, o simples e silencioso desfecho daquele caso o desapontou de todo. No curto espaço de tempo em que a senhorita Malorthy levou para chegar à porta da rua, o pequeno cérebro de Gallet não pôde acabar de amadurecer a frase decisiva, hábil e ao mesmo tempo firme, que, sem comprometer sua dignidade, teria trazido Mouchette complacente até a poltrona de *reps* verde. Mas quando a bem-amada tocou a maçaneta, quando a avistou já na soleira, aflito gritou:

– Germana!

Agarrou-a decididamente, estreitando-a contra o peito, e, empurrando violentamente a porta com o pé, jogou a amante na poltrona vazia. Logo depois, como se esse grande esforço houvesse de repente consumido toda a sua energia, sentou-se na primeira cadeira que encontrou, lívido. E já a mulher se arrastava para ele, os cabelos desgrenhados, as mãos distendidas para a frente, mais suplicante que seus olhos desvairados pela angústia.

– Não me abandone – repetia ela. – Não me abandone. Não me ponha hoje para fora de sua casa! Ainda agora tive uma visão. Uma visão!

– Mouchette – murmurou o herói vencido, afastando docemente a amante –, alguém fechou a porta da cozinha. Timoleão saiu. Quem estará por acaso aqui?

Porém, Mouchette enlaçou-o com os braços:

– Guarde-me! Estou louca! Nunca tive medo. É a primeira vez. É o fim!

Ele afastou-a de si novamente, estendendo-a no divã. Mas Germana se levantou de súbito, repetindo maquinalmente: "É o fim! É o fim!", com outra entonação.

Contudo Gallet tinha saído da sala, voltando em seguida, conturbado:

– Não compreendo nada do que está se passando – disse ele. – A porta do lavadouro está aberta e a janela da cozinha também. Entretanto, Timoleão não voltou, pois os tamancos dele estão nos degraus...

Elevou a voz para dizer à amante com uma cara tremenda:

– A quantas loucuras me obriga!

Germana sorriu:

– É a última vez, não o aborrecerei mais.

– Estúpido esse Timoleão! Sai, deixa a casa abandonada! Que estúpido!

– Receia alguma coisa?

– Minha mulher... pensei que fosse ela que... – respondeu ingenuamente o grande homem de Campagne.

Julgou prudente emendar logo:

– Ela vem algumas vezes, sem se anunciar.

– Deixe sua mulher em paz – respondeu Mouchette, decididamente mais calma. – Se fosse ela, nós já a teríamos visto. Quero é pedir-lhe perdão: fui tão desagradável há pouco, meu querido gatinho! Se me houvesse mesmo posto fora decasa, eu voltaria, meu bem. Preciso de você, meu bichano... não para o que está pensando – exclamou, tomando-lhe a mão. – Não vamos nos zangar por essa coisa que nunca virá ao mundo, dou minha palavra! Não pretendo nenhum escândalo. Nem tenho medo do perigo. Perigo pouco me importa! Nada disso! Preciso de você, porque é o único homem a quem posso falar sem mentir.

Como ele encolhesse os ombros:

– Crê que isso não é nada? – continuou Mouchette (ela falava depressa, depressa, com uma fúria encantadora). – Pois bem, meu querido, vê-se que não se parece nada comigo! Quando eu era pequena, mentia muitas vezes sem prazer. Agora a mentira é mais forte que eu. Diante de você sou o que quero. Se fôssemos como os bichos, que bom! Eles vão, vêm, comem, morrem sem pensar que estão representando algum papel, sem se preocupar com o público. À porta dos matadouros, lá estão os bois comendo feno diante do magarefe sujo de sangue que olha rindo para eles. Tenho uma inveja disso! Digo mais...

– Tá-tá-tá-ratá-tá? – interrompeu o médico de Campagne. – Diga-me antes, francamente porque, ainda há pouco... Que diabo! Agora parece dócil demais, concordando com os motivos que lhe apresentei; parece mesmo resolvida a pedir a outros – não quero saber quem são nem quero saber seus nomes – que lhe façam a perigosa intervenção, discutível, cuja responsabilidade não posso aceitar; vai embora, mansinha, com uma cara de cão surrado, porém obediente ... e de súbito...

oh! oh! pareço-lhe curioso, mas não pode saber: é o que nós chamamos um caso, um caso muito interessante... de repente, por uma coisa sem importância, uma fechadura que não funciona, uma porta que não se abre, eis que tem uma crise de delírio, de verdadeiro delírio!... (arremedando-a:) "Ainda agora tive uma visão... que visão!" Derrubei-a das nuvens. Mas que cara você tinha há pouco! Onde ia?

– Quer saber? Não acreditará.

– Diga de qualquer forma.

– Ia matar-me – respondeu tranquilamente.

– Mouchette!

O homem bateu violentamente com as palmas das mãos nos joelhos.

– Está zombando de mim!

– Sabe – prosseguiu ela, imperturbável –, eu estava vendo como vejo você agora um recanto do charco do Vauroux, perto da herdade,

sob dois salgueiros, onde ia jogar-me. Atrás, entre as árvores, como que estou vendo as ardósias do castelo. Que quer que diga mais? São tolices. Bem sei... são tolices... eu estava louca.

– Com os diabos! – exclamou o médico, precipitando-se para a porta. – Desta vez, alguém está andando lá em cima! É o passo dela!

E, como Germana desse uma gargalhada, ameaçou-a tão terrivelmente com o olhar, que ela achou melhor afogar o resto de sua alegria no pequeno lenço.

Mouchette ouviu-lhe os passos até a escada; os primeiros degraus rangeram; e depois de curto silêncio o amante estava de novo diante dela.

– É Zéléda – disse ele. – Vi sua maleta de viagem no corredor do primeiro andar. Tomou provavelmente o trem das 20h30, para poupar a despesa de uma noite de hotel. Como foi que não previ isto? Deve estar há uns vinte minutos, vinte minutos talvez... Vamos ver como se vai se safar...

Gallet estremecia de tanta aflição, conquanto, no auge de sua humilhação, procurasse compor uma atitude. Mas Mouchette lhe respondeu friamente:

– É a sua vez de estar louco! Que é que teme? Foi papai que me mandou aqui. Por que então fugir como uma ladra? Seria uma solução estúpida. Além disso, a janela de seu quarto dá para a rua das Egrauletes; se me safo por aí, ela me vê. Mas convenhamos: depois de três dias de ausência, voltar assim, chegar até a sua porta sem dizer palavra, isso não se faz! E se ela nos ouviu? Tanto melhor. Mas eu acho que nada de preciso pode ouvir através da porta. Sabe o que é melhor? Rir na cara dela! É melhor. Vamos dar-lhe gentilmente um bom dia...

Gallet escutava-a em silêncio. Num instante, sob as mãos ágeis de Mouchette, os objetos retomaram seus lugares. As almofadas foram repostas, as poltronas voltaram docilmente as costas às paredes, as portinholas do armário fecharam-se, a lâmpada brilhou tranquila

debaixo do abajur verde. Quando Mlle. Malorthy tornou a se sentar, as próprias paredes mentiam.

– Esperemos agora – disse ela.

– Esperemos – repetiu Gallet.

O olhar do homem percorreu tudo e parou calmo na amante. A respeitosa distância do homem de ciência no exercício de seu sacerdócio, a jovem paciente solícita, estava como que prestes a receber o oráculo infalível.

"Como é que Germana consegue cruzar os joelhos, tão alto?", notava o médico, perplexo. Agora que a amante estava calada, ele percebia que havia sido menos sensível ao raciocínio dela que à sua voz e suas inflexões.

"É infantil", dizia a si próprio, "é inteiramente infantil. A presença dela aqui pode ser cem vezes justificada!..."

Mas, ao pensamento de estar colaborando com as mentiras de Mouchette diante da inimiga cética e sonsa, sentia a língua grudar-se ao céu da boca.

Foi então que de repente, procurando o olhar de Mouchette, não o encontrou mais. Os olhos pérfidos fixavam a parede acima dele, prenunciando nova recôndita tormenta. Teve o pressentimento, a certeza de uma desgraça iminente e inevitável. A corrupção estava ali, em frente a ele, em plena luz, evidente, flagrante! E dizer-se que havia desejado perto de si esta cumplicidade irrecusável! Se o medo não lhe houvesse tolhido os movimentos, teria, sem dúvida, nesse momento, atirado Mouchette pela janela. Teria posto o pé sobre este estopim aceso num paiol de pólvora. Era tarde porém. A horrível resignação do covarde entregava-o sem defesa à sua familiar adversária. E antes que tivesse pronunciado uma palavra, ouviu-a (pois a voz que rompeu o silêncio era calma e suave):

– Acredita no inferno, querido?

– Chegou o momento das asneiras – respondeu, conciliador. – Peço-lhe: guarde ao menos para melhor ocasião essas brincadeiras malucas!

– Ah! Ora essa! A crise já passou; tranquilize-se. Acaba contrariando-me com essa cara de quem espera carrasco. Está correndo algum risco?

– Só temo você – disse Gallet. – Sim, não é uma companheira em que se possa confiar...

Mouchette não replicou e sorriu. Mas, depois, a mesma voz calma e suave tornou a dizer:

– Responda, querido: acredita no inferno?

– Certamente que não!

– Jura!

Ele concordou, abatido:

– Juro, juro.

– Já sabia – disse ela. – Não tem medo do inferno e tem de sua mulher! É uma besta!

– Mouchette, cale-se ou vá embora! – suplicou.

– Ou vá embora! Hem? Lamenta agora não ter detido a pobre Mouchette ainda há pouco? Ela estaria a esta hora afogada no charco, a boca cheia de lama, muda, muda... mas não chore, meu bebê. Estou falando baixinho, de propósito. Covarde! Covarde! Tem medo dela e não tem de mim!

Ele suplicou:

– Que interesse tem em me atormentar?

– Nenhum, na verdade nenhum. Não quero absolutamente nenhum mal a você. Mas por que não tem medo de mim?

– Você é uma boa menina, Mouchette.

– Sem dúvida, uma boa menina, mas só para os momentos de gozo. Deu prova de seu egoísmo ainda agora, ora se deu! Esqueceu o filhinho de Mouchette! Não?

– Não é meu! – gritou Gallet, fora de si.

– Suponhamos. Não lhe peço para reconhecê-lo.

– Exigia de mim – começaram a falar baixinho – uma coisa que minha consciência reprova.

– Vamos falar de sua consciência já e já – respondeu Mouchette. – Recusou-me prestar um obséquio, mas acabou me abrindo os olhos. Não pense que estou provocando você. Não o amo nem creio em sua generosidade, não o censuro, pois não passa de um velhaco. Que é que eu gosto em você? Não me olhe com esses olhos de rato! Gosto de seu vício!... Vai dizer que é uma frase de romance? Se soubesse agora o que vai saber daqui a pouco... compreenderia que eu tinha caído muito baixo, a seu nível... Para você, não preciso mentir ... Não! Nada sabe de mim; julga que me vingo... Não! Meu pequeno! Só lhe digo que posso ser absolutamente sincera. Pois bem! Chegou o momento de falar, de dizer as coisas de uma vez! Levo-o à parede, meu pobre gato, já não pode escapar. Desafio-o mesmo que levante a voz ...

Com toda essa fúria, Mouchette falava tão baixo que ele inclinava maquinalmente a cabeça, com um gesto ingênuo. Esse meio silêncio, o passo tranquilo de Zéléda no andar de cima, a voz de Timoleão, limpando as suas panelas, cantando o refrão de uma canção boba, acabaram por tranquilizá-lo. Todavia não ousava enfrentar o olhar que sentia fixo em si...

– Que amolação! – pensava Gallet.

Mas os sinais fatídicos estavam já escritos na parede. Mouchette respirou fortemente e continuou:

– Se agora digo essas coisas é por você, é por seu bem ... Nós nos amamos há semanas e ninguém sabe, ninguém... Mlle. Germana aqui... o sr. deputado lá... hem? Estaremos bem escondidos, bem disfarçados? O sr. Gallet faz amor com uma rapariga de dezesseis anos. Quem imagina isso? E sua própria mulher? Confesse, velho celerado, você a engana aqui, no seu nariz, nos seus bigodes (e ela os tem!), é a metade de sua felicidade. Eu conheço você. Não gosta definitivamente das águas claras. Assim, no meu famoso charco de Vauroux, vejo animais muito esquisitos, muito singulares; parecem-se um pouco com centopeias, porém mais compridos ... Por um instante ei-los flutuando

à flor da água. Depois, de repente, mergulham e vem do fundo uma onda de lodo. Pois bem! Isso se parece muito conosco. Entre nós e os imbecis existe também essa onda de lodo. Tenho um segredo, um grande segredo... quando o souberes, como nos amaremos! Pendeu a cabeça para trás, rindo-se com um riso surdo.

– Ridícula! – disse-lhe Gallet.

– Germana fez com os lábios uma careta infantil e o fixou por um momento, com ar inquieto. Depois, a face se lhe aquietou de novo:

– Falo demais, eu sei – confessou Mouchette. – Falo para esquecer o medo. Falo para não dizer nada. Se Zéléda entrasse, não sei se ficaria contente ou aborrecida. Espere! Espere! Escute-me em primeiro lugar: o papai não é você. Não. Advinhe?... É o marquês... sim... sim... o sr. marquês de Cadignan...

– Ridícula! – repetiu Gallet.

Os lábios de Mouchette tremeram.

– Beije-me as mãos – disse ela de repente. – Sim, beije-me as mãos... quero que me beije as mãos!

A voz mudava-lhe de tom, exatamente como a de um ator que não consegue o efeito previsto, mas teima. Ao mesmo tempo levava a palma da mão à boca do amante. Depois deu uma viravolta brusca, dizendo com extraordinária ênfase:

– Acabe de beijar a mão que o matou.

– Engraçadíssimo! – repetiu o deputado.

– Mouchette esboçou um riso de desprezo; mas esse riso era tão cruel e tão aflitivo que ela própria se calou.

– Demência, demência – disse calmamente o doutor. – Os sintomas estão visíveis. É uma rapariga nervosa, de hereditariedade alcoólica, púbere há dois ou três anos, precocemente grávida; com todo esse peso, tais acidentes não são raros. Desculpe-me falar assim. Dirijo-me à sua razão, a seu bom senso, porque sei que os doentes como você nunca ficam de todo fora de si, em seus delírios. Confesse: é uma

brincadeira? Uma brincadeira um tanto exagerada, como todo mundo pode fazer. Uma má brincadeira de mau gosto, não?

– Sim, uma simples brincadeira – balbuciou Mouchette.

Intensa ira pulsava-lhe no peito, porém ela a sufocou. O fogo do orgulho decepcionado acabou de consumir o que lhe restava da louca e cruel adolescência; sentiu de repente o coração insensível e, no cérebro, a inteligência fria e positiva da mulher, irmã trágica da criança.

– Será a sua vez de chorar se me trair agora. Acredite ou não, pouco importa; talvez eu esteja cansada de guardar esse segredo, talvez o remorso... ou simplesmente medo? Por que não tenho medo como toda a gente? Acredite ou não; mas não me traia! Já falei demais, demais! Agora escute: fui eu que o matei. Em que dia? No dia 27... A que horas? Passavam três quartos de meia-noite (parece que estou vendo o ponteiro). Arrebatara a espingarda, suspensa na parede, debaixo do espelho... Não! Eu não estava absolutamente certa de que a arma estivesse carregada. Estava... disparei quando a ponta do cano encostou nele. Quase que caiu por cima de mim. Meus sapatos ficaram cheios de sangue; lavei-os no charco. Lavei também em casa as meias, na minha bacia... acredita? – concluiu a moça com segurança ingênua. – Quer ainda outras provas? Eu dou. Interrogue-me!

Coisa incrível. Nem por um instante Gallet duvidou de que a amante houvesse dito a verdade. Desde as primeiras palavras começou a acreditar; o olhar de Mouchette falava antes dos lábios. Mas a surpresa foi tão forte que paralisou até mesmo as infestações de horror que a moça espreitava no rosto do homem, angústia do covarde, em seu paroxismo, se não consegue explodir, sobre-excita intimamente todas as forças do instinto, dá ao bruto semilúcido um poder quase ilimitado de dissimulação, de mentira. Não era o horror do crime que aturdia Gallet, mas a certeza entrevista, de súbito, de estar ligado para sempre à sua horripilante amiga, cúmplice, não do ato, mas de seu segredo. Como

revelar esse segredo sem revelar-se também? Era tarde e bem tarde para qualquer confissão. Que outro recurso havia?... Não e não! – à própria evidência. Nenhum! Nenhum! Nenhum! Nenhum!, bramia o medo. Fecharia com essa negativa qualquer boca acusadora que se apresentasse. Entretanto... entretanto ... o inquérito fora encerrado. E ele só, somente ele, sabia de tudo! E Mouchette? Se Mouchette se entregasse, ele seria capaz de afastar o golpe: a morosidade habitual dos juízes, a esquisitice do crime, o esquecimento que já empanava de todo a memória da vítima, outrora temida ou detestada o prestígio atual da família. Malorthy – acima de tudo o seu testemunho de médico e parlamentar – bastava para anular qualquer escrúpulo sempre periclitante dos magistrados. A exaltação de Mouchette e as suas prováveis divagações tornariam mesmo verossímil a hipótese de uma crise de demência, que Gallet julgava iminente. Mas lúcida ou louca, que diria a pérfida antes de ser-lhe aberta a porta do cárcere? Por muito rapidamente que se sucedessem essas hipóteses contraditórias no pensamento do infeliz, desceu sobre ele a sua velha astúcia camponesa:

– Eu não queria que ficasses zangada... não quero julgar seu crime, se é que cometeu mesmo um crime. O ofício de sedutor de meninas tem seus riscos... Porém, vou interrogá-la, já que me pede. Fala com um amigo... com um confessor (ele baixava a voz sem sentir, com um acento de angústia).

– Não dormiu em casa na noite de 26 para 27?

– Que pergunta!

– E seu pai?

– Muito naturalmente dormia! Para sair sem ser vista, não é necessária grande esperteza!

– E para voltar?

– Para voltar também! Às três horas da manhã é que ele não podia ouvir nem se Nosso Senhor lhe gritasse às orelhas.

– Mas no dia seguinte, querida, quando eles souberam?...

– Acreditaram num suicídio, aliás como todo mundo. Papai abraçou-me. Ele tinha estado com o marquês na véspera. Cadignan não havia escapulido nenhuma confissão. "Apesar de tudo, ele ficou com medo", disse papai... acrescentando: "Quanto à sua gravidez, nós nos arranjaremos; Gallet tem costas largas". Pois ele tencionava recorrer a você. Mas eu me opus.

– E você confessou alguma coisa?

– Não!

– E logo depois de praticado o crime, fugiu?

– Corri até o charco para lavar meus sapatos.

– Não levou contigo algum objeto de Cadignan?

– Que queria que levasse?

– E que fez de seus sapatos?

– Queimei-os, com meias e tudo, em nosso forno.

– Eu vi... eu examinei o cadáver – disse ainda Gallet. – O suicídio parecia evidente. O tiro fora dado à queima-roupa!

– Debaixo do queixo – confirmou Mouchette. – Eu era muito mais baixa, e ele avançava, avançava sempre... sem medo.

– O... o defunto possuía objetos seus... cartas?...

– Cartas! – disse Mouchette, levantando desdenhosamente os ombros. – Para quê?

– Tudo parece verossímil – pensou Gallet. – E ouviu com surpresa a própria voz repetir alto o pensamento.

– Vê? – triunfou Mouchette. – Isso pesava demais em minha cabeça! Agora, sua Zéléda pode vir, vai ver como serei discreta como uma estátua. "Bom dia, Germana!" (levantou-se para fazer a mesura diante do espelho). Bom dia, madame ...

Mas o médico de Campagne não conseguiu dissimular por mais tempo. Acuado pelo medo, deixou sua astúcia sem peias, como um animal que, perseguido pelos cães, ao ver-se livre, deixa escapar a urina.

– Minha filha, está louca – disse num demorado suspiro.

– Hem? O quê? – inquiriu Mouchette.

– Não creio nessa história.

– Não repita – disse ela entre dentes. – Ele ensaiou um gesto, sorrindo, para acalmá-la.

– Escute, Filogônio – tornou ela com voz suplicante (e a expressão de seu rosto mudava mais depressa que a voz). – Eu estava mentindo; fingindo valente. A verdade é que não posso mais viver nem respirar, nem mesmo ver o dia através dessa horrível mentira. Agora é que disse tudo! Jure para mim que eu disse tudo?

– Teve um sonho mau, Mouchette.

Ela suspirou:

– Enlouquecerei se não acreditar. Se eu duvidar disso, em que vou acreditar? Mas que é que estou dizendo? – continuou com voz cortante. – Por que se há de recusar a crer na palavra de um assassino que se acusa e se arrepende? Eu me arrependo!... sim... sim... ainda lhe pregarei a peça de me arrepender, eu que lhe falo. E se você me desafia, irei contar a todos esse meu sonho, esse meu famoso sonho! Esse sonho, como você o chama.

Deu uma gargalhada.

Gallet reconheceu esse riso e ficou lívido.

– Fui longe demais – balbuciou ele. – Está bem, Mouchette, não falemos mais nisso.

– Causei medo em você? – perguntou ela.

– Um pouco. Você está nesse momento tão nervosa, tão impulsiva... Vamos pôr uma pedra sobre o caso. Tenho minha opinião formada...

Mouchette estremeceu.

– Em todo caso, nada tem a temer. Nada vi nem ouvi. Aliás – ajuntou ele imprudentemente –, nem eu nem ninguém...

– Que significa isso?

– Que, verdadeira ou falsa, sua história assemelha-se a um sonho...

– Como?

– Quem a viu sair? Quem a viu voltar? Não há provas. Não há testemunhas, nenhum indício, nenhum documento, nem mesmo uma mancha de sangue... Imagina que eu deliberasse acusar-me a mim mesmo. Era a mesma coisa, minha pequena. Não há provas!

Então... então ele viu Mouchette levantar-se, não mais lívida, mas ao contrário, a fronte, a face e o pescoço tão rubros, tão congestionados que, sob a pele fina das têmporas, as veias se desenhavam, muito azuis. Os pequenos punhos fechados ainda o ameaçavam, quando o olhar da desgraçada só exprimia um medonho desespero, como um supremo apelo à piedade. Depois, essa derradeira luz se extinguiu e só o delírio transluziu em seus olhos. Abriu os lábios e gritou. Era uma nota gemida, ora grave, ora aguda, como um lamento sobre-humano que ecoou na pequena casa, já cheia do rumor de passos precipitados. No primeiro impulso, o médico de Campagne arremessara para longe o frágil corpo rígido e experimentava agora fechar aquela boca, sufocar aquele grito. Lutava mesmo contra aquele grito, como o assassino luta com um coração vivo, que ainda pulsa sob sua fúria. Se as mãos enormes houvessem alcançado o pescoço que se debatia, Germana estaria morta, porque cada gesto do homem desesperado tinha o esgar de um assassino. Mas eram só os lábios da amante que ele premia, e esses, contraídos ao extremo, não cediam ao seu empenho... Zéléda e Timoleão entraram ao mesmo tempo.

– Ajudem-me! – suplicou ele... – Mlle. Malorthy... uma crise de loucura furiosa... em plena crise... Ajudem-me, em nome de Deus!...

Timoleão segurou Mouchette pelos braços e os manteve em cruz sobre o tapete. Depois de curta hesitação, Mme. Gallet segurou as pernas. O médico de Campagne, com as mãos afinal livres, jogou sobre o rosto da louca um lenço embebido de éter. O horrível lamento ia se extinguindo, acabara de todo. A menina vencida quedou inerte.

– Vai depressa buscar um lençol – disse Gallet à sua mulher. Envolveram Mlle. Malorthy. Timoleão correu à casa do cervejeiro. Na mesma tarde, transportaram-na de automóvel à casa de saúde do doutor Duchemin. Germana de lá saiu um mês depois, completamente curada, após ter dado à luz uma criança morta.

Primeira Parte

A TENTAÇÃO DO DESESPERO

I

– Meu caro cônego, meu velho amigo – concluiu padre Demange –, que dizer-lhe ainda? É-me difícil hoje considerar seus escrúpulos como legítimos e todavia esse desacordo me aflige... Diria de boa vontade que sua argúcia ora se preocupa com coisas sem importância, se não conhecesse bastante sua prudência e firmeza... Creio, porém, que dá muita importância a um jovem sem experiência.

Padre Menou-Segrais, friorento, puxou a colcha sobre os joelhos e de onde estava estendeu as mãos para o fogão, sem responder. Depois de um longo silêncio falou não sem oculta malícia que fez por um instante lhe brilharem os olhos:

– De todos os embaraços da idade, a experiência não é o menor, e eu desejaria que a prudência a que o senhor se refere nunca tivesse crescido à custa da firmeza. Certamente não há limite ao raciocínio e às hipóteses, mas viver é antes de tudo optar. Confesse, meu amigo: os velhos têm menos receio do erro que do perigo.

– Como torno a encontrá-lo! – disse com ternura padre Demange. – Como mudou pouco seu coração. Parece-me que o ouço ainda no pátio de St. Sulpice a discutir com o pobre padre de Lantiry a história dos místicos beneditinos – Santa Gertrudes, Santa Meltchilde, Santa Hildegarde... lembra-se? "Que me diz do terceiro estado místico?" –

perguntava-lhe. – "De todos esses senhores, o senhor é o mais guloso no refeitório e também o que melhor se veste!"

– Lembro-me, sim – disse o cura de Campagne. E subitamente sua voz tão calma teve uma imperceptível flexão. Voltando a cabeça a custo, entre as almofadas, para a grande peça já cheia de sombra, e mostrando com um olhar os móveis queridos:

– Era necessário fugir – disse ele – é preciso fugir sempre.

Mas logo sua voz se firmou e com esse mesmo tom de impertinência com que gostava de aturdir-se a si próprio, de atormentar sua grande alma, continuou:

– Nada melhor do que uma crise de reumatismo para nos dar a sensação e o gosto da liberdade.

– Voltemos ao nosso protegido – disse bruscamente padre Demange sem levantar logo o olhar para seu velho amigo. – Devo deixá-lo às cinco horas. Gostaria de tornar a ver aquele amigo.

– Para quê? – respondeu tranquilamente padre Menou-Segrais. – Por hoje já o vimos demais. Com sua sem-cerimônia, ele enlameou meu pobre velho Smyrna e quase quebrou os pés da cadeira em que se sentou, e essa cadeira era a mais preciosa e a mais delicada. Que mais quer? Quer ainda tomar o seu peso, medi-lo como a um conscrito? ... Veja-o aliás, se isso lhe agrada. Deus sabe, contudo, que preocupação me deu no decorrer de uma semana, com meus bibelôs, tão bobamente queridos, esse grande palerma de sotaina.

Mas padre Demange conhece demais o companheiro de sua mocidade para não se espantar com seu humor. Outrora jovem secretário particular do Bispo de Targe, nada ignorava de certas provas vencidas uma a uma pela clara e lúcida inteligência do padre Menou-Segrais. Espírito de independência, bom senso, por assim dizer irresistível, mas cuja ação não excluía certa aparente crueldade, mais sensível aos delicados pela sutileza da cortesia, o desdém das soluções abstratas, um gosto muito vivo da mais alta espiritualidade, porém difícil de satisfa-

zer só pela especulação, despertaram logo a desconfiança do bispo. A influência discreta do jovem Demange e, principalmente, a irrepreensível distinção do futuro deão de Campagne, então vigário da catedral, valeram-lhe tarde demais as boas graças de quem gostosamente se deixava chamar o último prelado gentil-homem e que morreu no ano seguinte, deixando a monsenhor Papouin, candidato favorito do ministro do culto, uma sucessão delicada. Padre Menou-Segrais foi primeiro polidamente posto à margem, em seguida francamente atingido em seus valimentos após a primeira derrota nas eleições legislativas do deputado liberal pelo qual havia, sem dúvida, mostrado pouco interesse.

O triunfo do doutor radical Gallet levou o golpe de morte a essa carreira sacerdotal. Nomeado para a cúria tão desejada de Campagne, ele se resignou desde então a servir calmamente à paz religiosa da diocese, que continha os dois partidos acostumados a se entender à sua custa, ora um, ora outro denunciados pelo ministro e desaprovados pelo bispo. Esse jogo divertia-os, e ele gozava mais que ninguém de uma tão curiosa alternativa.

Herdeiro de uma grande fortuna que administrava com sabedoria, destinando-a por inteiro às suas sobrinhas, Segrais vivia modestamente, não sem nobreza, grande senhor exilado, que traz à província alguma coisa das maneiras e costumes da corte, curioso da vida dos outros, mas o menos maldizente, hábil em fazer falar os outros, desvendando os segredos com os olhos, com uma palavra jogada a esmo, com um sorriso; e também o primeiro a pedir silêncio e a impô-lo; – sempre admirável de tato e de espiritual dignidade, conviva encantador, guloso por polidez, loquaz quando era preciso por caridade e por condescendência, tão perfeitamente gentil que os simples curas do seu deado, quando apanhados em complicações, o tiveram sempre pelo mais indulgente dos homens, de convívio agradável e seguro, de uma perspicácia sem arrogância, tolerante por gosto, mesmo cético e talvez um pouco suspeito.

– Meu amigo – respondeu docemente padre Demange –, o senhor faz voltar contra seu vigário um golpe que me era destinado. Secretamente, o senhor me acusa de incompreensão, de preferências, que sei eu? Segunda intenção bem caridosa para um dia de Natal e contra um pobre companheiro, obrigado ao trajeto de três léguas ainda esta tarde antes de ir para o leito; e isso, meu caro amigo, por sua causa! Seria eu verdadeiramente capaz de julgar levianamente um escrúpulo que o senhor me confiou?... Mas, como outrora, sua convicção quer levar tudo de vencida, conquistando de assalto as pessoas; embora presentemente o faça com mais tato... o senhor me intima a pôr em ordem elementos de que disponho...

– Quem lhe está falando em elementos? – interrompeu o deão de Campagne. – Vamos é consultar os documentos. Isso sim! Quando se trata de ganhar ou perder uma batalha, manobra-se com o que se tem à mão. Não apelei para o senhor enquanto eu próprio não havia pesado os prós e os contras, mas desde que tive a certeza...

– Vamos lá, o senhor espera de mim a minha aprovação?

– Exatamente – respondeu o velho padre, imperturbável. – Uma certa audácia está em meu feitio, e minha virtude é tão pequena, minha velhice tão covarde, estou tão estupidamente preso aos meus hábitos, às minhas manias, às minhas mazelas mesmo, que tenho, no momento decisivo, grande necessidade da assistência e do conselho de um amigo. O senhor me dá ambas essas coisas. Assim, tudo irá bem. O resto é comigo.

– Oh, que criatura teimosa! – disse padre Demange. – O senhor pretendia me fazer calar. Quando eu estiver de novo longe daqui, esta noite mesmo, rezarei em sua intenção, e creia que jamais terei rezado de tão boa vontade. Dessa forma, vou resumir, apesar de tudo, para repouso de minha consciência, nossa conversa, tentando uma solução. Deixe-me falar! Deixe-me falar! – exclamou, ante um gesto de impaciência do cura de Campagne. – Não o ocuparei por muito tempo.

Eu falava nas provas que conservo em meu dossiê. Volto a elas. Não dou muita importância às notas do seminário...

– Para que voltar às notas? – disse padre Menou-Segrais. – Elas são medíocres, francamente medíocres, mas Deus sabe em que sentido, e se elas testemunham a mediocridade do aluno ou a do mestre!... Todavia, eis aí uma carta de monsenhor Papouin, que não li para o senhor. Faça somente a gentileza de me dar minha pasta de papéis, lá no canto do meu birô, e aproximar um pouco a lâmpada.

Inicialmente, percorreu com o olhar uma folha de papel, sorrindo, segurando-a muito perto dos olhos míopes.

– *Não ouso apresentar-lhe* – começou ele – *o único que me resta, ordenado há pouco tempo, de quem o senhor arcipreste, a quem o entreguei, não sabe o que fazer; inegavelmente, é homem cheio de qualidades, mas estragadas por uma violência e uma casmurrice singulares, sem educação nem boas maneiras, de um grande fervor mais exagerado que sábio e resumindo tudo: ainda muito grosseirão. Temo que um homem como o senhor (aqui um pequeno trecho de ironia episcopal)... temo que um homem como o senhor não consiga acomodar-se com esse selvagem que, vinte vezes por dia, o incomodará sem querer.*

– Que lhe respondeu? – perguntou padre Demange.

– Pouco mais ou menos isso: "Acomodar-me, nada custa; o que vale é tirar partido disso, ou qualquer coisa semelhante".

Ele falava com um tom de deferência maliciosa e seu belo olhar ria, com uma tranquila audácia.

– Enfim – disse o velho padre, sôfrego do depoimento do outro –, o homenzinho corresponde às informações que lhe foram fornecidas?

– O homenzinho é pior – exclamou o deão de Campagne –, mil vezes pior! Aliás, o senhor o viu. A presença dele numa casa arrumada como esta, por exemplo, é um atentado ao bom senso, não há dúvida... Seja meu juiz: as chuvas de outono, o vento do equinócio que provoca

meu reumatismo, o meu fogão que cheira a sebo queimado, as solas enlameadas dos visitantes sobre meus tapetes e outros contratempos bastam e muito para um velho cônego. Na minha idade, espera-se o bom Deus, esperando que ele chegue mansamente, sem transtornos, num dia de sema na... Ai de mim! não foi o bom Deus que veio a mim, mas um bruto latagão, de ingênua boa vontade, mais incômodo ainda por tentar ser discreto ao esconder as mãos vermelhas, pousando cautelosamente as patas ou abrandando uma voz muito boa para tanger cavalos e bois... Creia que não nos dá nenhuma boa impressão; a governante está cansada de tirar as nódoas ou de remendar uma de suas duas batinas, justamente a que tem ainda um aspecto mais decente... De educação, nem sombra! De ciência, nada mais que o necessário para passavelmente ler o breviário. É possível que ele diga sua missa com devoção louvável, mas tão lentamente, com uma aplicação tão sem jeito que eu suo em minha cadeira, onde faz um frio dos diabos! À simples ideia de ter de enfrentar do púlpito um público escolhido como o nosso, ele se mostrou tão infeliz que não ousarei mais constrangê-lo a isso, o que implica maior sobrecarga para a minha pobre garganta. Que dizer-lhe mais se o seu maior prazer é vagar pelos caminhos enlameados todo santo dia, como um andarilho, ajudando os carreteiros, convicto de estar ensinando a esses senhores uma linguagem menos desrespeitosa à majestade divina; mas o odor que ele transporta dos estábulos afugenta os fiéis... Enfim, não pude ensinar-lhe ainda a perder com resignação uma partida de tric-trac. Às nove horas já está bêbado de sono e nesse ponto fico sem companhia e sem nenhum passatempo... que acha? Não é bastante?

– Se isso resume a ficha desse homem – concluiu simplesmente padre Demange –, eu lamento a sua sorte, meu amigo.

O sorriso do deão de Campagne desfez-se súbito, e seu rosto extremamente vivo mudou de expressão.

– É a mim a quem se deve lamentar, meu amigo? ...

As palavras lhe saíram impregnadas de uma tal unção de amargura, de esperança insatisfeita que eram, na verdade, toda a sua experiente velhice: e a grande sala silenciosa foi por um momento visitada pela majestade da morte.

Padre Demange corou.

– E o caso é tão sério assim, meu amigo? – perguntou com impressionante embaraço e um carinho, na verdade, comovente. – O meu receio é tê-lo ofendido, sem, todavia, saber como.

Mas logo padre Menou-Segrais respondeu:

– Ofender-me? Ao contrário: sou eu que sem querer me tornei impertinente. Não misturemos, porém, nossos pequenos negócios com os de Deus.

Calou-se um momento sem parar de sorrir:

– Gosto imenso de gracejar; e isso me prejudica. Iria me deliciar propondo-lhe enigmas para gozar o seu embaraço. Ah!, meu amigo. Deus nos propõe também enigmas... Eu, por exemplo, levava uma vida tranquila, ou melhor, encerrava-a docemente. Mal esse estafermo veio parar aqui, tudo ficou transtornado e já não tenho mais sossego... A simples presença dele me força a incômodas atitudes. Ser empurrado a uma empreitada dessas, quando o sangue corre tão lento e tão frio, é uma grande e forte provação.

– Se as coisas chegaram a esse ponto – disse padre Demange –, vou lhe dizer somente: o velho camarada que está aqui reclama uma parte nesse calvário.

– Chegou tarde, meu caro – continuou o cura de Campagne, sempre sorrindo. – Eu carregarei a cruz sozinho...

– ... Mas para falar a verdade, de consciência – retornou padre Demange – ainda não vi coisa alguma nesse jovem padre que mereça perturbar um homem como o senhor. O que sei dele apenas me preocupa sem me persuadir. Essa espécie de vigários é comum, todos de zelo indiscreto, feitos para outros trabalhos mais chãos e que nos

primeiros anos do sacerdócio dão vazão, inconsequentes, às forças físicas contidas no seminário...

– Não continue! – exclamou rindo-se Menou-Segrais. – Vejo que vou detestá-lo. Não pensa que já tenha feito a mim mesmo essa objeção? Experimentei, de boa ou má vontade, pagar-me com tal moeda. Não nos submetemos sem luta a uma força superior de que não percebemos, por culpa nossa, a presença sempre e sempre estranha para nós. A estupidez me desgosta e eu seria o último a me deixar apanhar numa armadilha tão grosseira. Não quero dizer com isso que me julgue uma sensitiva! Todos nós fomos também os grosseirões em nosso tempo, meu amigo, conquanto os tolos o ignorem... mas no nosso caso há outra coisa, outro problema...

Parou, hesitante, mas em seguida prosseguiu:

– Não sei... às vezes as palavras ficam insuficientes; demais, um não sei quê, antes de falar, me constringe o coração. Oh! meu amigo, eu estava sossegado, conformado; mas essa conformação não era coisa que também me agradasse. Jamais procurei honrarias; minha vocação não é administrar, mas dirigir. Teria desejado que o destino me houvesse aproveitado. Não importa; o que importa é que eu estava cansado, cansado demais. Uma certa baixeza intelectual, a falta de confiança ou o ódio dos mandões, que esses desgraçados chamam prudência, tinham-me saturado de amargura. Vi perseguir-se o homem superior como se persegue um bicho; assisti aniquilarem grandes almas. Todavia, tenho horror à confusão, à desordem, como também à preocupação da hierarquia e da autoridade. Esperava que algum desses desconhecidos e desamparados dependesse de mim e que eu fosse o responsável por ele perante Deus. Isso me foi negado; já não esperava mais. E subitamente... quando as forças vão me faltar...

– A decepção pode ser-lhe cruel – disse lentamente padre Demange. – A outro que não o senhor essa ilusão não ofereceria nenhum perigo, eu bem sei que o senhor nunca se empenha em nada pela

metade. Tudo isso perturbará su a própria vida e receio que ao mesmo tempo a de um pobre homem simples, que o seguirá sem compreendê-lo... Todavia, vejo a paz do Senhor brilhar em seus olhos.

Ele fez um gesto de renúncia denotando desejo de encerrar esse singular assunto. Padre Menou-Segrais compreendeu.

– Como o tempo corre! — disse ele olhando o relógio. – Estou desolado de não tê-lo comigo esta noite de Natal... Contudo, já mandei colocar no seu carro uma garrafa de velha aguardente. Recomendei que a embrulhassem bem, pois o caminho é mau e seria prudente ter cuidado.

Parou de falar, de repente. Os dois velhos padres olharam-se em silêncio. Ouviu-se lá fora um rumor de pass os monótono s, monótonos.

– Desculpe-me – disse o cura de Campagne, com visível embaraço. – Devo saber se meu confrade d'Heudeline terminou as confissões e se tudo está pronto para a cerimônia desta noite... Quer emprestar-me seu braço? Vamos atravessar a sala. Desejo acompanhá-lo até o carro.

Calcou o botão da campainha, e a governante apareceu.

– Diga ao padre Donissan que venha despedir-se de padre Demange – falou secamente.

– Reverendíssimo – balbuciou ela –, creio... creio que não é possível... pelo menos neste mom ento...

– Não é possível?

– É que... os pedreiros... sim, os pedreiros falaram de deixar a obra como estava... de voltarem somente depois das festas de Ano-Novo...

– Nosso camp anário estava precisando d e reparos – explicou o deão de Campagne. – O vigamento arriara com as chuvas do outon o; tive de apelar para o empreiteiro de Mourevert e contratar operários do lugar, inexperientes, para um trabalh o, em suma, perigoso. Padre Donissan...

Voltou-se para a governante e disse no mesmo tom:

– Diga-lhe que desça tal como estiver... Isso não tem importância...

– Então padre Donissan (tornou ele, apenas a mulher desapareceu) pediu-me licença para ajudar... mas ele não se limita a ajudar. Eu o vi, na semana passada, uma manhã, trepado nas escadas encharcado de chuva, a roupa grudada no corpo, carregando pranchões, dando ordens através das rajadas; visivelmente estava mais à vontade no seu poleiro que na banca do exame trimestral do seminário... provavelmente recomeçou hoje a sua faina voluntária...

– Por que o chama então? – perguntou padre Demange. – Por que vexá-lo? Para quê?

Padre Menou-Segrais deu uma gargalhada e pondo a mão no braço do amigo:

– Gosto de os confrontar – disse ele. – Gosto de vê-los frente a frente. Ponho nisso, provavelmente, um pouco de malícia. Mas pode ser a última vez; demais, há dentro dessa malícia um sentimento muito vivo e muito puro, que lhe devo, da misericórdia de Deus, de sua divina doçura. Como ela é forte e sutil! Como envolve piedosamente a natureza, essa graça que, por um caminho tão diferente, sem os constranger, ajunta docemente as suas duas almas à unidade, na realidade de um único amor! Como a astúcia do diabo parece vã em sua laboriosa complicação!

– Penso como o senhor – disse padre Demange. – Perdoe-me ainda isso, que lhe parecerá dom comum. Creio que o cristão de boa vontade se mantém por si mesmo na luz do alto, como um homem cujo volume e peso estão numa proporção tão constante e tão perfeitamente calculada, que sobrenada dentro d' água, se pretendesse aí ficar em repouso. Assim, não fossem certos destinos singulares – eu imagino os nossos santos como gigantes poderosos e doces cuja força sobrenatural se desenvolve com harmonia, numa medida e num ritmo que nossa ignorância não consegue perceber, porque só é sensível à altura do obstáculo e não abrange nunca a amplidão e o alcance do

impulso. O fardo que carregamos a custo rangendo os dentes e fazendo trejeitos é para o atleta uma pluma; ele o levanta sem contrair sequer um músculo da face, sorridente e doce, aos olhos do mundo ... Sei que, sem dúvida nenhuma, o senhor vai opor aos meus conceitos o exemplo de seu protegido...

– Aqui estou, sr. Cônego – proferiu atrás uma voz baixa e forte.

Ambos se voltaram ao mesmo tempo. O homem que depois seria o cura de Lumbres estava ali, de pé, num silêncio solene. No limiar do vestíbulo obscuro, sua silhueta, prolongada pela sombra, pareceu primeiro imensa, depois bruscamente, quando se fechou a porta, pequena, quase mesquinha. Os sapatos grosseiros (que o homem tentara limpar às pressas) estavam ainda brancos de argamassa; e as meias, a batina e as mãos enormes, cobertas de barro. O rosto, cuja palidez contrastava com a vermelhidão tisnada do pescoço, escorria suor e água, pois ao súbito chamado de Menou-Segrais, ele tinha corrido ao seu quarto para lavar-se. A desordem, ou melhor, o aspecto quase sórdido das roupas, tornava-se ainda mais flagrante pelo contraste de uma sobrecapa nova, vestida tão açodadamente que uma das mangas estava arregaçada de modo risível, sobre o punho volumoso como um cepo. Fosse que o silêncio prolongado do cônego e de seu hóspede acabasse de desconcertá-lo, ou que ele tivesse ouvido (assim deduzira mais tarde o deão de Campagne), as últimas palavras pronunciadas pelo padre Demange, o olhar dele, naturalmente apoiado ou mesmo ansioso, tomou de repente uma tal expressão de tristeza, de humildade tão pungente, que o rosto grosseiro se iluminou de repente de candidez extrema.

– Você não devia ter se incomodado – disse, com pena, padre Demange. – Vejo que não perde tempo e que não vira as costas ao trabalho ... Todavia, fico contente por me ser dado despedir-me de você.

Tendo agradecido com uma inclinação respeitosa de cabeça, voltou-se logo, com uma indiferença um tanto exagerada. O cônego seguiu-o até a porta. Os dois ouviram na escada o passo pesado do vigário, um pouco mais pesado que de costume, talvez... Fora, o cocheiro, transido de frio, fazia estalar o chicote.

– Estou sentido por deixá-lo tão cedo – disse padre Demange, no limiar da porta. – Sim, gostaria, gostaria particularmente de passar esta noite de Natal com o meu velho amigo. Contudo, deixo-o a alguém mais clarividente do que eu, meu caro. A morte não tem muita coisa a ensinar aos velhos! Mas um menino em seu berço! *E que menino!* Daqui a pouco o mundo vai começar.

Desceram a pequena escada lado a lado. Havia uma grande sonoridade na amplidão. Lá fora o gelo crepitava.

– Tudo está a começar, sempre! Até o fim – disse bruscamente Menou-Segrais, com inexprimível tristeza.

O vento cortante avermelhava-lhe a face, cercando-lhe os olhos de uma sombra azulada; o companheiro percebeu que ele tremia de frio.

– Será possível – exclamou – que o senhor saia assim, sem capa, cabeça sem nenhum agasalho, numa noite destas!

Mais que qualquer palavra, essa imprudência do cura de Campagne exprimia uma grande perturbação íntima. E com maior surpresa para padre Demange, ou melhor, ainda para seu indizível espanto — ele viu, pela primeira vez — pela primeira e última vez, uma lágrima deslizar sobre aquele rosto amigo.

– Adeus, Jacques – disse o deão de Campagne, esforçando-se por sorrir. – Se há presságios de morte, esse meu descaso flagrante a inveterados hábitos domésticos, um tal esquecimento das precauções mais comezinhas, é sinal de que tudo vai acabar!...

Efetivamente, não se tornariam mais a ver.

II

Padre Donissan só voltou muito tarde. Longo tempo, Menou-Segrais, com um livro nas mãos, que não conseguia ler, ouviu-lhe o passo regular de um lado para outro em seu quarto. "O momento para uma explicação formal não pode mais ser adiado", pensava o velho padre. Não duvidava que essa explicação fosse necessária, mas até então tinha desdenhado em provocá-la, demasiado prudente para não deixar ao jovem padre o benefício e o embaraço de um preâmbulo decisivo... Os últimos ruídos tinham cessado, exceto aquele passo monótono que vinha até seus ouvidos através da parede. "Por que esta noite e não amanhã ou mais tarde?", pensava Menou-Segrais. "A visita de Demange talvez tenha excitado meus nervos." Todavia, mais forte e impressionante que nenhuma outra razão, a previsão de um acontecimento singular, inevitável, inquietava-o numa espera que minuto a minuto lhe aumentava a ansiedade. Subitamente a porta do corredor rangeu. Mão forte bateu duas vezes. Padre Donissan surgiu.

– Estava esperando-o, meu amigo – disse simplesmente Menou-Segrais.

– Eu o sabia – respondeu o outro com voz humilde.

Mas imediatamente se empertigou diante do olhar do deão, dizendo com firmeza:

– Devo solicitar a Monsenhor a minha requisição para Tourcoing. Desejaria rogar-lhe seu apoio a meu pedido, sem nada esconder do que o senhor sabe de mim, sem me poupar em coisa alguma.

– Um momento... um momento... – interrompeu padre Menou-Segrais. – *Eu devo solicitar*, diz o senhor? Eu devo... por que *deve o senhor*?

– O ministério paroquial – explicou Donissan no mesmo tom – é um encargo acima de minhas forças. Era essa a opinião de meu superior: vejo que também é a sua. Aqui mesmo sou um obstáculo a muita coisa. O último dos camponeses se envergonharia de um cura como eu, sem experiência, sem luzes, sem merecimento. Por mais esforços que faça, como posso esperar algum dia suprir-me do que me falta?

– Deixemos isso – interrompeu o deão de Campagne. – Deixemos isso, eu o compreendo. Seus escrúpulos são, sem dúvida, justificados. Estou pronto a pedir sua volta a Monsenhor, mas o seu caso, em si, não é menos delicado. Em suma, aqui, pouca coisa lhe tem sido exigida. Julga porventura que é demais?

Donissan baixou a cabeça.

– Não se faça de criança! – continuou o deão. – Vou, sem dúvida, parecer-lhe duro; devo sê-lo. A diocese é muito pobre, meu amigo, para alimentar uma boca inútil.

– Eu o reconheço – balbuciou o pobre padre com esforço. – Na verdade, não sei ainda... Enfim, eu tinha feito o projeto... de ver... se conseguia em qualquer convento, um lugar, pelo menos provisório...

– Um convento!... Um convento! A gente da sua espécie, meu caro senhor, só tem essa palavra na boca. O clero regular é a honra da Igreja, senhor, é verdadeiramente sua reserva. Um convento! Está pensando, sem dúvida, que um convento é um lugar de repouso, um asilo, uma enfermaria!

– É verdade... – quis dizer Donissan, mas só deixou ouvir um balbucio confuso. A face rubra, que a extrema emoção não conseguia

empalidecer, tremia. Era o único sinal exterior de sua tremendíssima angústia. Então sua voz procurou uma justificaçã o:

– Então que querem que eu faça?

– Que querem? Eis as primeiras palavras de bom senso que você pronuncia – disse o deão de Campagne. – Confessando-se incapaz de guiar e aconselhar uma outra pessoa, como seria o senhor bom juiz em sua própria causa? Deus e seu bispo, meu filho, lhe deram um mestre: esse mestre sou eu.

– Eu o reconheço – disse o padre, depois de uma imperceptível hesitação. – Contudo, suplico-lhe...

Não terminou. Com um gesto imperioso, o deão de Campagne impôs-lhe silêncio. Donissan olhou com uma curiosidade cheia de terror esse velho padre, de ordinário tão cortês, mas de repente áspero, imperturbável, o olhar tão mau.

– O caso é bem grave, pois seus superiores permitiram que você recebesse as Santas Ordens; penso que essa decisão não foi tomada levianamente. De outro lado, essa incapacidade que o senhor ainda há pouco confessava...

– Permita-me – interrompeu de novo o infeliz padre, com a mesma voz humilde... – Meu Deus! Não sou absolutamente incapaz de qualquer trabalho apostólico, em proporção à minha inteligência e aos meus meios. Minha saúde física felizmente...

Calou-se envergonhado por opor a tão eloquentes razões um argumento tão miserável na sua ingenuidade sublime.

– A saúde é um dom de Deus – replicou gravemente padre Menou-Segrais. – Ai de mim! Sei-lhe o preço melhor que o senhor. Na força que lhe coube, sua destreza mesma em certos trabalhos manuais, estava, sem dúvida, o sinal de uma vocação menos alta, a que a Providência o chamava... Dar-se-á o caso de ser tarde demais para reconhecer, guiado por opiniões certas, um erro involuntário?... Deverá tentar uma nova experiência, ou então... então...

– Ou então...? – ousou perguntar padre Donissan.

– Ou então voltar ao seu arado? – concluiu o deão, com um tom seco. – Ainda uma vez, note bem, apresento hoje a questão sem a ela responder. O senhor não é, graças a Deus, desses moços impressionáveis que uma palavra um pouco clara aterroriza sem proveito. O senhor não está ameaçado de vertigem alguma. E por mim, fiz meu dever, não obstante, com uma aparência de crueldade.

– Eu lhe agradeço – disse docemente o padre, com uma voz singularmente firme. – Desde o princípio desta conversa, Deus me deu a força de ouvir de sua boca verdades bem duras. Por que não me assistirá ele até o fim? Sou eu quem lhe suplica responder à pergunta que apresentou. Por que preciso esperar mais tempo?

– Meu Deus... – murmurou Menou-Segrais, surpreendido. – Confesso que algumas semanas de reflexão... desejava dar-lhe tempo...

– Para quê, se não devo ser juiz na minha própria causa e, na verdade, não posso ser? É sua opinião que quero ouvir e quanto mais cedo, melhor.

– É possível que o senhor esteja pronto para ouvi-la, meu amigo, mas não, sem dúvida, para com ela conformar-se sem reserva – replicou o deão de Campagne, com uma brutalidade forçada. Em tal caso, provocar o que se receia é menos sinal de coragem que de fraqueza.

– Eu o sei, confesso! – exclamou Donissan. – O senhor não se engana. O senhor vê claro em mim. É para sua caridade que eu apelo... Ah, senhor, nem mesmo à sua caridade, mas à sua piedade, para dar-me o último golpe. Sinto que quando tiver recebido esse golpe, encontrarei, tenho certeza, a força necessária ... não existe exemplo de Deus não ter levantado um miserável caído por terra...

Menou-Segrais mirou-o com olhar agudo.

– Está tão certo de minha convicção – disse ele – e que não resta dúvida alguma em meu espírito?

Donissan sacudiu a cabeça.

– Não é preciso muito tempo para julgar um homem como eu, e o senhor quer somente me poupar. Pelo menos, deixe-me o mérito, diante de Deus, de uma obediência inteira, absoluta: ordene! Exija! Não me deixe em dúvida!

– Estou de acordo – respondeu o velho com a voz surda, depois de um silêncio. – Não posso deixar de estar de acordo. Seus propósitos são bons, esclarecidos mesmo. Compreendo sua impaciência de querer vencer a natureza com um golpe decisivo. Mas a palavra que espera de mim pode ser qualquer coisa acima de suas forças. Quer conhecer a sentença? Está disposto a executá-la?

– Penso que sim – respondeu o padre com voz surda. – Nem vejo melhor ocasião para receber e carregar uma cruz que esta noite. Já é tempo. Creia-me, meu Pai, é tempo. Não sou somente um padre ignorante, grosseiro, incapaz de despertar simpatias. No pequeno seminário, sempre fui um aluno medíocre. No grande seminário, ai de mim, reconheço que a todos causei aborrecimentos. Foi preciso um milagre de caridade de padre Delange para convencer os diretores de me admitirem no diaconato. Inteligência, memória, assiduidade mesmo, tudo me falta... e contudo...

Hesitou, mas a um sinal de Menou-Segrais, continuou, com esforço:

– E, contudo, não pude vencer minha obstinação... minha teimosia... O justo desprezo dos outros desperta em mim... sentimentos tão ásperos ... tão violentos ... Não posso, na verdade, combatê-los com os meios comuns...

Parou, como assustado de ter falado demais. Os olhos do deão fixaram-se nele com uma atenção singular. Donissan concluiu, com voz suplicante, quase desesperada:

– Não deixe para mais tarde... O momento chegou... Esta noite, asseguro-lhe... O senhor não avalia...

Menou-Segrais levantou-se tão vivamente de sua poltrona que o pobre padre desta vez empalideceu. Mas o velho deão deu alguns

passos até a janela, apoiado em sua bengala, o ar absorto. Depois, endireitando-se de repente:

– Meu filho, sua submissão me comove... Devo parecer-lhe brutal; vou sê-lo de novo. Não me custaria contornar o assunto de cem maneiras: mas prefiro falar claro. Você acaba de entregar em minhas mãos... Em que mãos? Sabe em que mãos?

– Diga o senhor... – murmurou o padre, com voz trêmula.

– Vou dizê-lo: entre as mãos de um homem a quem você não estima.

O rosto de Donissan ficou de uma palidez lívida.

– A quem não estima – repetiu padre Menou-Segrais. – A vida que levo aqui é na aparência a de um leigo, de um leigo com boa renda. Confesso-o! Minha quase ociosidade é envergonha. A minha experiência, o meu conhecimento dos homens que você vê elogiada por tantos néscios é, a seus olhos, estéril e sem proveito para as almas. Eu poderia dizer muita coisa ainda, porém isso é bastante. Meu filho, num caso como este, as pequenas convenções de polidez mundana não adiantam: exprimi bem seu sentimento, meu filho?

Às primeiras palavras dessa estranha confissão, Donissan tinha ousado levantar sobre o terrível velho padre o olhar espantado. Não o baixou mais.

– Exijo uma resposta – continuou Menou-Segrais –, exijo-a de sua obediência, antes de me pronunciar. Vamos! Você tem o direito de não me aceitar. Posso ser seu juiz no caso presente: não serei jamais um mau conselheiro. A pergunta que lhe fiz, responda simplesmente; sim ou não!

– Devo responder, sim, replicou Donissan, com ar calmo... A prova a que me submete, senhor, é bem dura: peço-lhe não prolongá-la mais.

As lágrimas jorraram de seus olhos e foi com dificuldade que Menou-Segrais lhe ouviu as últimas palavras, pronunciadas em voz baixa. O desgraçado padre começou intimamente a censurar-se a si próprio:

havia chorado; encarou esse tímido apelo à piedade como u ma fraqueza. Depois de curto debate interior, pôde continuar:

– Respondi por obediência; não deveria senão esperar e calar-me... mas... mas não posso... Deus não exige que eu deixe o senhor acreditar... Em consciência, era um pensamento... um sentimento involuntário... não estou falando – continuou em tom mais firme – para me justificar: meu detestável caráter lhe é agora conhecido... assim a Providência me revelou perante o senhor, inteiramente... e agora... e agora...

As mãos de Donissan procuraram um apoio, os longos braços arriaram. Os joelhos vergaram, e ele, desamparado, tombou para a frente, no chão.

– Meu filhinho! – gritou Menou-Segrais com a inflexão de verdadeiro desespero. Arrastou com dificuldade o corpo inerte até o divã e com um grande esforço aí o equilibrou como pôde. No meio das almofadas de couro avermelhado, a cabeça ossuda estava agora de uma palidez de cadáver.

– Donissan! Donissan! – murmurava o velho deão, procurando desabotoar-lhe a batina, com os dedos endurecidos pela gota; mas a fazenda velha cedeu logo. Pela abertura do colarinho, o pano grosso da camisa apareceu manchado de sangue. Já agora o arcado peito arfava de novo. Com gesto brusco, o deão puxou a roupa, descobrindo-o.

– Eu bem desconfiava! – disse ele, com um doloroso sorriso.

Desde as axilas até os rins, o tronco estava envolvido por um colete áspero de crina, grosseiramente tecido. A estreita faixa que mantinha esse cruciante envoltório estava tão apertada que Menou-Segrais teve grande trabalho para desamarrá-la. A pele apareceu então queimada pelo intolerável atrito do cilício, como sob a corrosão de um cáustico; a epiderme destruída em alguns lugares, levantada em enormes empolas, formava uma só chaga de onde escorria abundante secreção sanguinolenta. Assim, a ignóbil crina martirizante estava toda embebida de sânie. Porém, de uma ferida mais profunda, no flanco, um sangue vermelho

corria gota a gota. O infeliz havia tentado estancá-la, comprimindo-a o melhor que pôde, com um tampão de cânhamo: Menou-Segrais retirou o obstáculo, notou que tinha os dedos ensanguentados.

Donissan abriu os olhos. Um momento, seu olhar atento abarcou por inteiro esse quarto desconhecido; depois, ao mirar o rosto familiar do deão, exprimiu uma surpresa crescente. De súbito, esse olhar baixou sobre a abertura da batina e as roupas ensanguentadas. Então, Donissan não resistiu: escondeu o rosto com as mãos. Já as do padre Menou-Segrais afastavam-nas docemente, descobrindo-lhe a face, com um gesto quase maternal.

– Meu filho, meu pobre filho, Nosso Senhor não o esqueceu – disse em voz baixa, com carinhosa inflexão de voz.

Mas retomando logo esse tom habitual de benevolência um pouco altiva com que gostava de disfarçar sua ternura:

– Amanhã você vai jogar ao fogo esta infernal máquina, Padre: é conveniente procurar qualquer coisa melhor. Deus me livre de falar apenas a linguagem do bom senso: no bem como no mal convém ser-se um pouco louco. Quero censurar essas suas mortificações: são indiscretas; um padre jovem e irrepreensível deve ter roupa de baixo limpa, limpíssima.

– Levante-se – disse ainda o estranho ancião – e aproxime-se um pouco. Nossa conversa não terminou, mas o mais difícil está feito... Vamos! Vamos! Sente-seaí, não o deixo mais. – Instalou-o em sua própria poltrona e sem parar de falar meteu um travesseiro sob a cabeça dolorosa. Depois, sentando-se numa cadeira baixa e puxando friorentamente para si a colcha de lã, recolheu-se um minuto, o olhar fixo no fogão cujas chamas se refletiram em seus olhos claros e audazes.

– Meu filho, a opinião que tem de mim é de conjunto bastante justa, mas falsa em um único ponto: eu julgo-me, ai de mim! com mais severidade que o senhor imagina. Chego ao porto com as mãos vazias...

Atiçava as achas de lenha chamejantes, com calma.

– Você é um homem bem diferente de mim – tornou ele –, você me virou como a uma luva. Pedindo-o a Monsenhor, eu tinha tido esse sonho meio ingênuo de trazer à minha casa... um padre jovem, com desfavoráveis notas, destituído dessas qualidades naturais que tanto me seduzem... um padre que eu iria formar o melhor que pudesse para o ministério paroquial... No fim da vida, isso representava pesadíssimo encargo. Mas também eu era feliz demais em minha solidão para aí findar meus dias, em paz. O julgamento de Deus deve surpreender-nos em pleno trabalho ... O julgamento de Deus!... Mas agora vejo que é você, Donissan, quem me forma – disse ele, depois de longa pausa.

A essas espantosas palavras, Donissan nem mesmo virou a cabeça. Seus olhos muito abertos não exprimiam surpresa alguma; e o deão de Campagne viu somente, pelo movimento dos lábios, que ele rezava.

– "Eles" não souberam reconhecer o mais precioso dos dons do Espírito. "Eles" não reconhecem nada, jamais. É Deus que nos nomeia e nos designa. O nome que usamos é somente um nome emprestado... Meu filho, o espírito de força habita em você.

As três primeiras badaladas do Ângelus da madrugada soaram, como um aviso solene, mas os dois padres não as ouviram. As brasas esmoreciam lentamente nas cinzas.

– E agora – continuou Menou-Segrais –, e agora sou eu quem precisa de você. Não! Outro que não eu, na suposição de estar com a razão, não se atreveria a falar-lhe como o faço esta noite. No entanto, é necessário. Estamos nesta hora da vida (a hora que soa para todos), em que a verdade se impõe por si própria com uma evidência irresistível, em que cada um de nós estende os braços para, atravessando as trevas, surgir enfim ao sol de Deus. Então, a prudência humana se transforma em armadilhas e loucuras. A Santidade! – exclamou o velho padre com voz profunda, pronunciando essa palavra para si somente. – Sei o mal que lhe faço! Não ignora o que ela é: uma vocação, um convite.

Para atingi-la, é preciso subir, subir ou perder-se. Não espere nenhum socorro humano. Com plena consciência da responsabilidade que assumo, depois de ter uma última vez experimentado sua obediência e sua simplicidade, sei que lhe estou fazendo bem em falar-lhe assim. Você duvidando não somente de suas forças, mas dos desígnios de Deus sobre si próprio, sentia-se num impasse: por minha conta e risco, reponho-o em seu caminho; entrego-o aos que o esperam, às almas de quem você vai ser a presa... Que Deus o abençoe, Donissan!

A essas últimas palavras, como um soldado que se sente atingido e se ergue instintivamente, antes de tornar a cair, Donissan pôs-se de pé.

No seu rosto imóvel, na boca fechada, nas fortes mandíbulas, na fronte voluntariosa, os olhos pálidos denunciavam uma hesitação mortal. Um longo momento, seu olhar vagueou em torno. Depois esse olhar encontrou a cruz dependurada na parede, mas logo se desviou para Menou-Segrais e nele se fixou como os olhos de um cego. O deão viu nesses olhos a completa submissão que a trágica desordem dessa alma transida de terror tornava sublime.

– Peço permissão para retirar-me – disse simplesmente o futuro cura de Lumbres, com voz pouco firme. – Ouvindo-o, pensei em verdade debater-me na perturbação e no desespero, mas agora... eu... eu creio... ser como... o senhor deseja... e... e Deus não permitirá que eu seja tentado além de minhas forças.

Tendo dito essas palavras, desapareceu e, sobre ele, a porta se fechou silenciosa.

* * *

Desde esse momento, padre Donissan conheceu a paz, uma estranha paz, que não se atreveu logo a sondar. Os mil laços que retêm ou retardam a ação se haviam partido todos juntos; o homem extraordinário, que a desconfiança e a pusilanimidade de seus superiores

tinham durante anos tolhido numa invisível rede, achava, enfim, o campo livre para locomover-se. Os obstáculos já cediam à sua vontade. Em algumas semanas o esforço dessa vontade, que de ora em diante nada deteria mais, começou a libertar-se até atingir a inteligência das coisas. O jovem padre consumia suas noites a devorar livros, outrora fechados com desespero e que agora penetrava, não sem custo, mas com uma tenacidade que surpreendia Menou-Segrais, como um milagre. Então adquiriu esse profundo conhecimento dos Livros Santos que não enriqueciam antes sua linguagem, voluntariamente simples e familiar, mas que alimentava seu pensamento. Vinte anos mais tarde, gracejando, diria a monsenhor Leredu: "Dormi, este ano, setecentas e trinta horas...

– Setecentas e trinta horas?

– Sim, duas horas por noite... – Creia que furtei do senhor para mim alguma coisa.

Padre Menou-Segrais podia ler na fisionomia de seu vigário cada peripécia dessa luta interior de que muitas vezes não podia prever o desenlace. Apesar de o pobre padre continuar a sentar-se à mesa comum e esforçar-se por parecer calmo, o velho deão não via sem inquietação crescente os sinais físicos, cada dia mais evidentes, de uma vontade tensa que o extremo esforço pode alterar. Por mais rico que fosse de experiência e sagacidade, ou talvez por um abuso dessas próprias qualidades, o cura de Campagne não conseguia decifrar inteiramente as causas de uma crise moral de que não tentava mais cercear os efeitos. Excessivamente sagaz para usar sua autoridade em palavras vãs e inúteis, conselhos de moderação que padre Donissan, sem dúvida, já não podia ouvir, esperava uma ocasião para intervir; e não a achava. Como acontece quando um homem astuto não é mais senhor das paixões que suscitou (e isso acontece muitas vezes), temia agir em sentido contrário e agravar um mal que teria desejado remediar. De outro que não fosse o seu estranho discípulo, teria esperado mais tranquilamente a

reação natural de um organismo exausto pelo trabalho excessivo; mas esse mesmo trabalho não era agora remédio, em vez de um mal, ou a distração feroz do miserável prisioneiro de um único e constante pensamento? Aliás, Donissan aparentemente em nada mudara quanto às ocupações de cada dia, enfrentando habitualmente mais de uma empresa. Viam-no todas as manhãs galgando com passo rápido e um tanto sem jeito o atalho abrupto que do presbitério vai à igreja de Campagne. Dizia sua missa; e, depois de uma prece de ação de graças, cuja extrema brevidade surpreendia imenso padre Menou-Segrais, o infatigável Donissan, o longo corpo caído para a frente, as mãos cruzadas às costas, atingia o caminho de Brennes e percorria em todos os sentidos a vasta planície que, sulcada de caminhos difíceis, varrida pela ventania áspera, desce da crista do Vale da Canche para o mar. As casas aí são raras, retiradas umas das outras, cercadas de pastagens protegidas por cercas de arame farpado. Através da erva gelada que escorrega e cede sob os pés do viajante, é preciso andar muito tempo para achar, por fim, no meio de um pequeno lamaçal, cavado pelas ferraduras dos animais, uma velha porteira que range com suas traves apodrecidas. A herdade está por ali mesmo, escondida em qualquer depressão mais vasta do terreno; e só se consegue localizá-la pelo fumo azul perdido no ar cinzento, ou os dois varais de uma charrete levantados para o céu, em que uma galinha se empoleira. Os camponeses deste cantão, raça de brincalhões, olhavam de soslaio, com desconfiança, aquele homenzarrão de sotaina arregaçada, envolto pela cerração e que se esforçava por tossir com propósitos cordiais. À sua presença, a porta se abria e toda a casa atenta, aglomerada em volta do fogo, esperava a primeira palavra, lenta a chegar. Todos aqueles camponeses sem exceção de um só reconheciam logo o companheiro infiel à terra e irmão pródigo: o tom de cortesia e respeito com que o recebiam era adoçado por discreta familiaridade protetora, um tanto altiva; e a pequena prédica é toda ouvida em silêncio proposital... Ah! o regresso à cidade ao

cair da noite, quando o travo das humilhações ainda está na boca e o coração só, só para sempre!...

"Eu lhes causo mais mal do que bem", dizia tristemente Donissan, ao conseguir cessar por algum tempo essas visitas que sua timidez tornava em martírio. Porém, agora, o padre novamente as fazia, tendo mesmo obtido de Menou-Segrais, que o encarregasse da mais humilhante provação, a coleta da quaresma, que os infelizes chamam, com a agressão dos sarcasmos, *tournée* do senhor vigário. "Ele não trará um vintém", pensava o deão, com ceticismo ... E cada tarde, ao contrário, o singular pedinchão colocava no canto da mesa o saco de lã preta repleto de esmolas. É que ele tinha conseguido, pouco a pouco, sobre aquela gente, a irresistível ascendência daquele que não calcula mais as chances e vai decidido para a frente. Pois a criatura astuta como a prudente, em verdade, só consideram a si mesmas. O riso do homem grosseiro para na garganta, quando vê sua vítima oferecer-se indefesa a seu desprezo.

– Que corpo esquisito! – dizia-se, querendo-se zombar, mas já com certo embaraço na galhofa. Tempos atrás, procurando ocultar-se em qualquer recanto, a amarrotar o velho chapéu com as mãos nervosas, o infeliz ensaiava muito tempo, em vão, a feliz oportunidade providencial que lhe liberasse a palavra hesitante; depois ia embora, sem nada dizer. Agora, tem que lutar contra si próprio, vencer-se, controlar-se. Dominando-se faz mais que persuadir ou seduzir; conquista; entra nas almas como por uma porta. Porém, do mesmo modo que antigamente, atravessa o pátio com o mesmo passo rápido, pelos caminhos enlameados entre o voo assustadodas galinhas. Como outrora o mesmo garoto sujinho, o dedo na boca, observa-o com o canto do olho, enquanto ele esfrega no chão os solados cheios de lama. Mas hoje, quando surge nas casas, respeitosos, todos se levantam, em silêncio. Ninguém conhece o âmago desse coração, simultaneamente ávi do e temeroso, que o menor obstáculo pode inquietar até o desespero,

mas que coisa alguma consegue realmente saciar. É ainda o padre tímido que um sorriso perturba até as lágrimas e que só com um grande esforço retira a palavra convincente de sua árida boca. Mas dessa luta interior nada transparece. O rosto é impassível, o gigante não se curva mais, as mãos enormes têm apenas um imperceptível tremor. Com um olhar, esse olhar profundo, ansioso, que não cede, penetra o sentido de tudo, das atitudes convencionais e das palavras vagas. Sabe como interrogar e atrair. Os vocábulos mais comuns e mais deformados pelo uso retomam pouco a pouco seu sentido, despertam estranho eco. "Quando ele pronunciava o nome de Deus, quase em voz baixa, mas com tal entonação", dizia vinte anos depois um velho aldeão de Santa Gilles, "éramos tomados por uma espécie de susto como depois de um trovão..." Nenhuma eloquência, nem mesmo nenhuma dessas ingenuidades saborosas que os *blasés* gozarão mais tarde, quase todas, aliás de autenticidade suspeita. A palavra do futuro cura de Lumbres é difícil; às vezes mesmo se atrapalha ou gagueja. É que ignora o jogo cômodo do sinônimo e do ambíguo ou a sinuosidade do pensamento que seguindo o ritmo verbal sobre ele se modela como cera mole. Sofreu muito tempo a tortura de não poder exprimir o que sentia, do mais irrisório desazo. Já não recua mais agora. Vai para diante, de qualquer modo. Não disfarça mais o humilhante silêncio, quando a frase começada, chegando ao fim, parece que se dilui vazia. Não importa: procura-a, acha-a. Os reveses não podem mais travar a mola da vontade, de ora em diante inflexível. Entra no assunto imediatamente, com a graça de Deus. Diz o que tem a dizer, e os mais grosseiros o escutam, aquiescentes e dóceis. É impossível pensar que uma criatura nos logre, porque onde nos leva, sente-se que sobe conosco. A dura verdade que de repente, por falta de expressão justa, célere nos atinge profundamente, o feriu em pleno peito, antes de nós. Sente-se que ele a arrancou do coração. Nada há aqui para os homens de cátedra, nenhuma raridade. São histórias muito simples: em suma somos levados

a escutá-lo; eis tudo... Pode a chaleira ferver, chiando sobre as brasas, o cão bonachão dormir com a cabeça entre as patas, a ventania lá fora gemer com a porta nas dobradiças e a gralha negra grasnir de ensurdecer, no deserto aéreo, nós estamos ouvindo-o. E todos o observam respeitosos ou respondem tímidos, desculpam-se, justificam-se de suas ignorâncias ou de seus hábitos e, quando ele se cala, também se calam.

– Mas que conta o senhor à nossa boa gente? – pergunta Menou-Segrais. – Estão todos transformados. Quando falo de você, ficam logo cabisbaixos.

O deão evita mesmo apresentar a padre Donissan as perguntas diretas que exigem um sim ou um não... Por quê?... por prudência, sem dúvida, mas também por um secreto temor... Mas temor de quê? O trabalho da graça nesse coração tocado assume um caráter de violência, de aspereza, que desconcerta. Desde aquela noite de Natal, em que falou com tanta veemência, o cura de Campagne não quis mais continuar nesse tom um assunto cuja recordação o inquieta. E Donissan, aliás, não é sempre tão dócil e de uma deferência perfeita, irrepreensível? ... Ninguém nota em suas atitudes mudança alguma. Tratam-no com a mesma indulgência um tanto complacente; louvam-lhe o zelo, a devoção. O cura de Larieux, seu diretor, bom velho alimentado pela sábia teta sulpiciana e que o confessa todas as quintas-feiras, não manifesta surpresa alguma, nenhuma inquietação. A última resolução tomada com o propósito de incentivá-lo, inquieta, ao contrário, o padre Menou-Segrais, até o mal-estar. Sem dúvida, mais de uma vez pensou consolidar, por um subterfúgio engenhoso, suas novas atitudes mansas. Então propõe, sugere, ordena, com o desejo apenas confessado de que se veja combatido afinal. Se tivesse de render-se a melhores razões, pelo menos esse insuportável silêncio seria rompido. Mas a humilde submissão de padre Donissan torna inútil essa derradeira astúcia. Quando propõe, é logo obedecido. É em vão que experimenta de vez em quando a paciência e a timidez do pobre padre com uma sagacidade

cruel: depois de tê-lo dispensado do sermão dominical, impõe-lhe inesperadamente que ele fale de improviso aos fiéis. Nesse dia o infeliz aparece, sem nenhuma queixa nem censura, com algumas folhas de papel cobertas com sua letra grossa de camponês, sobe ao púlpito e durante vinte minutos de imenso sacrifício, os olhos baixos, lívido, comenta o evangelho do dia, hesita, titubeia, anima-se, luta desesperadamente até o fim e acaba por atingir uma eloquência elementar, quase trágica... Nesses domingos últimos recomeçou a pregação habitual e apenas finda o seu arrazoado corre um murmúrio de cadeira em cadeira de que só ele não ouve esse profundo suspiro de alívio, do auditório, obrigado a um constrangimento insuportável.

– Isso vai um pouco melhor – disse uma vez o deão, mas está ainda muito vago... muito descosido...

– Ai, Deus! – exclamou o vigário com uma cara de criança que vai chorar.

No almoço suas mãos tremem ainda. No entanto, padre Menou-Segrais tomou uma resolução mais séria ao entregar-lhe o encargo do confessionário. O deão de Hauburdin havia nesse ano organizado um retiro pregado por dois irmãos maristas. Um deles atacado subitamente de gripe teve de regressar a Valenciennes no primeiro dia da Semana Santa. Nesse momento, o deão pediu ao seu confrade de Campagne que lhe cedesse padre Donissan.

– Ele é moço, não enjeita trabalho, é homem para tudo... – Até então, a conselho do padre Denissanne, a quem muito havia falado de seu discípulo, o deão de Campagne reservara-lhe, apenas, pequena tarefa no ministério da penitência. Mal orientado e por um mal-entendido desculpável, o missionário descartou-se de uma parte de seu trabalho sobre o futuro cura de Lumbres, que da quinta-feira até o sábado santo não arredou pé do confessionário. O cantão de Haubourdin, à orla da zona da mineração, é vasto, mas o sucesso do retiro, apesar disso, foi imenso. Certamente, nenhum desses padres que no dia da

Páscoa tomaram seus lugares no coro, metidos em suas sobrepelizes novas, vendo ajoelhar-seà mesa da comunhão uma multidão inumerável, levantou o olhar para o jovem vigário silencioso que acabava de oferecer-se pela primeira vez, anonimamente, ao homem pecador, doravante seu senhor, que não o largará mais enquanto viver. Jamais conseguira Donissan abrir-se com alguém a respeito das angústias ou da feliz suavidade daquela missão... Mas quando o padre Menou-Segrais tornou a vê-lo, na tarde da Páscoa, ficou tão impressionado com seu ar distraído, absorto, que o interrogou logo, com insólita aspereza, mas a resposta do pobre padre não o tranquilizou.

Todavia, uma de suas confidências, devassada muito mais tarde, ilumina com estranha luz esse período obscuro de sua vida. "Em minha mocidade", declarara a M. Groselliers, "não conhecia o mal: só aprendi a conhecê-lo na boca dos pecadores".

Desse modo, as semanas se sucediam, a vida continuava calma, monótona, sem nenhuma alteração de monta. Desde a última conversação da noite de Natal, o silêncio do padre Donissan havia dolorosamente intrigado o deão; e a obediência, a doçura constrangida e passiva do futuro cura de Lumbres não conseguira dissipar a amargura de uma espécie de mal-entendido de que não penetrava as causas. Seria apenas um mal-entendido? De dia para dia, esse velho experiente e sábio, tão bem defendido contra a tirania das aparências, sente pesar-lhe sobre os ombros um receio indefinível. A criança grande que cada noite se ajoelha humildemente para receber-lhe a bênção antes de ir para o quarto conhece seu segredo e ele não conhece o do outro. Por mais obstinadamente que o observe, não pode surpreender-lhe um desses sinais exteriores que assinalam a atividade do orgulho e da ambição, a procura ansiosa, as alternativas de confiança e desespero, a inquietação que não engana.. e contudo... "Terei eu perturbado para sempre esse coração, a chama que o consome será pura?", dizia a si mesmo, procurando às vezes o olhar que o evitava."O comportamento de meu

discípulo é perfeito, irrepreensível; o zelo, ardente, eficiente o seu ministério... Que censurar-lhe? Quantos por aí se sentiriam felizes de envelhecer assistidos por tal presença! Seu exterior é de um santo, mas há alguma coisa nele que nos repele de si... Que será? certamente é alegria que lhe falta..."

* * *

Ora, padre Donissan conhecia a alegria. Não a alegria, furtiva, instável, ora em abundância, ora em carência, porém outra alegria mais segura, profunda, igual, incessante e, por assim dizer, inexorável, semelhante à outra vida na vida, à dilatação de uma nova vida. Tão longe que remontasse no passado, nada achava que se assemelhasse, não se lembrava mesmo de tê-la jamais pressentido nem desejado. Agora a desfrutava com uma avidez temerosa, como se desfruta um arriscado tesouro que o dono desconhecido vai retomar, de um minuto para outro, e que não se pode abandonar sem morrer.

Nenhum sinal exterior transparecia essa alegria íntima que parecia ir durar com o mesmo ardor com que começara, vivendo por si, sustentado por luz cuja força invisível engolfa o pensamento com o um grito uno através do imenso horizonte que não ultrapassa o primeiro círculo de silêncio... Era a mesma noite que o deão de Campagne reservara à extraordinária prova, aquela noite de Natal, no quarto para onde o pobre padre se refugiara, com o coração angustiado, ao despontar da aurora. Uma tonalidade cinza a que mal poderíamos chamar de dia crescia no infinito através das vidraças sobre a terra também cor de cinza da neve. Porém o padre Donissan não a via. De joelhos diante do leito em desordem, repassava cada frase da singular conversação, esforçando-se por penetrar-lhe o sentido, parando quando qualquer das palavras ouvidas, demasiado precisa, clara demais, impossível de evitar, surgia de repente em sua memória. Depois, debatia-se como um

cego contra uma nova tentação muito mais perigosa. E essa angústia era a de não poder identificá-la. A santidade! Em sua sublime ingenuidade, tinha aceitado ser arrastado de um salto da última à primeira fila dos eleitos: não se esquivava.

"Para chegar lá, de onde Deus nos chama, é preciso subir, subir", tinham-lhe dito. Sentia-se chamado. Subir ou perder-se! Estava realmente perdido.

A certeza de sua incapacidade em atingir tal destino bloqueava-lhe a prece nos lábios. A vontade de Deus voltada sobre sua pobre alma atormentava-o com uma fadiga sobre-humana. Alguma coisa de mais íntimo que a própria vida penetrava-o todo. O artista envelhecido, encontrado morto diante da obra começada, os olhos ainda sequiosos da meta inacessível, o que corre para reaver os sonhos que se ausentaram dele, o ambicioso manietado que só tem olhos para odiar a preciosa carne ferida e profanada não sentiram mais profundamente o penetrante aguilhão do desespero. Nunca o infeliz se tinha visto a si próprio (está certo disso) tão clara e objetivamente. Ignorante, medroso, ridículo, sequestrado no círculo estreito de um devocionismo bobo, desconfiado, fechado em si, sem contato com as almas, solitário, de inteligência e coração estéreis, incapaz das efusões fraternas, das magníficas imprudências das grandes almas, era ele finalmente o menos heroico dos homens. Coitado! O que o mestre distingue nele não lembra nem mesmo o resquício de seus antigos dons dissipados! A semente abafada não germinará mais. Fora lançada ao solo, entretanto. Visitam-no mil recordações da infância tão estranhamente unida a Deus, mas esses sonhos, mesmo esses sonhos – oh, raiva! – de que receia a perigosa suavidade, ele, em seu desarrazoado zelo, pouco a pouco desfez... Tudo isso era pois a inesquecível voz só ouvida poucos dias antes que o silêncio se fechasse para sempre. Mas fugira sem o saber da divina mão estendida – à visão de sua própria face acusadora. E eis o último grito do alto, o supremo apelo longínquo, tão fraco como um suspiro. Cada passo mais

o transvia na terra do exílio: mas sempre marcado pelo sinal que o servo de Deus reconhecia há pouco, em sua fronte. Poderia... deveria... oh, palavras assustadoras! Devia dominá-las, assenhorear-se delas; dir-se-ia um herói vencido a ditar memórias a seus familiares, a refazer incessantemente seus cálculos, exumando o passado contra o futuro que já se move em seu coração. O homem forte não se retira antes de findar a luta. O firme bom senso, apenas certos limites sejam ultrapassados, vai até o fim de seu impulso. Esse homem que olhará quarenta anos para o pecador com o olhar de Jesus Cristo, cuja esperança ninguém conseguirá exaurir e que como Santa Escolástica tudo obteve porque havia amado demais, temeu nesse trágico momento levantar os olhos para a Cruz, com a qual tudo é possível. Não lhe sobreveio esse simples pensamento, pensamento essencial da alma cristã, testemunho providencial de nossa fraqueza e de toda verdadeira humildade.

"Nós dissipamos a graça de Deus", clamava dentro do homem uma voz estranha, com a sua própria entonação, "somos julgados, condenados... já agora não sou mais: teria podido sê-lo!"

Vinte anos mais tarde, ao reverendo de Charras, depois padre da Trapa d'Aiguebelle, que se queixava amargamente da solidão interior em que tinha caído a ponto de duvidar de sua salvação, o cura de Lumbres dizia com os olhos cheios de lágrimas:

– Peço-lhe que se cale... o senhor não sabe quanto me abalam certas palavras; digo-lhe que mesmo em meu leito de morte, perante Deus, não poderia ouvi-las impunemente.

Mas como o padre insistia, suplicava que o escutasse até o fim, recorrendo à sua caridade para com as almas, viu-o levantar-se abruptamente, o olhar alucinado, os lábios contraídos, a mão em garra no espaldar da cadeira de palha.

– Nem mais uma palavra! – gritou com uma voz que pregou no lugar o penitente estupefato. – Ordeno-lhe!... – Depois de um minuto de silêncio, ainda muito pálido e trêmulo, aconchegando ao peito a

cabeça do padre de Charras, apertou-a com as duas mãos trêmulas e disse-lhe com sinceridade comovente:

– Meu filho, mostro-me às vezes tal como sou. Pobres das almas que vêm à mais pobre do que elas!... Existem provas tais que não ouso revelar a ninguém, com receio de que a incompreensível indulgência humana faça de minhas misérias uma glória a mais... Tenho muita necessidade de preces e só louvores me dão! ... Ah! eles não querem ser desiludidos.

O dia clareou de todo. O pequeno quarto nu, nessa triste manhã de dezembro, se iluminou em sua desordem humilde: a mesa de madeira branca amontoada de livros, a cama de lona encostada a um canto, o lençol arrastando no chão, o papel desbotado das paredes... Por um minuto o pobre padre olhou para essas quatro paredes tão próximas e julgou sentir a pressão delas contra si. A sensação vexatória de ser apanhado na armadilha, de deparar-se-lhe um beco sem saída em sua fuga, pô-lo subitamente de pé, a testa gelada, os braços amolecidos, num inexprimível transe.

E de repente, fez-se silêncio.

Tudo isso era para ele como o sussurro que precede o vozerio de numerosa massa prestes a calar-se diante de qualquer expectativa... Um segundo ainda, a onda profunda do ar oscila lentamente, depois se esvai. E a enorme multidão ainda há pouco tumultuosa recai de chofre no silêncio. Assim, as mil vozes da contradição que bramiam, apupavam, rangiam no coração de Donissan com uma raiva danada, calaram-se súbito. A tentação não se acalmava porque já não existia. A vontade do padre, no limite de seu esforço, sentiu o obstáculo afastar-se; e essa distensão foi tão brusca que o pobre padre julgou senti-la nos próprios músculos, como se houvesse faltado o chão debaixo de si. Mas essa última prova só durou um instante, e o homem que inda há pouco se debatia sem esperança sob um peso que crescia sem cessar,

despertou mais lépido que uma criança, perdeu a própria consciência de viver, num vácuo delicioso.

Não era a paz, pois a verdadeira paz é o equilíbrio das forças e nela a certeza interior dardeja como uma chama. Aquele que encontrou a paz nada mais espera. Ele, porém, estava na expectativa de um acontecimento imprevisto que romperia o silêncio. Não era a lassidão de uma alma prostrada que encontra o fundo da dor humana e aí repousa, porque ele desejava ainda mais. Tampouco era o aniquilamento de um grande amor, porque no delíquio de todo o ser o coração ainda vela e quer dar mais do que recebe... Mas ele não queria nada: esperava.

. . . . . .

Primeiro foi uma alegria furtiva, inatingível, como vinda de fora, rápida, insistente, quase importuna. Que recear ou que esperar de um pensamento não formulado, instável, do desejo fugaz como uma centelha?.... E contudo, assim como o maestro, no ímpeto da orquestra, percebe a primeira e imperceptível vibração da nota falsa tarde demais, porém, para sustar-lhe a explosão, assim o vigário de Campagne não duvidou que chegara aquilo por que ansiava sem saber o que fosse.

Através das vidraças embaciadas, o horizonte debaixo do céu só oferecia um contorno vago, obscuro e, coisa curiosa, toda a luminosidade do inverno estava no pequeno quarto, uma luminosidade láctea, parada, cheia de silêncio, como se fosse vista através da água. E com absoluta certeza, o padre Donissan percebeu que essa estranha alegria era uma presença.

Desvanecida a angústia, surgiam pouco a pouco os pensamentos que a tinham antes suscitado, mas esses mesmos pensamentos não

possuíam agora mais força para perturbá-lo tão dolorosamente. De início, sua memória timorata tocou-os um por um, com prudência, para depois apoderar-se deles. Inebriava-se à medida que os ia sentindo domados, inofensivos, humildes servos de sua misteriosa alegria. Num minuto, tudo lhe pareceu possível, pois já havia escalado o degrau mais alto. Do fundo do abismo, onde se acreditava para sempre encerrado, que mão o havia arrebatado desse pélago para elevá-lo tão alto, que aí tornava a encontrar sua dúvida, seu desespero, suas próprias culpas transfiguradas e glorificadas? Os limites do mundo onde cada passo que avança é vencido com doloroso esforço (e a meta estava ali bem próxima) eram transpostos enfim. Essa visão interior foi breve, mas deslumbrante. Quando cessou tudo, pareceu ficar sombrio de novo, mas ele vivia e respirava na mesma luz doce; e a imagem entrevista e perdida deixou-lhe, em vez de uma convicção cuja volúpia poderia esvaziar-lhe o coração, um pressentimento inefável. A mão que o conduzira estava muito próxima, ao seu alcance, e não o deixaria mais... O sentimento dessa misteriosa presença foi tão vivo que Donissan virou bruscamente a cabeça, como para encontrar outra vez o olhar de um amigo.

Entretanto, no âmago dessa alegria, alguma coisa subsiste ainda que o êxtase não consiga desfazer. Incomoda-o, irrita-o, esse derradeiro laço que não ousa romper... Quebrado esse laço, para onde a vaga o arrastará?... Por vezes, esse laço se afrouxa e como um navio que vai à garra, Donissan sente-se profundamente abalado... Será só um laço, um obstáculo a vencer?... Não; o que resiste não é uma força cega. É qualquer coisa inteligente que observa, calcula, luta para se impor... Essa coisa misteriosa não será ele mesmo, a sua própria pessoa? Não será a consciência entorpecida que lentamente desperta?... A expansão da alegria atingiu (de acordo com a extraordinária palavra do apóstolo) a fragmentação da alma e do espírito. Não é possível ir mais longe sem morrer.

Não! Virando a cabeça, o padre Donissan não encontra nenhum olhar amigo delíquio, mas somente, no espelho, seu rosto pálido e

inquieto. Em vão baixa logo os olhos: é tarde, é tarde. Surpreendeu-se a si mesmo nesse gesto instintivo cujo mistério procura desvendar. Que procurava ele? Esse indício material de uma inquietação até então vaga, indecisa, o assusta tanto como uma presença real, visível. Dessa presença tem agora mais do que um simples pressentimento, mas a sensação clara, indizível. Não está mais só... com quem está? Mal a dúvida reponta em seu espírito, domina-o. Num primeiro impulso, quer arrojar-se de joelhos, rezar. Porém, logo a prece estaca em seus lábios. O grito de humilde angústia não será lançado: o supremo aviso terá sido dado em vão. A vontade já revoltada foge à mão que a solicita, enquanto outra mão o arrebata para si; e dessa mão nada se pode esperar, nem piedade, nem mercê.

Ah! como essa outra mão é astuciosa e forte, como é paciente e oportuna, como é rápida essa mão implacável! O Santo de Lumbres um dia conhecerá a face de seu inimigo. É preciso, desta vez, que se submeta cegamente a seu primeiro comando, receba seu primeiro choque. A vida desse homem estranho, que foi sempre uma furiosa luta, terminada por amarga morte, que teria sido se vencida a astúcia, se houvesse ele entregado passivamente à misericórdia de líquio – se tivesse pedido socorro? Seria, sem dúvida nenhuma, um desses santos cuja história parece mais uma lenda, um desses santos doces que conquistam a terra com um sorriso de rei-menino... Para que divagações? No momento decisivo, aceita o combate não por orgulho, mas por irresistível impulso. Com a aproximação do adversário encoleriza-se não por medo, mas por ódio. Nasceu para a guerra; cada volta de seu caminho está cruamente assinalada com sangue. Contudo, a alegria misteriosa vela ainda, bruxuleia, pequena chama sob a ventania... E é contra ela, oh, loucura! que vai se virar agora! A alma árida, que não conheceu jamais outra doçura a não ser a tristeza muda e resignada, espanta-se, depois se assusta, enfim se irrita com essa inexplicável suavidade. Na primeira etapa da ascensão mística, o coração trai o miserável tomado

de vertigem e com todas as forças experimentará romper o recolhimento passivo, o silêncio interior, cuja aparente calmaria o desconcerta... Semelhante à mão que se intrometeu entre Deus e a sua pessoa, ele procede com tática. Quando seu adversário avança ou recua, ele reage do mesmo modo, prudente, sagaz, atento... Calcula cada passo!

O pobre padre pensa que pode precaver-se contra as armadilhas, quando já as duas mandíbulas o apertam e a cada esforço mais se cerram sobre ele. Dentro da noite que desaba, a tênue claridade o desafia... ele provoca, aceita a imensa angústia milagrosamente desfeita. Qualquer certeza, mesmo do pior, não será preferível à parada ansiosa, na encruzilhada, dentro da noite pérfida? Sua imotivada alegria só pode ser ilusão. Essa recôndita esperança originada de repente – despida de qualquer espécie de objetivo, indefinida, assemelha-se demasiadamente à presunção do orgulho... Não! A graça não tem essa atração sensual... *É necessário exterminar essa alegria.*

Tomada tal resolução, não hesita mais. A ideia do sacrifício a consumar num instante lhe acende essa outra chama de desespero, força e fraqueza desse homem único, e sua arma, que tantas vezes Satanás lhe revolverá no coração. O rosto, agora gélido, reflete no olhar sombrio a determinação de uma violência calculada. Aproxima-se da janela, abre-a. A fantasia do cura que precedera Menou-Segrais havia substituído a barra de apoio arrebentada por uma corrente de bronze encontrada no fundo de algum armário de sacristia. Com um empuxão, Donissan arranca-a dos dois pregos que a seguram. Num minuto a estranha disciplina azorraga-lhe as costas nuas. Uma palavra surpreendida por acaso, o testemunho de alguns visitantes familiares, raras confidências feitas em termos obscuros permitem somente sonhar com as singulares mortificações do cura de Lumbres, pois ele tudo arranjava para escondê-las de todos, com minucioso cuidado. Por mais de uma vez, sua astúcia despistou a curiosidade de um célebre escritor, amador de almas (como eles se intitulam) que, tendo vindo para um caso tão

interessante, voltou mistificado. Mas se algumas dessas mistificações, os jejuns, por exemplo, cujo espantoso rigor ultrapass a a razão, nos são apenas quase conhecidos, padre Donissan guardou o segredo de outros castigos mais rudes. Seu último desejo foi obter da piedade de um amigo que médico algum o visitasse. A pobre rapariga que o acompanhava, depois madre Maria dos Anjos, naquela época, criada de servir no burgo de Bresse, contou que o dorso e os ombros do cura de Lumbres estavam cobertos de cicatrizes, algumas formando pequenas elevações do tamanho do dedo mínimo. Já o dr. Leval, no decorrer de uma primeira crise, tinha notado nos flancos os traços profundos de antigas queimaduras e, como se surpreendesse discretamente, o santo, vermelho de confusão, guardou silêncio ...

– Fiz também em meu tempo algumas loucuras – dizia uma noite ao padre Dargent, que lia para ele um capítulo da vida dos Padres do Deserto... E como o outro interrogasse com o olhar, continuou, com um sorriso cheio de embaraço, mas também de inocente malícia: – Veja só, os moços não hesitam diante de coisa alguma: é necessário que expilam seu mau humor.

Agora de pé, em frente à pequena cama, batia-se e batia-se sem parar, com imperturbável ira. Às primeiras pancadas, a carne levantada deixou filtrar apenas algumas gotas de sangue, para depois jorrar muito rubro. Cada vez mais, a corrente sibilante, num instante retorcida acima de sua cabeça, vinha mordê-lo no flanco e aí se enroscava como uma víbora: com o mesmo gesto, levantava-a de novo, regularmente, atento, semelhante a um batedor de eira. A dor aguda que lhe arrancara um gemido surdo, depois somente profundos suspiros, era como afogada na efusão do sangue morno que fluía sobre os rins e de que sentia a terrível carícia. A seus pés uma mancha escura, avermelhada, alargava-se sem que percebesse. Uma bruma rosada estendia-se entre seu olhar e o céu lívido que contemplava com os olhos deslumbrados. Depois essa bruma desapareceu de repente e com ela a paisagem de

neve e lama, e a própria claridade do dia. Mas o cura batia, batia ainda nessas novas trevas, teria batido até morrer. Seu pensamento, como que entorpecido pelo excesso da dor física, não se fixava mais em coisa alguma, e ele não formulava nenhum desejo a não ser atingir e destruir, nessa carne intolerável, o próprio princípio do mal. Cada nova violência pedia outra mais forte, sem saciar-se. Porque ele estava nesse paroxismo em que o amor traído não se torna mais forte senão para destruir. Talvez acreditasse esmagar e detestaressa parte de si mesmo, pesada demais, o fardo da sua miséria, impossível de puxar até ao alto; talvez também pensasse castigar esse corpo defunto, do qual o apóstolo desejava também ser libertado, mas a tentação crescia, crescia em seu coração, e ele odiava-se; como o homem que não pode sobreviver ao seu sonho, odiava-se, odiava-se... Mas a arma de que dispunha era uma arma inofensiva, com que se dilacerava em vão.

No entanto batia sem cessar, molhado de suor e de sangue, olhos fechados, de pé, equilibrado pela sua cólera. Um zumbido agudo enchia-lhe agora os ouvidos, como se houvesse despenhado em água profunda. Através das pálpebras fechadas, duas, três, uma chama breve e alta jorrou, depois suas têmporas bateram tão rapidamente que a cabeça dolorosa tonteou. A corrente estava entre seus dedos endurecidos, a cada golpe mais flexível e mais crua, estranhamente ágil e pérfida, sem parar. Nunca mais aquele que se chamou o santo de Lumbres ousaria forçar sua própria natureza tão loucamente destemerosa. Nunca mais a enfrentaria com tal desafio. A carne de seus rins era só uma chaga ardente, cem vezes lanhada, regada de sangue espumante; e, contudo, todos esses golpes correspondiam a um único sofrimento – indeterminado, total, inebriante – comparável à sensação que o olhar experimenta sob uma luz demasiadamente forte, quando a vista não discerne mais nada, a não ser seu próprio deslumbramento doloroso. De súbito, o látego, vibrado sem moderação, encapa de sua mão e bate-lhe brutamente no peito. O último elo da

corrente atinge-o abaixo do mamilo direito com uma tal força que fez voar um *fragmento* de músculo, como uma lasca de madeira sob a plaina. A surpresa, mais do que a própria dor, arrancou-lhe um grito depressa sufocado, pois o homem zurzia de novo a disciplina de bronze. O fulgor que transluzia em seus olhos não era mais desse mundo. O ódio cego que o enfurecia contra si próprio era bem a ira que nada acalma neste mundo; e se todo o sangue da raça humana corresse de um só jato, como holocausto, seria comparável tal monstruoso sacrifício a uma gota de água sobre ferro em brasa... Mas, no momento em que baixava o braço, seus dedos relaxaram-se e sentiu a mão tombar.

Ao mesmo tempo os flancos dobraram-se-lhe e todos os músculos se distenderam a um só tempo. Os joelhos cederam, o homem tombou no solo; para erguer-se, despendeu enorme esforço, cambaleou de novo, de braços estendidos, às apalpadelas, sacudido por convulsivo tremor. Em vão tentou chegar até a janela, para a pálida claridade de fora, entrevista sem reconhecê-la, através de seus olhos semicerrados. A medonha luta sustentada já era agora uma vaga lembrança, indeterminada, como de um sonho. Assim a ansiedade sobreviveà presença invisível, inexplicável, do pesadelo, na paz e no silêncio das madrugadas... Sentou-se aos pés da cama, deixou a cabeça cair e adormeceu.

Quando acordou, o sol enchia o quarto, badalavam sinos no céu límpido. Seu relógio marcava nove horas. Por um longo momento a claridade refletida à parede bastou para ocupar-lhe o pensamento, depois seus olhos fizeram lentamente a volta do quarto e ele espantou-se com a mancha brilhante no soalho de pinho, da corrente jogada ali. Então sorriu, com um sorriso de criança. Assim o horripilante drama estava acabado: estava acabado, eis tudo. Concluído enfim. Reparou o delírio sem nenhum ressaibo de amargura; à medida que os detalhes se apresentavam a seu espírito, ia afastando-os um a um, sem curiosidade nem cólera. Agora o pensamento como que flutuava mergulhado em suave claridade. Sentia-o mais plácido, mais lúcido, do que em

nenhum outro momento de sua vida, e singularmente liberto do passado. Não era mais a fadiga, o meio entorpecimento do despertar. Desfeitos os últimos obstáculos, achava-se a si próprio observando-se com uma consciência clara e ativa, mas com um desinteresse sobre-humano.

O sol ia alto. A barulhenta diligência de Beaugreman passou ao longo da estrada. A voz familiar de Menou-Segrais elevou-se no pequeno jardim, onde outra voz respondeu, mais aguda, a dagovernante Estelle... Donissan prestou atenção e ouviu seu nome pronunciado duas vezes. Num assomo ia jogar-se abaixo da cama. Mas apenas os pés tocam o solo, uma dor atroz o assalta e ele para de pé, no meio do quarto, quase aos gritos. O encantamento cessou de repente. Que tinha ele feito?

* * *

Um minuto ainda, imóvel, curvado sobre si próprio, tenta um segundo passo para o qual se esforça o corpo dolorido e sangrento. O espelho de sua mesa refletia-lhe a face como uma fantasmagoria. Os flancos nus, sob a camisa em tiras, eram uma grande chaga. O ferimento do peito sangrava ainda. Mas as lacerações mais profundas das costas e dos rins queimavam-no como uma chama intolerável, e porque tentasse levantar o braço, pareceu-lhe que a acerada ponta dessa chama penetrava-lhe até o coração... "Que fiz eu?", repetia em voz baixa, "que fiz eu? ..." A lembrança de ter de aparecer imediatamente diante do padre Menou-Segrais, a iminência do escândalo, cem outros pensamentos ainda acabavam de abatê-lo. Nem um minuto esse homem incomparável meditou para sua defesa sobre os demais servos de Deus, que um mesmo terror sagrado armara algumas vezes, contra suas próprias carnes... "Um passo a mais", dizia consigo mesmo, "e as chagas vão se reabrir.. sem dúvida será preciso chamar... "

Baixando os olhos, viu os sapatos grosseiros numa poça de sangue.

– Padre? – disse através da porta uma voz tranquila –, Padre?...

– Senhor Deão?... – respondeu no mesmo tom.

– A última chamada da missa vai soar, meu filho; é tempo, é tempo... Estará você doente?

– Um minuto, faz favor – responde padre Donissan calmamente. Sua resolução estava tomada, era arriscar a sorte.

Cerrando os dentes, deu um novo passo, um passo decisivo até a bacia onde mergulhou a toalha de pano grosso. Por que milagre suportou sem um lamento o contato da água gelada nas costas e nos flancos? Como conseguiu envolver aquele tronco sangrento em duas de suas pobres camisas? Cingiu-as com força para que esse grosseiro penso fizesse cessar a lenta hemorragia; mas a cada movimento as dobras entravam mais intimamente na carne. Lavou cuidadosamente o soalho, escondeu as roupas ensanguentadas, passou a escova nos sapatos, pôs tudo em ordem, desceu a escada e só não respirou, já na estrada, livre, porque não iria conseguir esconder de padre Menou-Segrais o arrepio da febre que lhe fazia tremer o queixo... Agora o vento do inverno chicoteava-lhe em cheio o rosto e ele sentia os olhos arderem dentro das órbitas como duas brasas. Através do ar cortante, saturado de uma poeira de neve, fixava inquieto o campanário iluminado de sol. Os casais endomingados saudavam-no passando; não os enxergava. Para percorrer esses trezentos metros, teve de se dominar umas vinte vezes, sem que coisa alguma denunciasse, no seu passo sempre igual, as peripécias da luta interior em que desperdiçava, jogava fora às mãos cheias as energias profundas, irreparáveis, essenciais a cada ser vivo.

No limiar do pequeno cemitério, os pregos dos sapatos escorregaram no sílex e, para levantar-se, teve de fazer um esforço sobre-humano. A porta não ficava mais do que a uns vinte passos. Conseguiu atingi-la. E também essa outra porta baixa da sacristia, além dos ladrilhos em xadrez estonteante, pretos e brancos, onde o reflexo dos vitrais dançava em seus olhos ofuscados... E a própria sacristia cheia do cheiro acre de verniz, de incenso e vinho entornado... Ao redor, os meninos

do coro, em suas vestes branco-rubras, giram, giram e zumbem como um enxame. Veste um por um os ornamentos, com gesto maquinal, de olhos fechados, remoendo as orações habituais em sua boca amarga. Ao amarrar os cordões da casula, não pôde conter um gemido e, até o pé do altar, o mesmo gemido imperceptível não se lhe ausentou dos lábios. Atrás dele, mil ruídos diversos se elevam até as abóbadas, para aí se confundirem num só murmúrio nessa sonora quietude, que deveria suportar de braços estendidos, no introito. Sobe titubeante os três degraus; para. Então olha para a Cruz.

Oh, vós, que nunca conhecestes do mundo senão cores e sons sem substância, corações sensíveis, líricos lábios onde as acres verdades se-mem-se como bombons – pequenos corações, pequenas bocas –, isso não é para vós. Vossas diabruras dão na medida de vossos nervos frágeis, de vossos preciosos crânios, e o demônio de vosso estranho ritual não é senão vossa própria imagem deformada, pois todo devoto do universo carnal carrega consigo o seu próprio demônio. O monstro olha para vós, rindo sem deitar-vos mesmo a sua garra. Nem ele está em vossos livros caducos, nem em vossas blasfêmias, nem em vossas ridículas pragas. Não está em vossos olhares cúpidos, em vossas mãos pérfidas, em vossos ouvidos vazios. Não o encontrareis ainda em vossa carne irrigada de lubricidade insaciável, pois nos lábios que beijais mordendo só há sangue aguado e corrupto. Entretanto, o demônio está ... Está na oração do homem só, em seus jejuns e em suas penitências, nos abismos de seus mais profundos êxtases, na calmaria de seu coração. É ele que envenena as águas lustrais ou arde na cera dos altares, mistura-se ao hálito das virgens, lacera com o cilício e a disciplina, corrompendo todos os caminhos. Ainda está nos lábios que se entreabrem no arremedo da verdade, no êxtase beatífico do justo, povoado de relâmpagos e clarões, até nos braços de Deus ele pode pairar. Dispensa-se de disputar tantos homens à terra, em que se arrastam como animais, esperando que ela os cubra amanhã. Esse

rebanho obscuro vai sozinho para seu destino... Na verdade, o ódio do inferno está reservado aos santos.

Então olha para a Cruz. Não reza desde a véspera e talvez ainda não reze. Em todo o caso, não é uma súplica que lhe sobe aos lábios. Na grande luta da noite já era demais encarar a situação com serenidade e devolver golpe por golpe: o homem que defende a vida num combate desesperado não pode arredar o olhar do que se passa à sua frente e não perscruta o céu de onde desce igualmente a luz sobre o bom e sobre o mau. Com a fadiga extrema, as recordações afluem em tumulto para aglutinarem-se em um mesmo ponto da memória, tal como os raios luminosos convergem para o centro da lente: formam uma única dor. Tudo o decepcionou ou enganou. Tudo é para ele escândalo e logro. Da mediocridade em que se estiolava, levou-o a palavra de Menou-Segrais a uma altura em que a queda é inevitável. O torpor de que emergira era preferível à alegria que o decepcionou, essa alegria ainda mais detestada por ter sido, um momento, tão querida!

Oh, desvairo da esperança, sorriso e beijo da traição! Do olhar parado e dos lábios mudos nada se ergue para o Cristo impassível, nada traduz a violência dessa alma em desespero. A sua face é a face do mau pobre, na alta janela iluminada, da sala do festim. Toda alegria é má, diz esse olhar. Toda alegria vem do demônio. Pois que não sendo digno, jamais, da preferência com que meu único amigo se iludiu, não me enganes mais muito tempo, não mais me chames, restituindo-me ao meu nada. Faze de mim a matéria inerte de tua obra. Não quero glória! Não quero alegria! Nem esperança quero mais! Que tenho eu a dar-te? Que me resta? Só esta esperança. Retira-a de mim. Toma-a. Se eu pudesse, sem odiar-te, em tuas mãos entregar-te-ia minha própria salvação. Eu me danaria por essas almas que por irrisão me confiaste, a mim, tão miserável!

Ei-lo a desafiar o abismo com a mais solene intenção, com o coração mais sincero.

III

O vigário tomou o caminho de Beaulaincourt e desceu para Étaples pela planície.

– É um passeiozinho de umas três léguas – dissera, sorrindo, Menou-Segrais. – Vá a pé, já que isso lhe agrada.

Ele não ignorava o gosto ingênuo do pobre padre pelas viagens de trem. Mas dessa vez, padre Donissan não corou como de hábito. Sorriu mesmo com pureza.

Enviava-o o deão de Campagne a seu confrade deÉtaples, atarefado com os exercícios finais de um retiro. Os dois redentoristas que, havia mais de uma semana, três vezes ao dia se esbofavam nos deveres da pregação, pediam tréguas. Seria desumano impor a esses infelizes a sobrecarga do confessionário: "Vosso jovem coadjutor poderia trazer-me o auxílio de seu zelo", solicitara o arcipreste. E padre Donissan correspondera solícito ao apelo.

Seguira, debaixo de torrencial chuva de novembro, a grandes passos, através de campos desertos. À sua esquerda, pressentia-se o mar, no limite do horizonte esmagado por um céu movediço, de cor cinza. À sua direita, as últimas colinas. Adiante, a planície silenciosa e imensa. A ventania que soprava dos lados do Oeste grudava-lhe a batina molhada sobre o corpo, espadanando sobre o homem a água

salobra empoçada nos caminhos. Entretanto, avançava a passo regular, para a frente, para a frente, sem se desviar, o grosso guarda-chuva de algodão debaixo do braço. Que teria ainda ousado pedir? Cada passo mais o aproximava da velha Igreja, já identificada – estranha cúmplice de sua angústia solitária. Então sua memória recompõe em torno do confessionário o pequeno povo feminino, rixento e sempre a disputar os primeiros lugares, mesmo com suas caras devotas e de olhar fingido, lábios santamente juntos ou maldosamente arregaçados – depois, perto do rebanho barulhento, os homens tão desajeitados e duros! ... Coisa singular! Desejar-se-ia poder dizer, a tal respeito, coisa encantadora! O rude jovem padre, recordando tudo isso, emociona-se com uma ternura inquieta, apressa o passo sem pensar, sorrindo tão doce e tristemente que um carreiro que passa tira-lhe o chapéu atarantado ... Esperam-no. Mãe nenhuma, regressando a casa a sonhar com seu menino que em breve envolverá em sua carícia, teve no olhar mais impaciência e candura ... Já desliza em seu leito de areia, o rio amargo, já a colina árida reponta, e lá longe já se vê o farol muito branco entre os pinheiros escuros.

Faz algumas semanas que padre Menou-Segrais não mais espera nenhuma revelação de coração tão discreto. O sombrio silêncio do vigário parecia antes menos impenetrável que seu humor atual, sempre igual, quase alegre. Ao padre Chapdelaine, cura de Larieux, que cada quinta-feira confessa padre Donissan, vinte vezes interrogou. O velho confessor afirma nada haver de extraordinário nas palavras de seu penitente e diverte-se imenso com os escrúpulos do confrade. "Uma criança", repete ele, "um verdadeiro menino, uma boa coisa" (ri até as lágrimas). "Mas o senhor vê em tudo, caro amigo, os mais singulares casos de consciência!..." (sério): "Desejaria que ouvisse nossas confissões. Vejamos! Todos nós passamos por essas coisas, no começo de nosso ministério: um pouco de inquietude e imaginação a par de

um desejo exagerado de orar, de orar continuamente..." (muito grave): "A oração é uma boa coisa, excelente. Não se deve abusar dela, porém. Não somos nenhum frade da Cartuxa, caro amigo, tratamos com boa gente, muito simples, mas cuja maioria esqueceu o catecismo. Não devemos voar alto demais nem perder o contato da vida" (rindo novamente). "Imagine: ciliciava-se. Não lhe direi com que instrumentos ousava castigar-se: o senhor não acreditaria. Proibi-lhe esses sacrifícios absurdos. Concordou imediatamente, sem discussão. Obedeceu-me, tenho certeza. Nunca encontrei ninguém mais dócil: uma cera mole."

Padre Menou-Segrais julgou inoportuno prolongar a discussão e, sempre prudente, fingiu render-se a tão bons argumentos. Mas pergunta a si próprio, com curiosidade: Por que diabo esse rapaz veio logo escolher, entre tantos, um imbecil como eu?... Acaba por perder o fio de suas deduções sutis. A verdade, no entanto, é tão simples! É que padre Donissan muito simplesmente escolheu entre todos o mais velho. Não por extravagância ou desdém, como se poderia crer; mas porque essa preferência pela antiguidade parece-lhe extremamente ajuizada, equitativa. Por isso, cada quinta-feira escuta o pequeno discurso do senhor Chapdelaine. Ele é o único no mundo capaz de recolher com tanto amor uma palavra pobre, a tal ponto que o orador surpreendido e lisonjeado acabou por achar sentido em sua própria barafunda.

... Ousaria esse jovem padre incomum confessar a si mesmo que procura de propósito a piedosa tolice? Talvez. Mas sabe tão pouca coisa do grande debate em que é comparsa! Sustenta confiante uma aposta impossível. Sem dúvida, a advertência solene de Menou-Segrais perturbou-o por algum tempo, depois outro trabalho endureceu-lhe de tal maneira o coração, que ficou como que fisicamente insensível ao aguilhão do desespero. No auge do mais temerário dos combates que um homem tenha sustentado contra si mesmo, eis que desiste de enfrentá-lo sozinho: porque, literalmente, não sente necessidade de nenhum apoio. O que poderia ser presunção não é nele senão simpli-

cidade: ilude-se com su a força como qualquer com sua fraqueza; julga estar realizando uma tarefa comum, habitual. Nada tem a dizer de si.

Abaixo de seus olhos, a cidadezinha se cobriu de sombras, parecendo descer sob o horizonte. Apressou o passo. Por que não pode alcançar, despercebido, o canto sombrio onde, até a ceia, depois à noite, ficará só – só atrás da frágil parede de madeira, o ouvido inclinado para as bocas invisíveis? Mas inquieta-se com os rostos desconhecidos com que terá de tratar. Recorda-se que não conhece bem o arcipreste: vira-o apenas na última Pentecostes ... E os dois missionários? Outros, talvez... Há alguns meses que o futuro cura de Lumbres se surpreende com certos olhares, certas palavras cujo sentido não alcança e que em sua ingenuidade curiosa julgava desconfiança ou desprezo; porém, pouco a pouco, esse estado de coisas cria em torno dele uma atmosfera estranha, em que se intimida. Faz-se mais humilde, foge das amizades novas, em vão! Sua própria solidão desperta o interesse dos mais indiferentes, sua timidez quase feroz os intriga, sua tristeza os atrai. Às vezes é ele mesmo quem rompe o silêncio, quando uma palavra mais solerte inesperadamente lhe desperta a emoção. E até que a surpresa silenciosa de todos o tenha reposto em si mesmo e que regresse ao mesmo mutismo, ele fala, fala com essa eloquência embaraçada, hesitante, como se o pensamento arrastasse a palavra, como um fardo... Porém, mais frequentemente, parece escutar com acurada atenção, o olhar ávido e doloroso, enquanto a prece íntima de seus lábios surpreende a arenga dos velhos padres indiferentes. Sua estranheza impressiona. Nenhum desses homens tem o pressentimento do magnífico destino que o espreita. Já basta que ele perturbe e divida.

E demais: que se pode conhecer desse homem singular? Não adianta observá-lo. Poder-se-ia espreitá-lo. À ordem do padre Chapdelaine, renunciou sem discussão às mortificações cuja crueldade o crédulo velho padre apenas imagina, pois as respostas que padre Donissan com sua franqueza habitual lhedá não o satisfazem. Mesmo essa franqueza

parece enganar. Para o vigário de Campagne, tudo isso está relegado ao passado, são simples episódios: por isso, confessa-os sem embaraço. Confessa, por exemplo, que para dominar a natureza não basta o azorrague. O Cura de Lumbres depõe mais tarde: "Nossa pobre carne com avidez inaudita consome indistintamente o prazer e o sofrimento". Podemos ler, escrito por sua própria mão, à margem de um capítulo dos *Exercícios de Santo Inácio*, essa ordem estranha: "Se achares que deves te castigar, bate forte e pouco tempo". Dizia também às irmãs do Carmel de Aire: "Lembremo-nos de que o demônio sabe tirar partido da prece excessivamente longa, como da mortificação exagerada".

"Nosso homenzinho recuperou a razão", afirma o cura de Larieux. E é verdade. É-lhe a cabeça serena e lúcida. Nunca se iludiu com as palavras. Se sua imaginação é um tanto curta, o coração consome até a própria cinza.

No crepúsculo o vento se acalma, uma leve bruma sobe do solo úmido. Pela primeira vez desde a sua partida, o vigário de Campagne sente-se fatigado. Já passou Verlimont e até a Igreja o caminho é fácil e sem acidentes. Contudo, para e acaba sentando-se no chão, no cruzamento das duas estradas de Campreneux e de Verton. Uma camponesa viu-o, a cabeça descoberta, as mãos cruzadas sobre o enorme guarda-chuva, o chapéu ao lado. "Que homem esquisito", disse ela.

Assim vergava sob seu próprio peso e a natureza vencida gritava em vão sua angústia. Nada o impedia de ouvi-la: apenas ele não a ouvia mais. Agia em todas as coisas como se a soma de sua energia fosse constante – e talvez o fosse, de fato. A certas horas, quando tudo vai faltar-lhe, o único repouso concebível é o de descer do seu eu e examinar-se com maior rigor. Para esse homem singular, a fadiga é sempre um mau pensamento.

Rememora os acontecimentos desses últimos meses. Não se sente arrependido das mortificações que por algum tempo exaltaram seu

ânimo. Antes que o padre Chapdelaine lhe houvesse pedido abster-se desse sacrifício, já o havia proscrito de seu coração. Não o haviam essas mortificações consolado e aliviado? Não lhe tinham reaberto essa fonte de alegria, que tentara secar? Agora é mais fiel como nunca à promessa feita um dia diante da Cruz, de repente revelada, no minuto inesquecível. A parte que escolheu não lhe será disputada. Nenhum homem audacioso fez antes dele esse pacto com as trevas.

Se não tivéssemos ouvido da própria boca do santo de Lumbres a confissão tão simples, mas tão dolorosa do que lhe aprouve denominar o período horrível de sua vida, nos recusaríamos, sem dúvida, a crer que um homem tenha cometido deliberadamente, com inteira boa-fé, como coisa simples e comum, uma espécie de suicídio moral cuja crueldade raciocinada, requintada, secreta, provoca arrepios. Entretanto, não é possível duvidar. Dias e dias, o homem cuja caridade entre meiga e sagaz, acendia a esperança no âmago de tantos corações, que pareciam vazios para sempre, procurou matar em si próprio essa esperança. Seu sutil martírio, tão perfeito e profundamente misturado à trama da vida, acabava por confundir-se com ela.

Nos primeiros dias era como uma fúria de contradizer-se e renegar-se. As leituras em que até então havia encontrado, não só alegria, mas também força, foram abandonadas, retomadas e de novo abandonadas. Aceitando por pretexto uma censura afetuosa do padre Menou-Segrais, começou a anotar e a comentar o *Tratado da Encarnação*. Vale a pena manusear esse livro de edição bastante rara, do décimo oitavo século, uma das joias da biblioteca do cura de Campagne; as margens desse caderno estão cheias de comentários rabiscados pelo padre Donissan. O grotesco dessas notas, o cuidado ingênuo que teve aconselhando o confronto dos textos com indicações de uma precisão um tanto cômica — até os solecismos de seu elementar latim, representam um tão grande esforço que, diante disso tudo, ninguém, por mais cruel, ousaria sorrir. Ainda sabemos que essas notas significam

um trabalho muito mais importante (inútil do mesmo modo) hoje ignorado e que provavelmente está mofando, no fundo de alguma gaveta, testemunha trágica das divagações de uma grande alma. De início, apenas desanimador, esse trabalho tornou-se depressa uma insuportável obrigação. O cura de Lumbres foi sempre um medíocre metafísico; daí se pode imaginar o minucioso suplício que inflige à inteligência, destituída dos elementos de conhecimento indispensável, a obsessão de um texto obscuro. A empresa, já de si temerária, se tornara em breve mais difícil, por complicações ridículas. Atarefado durante todo o dia, padre Donissan só se achava livre depois da meia-noite, tendo então perdido grande parte de seu tempo com a rotina diária do senhor Menou-Segrais. O astucioso deão só depois de algum tempo pôde penetrar esse novo segredo – o que lhe deu a chave para a compreensão de algumas alusões discretas em que se compraz a simplicidade de seu vigário. O desgraçado obrigou-se a trabalhar à luz de uma lamparina; e bem cedo começou a sofrer de nevralgias oftálmicas que acabaram de esgotá-lo, sem contudo dominá-lo. Pois essa última prova serviu-lhe de pretexto para novas loucuras.

Até este momento o cura de Campagne não havia encontrado calma nem consolo, a não ser na prece de sua preferência – a humilde prece falada. Muito tempo a simplicidade do santo de Lumbres fez-lhe duvidar de sua capacidade de orar com o coração e, no entanto, essa era a prece que ele diariamente e a todas as horas praticava. Resolveu vencer-se ainda uma vez.

Relutamos em registrar fatos tão simples, tão despidos de interesse, tão impregnados de verdade comum. Após uma noite de trabalho, ei-lo caminhando de um lado para outro, em seu pequeno quarto, as mãos para trás, cabisbaixo, contendo a respiração como o lutador que poupa as forças: padre Donissan está meditando, ainda está meditando obstinadamente os seus temas... O assunto escolhido de antemão, cuidadosamente repassado, de acordo com os melhores

métodos, estritamente sulpicianos, ele não o deixava enquanto não o tivesse esgotado de todo. Aliás, nesse novo empreendimento recorria a uma espécie de manual escrito por um padre anônimo no ano da graça de 1849: *A oração ensinadaem vinte lições, para uso das almas piedosas.* Cada lição estava dividida em três parágrafos: Reflexão, Elevação, Conclusão, seguida de um buquê espiritual. Algumas poesias musicadas por um religioso (adverte o prefácio) terminam essa coleção entoando, sob um ritmo caro a Mme. Deshoulières, as delícias e fervores do amor divino.

Pode-se examinar com os dedos, palpar esse horrendo livrinho. A encadernação é protegida por uma capa de pano escuro cuidadosamente costurada. As páginas amiúde consultadas transudam um cheiro enjoativo. Uma ruim gravura policroma ostenta à margem esquerda, traçada numa letra desmaiada, miúda e pérfida, esta frase misteriosa: "À minha querida Adolina, para consolá-la da ingratidão de certas pessoas...". Supremo testemunho, do pior mau gosto devoto... Quê! Será esse livro o vil e insignificante companheiro do homem de quem as criaturas mais arrogantes não podiam suportar sem embaraço o olhar pousado sobre suas frontes? Será esse livro o companheiro, o confidente do santo de Lumbres?

Que procurava através dessas páginas enfadonhas em que um padre ocioso cevou o seu enorme tédio? Que é que procurava, e principalmente que achou? Padre Donissan não nos deixou nenhuma obra de doutrina ou de mística, mas possuímos uns poucos de seus sermões e a lembrança de suas extraordinárias confidências está ainda muito viva no coração de vários. Nenhum dos que com ele tiveram contato duvidaram do sentido agudo do real de que fora dotado, da clareza de seu julgamento, da soberana simplicidade de seus caminhos. Ninguém mostrou mais desconfiança aos belos espíritos, mas para assinalá-los com um traço mais firme e mais duro. Por mais apático que possamos supô-lo nessa época de sua vida, como acreditar que tais

piedosos trocadilhos tenham alimentado sua oração? Teria pronunciado impunemente sem repulsa essas orações simplórias, respirado a detestável química dos buquês espirituais, chorado essas lágrimas de teatro? Rezaria, ou acreditando rezar, já não rezasse mais?

Fecha-se esse livrinho com enfado: o contato do pano sujo irrita-nos até os dedos. Desejar-se-ia conhecer, procurar fosse onde fosse o segredo da irrisória força que num momento tornou obscura a mais clara das almas. E então? A própria graça de Deus pode ser assim mistificada? Será que se pode ver sempre, ao virar a cabeça, atrás de si, sua sombra, seu duplo, o animal semelhante e observá-lo em silêncio?

Como é pesado esse livrinho!

Desse modo, o mal que sem tréguas o perseguiu até o último instante conseguiu quase tudo o que quis contra o miserável padre. Depois de tê-lo induzido a trabalhos fatigantes e absurdos, perfidamente apresentados à sua consciência como um sistema engenhoso de sacrifício e renúncia, despojando-o de todo consolo estranho, resolve combater o homem interior.

Dia a dia, esse cruel propósito corre mais fácil e mais célere. Cansado de se destruir, o obstinado camponês acaba tornando-se um raciocinador sutilíssimo contra si mesmo. Não há ato algum em sua vida de que não perscrute as causas, onde não descubra a intenção de uma vontade pervertida, nenhum repouso que não despreze e repila, nenhuma tristeza que não interprete logo como um remorso, porque tudo nele e fora dele traz o sinal da ira.

Entretanto, chegara o momento em que daria seu fruto, a obra cruel, realizando enfim seus malefícios totais. Oh! como somos loucos se não percebemos em nosso pensamento que é próprio da palavra incorporar incessantemente, ao universo sensível, o ser abstrato de que não temos a recear perigo algum, próximo e certo. Ai da cegueira que

não se reconhece refletida em outras faces já inimigas, de olhar odiento e boca amarga disfarçados!

Padre Donissan levantou-se e, fixando um momento a paisagem, quase toda oculta na sombra, sentiu-se perturbado por uma espécie de inquietação que logo dominou facilmente. Em frente o caminho mergulhava agora na direção do vale, entre duas altas rampas, cobertas de vegetação curta e rala. Fosse que elas o protegessem completamente do vento, que após o ocaso recomeçara a soprar, fosse por qualquer outra causa, o profundo e compacto silêncio já não era mais perturbado por nenhum ruído. E, conquanto a cidade ficasse perto e a noite apenas começasse, só escutou, apurando o ouvido, o vago frêmito da vida, tão pouco perceptível que o extraordinário silêncio ainda ficou maior. Depois, até esse murmúrio cessou.

Recomeçou a andar – ou melhor, pareceu-lhe depois que tinha andado depressa, por um caminho irrepreensivelmente liso e em doce declive, de solo elástico. O cansaço desaparecera e ao fim da longa caminhada sentiu-se surpreendentemente livre e leve. Sobretudo, a liberdade de seu pensamento o espantou. Desvaneciam-se as preocupações que o obcecavam havia algumas semanas, se tentava mesmo formulá-las. Capítulos inteiros de seus livros, tão dificilmente lidos e comentados, que aos pedaços exumava habitualmente da memória, apresentavam-se de repente em perfeitíssima ordem, com seus títulos, subtítulos, irrepreensível alinhamento dos parágrafos, notas marginais. Sempre andando, correndo quase, resolvera abandonar o caminho principal para encurtar distância pelos atalhos do Ravenelle, que, margeando o cemitério, desembocam mesmo em frente à Igreja. Meteu-se por ali, sem esmorecer o passo. Habitualmente encharcado, mesmo em pleno verão, por uma estagnada água salobra, esse caminho é trilhado por pescadores e boiadeiros. Com grande surpresa para padre Donissan, o solo lhe pareceu liso e seco. Isso alegrou-o. É verdade que a extraordinária atividade, a livre efervescência de seu pensamento

o haviam como que embriagado, mas seu olhar esperava identificar alguns detalhes familiares através da noite, a mancha de certa moita ou a volta brusca do caminho, o declive do solo em seu avanço na escuridão, a cabana do cantoneiro. Mas depois de ter andado bastante tempo, sentiu, ao contrário do que esperava, um declive leve, subitamente acidentado, para depois surgir-lhe à frente o mato denso de um campo. Reconheceu, então, o caminho deixado pouco antes. Talvez tivesse tomado sem ver algum atalho que o conduziu insensivelmente ao ponto de partida, no extremo da cidade, pois vira tão claramente (tão claramente na noite fechada?...) as primeiras casas dos arredores.

"Que contratempo!", pensou ele, sem decepção nem raiva. Tornou a pôr-se em marcha, decidido a não deixar mais o caminho principal. Andava, dessa vez, lentamente, com olhar alerta, sentindo a cada passo, debaixo das grossas solas dos sapatos, ranger a areia molhada pela chuva. As trevas eram tão espessas que, tão longe que alcançasse seu olhar, não descobria claridade alguma e nem ao menos algum reflexo, nenhuma dessas palpitações visíveis que são, dentro da noite, a irradiação da terra viva, a lenta corrupção do dia desterrado. Contudo, avançava com uma segurança maior, como que emparedado nessa noite escura que se abria e tornava a fechar atrás dele, tão estreitamente que parecia um abraço. Mas ia caminhando sem nenhuma angústia. Andava com passo certo e demorado. Coisa curiosa: habitualmente só se aproximava do confessionário com estranho receio e escrúpulo, mas agora o que o empolgava era uma sensação de impaciência qu ase alegre. A agilidade de sua reflexão era tal que experimentava como uma impressão física, ou excitação epidérmica, ou ainda a necessidade de despender em atividade muscular a sobrecarga de pensamentos e da imaginação, a doce febre que os raciocinadores e os amantes tão bem conhecem. De novo, aperta o passo, sem se aperceber. E sempre a noite a abrir-se e a fechar-se so bre si. O caminho se alo nga, parece arrastá-lo, fácil, plano, em declive suave. Sente-se disposto e leve, como depois

de calmo sono matinal. Agora atinge a última volta. Com um rápido olhar, procura a pequena casa, cor-de-rosa, no cruzamento da grande estrada com o caminho que, sem dúvida, deixara atrás sem ver. Mas nada consegue identificar, nem caminho nem casa – e na vila próxima, nenhuma luz. Para, não inquieto, mas curioso... Então, somente então – dentro do fundo silêncio sentiu o coração pulsar desusadamente. Percebeu que estava alagado de suor.

Ao mesmo tempo, havendo-se dissipado a ilusão que o impelia naquela caminhada, viu-se de repente moído de cansaço, as pernas travadas e doloridas, os rins quebrados. Os olhos durante tanto tempo arregalados e alertas na escuridão estavam agora sonolentos.

"Escalarei a escarpa", dizia a si próprio; "é impossível que não encontre lá em cima o que procuro. O menor sinal me permitirá me orientar... "

Repetia mentalmente a mesma frase com uma estúpida insistência. Um sofrimento intenso que se estendia da cabeça aos pés alcançou Donissan, quando se decidiu, afinal, levantar-se sobre as mãos e os joelhos na erva gelada. Pondo-se de pé, gemendo, deu ainda alguns passos, procurando a linha do horizonte. E com profunda surpresa, achou-se na orla de um campo desconhecido cuja terra recentemente revolvida tinha reflexos vagos. Uma árvore, que lhe pareceu imensa, estendia acima dele os ramos invisíveis de onde lhe vinha um leve sussurro. Tendo atravessado um pequeno fosso, notou que o solo mais firme e mais claro, entre duas linhas escuras, descobria a estrada. Da escarpa galgada, nem traço. De todos os lados a planície imensa, mais pressentida que entrevista, confusa, no limite da noite, vazia.

Não sentia medo; estava menos inquieto que irritado. Todavia, sua fadiga era tão grande que o frio se apoderou dele: começou a tiritar em sua sotaina molhada de suor. Deixou-se escorregar, ao acaso, incapaz de ficar de pé mais tempo. Depois fechou os olhos. Subitamente,

até na prostração do sono, uma certa inquietação o invadiu inteiramente. Era como um pesadelo lúcido que, atormentando pouco a pouco seu sono, acordava-o gradativamente. Contudo, num torpor semiconsciente, não ousava abrir os olhos. Tinha certeza absoluta de que o primeiro olhar lançado em redor traria ao seu temor vago e confuso qualquer coisa. Que coisa? Afastando enfim as mãos cujas palmas mantinha sobre as pálpebras cerradas, decidiu-se a encarar o choque de uma visão imprevista e terrível. Olhando bruscamente diante de si, percebeu simplesmente que tinha voltado pela segunda vez a seu ponto de partida, exatamente.

A surpresa foi tão grande, tão pronta a decepção mesma do seu temor, que ficou um instante ainda ridiculamente acocorado na lama fria, incapaz de movimento algum, de nenhum pensamento. Depois inspecionou o terreno em volta. Andava de um lado para outro, curvado, apalpando às vezes o chão com as mãos, lutando por encontrar as próprias pegadas e segui-las até o ponto misterioso onde devia ter deixado o caminho direito para, insensivelmente, voltar-lhe as costas.

Apesar de dominar em si qualquer resquício de medo, estava a ponto de não poder continuar sem ter primeiro decifrado aquele enigma – e era preciso que o decifrasse. Vinte vezes tentou romper esse círculo traiçoeiro em que se achava: em vão! A pouca distância, as pegadas se interrompiam, e teve de convir que trilhara até aquele momento o mato rasteiro, do lado de baixo, bastante cerrado para que sua passagem deixasse indício. Notou também que num raio de alguns metros o chão estava literalmente pisado. Um desencorajamento absurdo, um desespero quase infantil, fez-lhe subir as lágrimas aos olhos.

Efetivamente, o santo de Lumbres foi sempre o que os modernos chamam, em sua gíria, um emotivo. Pouco a pouco as ilusões e os enganos dessa noite se afiguram à sua simplicidade apenas como obstáculos a vencer. Uma vez mais, põe-se a caminho, desce a rampa,

primeiro lentamente, depois mais depressa, e mais depressa, enfim correndo. Crê-se ainda senhor de si, mas já não é para chegar que corre assim, corre da noite e de seu terror a que vira as costas: esse último esforço é uma fuga inconsciente. Não deveria ter atingido há muito tempo a pequena cidade inacessível? Cada minuto de atraso é, pois, um minuto de angústia.

De novo as duas escarpas surgem, baixam, elevam-se, e quando desaparecem de todo e mal podem localizar, sem ver a imensa planície, eis que o vento gelado silenciosamente lhe vergasta o rosto... Está certo de encontrar-se fora do caminho, sem que possa compreender em que instante o deixou. Corre mais, corre mais, ajudado agora pelo declive, o busto fletido, a batina arregaçada nas pernas magras – fantasma ridículo, desengonçado, estranhamente móvel, através das coisas estáticas. De cabeça baixa, topa afinal numa barreira mole e fria em que suas mãos deslizam; escorrega devagar na lama, os olhos fechados. E, antes de abri-los, sabe de antemão que continua perdido, que voltou.

Não se revolta ainda. Torna a levantar-se com um profundo suspiro e agita os ombros, como para endireitar a carga; põe-se em marcha novamente, virando decididamente as costas à traição. Avança com passo regular, dócil, no barro que se cola em seus sapatos, salta umas cercas baixas, um cercado de arame, evita outros obstáculos, às apalpadelas, sem voltar a cabeça, de novo, resoluto. Não desespera, não se propõe nenhum fim singular; aceita como uma aventura ordinária essa viagem tão estranhamente interrompida e não pensa de boa mente senão em voltar o mais depressa possível ao presbitério de Campagne, antes do dia nascer. Decidiu apenas fazer sua longa viagem. Se o padre Menou-Segrais surgisse subitamente diante dele, não havia dúvida alguma que, após cumprimentá-lo polidamente, lhe contaria essa história toda, em poucas palavras, como se relata um contratempo apenas aborrecido.

Depois de saltar um último fosso, ei-lo agora numa vereda estreitíssima, quase um sulco no meio das plantações. Lembra-se de tê-lo seguido, talvez, uma hora ou duas. "*Mas então estava só*" parece...

Pois há alguns instantes (por que não confessá-lo?) "não está mais só". Alguém anda a seu lado. É sem dúvida um homenzinho, muito vivo, ora à direita, ora à esquerda, adiante, atrás, mas de que distingue mal a silhueta – e que caminha e que caminha sem pronunciar palavra. Nesta noite traiçoeira não nos poderíamos ajudar mutuamente? Há necessidade de companhia e de uma voz amiga através deste grande silêncio, desta grande noite!

– Que noite comprida, hem? – disse de repente o homem.

– Sim, senhor – respondeu padre Donissan –, estamos muito longe do dia.

Deve ser provavelmente um jovem e alegre companheiro, pois sua voz, sem nenhum brilho, tem uma entonação de intensa vivacidade, verdadeiramente irresistível. Só sua presença o acalma; mas o pobre cura já está receoso de que sua breve resposta não tenha agradado o jovial companheiro, tão cheio de bom humor. Como a palavra humana é agradável e doce ao ouvi-la assim, inesperadamente! Padre Donissan lembra-se de que não tem amigos.

– Não lhe parece – disse o jovial notívago – que a escuridão aproxima as pessoas? É uma boa coisa; uma coisa muito boa, na verdade. A pessoa mais presunçosa não pode ter orgulho quando não pode ver. Suponha que nos tivéssemos encontrado em pleno dia: o senhor passaria por mim sem mesmo virar a cabeça. O senhor vem de Étaples?

Sem esperar resposta, adianta-se rapidamente a seu companheiro, segura o arame farpado de uma cerca que só ele vê, levantando-o cavalheirescamente para facilitar a passagem ao cura. Depois continua, com sua voz alegre:

– Sem dúvida vem de Étaples, e vai a Cumières?... Chalindry ou Campagne, não?

– A Campagne – responde o vigário, que não mente, falando assim.

– Não o acompanharei até lá – prossegue o moço, rin do, sempre amável. – Vamos cortar caminho através destes campos para Chalindry: conheço isso tudo muito bem; iria lá com os olhos fechados.

– Agradeço-lhe – diz o padre Donissan, cheio de reconhecimento. – Agradeço-lhe sua atenção e caridade. Outro qualquer me deixaria sem socorro; há gente boa a quem esta batina causa medo.

O rapaz assobiou com desdém:

– Tolos, ignorantes, bestas que nem ler sabem muitas vezes. Estou todo o santo dia com gente dessa laia, nos mercados, nas feiras de Calais até o Havre. Quanta tolice se ouve! Quanta bobagem! Olhe: o irmão de minha mãe é padre. Está ouvindo?

Novamente espichou o pescoço sobre uma cerca espessa e curta, eriçada de espinhos; com agilidade espantosa, tateou aquele obstáculo procurando saída. Achou-a facilmente à direita: era uma larga brecha pela qual meteu o vigário, afastando-se cortesmente para deixá-lo passar:

– Veja o senhor – disse ele –, não tenho necessidade dos olhos para orientar-me. Outro numa noite destas estava era bobeando até a madrugada. Não avalia como eu conheço isso a palmo!

– Mora aqui, não? – perguntou quase timidamente o vigário (pois à medida que se afastara da cidade, atormentado por uma sucessão de acontecimentos inexplicáveis, um pavor surdo, misturado de vergonha – semelhante à lembrança de um sonho impuro –, penetrava-lhe profundamente o coração; e agora que tudo ia passando, encontrava-se hesitante, com o desejo infantil de acolhedora presença, como de um braço a apertar).

– Não moro em parte alguma, por assim dizer – confessou o outro. – Viajo por conta de um vendedor de cavalos de Boulonnais. Ainda anteontem eu estava em Calais: quinta-feira devo estar em Avranches. Minha vida é dura, não me dá folga de mofar em parte alguma.

– É casado? – interrogou de novo Donissan.

O outro deu uma gargalhada:

– Só se for com a miséria. Não tenho tempo de pensar nessas coisas. Vamos, voltamos, sem nos prendermos. Nossa distração é passar ...

Calou-se; depois continuou um pouco embaraçado:

– Peço-lhe perdão, desculpe-me estar dizendo-lhe coisas dessa ordem a um homem como o senhor. Escute: não vamos por aqui não; o senhor tenha cuidado que à direita um pouco mais adiante tem vala empoçada.

Essa solicitude comoveu padre Donissan. Agora, sente o passo mais rápido, o cansaço quase desapareceu. Mas à medida que a fadiga se esvai, outra espécie de fraqueza o atinge, penetrando-lhe a vontade com um enternecimento pusilânime e pungente! Palavras afloram em seus lábios que a consciência mal controla.

– O bom Deus recompensará o trabalho que lhe dei – disse o padre. – Certamente é Ele que o coloca no meu caminho, no momento que a coragem me abandonava. Porque esta noite foi para mim uma dura e longa noite, mais dura e mais longa do que o possa imaginar.

Nada mais justo que o pobre vigário corte a narração ingênua dessa aventura. Mas o que realmente desejaria era falar, confiar-se, contemplar nesse olhar, desconhecido, mas amigo, compadecido de sua própria inquietação, a dúvida que já o assalta, seu contínuo pesadelo. Todavia, o olhar que encontra, ao levantar a cabeça, é mais assustado do que compassivo.

– Viajar por uma noite assim, sem lua, não é lá muito agradável – responde evasivamente o desconhecido. De Étaples a Campagne são bem umas quatro léguas de caminho ruim. Se o senhor não me houvesse encontrado, a etapa seria forçosamente muito mais longa. Cortando caminho como eu fiz, ganhamos dois quilômetros pelo menos. Mas felizmente chegamos agora mesmo na estrada de Chalindry.

(A estrada, perdida na noite, penetra em linha reta na planície informe.)

– Daqui a pouco vou deixar o senhor continuar sozinho – disse, parecendo sentido. – Tem muita pressa de chegar a Campagne?

– Tenho; estou muito retardado. Retardado demais.

– Eu ia lhe pedir... se fosse possível... esperar o dia amanhecer em minha casa, uma guaritazinha na orla do bosque de Saugerie; uma boa cabana de carvoeiros, entende? Com um fogão, lenha, tudo ...

Mas o convite é formulado dos lábios para fora: a hesitação da voz até então tão clara e franca surpreende o padre Donissan, decepcionado.

"Receia que eu aceite; vejo bem que ele tem pressa de se afastar de mim, de me deixar só em meu caminho! Também ele!", pensou o cura tristemente.

Essa suposição derrama-lhe na alma uma onda de amargura. Sua decepção é de novo tão grande, seu desespero tão repentino, tão veemente, que uma tal desproporção entre efeito e causa turva violentamente o que lhe resta de bom senso ou de razão.

(E, se consegue qualquer palavra imprudente, como estancar o pranto que não pode conter?)

– Vamos parar um instante – propõe o tratador de animais, desviando discretamente os olhos do pobre padre, sacudido pelos soluços. – Não se incomode; é a fadiga, o senhor está cansado demais. Conheço isso muito bem. O quê? Está chorando? Não faz mal, isso alivia...

Mas ajunta logo, meio sorridente:

– Perdão, senhor cura, o senhor vem de longe e ainda tem algumas léguas à sua frente...

Dizendo isso, estende no solo, à beira da estrada, seu sobretudo de lã grossa e obriga o companheiro a deitar-se, quase à força.

Ah! como o gesto desse rude samaritano é amigo e fraternal! Como resistir a essa ternura desconhecida? Como recusar a este olhar amigo as suas mágoas e as suas confidências?

E, todavia, Donissan, tão estranhamente humilhado, resiste ainda, recorre às últimas forças que lhe restam. Por mais espessa

que seja a noite que o invade, por fora e por dentro, julga-se com severidade, acha-se pueril e covarde, deplora o ridículo dessas lágrimas estúpidas. Quer queira, quer não, é difícil deixar de relacionar essa aventura, apenas menos misteriosa, com a alucinação que, algumas horas antes, o havia desnorteado incompreensivelmente. Mas mesmo assim, por que não admitir o presente encontro como um socorro, uma remissão? Estaria por acaso impossibilitado de acolher humildemente o conselho do homem de boa vontade que, assistindo-o, pratica, mesmo sem saber, a caridade do Evangelho?... Ah! É demasiadamente duro calar, repelir a mão que se estende! Sôfrego, arrebata essa mão, aperta-a, sente o coração aquecer-se estranhamente no peito. O que lhe parecia, um minuto antes, ingênuo ou temerário, parece-lhe agora sensato, necessário, indispensável. A humildade pode desdenhar do socorro?

– Não sei – começou o vigário de Campagne, não sei como fazê-lo compreender... ou desculpar ... Mas para quê? .. . O senhor julgaria melhor assim a minha miséria ... Meu amigo, é muito triste pensar que a um pobre padre como eu, tão covarde, tão poltrão, esteja destinada a missão de iluminar o próximo, de elevar-lhe a coragem... Mas quando até Deus me abandona... Sacudiu a cabeça, fez um esforço para se levantar e não pôde.

– O senhor está esgotado, completamente esgotado – replicou calmamente o outro. – Recomendo-lhe paciência, muita paciência. Um bom remédio, a paciência, padre ... Menos brutal que muitos outros, mas mais seguro!

– A paciência... – começou Donissan, com voz pungente. – A paciência... – Inclinara a cabeça sobre o ombro de seu singular companheiro, apoiado ao braço já familiar. Uma tontura cingia-lhe a cabeça com uma coroa flexível que se estreitava pouco a pouco, inflexível. Faltaram-lhe as forças, desfaleceu, os olhos abertos, falando como se sonhasse...

– Não! não foi a fadiga que me abateu a este ponto... sou forte, sim, sou forte, capaz de lutar por muito tempo; mas não assim, não contra certa gente nem desta maneira, em verdade ...

Pareceu-lhe que se arremessava no silêncio, com um mergulho, em oblíqua, muito doce. Depois, de repente, a duração mesma desse mergulho o assustou; mediu-lhe a profundidade. Com um gesto instintivo, rápido, com medo, levantou-se com as duas mãos sobre o ombro que o apoiava.

Então a voz amiga desta vez soou terrivelmente a seus ouvidos:

– É só um desmaio... nada mais... nada mais... Apoie-se em mim: não tenha medo! Ah! O senhor andou demais! Como está cansado! Há muito tempo que o sigo, que o assisto, amigo! Eu estava na estrada, sobre seus passos, quando o senhor procurava de quatro patas o caminho... Oh! oh! oh!

– Não o vi – murmurou o padre. Será possível? Estava lá mesmo? Poderia dizer-me?...

Não terminou. O mergulho em oblíqua tornou-se queda acelerada, em perpendicular. As trevas em que se afundava sibilavam em seus ouvidos como água profunda.

Afastando as mãos, apertou com os dois braços os fortes ombros e aí se agarrou desesperado. Mas o torso que apertava era duro e nodoso como carvalho, nem oscilou sob o seu peso. E o rosto do pobre padre sentiu o relevo e o calor de outro rosto desconhecido.

Em um segundo, em uma fração quase imperceptível de tempo, o próprio pensamento abandonou-o; só lhe era sensível o apoio encontrado – a densidade, a fixidez do obstáculo que o retinha, acima de um abismo imaginário. Entretanto ele aí se agarrava com todo o peso de seu corpo, com segurança crescente, desvairada. A vertigem como dissolvida no âmago do coração por misterioso fogo circulava-lhe lentamente nas veias.

Foi então, nesse mesmo momento e de repente, apesar de a certeza crescente se estender apenas no campo da consciência, foi então que o vigário de Campagne percebeu: quem havia fugido ao longo dessa execrável noite ele encontrara afinal. Era o medo? Era a convicção desesperada de que o que devia ser, de que o inevitável se cumprira? Era a alegria amarga do condenado que nada mais tem a esperar nem a exigir? Ou não seria antes o pressentimento do destino do cura de Lumbres? Em todo caso apenas se surpreendeu de ouvir a voz:

– Segure-se bem... não caia até passar esse pequeno acesso. Sou verdadeiramente seu amigo, meu camarada, amo-o com ternura.

Um braço cingia-lhe os rins, num amplexo lento, doce, irresistível. O padre deixou pender de todo a cabeça, aconchegando-a ao ombro amigo, estreitamente. Tão estreitamente que sentia na fronte e nas faces o calor da respiração.

– Dorme sobre mim, criancinha de meu coração – continuava a voz, no mesmo tom. – Segura-me firme, estúpida besta, padreco, meu camarada. Repousa, sim? Muito te procurei e te cacei. Aqui estás. Como me amas! E como me amarás ainda, porque não quero mais te abandonar, meu querubim, patife tonsurado, velho companheiro, para sempre! – Era a primeira vez que o santo de Lumbres ouvia, via, tocava aquele que foi o ignominiosíssimo conviva de sua existência dolorosa; e se acreditarmos em algumas pessoas que foram os confidentes ou testemunhas de uma certa prova indevassável, quantas vezes deveria ele ouvi-lo até a definitiva libertação! Era a primeira vez e entretanto o reconheceu facilmente. Foi-lhe mesmo recusado duvidar nesse minuto de seus sentidos ou de sua razão. Porque o cura de Lumbres não era dos que emprestam ingenuamente ao carrasco familiar (presente aos nossos pensamentos, chocando-os com seu ódio, conquanto com paciência e sagacidade) porte e estilo épicos... Qualquer outro que não fosse o vigário de Campagne, mesmo com igual lucidez, não teria podido reprimir, em tal conjuntura,

o primeiro movimento de medo ou a o menos um esgar de repugnância. Todavia, transido de horror, olhos fechados como para concentrar dentro de si o essencial de sua força, atento em poupar-se uma agitação vã, toda a sua vontade desembainhada como uma espada, fez o possível para dominar a angústia.

Porém, quando por uma irrisão sacrílega, a boca imunda colou-se-lhe aos lábios e lhe roubou o fôlego, a exacerbação de seu terror foi tal que a própria vida estacou suspensa, sentindo o coração esvaziar-se dentro do peito.

– Recebeste o beijo de um amigo – disse tranquilamente o tratador de bestas, apoiando-lhe os lábios ao dorso da mão. – Eu te enchi de mim, a ti, tabernáculo de Cristo, querido tolo! Não te assustes por tão pouco: beijei outros, antes de ti, muitos e muitos outros. Queres que te diga? Beijo a todos, acordados ou adormecidos, mortos ou vivos. Eis a verdade. Meu supremo deleite é estar com vocês, anões-deuses singulares, singulares criaturas! Falando com franqueza, eu nunca estou ausente. Vocês me trazem em sua carne obscura, a mim, cuja luz foi a essência, no tríplice recesso de suas tripas, eu, Lúcifer: .. eu que os arrolo, todos. Nenhum de vocês me escapa. Reconheço pelo cheiro qualquer animal do meu rebanho.

Retirou o braço com que ainda apertava os rins de Donissan e afastou-se célere, como para lhe deixar lugar onde cair. O rosto tinha a palidez e a rigidez do cadáver. A boca, levantada nos cantos por um ricto doloroso que se assemelhava a um horripilante sorriso, nos olhos duramente fechados, no espasmo de todos os traços, exprimia o mais negro sofrimento. Mas apenas adernou um pouco, continuando sentado sobre a aba do sobretudo, numa imobilidade sinistra.

Encarando-o com olhar oblíquo, logo desviado, o companheiro fez um imperceptível movimento de surpresa. Depois, fungando ruidosamente, tirou do bolso um grande lenço e calmamente enxugou o pescoço e a face.

– Chega de gracejos, senhor padre – disse ele. – A noite finalmente se tornou agradavelmente fresca nesta estação danada.

Deu-lhe no ombro um empurrão, como se empurra por brincadeira um objeto em equilíbrio instável, ou como as crianças fazem com o boneco de neve, quando com grande algazarra querem vê-lo esboroar-se. Mas o vigário de Campagne não oscilou; abriu lentamente os olhos. E sem que traço algum de seu rosto se distendesse, alongou entre as pálpebras um olhar duro e fixo.

– Padre! Senhor padre! Eh! padre!... – gritou o tratador de bestas com voz forte. – Que é isso, amigo? Você está frio... Eh lá!

Tomou-lhe as mãos numa só de suas largas palmas e com a outra começou a dar-lhe pancadinhas:

– Levante-se, com os diabos! Ponha-se de pé, sangue de barata! Porco! Está se congelando aí sem necessidade!

Escorregou os dedos na batina, palpando o coração. Feito isso, numa sucessão de gestos muito rápidos, mesmo instantâneos, tocou-lhe a fronte, os olhos e a boca. Tomou-lhe as mãos depois entre as suas, devolvendo ao homem o seu sopro. Cada movimento traía uma pressa um pouco febril, a do operário que acaba um trabalho delicado e teme ser surpreendido pela noite que desce ou por alguma visita importuna. Por fim, levando as mãos ao peito e agitado por um súbito estremecimento, como se tivesse mergulhado lentamente numa água profunda e gelada, pôs-se bruscamente de pé.

– Resisto ao frio – disse. – Resisto maravilhosamente ao frio e ao calor. Admiro-me, pois, de vê-lo aí ainda, nessa lama gelada, imóvel, sentado. Você deveria estar morto, palavra! É verdade que se esbofou demais, ainda há pouco, na estrada, meu caro amigo... Quanto a mim, confesso, estou com frio... estou sempre com frio... São coisas que você não me fará facilmente dizer... São verdadeiras, entretanto... Eu sou o próprio frio. A essência de minha luz é um frio intolerável... Mas deixemos isso. Você está vendo apenas diante de si um pobre

homem com as qualidades e os defeitos de sua condição. Um corretor de poldros normandos, bretões... Um tratador de bestas, não? Mas isso não vem ao caso! Quero é que considere o amigo, o companheiro desta noite sem lua, um bom companheiro... não insista! Não pense obter muitas outras informações sobre este inesperado encontro. Só desejo ser-lhe útil. Quanto ao mais, me esqueça, sim? Eu não o esquecerei. Suas mãos fizeram-me muito mal... e também sua fronte, seus olhos, sua boca... Sabe de uma coisa? Nunca mais os aquecerei: gelaram-me literalmente medula e ossos: sem dúvida essas suas unções, essa porcaria danada de óleos consagrados, feitiçarias! Bem, não falemos assim... deixe-me ir embora... Tenho ainda um estirão à frente e não estou cansado, pois não? Mas, enfim, vamos nos despedir aqui. Agora cada qual para seu lado.

Pôs-se a andar de um lado para outro, agitado, gesticulando, enraivecido, mas sem se afastar mais que alguns passos. É que o padre Donissan o seguia, para lá e para cá, com olhar tenebroso. E agora os lábios já não se mexiam em sua face imóvel. O que esse rosto agora exprimia era menos o temor que uma curiosidade sem limites. Poder-se-ia dizer: o ódio; mas o ódio sempre acende uma chama no olhar humano; o horror! Mas o horror é passivo e nenhum grito de angústia ou de pesar teria afastado os dentes cerrados sobre uma resolução feroz. O vão desejo de saber não tem também essa dignidade soberana. Ainda humilde em seu triunfo, cada vez mais completo e mais seguro, o vigário de Campagne não duvida que a vitória sobre tal adversário é sempre precária, duvidosa, de pouca duração. Que importa ver um instante o inimigo a seus pés, à sua mercê? Mas esse é o assassino de almas, de quem é preciso arrancar algum segredo.

De repente, o estranho caminheiro parou; parecia, com suas gesticulações, atado a invisível amarra, como um touro lançado. A voz que um momento antes atingira o mais agudo tom, retomou a acentuação habitual, pronunciando as seguintes palavras com alguma simplicidade:

– Deixa-me. Esta experiência está acabada. Julgava-te menos forte. Ver-nos-emos mais tarde, sem dúvida, oh! sem dúvida! Mesmo, se quiseres, não nos veremos nunca mais. Há um minuto que já não tenho poder algum sobre ti.

Retirou do bolso o largo lenço e enxugou freneticamente o rosto e as mãos. A respiração produzia entre seus lábios um sibilo doloroso.

– Não começa a ruminar tuas rezas. Cala-te. Teu exorcismo não vale um prego. Foi tua vontade que não pude tolerar. Oh! que singulares bestas são vocês!

Olhava à direita e à esquerda com inquietação crescente; voltou-se rápido, perscrutando a sombra atrás de si.

– Este andrajo começa a pesar-me – disse ele ainda, sacudindo violentamente os ombros. – Sinto-me mal nesta bainha de pele... Dá uma ordem e não acharás mais nada de mim, nem mesmo o cheiro...

Ficou um longo momento com o rosto entre as mãos, como para concentrar forças. Quando tornou a levantar a cabeça, Donissan, pela primeira vez, viu-lhe os olhos e gemeu. Figuremos um homem agarrado ao topo de um mastro e que perdendo de repente o equilíbrio visse cavar-se a seus pés, não o mar, mas todo o abismo sideral, borbulhando a trilhões de léguas, na espuma das nebulosas em gestação, através do vácuo incomensurável que vai ser atravessado em sua queda eterna, não sentiria, no côncavo de seu peito, mais absoluta vertigem. O coração bateu duas vezes mais furiosamente contra a arca do peito e parou. A náusea revolvendo-lhe as entranhas. Os dedos, com desesperada fúria, únicas coisas vivas em seu corpo transido de horror, arranharam o chão como garras. O suor escorria entre os ombros. O homem intrépido, arrebatado da terra pelo enorme apelo do nada, viu-se desta vez perdido, sem esperança. E contudo, nesse mesmo instante, seu derradeiro pensamento foi ainda um obscuro desafio.

Mas logo, num só impulso, a vida suspensa retomou seu curso nas veias, as têmporas pulsaram de novo. O olhar do outro sempre fixo no

seu parecia qualquer outro olhar, e a mesma voz falava a seus ouvidos, como se nunca houvesse calado.

– Vou deixar-te. Nunca mais me verás. Só me veem uma única vez. Fica na tua estúpida obstinação. Ah! Se soubesses o salário que teu senhor te reserva, não serias tão generoso, porque somente nós, digo-te eu!, somente nós não somos ludibriados e, do seu amor e do seu ódio, escolhemos, por uma sagacidade magistral, inconcebível a teu cérebro de lama, seu ódio ... Mas por que esclarecer-te sobre isso, cão que rastejas, animal submisso, escravo que arranja cada dia um senhor!

Baixando-se com singular agilidade, tomou ao acaso uma pedra do caminho, arremessou-a pronunciando as palavras da consagração que terminou com um tremendo rincho. Tudo isso se realizava com a rapidez do relâmpago. O eco da gargalhada pareceu reboar até o extremo horizonte. A pedra incandesceu, explodindo subitamente em luz terrífica. E sempre rindo, jogou-a na lama, onde se apagou com horripilante silvo.

– Isto é só uma brincadeira, uma brincadeira de crianças. Nem mesmo vale a pena ser visto. Todavia, eis a hora em que nos devemos separar para sempre.

– Vai-te! – disse o santo de Lumbres. – Quem está te impedindo?

A voz do cura era baixa e tranquila, não se sabe com que frêmito de piedade.

– Acolhem-nos com terror – respondeu o outro, com voz igualmente baixa –, mas não nos deixam ir tranquilos.

– Vai-te! – respondeu docemente o vigário de Campagne.

A medonha criatura deu um pulo, girou diversas vezes sobre si própria, com incrível agilidade, depois foi violentamente lançada, como por mola potentíssima, a alguns passos, com os braços estendidos, como um ser que procurasse em vão retomar o equilíbrio. Por mais grotesca que fosse essa inesperada cabriola, a sucessão dos movimentos, a violência calculada ou sua brusca parada, tudo isso

possuía tal singularidade que não era riso o que provocava. O obstáculo invisível contra o qual o negro lutador se chocara de repente não era, por certo, natural, porque, apesar de ter evitado o choque com destreza infinita, dentro da imensa solitude como em profundeza o solo tremeu rangendo.

Recuou lentamente, cabeça baixa, e sentou-se sem ruído, simulando humildade.

– Vós me apanhastes – disse ele, levantando os ombros. – Gozai de vosso poder todo o tempo que vos é dado.

– Não tenho nenhum poder – respondeu Donissan, com tristeza.

– Por que me tentas? Não! Esta força não vem de mim e tu o sabes. No entanto, te observo há alguns momentos com algum proveito. Tua hora é chegada.

– Isto não tem nenhum sentido – respondeu o outro docemente. – De que hora falais? Há ainda alguma hora para mim?

– É-me dado ver-te – pronunciou lentamente o santo de Lumbres. – Tanto quanto isto é possível ao olhar do homem, vejo-te. Vejo-te esmagado por tua dor até o limite do aniquilamento, que não te será concedido, oh, danada criatura!

A essas últimas palavras, o monstro rolou de alto a baixo da escarpa sobre o caminho, estorcendo-se na lama, presa de horríveis convulsões. Depois quedou imóvel, em arco, apoiado sobre a cabeça e os calcanhares, como um tetânico. E sua voz se elevou afinal, penetrante, aguda, num lamento:

– Basta! Basta! Cão ungido, verdugo! Quem te ensinou que de tudo no mundo o que mais tememos é a piedade, animal ungido! Faze de mim o que quiseres ... mas se me levares ao extremo ...

Que homem não teria ouvido com terror essa queixa proferida com palavras – e, contudo, fora do mundo? Esse homem teria duvidado de sua razão? Mas o santo de Lumbres, com o olhar pregado no chão, só pensava nas almas cuja perdição seu adversário havia causado.

Todo o tempo que durou a prece, o outro continuou a gemer e a ranger os dentes, mas com força decrescente. Quando o vigário de Campagne se levantou, ele calou-se de todo. Jazia no solo como um corpo inânime.

– Que querias de mim esta noite? – perguntou Donissan com tanta calma como se se dirigisse a uma pessoa de suas relações. Do corpo inânime uma nova voz subiu:

– É-nos permitido experimentar-te, desde este dia até a hora de tua morte. Nada fiz senão obedecer a alguém mais poderoso! Não me culpes, oh! justo, não me ameaces com tua piedade.

– Que querias de mim? – repetiu o padre Donissan. – Não tentes mentir. Tenho poderes de fazer-te falar.

– Eu não minto. Responder-te-ei. Mas relaxa um pouco tua reza. Para quê, se obedeço? Ele me mandou a ti, para experimentar-te. Queres que te diga com que prova? Dir-te-ei. Quem te resistiria, oh, meu senhor?

– Cala-te – respondeu Donissan com a mesma calma. – A prova vem de Deus. Esperá-la-ei, sem nada querer saber, principalmente de uma tal boca. É de Deus que recebo nesta hora a força que não podes vencer.

No mesmo instante o que jazia diante dele se sumiu, ou melhor, as linhas e contornos se confundiram numa vibração misteriosa, como os raios de uma roda girando a toda velocidade. Depois esses traços se reconstituíram lentamente.

E o vigário de Campagne viu subitamente diante de si seu duplo, uma semelhança tão perfeita, tão sutil, que se poderia comparar não à imagem refletida num espelho, mas ao singular, único e profundo pensamento que cada um alimenta de si mesmo.

Que dizer? A sua frente estava o seu próprio rosto macilento, a sua pobre batina suja de lama, o gesto instintivo de sua mão sobre o

coração; estava ali o seu olhar, e nesse olhar havia medo. Jamais sua consciência, impelida a examinar-se, chegara por si só a esse desdobramento prodigioso. A observação mais sagaz, voltada para o universo interior, só apanha um aspecto, de *per si*. E o que descobria o futuro santo de Lumbres, nesse momento, era o conjunto e o detalhe, os pensamentos com suas raízes e prolongamentos, a infinita rede que os liga entre si, as menores vibrações de sua vontade; dir-se-ia um esfolado mostrando no desenho de suas artérias e veias a palpitação da vida. Essa visão, simultaneamente una e múltipla, tal como um homem que apanhasse com o olhar os objetos em suas três dimensões, era de uma nitidez tal que o pobre padre se reconheceu, não somente no presente, mas no passado, no futuro, em toda a sua vida enfim... O Senhor, somos assim transparentes ao inimigo que nos espreita? Somos entregues tão desarmados ao seu calculado ódio?

Por um momento assim ficaram, face a face. A ilusão era demasiado sutil para que Donissan sentisse propriamente terror. Qualquer esforço que fizesse não lhe era de todo possível distinguir-se de seu duplo, pois guardava pela metade o sentimento de sua própria unidade. Não, não era terror, mas uma angústia de ponta tão acerada que a simples ideia de invectivar essa aparência, assim postada à sua frente como um inimigo revestido da carne que Deus lhe dera, pareceu-lhe quase insensata. Porém se atreveu.

– Retira-te, Lúcifer! – disse ele, os dentes cerrados...

Mas as palavras estrangularam-se na garganta e a mão pôs-se a tremer ao levantá-la contra si próprio. Entretanto, alcançou-lhe o ombro, sentiu-lhe a espessura, sem morrer de susto, apertou-o como para quebrá-lo, machucou-o com os dedos, desesperado. Seu rosto estava diante dele, também diante dele estava o seu próprio olhar, a respiração de sua face, o calor de sua mão... Depois tudo desapareceu.

Da massa inânime que ainda jazia na lama, a voz se elevou de novo.

– Tu me quebras, me machucas, me devoras — gemia ela. – Que homem és para aniquilares uma visão tão preciosa antes de tê-la sequer contemplado?

– Não é disto que preciso – disse Donissan. – Que m'importa conhecer-me? O exame pessoal, sem outra luz, basta a um pobre pecador.

Assim falava, mau grado a sensação da visão perdida o haver atingido em todas as suas fibras. A vertigem de uma curiosidade sobrenatural, de ora em diante sem efeito para sempre, deixava-o arquejante, vazio. Mas ele pensava ter chegado ao fim.

– Chegaste ao fim de tuas astúcias – falou ele à coisa palpitante que seu pé empurrava para fora do caminho. – Quem sabe o tempo de que ainda disponho? Apressemo-nos! Apressemo-nos!

Inclinou-se para ela menos para ouvir que por um gesto instintivo de fervor que o agitava:

– Responde pois! – traçou o sinal da cruz, não sobre o objetivo, mas em seu próprio peito. – Entregou-te Deus minha vida? Devo morrer aqui mesmo?

– Não! – disse a voz com a mesma entonação pungente. – Nós não dispomos de ti.

– Nesse caso, que eu viva, que eu viva um dia ou vinte anos, deverei arrancar teu segredo. Arrancá-lo-ei, ainda que tivesse de seguir-te até onde se encontram os teus. Não tenho medo de ti! Não tenho! Agora te tornas aos meus olhos, novamente obscuro, mas ainda há pouco te vi, oh, danado! Não perdeste já bastantes almas? Tens necessidade ainda de outras presas? Estás entre minhas mãos. Experimentarei o que Deus me inspirar. Pronunciarei palavras que te causam horror. Pregar-te-ei no centro de minha prece como um morcego. Renunciarás a toda ação contra as almas que me são confiadas.

Com grande surpresa do padre e no instante mesmo em que acreditava despender sua maior força com real vantagem, viu a forma

inânime agitar-se, intumescer-se, retomar a forma humana do jovial companheiro de jornada que lhe respondeu:

– Tenho muito menos medo de ti e de tuas rezas do que daquele... – começada num riso de escárnio, sua frase termina num tom de terror. – Ele não está longe... farejo-o há alguns instantes... Oh! Oh! como este senhor é duro!

Tremeu dos pés à cabeça. Depois a cabeça se inclinou sobre o ombro e o rosto se iluminou de novo, como se ouvisse decrescer o passo do inimigo. Continuou:

– Tu me cercaste, mas vou escapar! Interromper minha ação? Louco! Ainda não me fartei de sangue cristão! Hoje uma graça te foi feita. Pagaste-a caro. Paga-la-ás mais caro!

– Que graça? – gritou Donissan.

Desejaria ter contido essa palavra, mas o outro dela logo se apoderou. A boca impura teve um frêmito de alegria.

– Assim como viste a ti mesmo ainda agora (pela primeira e última vez), assim verás... verás... Ah! Ah! Ah!

– Que queres insinuar, mentiroso?

Como se o grito da curiosidade, a despeito do ultraje, o houvesse totalmente reposto em seu equilíbrio, o ser estranho levantou-se lentamente, sentou-se com afetada calma, abotoou tranquilamente o casaco de couro. O tratador de bestas estava no mesmo lugar, como se nunca dali tivesse saído. A mão do futuro santo de Lumbres tombou ao longo do corpo. Coisa estranha! Depois de ter enfrentado tantas visões singulares e ferozes permitia-se apenas levantar os olhos para esta aparência inofensiva, esse homem tão prodigiosamente encontradiço e trivial. E o contraste entre esta boca de tom familiar e a de ricto canalha e palavras monstruosas era tal que ninguém diria serem a mesma.

– Não fujas tão depressa. Não sejas tão guloso de nossos segredos. O futuro bem próximo provará se menti ou não. Demais, se tivesses tido o trabalho de ver o que há pouco te coloquei diante dos olhos, não

estarias agora me injuriando – empregara outro termo. – Assim como te viste a ti mesmo, digo-te, verás alguns outros ... Que pena, estragar-se dádiva tão grande com um asno como tu!

Soprou nas mãos juntas diante dos lábios, como um homem invadido por intenso frio. Os olhos riam na face avermelhada e sua extrema mobilidade, sob as pálpebras semicerradas, podia exprimir tanto o sarcasmo como o orgulho. Prevaleceu o sarcasmo:

– Oh! Oh! Oh! que embaraço, que mutismo! Você há pouco estava mais loquaz, implacável conosco, exorcista, taumaturgo, santo de meu coração!

A cada gargalhada, padre Donissan estremecia para recair logo em imobilidade estúpida, o cérebro entorpecido esvaziava-se de qualquer pensamento.

O outro esfregava vivamente as mãos.

– Que graça?.. . Que graça?... repetia, imitando comicamente o padre. No combate contra nós, o passo em falso é coisa facílima. Tua curiosidade entrega-te a mim por um momento.

Aproximou-se, confidencial:

– Vocês, presunçosos, pequenos deuses, nada sabem a nosso respeito. Mas nosso ódio é paciente! Nossa constância é muito lúcida! É verdade que Ele nos fez servir a seus desígnios porque sua palavra é irresistível. É verdade – por que negar? – que a empresa dessa noite foi arranjada para me confundir. (Ah! quando há pouco ia quase te vencendo, o pensamento dele fixou-se em ti e teu próprio anjo tremia dentro do fogo de meus relâmpagos!). Entretanto, teus olhos de lama nada viram.

Gargalhava numa espécie de relincho:

– Hi! Hi! Hi! De todos os que vi marcados, com o mesmo sinal, és o mais pesado, o mais obtuso, o mais compacto! Tu cavas teu sulco como um boi, enfrentas o inimigo como um bode... De alto a baixo! Boa mira!

Padre Donissan, sempre sacudido por bruscos estremecimentos, olhava-o com um pavor mudo. Todavia, alguma coisa como uma prece, hesitante, confusa, informe, pairava-lhe na memória sem que a consciência pudesse compreendê-la ainda. E parecia que o coração se aquecia dentro do peito.

– Nós te trabalharemos com inteligência! Qualquer dano que nos causares, receberás dobrado. Não há nenhum vilão de quem não possamos tirar partido. Vamos retirar-te estas banhas, precisas ficar mais ágil!

Aproximou a face palpitante de sangue rubro:

– Tive tua fronte no meu peito; embalei-te em meus braços. Quantas vezes me acariciarás ainda, acreditando apertar o outro sobre teu coração! Esta é a tua sina. Este é o selo do meu ódio.

Pôs as mãos sobre os ombros do padre, forçou-o a dobrar os joelhos, tocar o chão... Mas rápido, de um impulso, o vigário de Campagne jogou-se sobre ele. E só encontrou o vácuo e a sombra.

* * *

– Novamente a noite envolveu o padre e sua alma. Não se sentia capaz de movimento algum. Só vivia pelo ouvido, pois escutava palavras proferidas em volta, mas sem consistência, como suspensas no ar, na irrealidade deum sonho. Depois, por um grande esforço, conseguiu atribuí-las a seres vivos muito próximos. Um desses personagens – imaginário ou não – afastou-se. Escutou-lhe a voz decrescendo, decrescendo e o rumor dos passos que se afastavam. Agora se sentia amparado por um braço cuja pressão lhe fazia doer o ombro. Qualquer coisa lhe magoava os lábios. Um gole ardente atravessou-lhe a garganta, queimando-lhe o peito. A escuridão em que se debatia o olhar se entreabriu. Uma luz difusa banhou-lhe lentamente os olhos. Moveu-se devagarinho. E reconheceu, pousada no chão, a alguma distância, uma dessas lanternas que os

pescadores usam nas noites de ventania. Um desconhecido amparava-o fazendo sorver o gargalo dum cantil de soldado.

– Senhor padre – disse o homem –, já não é muito cedo...

– Que é que você quer? – balbuciou Donissan. Falava com lentidão. Mas a visão pairava-lhe ainda no olhar; por isso o homem teve um movimento de surpresa e de susto que pareceu incompreensível ao pobre padre acabrunhado.

– Eu sou João Maria Boulainville, carreiro em Saint-Pré, o irmão de Germana Duflos, de Campagne, lembra-se? Conheço-o muito. O senhor está melhorando agora?

Dizendo isso, baixou os olhos, tímido, cheio de piedade.

– Encontrei-o desmaiado no caminho. Um rapaz de Marelles, negociante de cavalos, ao voltar da feira deÉtaples, já o havia encontrado antes de mim. Fomos nós dois que o trouxemos para cá.

– O senhor viu esse homem? – gritou padre Donissan. – Ele está aí!

Levantara-se tão bruscamente que quase derrubou João Maria Boulainville.

E o homem simples, interpretando a seu modo, um interesse tão singular:

– Quer alguma coisa com ele? Quer que o chame? Não deve estar muito longe.

– Não, meu amigo – disse o vigário de Campagne –, não o chame. Estou bem melhor. Deixe-me dar sozinho alguns passos.

Afastou-se cambaleante, firmando o passo à medida que andava.

Quando poucos minutos depois voltou ao mesmo lugar, se sentia bem calmo.

– O senhor conhece-o? – perguntou.

– A quem? – atalhou o outro, surpreendido.

E logo, compreendendo:

– O rapaz de Marelles! – exclamou alegremente. – Sim, eu o conheço! Ainda o mês passado, na feira de Fruges, me vendeu duas

potrancas. Mas se confia em mim, senhor padre, faremos lado a lado um pedaço de caminho. Andar lhe fará bem. Vou às pedreiras de Ailly, onde trabalho. Daqui até lá o senhor irá experimentando as forças. Sentindo-se pior, arranjará um carro com Sansonnet, no cabaré da Pie Voleuse.

– Vamos, sim vamos. Minhas forças voltaram. Estou bem melhor, meu amigo.

A reencetar a caminhada foi que o padre Donissan conheceu o verdadeiro sentido desta frase: "Um próximo futuro provará se menti ou não".

Iam a princípio devagar, depois mais depressa, por um caminho áspero, tão cheio de alagados, desde o outono, que os transeuntes não os usavam mais no inverno por impraticável, a não ser por ocasião das fortes geadas. Tal como estava, era impossível ir-se nele, lado a lado. Assim, o carreiro caminhava adiante; o vigário seguia-o com os olhos baixos, atento aos obstáculos, plantando com cautela os grosseiros sapatos, preocupado em não retardar a marcha do companheiro. O corpo tremia-lhe ainda de frio, fadiga e febre, sofrimentos que sua trágica simplicidade começara a esquecer com todo o cortejo de prodígios dessa extraordinária noite. Não era o embrutecimento que sobrevém ao extremo esgotamento; deliberava tão somente não se cansar esmiuçando o que lhe acontecera. Transferia ingenuamente o exame para momento mais favorável, sua próxima confissão, por exemplo. Outro qualquer se aferraria à dupla angústia de ter sido joguete da pior insânia ou de terríveis provas sobrenaturais! Ele, porém, mal se sentira liberto do terror, esperava submisso a próxima agressão do inferno e ao mesmo tempo a graça necessária de Deus. Possesso, louco ou alucinado, não importa; o que importa é que a graça prometida não lhe falte. Aguarda a visita do consolador com a confiança do menino que ao atingir-lhe a fome, eleva os olhos para o pai; e mesmo na extrema penúria não pode duvidar do pão de cada dia.

Andaram juntos uma hora em direção às pedreiras de Ailly, mais de três quartos de caminho. A estrada era-lhe desconhecida e por isso não arredava pé nem para a direita nem para a esquerda dentro do caminho. Às vezes escorregava: a lama salpicava-lhe o rosto, atingia-lhe as pálpebras. Essa contínua tensão de espírito junta a uma espécie de resistência interior a defesa instintiva da imaginação já esgotada desviavam-lhe o pensamento de certa sensação nova, indefinível, que lhe seria custoso analisar, mesmo que lhe houvesse prelibado o gosto. Pouco a pouco essa sensação se tornou tão viva – ou para melhor dizer (porque o solicitava com particular doçura), tão persistente, tão contínua, que se sentiu perturbado. Viria ela de fora ou de si mesmo? Era como um calor imaterial, expandindo-se gradualmente no âmago do peito, e era também alguma coisa mais, uma realidade tão próxima, tão solícita, que duvidou um momento se o dia houvera raiado ou se era ainda o luar. Por que não ousava levantar os olhos?

Ia com a vista fixada no chão, as pálpebras quase fechadas, não via luz nenhuma, a não ser o reflexo da água lodosa. E contudo parecia atravessar uma luz doce e amiga, uma poeira dourada. Temia, pois, que essa ilusão tão grata se desfizesse ao elevar os olhos para encará-la. Tudo era como misteriosa alegria. Não receava essa alegria, sentia que não poderia fugir-lhe como de tantas outras, antes de tê-la identificado. Solicitavam-no, não o constrangiam, chamavam-no. Esquivava-se com brandura, sem relutâncias, crente de ceder cedo ou tarde a essa força imperiosa, mas benfazeja. "Farei ainda dez passos, dizia consigo. Farei ainda dez outros, de olhos baixos. Depois ainda dez outros..." Os tacões do carreiro soavam alegres em terreno mais firme e seco. Escutava-os enternecido. Percebia pouco a pouco que esse homem era decerto um amigo, que uma estreita amizade, uma amizade celeste, de celeste lucidez ligava à sua pessoa numa aliança anterior. Lágrimas vieram-lhe aos olhos. Assim se encontravam dois eleitos, nascidos um para o outro, em clara manhã nos jardins do Paraíso.

Haviam chegado ao cruzamento de duas estradas; uma, em declive suave, conduz à vila; outra, cavada pelas carroças, desce até as pedreiras. Ouviam-se ao longe o apelo de um galo e vozes humanas, de outros carreiros talvez que se iam ao trabalho, àquela hora matinal. Nesse momento padre Donissan levantou os olhos.

Estaria mesmo ali diante de si o companheiro? Não acreditou logo. Seria o ser que seus olhos viam, na verdade, uma pessoa humana, mortal como ele próprio? A noite apenas permitia descobrir-lhe, envolta nas trevas, a silhueta amiga, e no entanto a impressão que o dominava era a da luz emanada dele, luz doce, igual, viva, refletida no seu pensamento, verdadeiramente soberana. Era a primeira vez que o santo de Lumbres assistia ao silencioso prodígio, que deveria tornar-se para si tão familiar, embora parecesse que seus sentidos não o aceitassem sem luta. Assim, um cego de nascença, que recupera a vista de repente, estende para as coisas desconhecidas os dedos trêmulos, espantando-se de não abarcar-lhes à vontade as dimensões. De que forma teria conseguido iniciar-se o jovem padre nesse novo modo de conhecimento, inacessível aos demais homens? Viu o companheiro diante de si, via-o sem poder duvidar, apesar de não distinguir-lhe as feições nem identificá-lo como um ser terreno. E todavia, sem nada recear, olhava para a misteriosa claridade com uma confiança serena, uma fixidez calma, não para penetrá-la, mas certo de ser por ela penetrado. Estava crente de que longo tempo decorrera, mas realmente tudo não passara de um relâmpago. E de repente ele compreendeu.

"Assim como te viste a ti mesmo...", tinha-lhe dito a medonha testemunha. Era assim. Ele via. Via com os olhos da carne o que está oculto à visão mais penetrante – à mais sutil intuição –, à mais percuciente análise: uma consciência humana. Certamente, nossa natureza nos é parcialmente dada; nós nos conhecemos, sem dúvida, um pouco mais claramente que a outrem, mas cada qual deve descer em

si mesmo, e à medida que desce, as trevas se tornam mais espessas até o obscuro cerne, o eu profundo onde se agitam as sombras dos antepassados, em que brame o instinto, como um rio debaixo da terra. E eis que este miserável padre se vê subitamente transportado ao mais íntimo de um outro ser, nesse mesmo ponto onde penetra o olhar do juiz. Tinha consciência do prodígio e estava deslumbrado por ser esse prodígio tão simples e sua revelação tão doce Essa violação da alma, que outra pessoa teria imaginado com uma espetacular *mise en scène* de raios e trovões, agora que se tinha realizado, não o assustava mais. Talvez se surpreendesse de vir-lhe essa revelação tão tarde. Sem poder expressar (porque nunca o soube realmente), sentia que esse conhecimento provinha de sua natureza, que a inteligência e as faculdades de que o homem se orgulha não haviam colaborado nele, que tudo era só e simplesmente a efervescência e a expansão da caridade. Já incapaz de julgar-se digno de uma graça tão singular, na sinceridade de seu humilde pensamento, estava prestes a se acusar de ter retardado por culpa própria essa iniciação, de não ter ainda amado bastante as almas, pois que as havia desconhecido. Um tal dever era tão simples e tão próximo o alvo se ele se houvesse decidido a isso. O cego ao integrar-se no sentido que lhe é restaurado não se admira de atingir com o olhar o longínquo horizonte, só atingido antes, com tremenda canseira, através dos obstáculos do caminho.

E sempre e sempre lá ia o carreiro na frente, com passo tranquilo. Um instante, Donissan se surpreendeu com o desejo de chegar-se a ele, juntar-se a falar-lhe. Um instante apenas durou isso. Essa alma que inesperadamente se lhe abria penetrava-o de respeito e de amor. Era uma alma simples e sem história, cotidiana, atenta a modestas preocupações, mas sua humildade soberana, como uma luz celeste, envolvia-o de suavidade. Que lição, para esse pobre padre atormentado, obcecado pelo medo, a descoberta desse justo ignorado por todos e por ele mesmo, submisso a seu destino, a seus

deveres, aos humildes amores de sua vida, sob os olhos de Deus! E um pensamento veio-lhe espontaneamente, acrescendo ao amor e ao respeito – uma espécie de temor: não era diante deste e só deste que o outro fugira?

Quis parar aí, a fim de não privar-se desta magnífica visão. Procurava em vão a palavra que devia ser dita. Mas parecia-lhe que toda palavra era indigna. Essa majestade do coração puro fazia parar as palavras em seus lábios. Seria possível, que dentro do torvelinho humano, confundido com os homens brutos, testemunha dos vícios que sua simplicidade ignorava; seria possível que esse amigo de Deus, esse pobre entre os pobres, conseguisse preservar-se com retidão e pureza infantil, evocando a imagem de um outro artífice, não menos obscuro, não menos desconhecido – o carpinteiro campônio, guarda da rainha dos anjos, o justo que viu o Redentor face a face e cuja mão não tremia sobre a plaina e o cepilho, preocupado em atender a clientela e ganhar honestamente seu salário?

Ai dele! De certa forma essa lição seria vã. Esse padre que jamais conhecerá a paz é chamado a dispensá-la a outrem. Sua missão quer limitar-se aos pecadores. O santo de Lumbres trilha um caminho de inquietações e lágrimas.

Haviam atingido o cruzamento das estradas sem que Donissan saísse de seu mutismo. Saboreava essa doçura com o pressentimento de que era uma das raras etapas de sua miserável vida. E, entretanto, estava já prestes a deixá-la como a tinha recebido, devolvendo-a ao esquecimento.

O carreiro parou e, alisando o boné:

– Chegamos, sr. Padre. Sua estrada segue em linha reta: uma légua e meia. Já está de todo firme? Se não está, posso acompanhá-lo até a casa de Sansonnet.

– Não precisa, meu amigo – respondeu o vigário. – A caminhada fez-me bem. Vou, pois, dizer-lhe adeus.

Por um instante, desejou tornar a vê-lo, mas logo lhe pareceu preferível relegar o novo encontro à mesma vontade que tinha preparado o primeiro. Quis também abençoá-lo. Não se atreveu.

O padre olhou uma derradeira vez o companheiro. Pôs nesse olhar todo o amor que iria dispensar a tantos outros. E esse olhar o camarada humilde não viu. Apertaram-se as mãos, às apalpadelas.

* * *

A estrada abria-se de novo à sua frente. Reconheceu-a. Caminhou depressa, muito depressa, agradecendo intimamente a Deus o que lhe tinha sido permitido ver. Andava como envolto pela misteriosa luz que o empolgara, cuja presença não estando mais ali, deixara-lhe entretanto em torno de si alguma coisa mais que uma simples lembrança. Assim, nos acompanha muito tempo o recanto feliz em que vivemos.

Ai dele: tudo isso era apenas o eco de misteriosa harmonia extinguindo-se para sempre, para sempre! O prolongamento desse júbilo durou pouco. A cada passo parecia afastar-se dela, mas quando, com momentânea resolução ingênua, parou, essa separação aumentara rapidamente. Pôs-se a andar de novo, com resolução.

Pouco a pouco, a paisagem ainda indecisa, ao raiar da aurora, se lhe tornou mais familiar. Contemplou-a. Cada objeto reconhecido, cada trecho identificado, tornava mais vaga e incerta a grande aventura da noite. Bem mais depressa do que supusera, essa terrível noite perdia os detalhes, desfazendo-se como um sonho. Atravessou assim a aldeia de Pomponne, deixando atrás o burgo de Brême, galgou a última rampa, para divisar, finalmente, lá em baixo, numa reentrância da colina, a luz da pequena *gare* de Campagne.

Estacou, ofegante, os ouvidos atordoados de rumores, cabeça descoberta, o padre em sua batina dura de lama, tremia sem saber se de frio ou de vergonha.

Nesse momento a vida cotidiana o retomou com tanta força, tão bruscamente, que num minuto nada ficou, absolutamente nada, das horas de pavor que atravessara. E no entanto elas estavam tão próximas! Esse brutal esquecimento doeu-lhe amargamente, como uma dolorosa diminuição de seu ser.

"Estaria sonhando?", dizia consigo. Então se esforçava por pronunciar as sílabas, articulá-las lentamente, como para fazer calar uma outra clamorosa voz que com terrível lentidão, dentro de si, perguntava-se também: "Estarei louco?".

Ah! O homem que sente fugir, como através de um crivo, a vontade, o entendimento, a própria consciência, enquanto seu obscurecido eu como luva revirada mostra-se totalmente nu, ah! esse ser é tomado de tal angústia que o instante em que decorre não pode ser nunca medido em seu clamor. Mas ess e pobre padre! – Se a dúvida o assaltou não foi somente a si, mas a sua única esperança. Perdendo-se, perde um bem mais precioso, um bem divino, perde Deus. Ao último bruxuleio de sua razão, mede a noite em que se sumiu seu grande amor.

Mas não esquecerá o lugar do novo combate. Chegando à última elevação, a estrada volta bruscamente, descobrindo estreita faixa de terreno onde se levanta um olmo centenário. A aldeia está à direita, na derradeira ondulação da colina, embaixo. As luzes da estação, verdes e vermelhas, contrastam com a vaga luz do forno de Josué Thirion, o padeiro. A pálida luz do dia desce vagarosa.

À esquerda do padre Donissan, delineia-se também outra estrada, de rápido declive, que conduz às dependências do castelo de Cadignan. Mergulha logo, através dos espinheiros, parecendo um sulco produzido pelas enxurradas. Dir-se-ia um traço negro na penumbra. O vigário de Campagne aí mergulhou involuntariamente o olhar. O vento faz entre as moitas um barulho de seda amarrotada, com súbitos silêncios. Da terra encharcada por vezes, um pedrouço

desgarrado rola barulhento. E súbito, de dentro dessa confusão de ruídos, surgiu um reconhecível entre todos, nessa solitária manhã: a presença de um corpo vivo que se aproximava.

– Olá! – soou uma voz feminina, velada, um pouco trêmula. – Então? Estou ouvindo os seus passos há um bocado. *O senhor está de volta, não?*

– Quem é a senhora mesmo? – perguntou docemente padre Donissan.

De pé, à beira da rampa, a alta silhueta apenas visível sobre o fundo mais pálido e móvel do céu, o cura seguia com olhar triste, como que interior, a pequena sombra abaixo dele, entre as ribanceiras de argila. Dessa sombra misteriosa, que apenas distava alguns passos de si e que se aproximava, nada conhecia ao certo, mas sabia com certeza calma, absoluta, em silêncio, que "isto" que subia docemente nesse caminho lamacento era o último e supremo ator dessa inesquecível noite...

– Ah! é só o senhor? – disse Mlle. Malorthy, com uma espécie de doloroso esgar.

Para melhor encará-lo, tinha ficado nas pontas dos pés, à altura do seu ombro. O rosto crispado refletia funda decepção. Num relâmpago, a cólera, o desafio, o desespero cínico pronunciaram-se com tal nitidez, tal acentuação dos traços, que esse rosto de criança não tinha mais idade. Os seus olhos encontraram, então, o estranho olhar que a fixava. Mal o suportaram. Conservavam sua vivacidade ainda, pois o arco distendido da boca não exprimia senão uma ansiedade cheia de ódio.

Esse olhar não se desviara um instante.

Sempre astuta, mesmo no atordoamento da loucura, Mouchette espreitava-lhe a expressão com a desconfiança habitual. Até então o jovem padre que, segundo o conceito do dr. Gallet, "virava as cabeças fracas de Campagne", tinha sido sua menor preocupação. Ao encontrá-lo em tal lugar, a tal hora, sua surpresa foi grande. Por "outras

razões" sua decepção não era menor. Um minuto antes, não hesitaria amedrontá-lo, pelo menos provocar-lhe a cólera. Mas agora lhe lia nos olhos uma imensa piedade.

Não essa piedade – disfarce do desprezo –, mas uma piedade dolorosa, ardente, embora calma e atenta. Nada traía o susto ou mesmo a surpresa, ou o menor espanto no rosto inclinado para ela, um pouco virado sobre o ombro, porque só podia ver-lhe o rosto. O olhar interrompia-se a meio, debaixo das pálpebras e, quando quis encontrá-lo, ela percebeu que se inclinara pouco a pouco sobre o peito do padre, como se o homem de Deus, desdenhando as vãs luzes da pupila humana, estivesse vendo bater os corações.

Mouchette não se iludia senão pela metade. De novo Donissan estava ouvindo o misterioso apelo doce e forte; e em seguida, como o irradiar de uma luz interior, como a fluir através de uma fonte inesgotável de claridade, uma sensação desconhecida, infinitamente sutil e pura, atingia pouco a pouco o princípio da vida, transformando-o em sua própria carne. Como o homem sedento que à vista da linfa gélida atira-se à frialdade pungente da água, ele não sabia se o que o trespassara de lado a lado era prazer ou dor.

Teria conhecimento nesse instante do valor do dom que lhe era concedido ou do próprio dom, quem em toda a vida agitada pelos mais trágicos debates, com a vontade a periclitar por vezes, conservou o poder de uma lucidez soberana, embora disso nunca se apercebesse? É que há nisso um símile perfeito da lenta investigação da experiência humana em seu tatear hesitante através dos fatos, interrompido a meio, quando não ludibriada por sua própria sagacidade. A visão interior de padre Donissan, precedendo qualquer hipótese, impunha-se por si mesma; mas se a súbita evidência lhe houvesse esmagado o espírito, a inteligência já conquistada só muito lentamente ou por um ardil tornaria a encontrar a razão da sua certeza; do mesmo modo, pouco a pouco desperta de seu sonho o homem que ao acordar em

plena luz meridiana quer abarcar com o olhar o imenso horizonte de desconhecida paisagem.

– Que quer de mim? – disse brutalmente Mlle. Malorthy. – Veja lá se são horas de fazer parar as pessoas?

Ria-se, com um riso mau, um riso mentiroso, ele bem o sabia, sem talvez entendê-lo de todo, pois mais alto que qualquer voz humana bramia junto a ele a dor sem esperança que a consumia.

– Eu vinha pela estrada de Sennecourt – continuou a moça, com volubilidade – quando, de repente, quis dar uma volta por Corzargues. Isso o espanta, é muito natural: não pude dormir à noite... eis o motivo... mas o senhor – disse ela, com súbita raiva –, um santo do bom Deus, não é lá homem para andar se escondendo detrás das cercas para surpreender as raparigas... a menos que...

Mouchette procurava no rosto calmo do jovem cura o menor traço de irritação ou embaraço que pudesse desencadear de novo seu riso, mas esse riso estancou na sua garganta, pois nada notou nele, absolutamente nada que não lhe permitisse acreditar ter sido apenas ouvida.

De sorte que retomando a palavra, o olhar já lhe desmentia a própria voz. Entretanto, escarnecia:

– Vejo que o gracejo não lhe agrada – disse ela. – Que quer o senhor? Gosto de rir... É proibido? Já ri demais!

Suspirou, depois prosseguiu com outro tom:

– Está bem. Não temos muita coisa a nos dizer, pois não?

Para descer o caminho plano, Mouchette tentou passar à sua frente, mas escorregando sobre o declive, recuperou o equilíbrio fincando as cinco pequenas garras na manga preta.

Por que parou de novo? Que dúvida a fez permanecer, por um momento, imóvel? E, sobretudo, por que pronunciou outras palavras que intimamente no mesmo instante repelia?

– Hem? O senhor pensa: ela acaba de deixar o amante; e por isso volta de madrugada... O senhor não está inteiramente enganado.

Seus olhos, furtivamente, circunvagaram o horizonte. À sua direita, os grandes pinheiros da Noruega, de folhagem escura, eram uma massa sombria e uivante no céu oriental, desmaiado. E esse rumor do pinheiral não era a primeira vez que ela ouvia.

Padre Donissan pousou-lhe a mão sobre o ombro e disse simplesmente:

– Quer fazer comigo um pedaço do caminho?

Donissan desceu a rampa e tomou, sem hesitar, a direção do burgo de Tiers, voltando as costas ao castelo de Cadignan e à própria aldeia. O estreito caminho não lhes permitia andar lado a lado.

Nunca o coração de Mouchette pulou tanto no peito como no instante em que, sem força para resistir ou mesmo empregar a astúcia, ouviu atrás de si os grossos sapatos ferrados. Fizeram assim um pequeno trecho, em silêncio. A cada uma de suas largas passadas, o vigário forçava-a a andar ligeiro demais. Ao fim de um instante, esse constrangimento pareceu tão insuportável a Mouchette que a espécie de temor que a continha cedeu por completo. Saltou para a rampa, fazendo um sinal a Donissan de caminhar adiante.

– A senhora não se preocupe – disse o padre –, eu não a quero constranger. Nenhuma curiosidade me obriga. Estou apenas satisfeito de encontrá-la hoje, depois de tantos dias perdidos. Não é tarde porém...

– É talvez um pouco cedo demais – respondeu Mlle. Malorthy, afetando conter o riso.

– Não a procurei – retornou o vigário de Campagne –; peço-lhe perdão. Para encontrá-la, fiz uma longa volta, muito longa mesmo, uma volta bem singular. Por que recusar-me o que lhe peço: um momento de conversação que será, sem dúvida, cheio de consolações para mim e para a senhora?

Ela levantou os ombros sem demonstrar nenhum desejo de seguilo mais. Em seguida, hesitou, irresoluta, presa de uma inquietação, que não sabia ainda se era uma indefinida esperança.

Havia deixado na véspera os primos de Revangey. O carro conduzira-a a Taulx, onde pretendia estar pelas sete horas da tarde. Devia jantar com a amiga Suzana Rabourdin no bar da Jeune France e faria a pé, conforme pretendia, depois da ceia, os quatro ou cinco quilômetros que a separavam de Campagne. Desde a última moléstia, apesar de o parto ter sido mantido em segredo, alguns de seus parentes não ignoravam que ela tinha gravemente sofrido de uma espécie de maluquice. Maluquice é, para essa boa gente, incurável, e os que por ela são atingidos acham-se naturalmente classificados na categoria dos pobres diabos que, segundo o amargo adágio, "têm um parafuso a menos". Por esse motivo, era raro que se opusessem a seus caprichos. Ela tinha, pois, deixado o bar da Jeune France, tendo recusado a companhia do Rabourdin. Por muito que se pusesse a caminho, teria podido facilmente chegar a Campagne antes das dez horas da noite, mas atravessando a grande estrada de Étaples havia, "segundo um hábito antigo", se desviado um pouco para margear o parque de Cadignan. Quanto tempo, sem medo algum, recordando os acontecimentos, as mãos sob o queixo, recostada à cerca, os pés na lama, estivera pesando o pró e o contra, como sempre, do cérebro frio e do coração ardente? Vencida, privada do seu sonho, irrevogavelmente considerada uma rapariga obcecada por imaginários fantasmas – condenada à piedade, despojada de tudo, até de seu crime... A única consolação de sua pequena alma feroz era ainda rever, à mesma hora inesquecível, essa estrada, agora interceptada, que percorrera uma noite, fazendo a volta da avenida e de onde se divisavam lá embaixo – ao fundo – os paredões cheios de silêncio dentro dos quais velava o morto inútil – sua muda testemunha.

O vigário de Campagne esperou a resposta, durante um longo minuto, sem dar sinal de impaciência, mas sem parecer também duvidar de ser obedecido. Por contraste, a sua voz fazia-se mais humilde e triste, quase tímida, enquanto a atitude exprimia autoridade crescente.

E de súbito, sem mudar de tom, proferiu estas palavras inesperadas que Mlle. Malorthy sentiu penetrar-lhe o coração:

– Queria somente afastá-la, em primeiro lugar daqui, porque bem sabe que o morto que a senhora procura *não está mais aí...*

O espanto que assaltou Mouchette transpareceu apenas no intenso estremecimento, reprimido instantaneamente. Mas não foi o medo que lhe fez tremer nos lábios as primeiras palavras pronunciadas:

– Um morto? Que morto?

O padre continuou, com a mesma calma, passando-lhe à frente, enquanto a moça trotava docilmente atrás dele:

– Somos maus juízes em nossa própria causa e entretemos muitas vezes a ilusão de certas faltas para melhor ocultarmos a visão do que em nós está de todo apodrecido e que recusamos entregar à pena de morte.

– Que morte? – repetiu Mouchette. – De que morte fala o senhor?

Segurava maquinalmente a batina do padre, enquanto cada passo do companheiro a deixava ofegante à margem do caminho. O ridículo dessa caminhada exaustiva, a humilhação de interrogar, de implorar quase, eram amargos ao seu orgulho. Mas sentia também alguma coisa como uma alegria obscura. Mouchette continuava a falar quando saíram do caminho e desembocaram na planície. Ela reconheceu logo o lugar.

Era a duzentos metros das primeiras casas de Trilly, a pequena encruzilhada protegida pelas tílias esgalhadas à moda antiga. No primeiro domingo de agosto, em sua festa campal, os feirantes aí instalam as pobres barracas de rodas, enquanto músicos improvisados tocam para as raparigas dançarem.

Encontraram-se de novo, face a face, como no início da viagem. Uma aurora melancólica errava no céu e a alta silhueta do vigário pareceu a Germana mais gigantesca ainda, quando com um gesto de força e doçura inexprimíveis, adiantou-se para ela, e tendo levantado sobre sua cabeça a manga negra:

– Não se admire do que lhe vou dizer nem veja nisso principalmente qualquer coisa capaz de excitar o espanto ou a curiosidade de ninguém. Eu mesmo não sou senão um pobre homem. Mas, quando o espírito da revolta havia tomado conta de seu ser, vi o nome de Deus escrito em seu coração.

E baixando o braço, traçou com o polegar, sobre o peito de Mouchette, uma dupla cruz.

Ela deu um pulo para trás, sem achar palavra, com um espanto estúpido. E quando não ouviu mais dentro de si o eco dessa voz, cuja doçura a havia traspassado, o olhar paternal do homem acabou por confundi-la.

Tão paternal!... (ele mesmo provou o veneno e saboreou-lhe a funda amargura).

A língua humana não pode por vezes exprimir em termos abstratos a certeza de uma presença real, porque todas as nossas certezas são meras deduções, e a experiência não é para a maior parte dos homens (na noite de uma longa vida) senão o término de uma grande viagem ao redor do seu próprio nada. Não conhecemos nenhuma outra verificação além da que a lógica retira da razão, nenhum outro universo que o das espécies e dos gêneros, nenhum fogo, senão o divino, que funde o gelo dos conceitos. O que se descortina nessa hora, ao olhar de padre Donissan, não é símbolo nem figura: é uma alma viva, um coração indevassável a qualquer criatura. Igualmente, no instante de seu anterior, extraordinário encontro, não seria capaz de justificar por palavras a visão exterior de brilho sempre igual a confundir-se com a luz interior de que ele próprio se achava impregnado. A primeira visão da criança é do mesmo modo tão cheia e tão pura que o universo, de que acaba de apoderar-se, permanece confundido ao estremecimento de sua própria alegria. Todas as cores e todas as formas desvendam-se a um só tempo a seu riso triunfal.

Quando mais tarde o interrogavam sobre esse dom de ler nas almas, sempre negou obstinadamente esse poder. Às vezes, receando mentir, explicava-se mais claramente, mas com um tal escrúpulo, com tal precisão ingênua que sua palavra se tornava para os curiosos nova decepção. Dir-se-ia um camponês devoto interpretando o êxtase e a união em Deus de Santa Teresa ou de São João da Cruz. É que tudo na vida é confusão e desordem para quem a contempla de fora. Assim o homem sobrenatural está à vontade tão alto quanto o amor o eleva; sua vida espiritual não comporta nenhuma vertigem ao receber os dons magníficos, sem se demorar em defini-los nem explicá-los.

Que vê o senhor?, perguntavam ao santo homem. Quando vê? Como? Quais os sinais? Que aviso sente? O padre repetia com voz de criança estudiosa a quem foge a palavra: "Sinto piedade! Só piedade!". Ao encontrar Mlle. Malorthy, via diante de si apenas uma sombra informe, mas uma violenta piedade já lhe penetrara o coração. Não é assim que a mãe estremece em sobressalto ao saber que o filho corre perigo? A caridade das grandes almas, sua sobrenatural compaixão, parece levá-las de um só impulso ao mais íntimo dos seres. A caridade, como a razão, é também uma via de conhecimento. Mas se ela tem suas leis, suas deduções são fulminantes; e o espírito que quer segui-la só lhe percebe o clarão.

O olhar que o homem de Deus tinha baixado sobre Mouchette, a qualquer outra talvez tivesse feito dobrar os joelhos. É verdade que ela se sentia por um momento hesitante e como que enternecida. Porém, de súbito lhe adveio um socorro nunca esperado em vão – o socorro de seu senhor, dia a dia mais vigilante e mais duro; espécie de sonho outrora apenas distinto dos outros, ou desejo mais violento, voz entre mil outras vozes, a esta hora real e viva; companheiro e carrasco, ora meigo e caridoso, enternecido até o pranto, mas logo depois inquietante, brutal, sempre tirânico; depois ainda, no momento preciso, cruel, feroz, rindo, gargalhando a mais sofredora

gargalhada. Enfim: ser que ontem quer servir e que hoje oprime e manda como patrão.

Tudo se apoderou de repente da alma de Mouchette. Uma raiva cega, uma raiva de desafiar o bom olhar, de lhe sonegar a alma, de humilhar a piedade suspensa sobre sua cabeça, de magoá-la, poluí-la. Esse impulso arremessou-a fremente, não aos pés, mas em face do juiz, silencioso e soberano.

Mouchette não achou logo palavra alguma para exprimir esse transporte selvagem. Com uma rapidez e uma visão sobrenaturais repassou as decepções imensas de sua curta vida, de que a piedade desse padre era epílogo e coroamento... Conseguiu, enfim, articular, com voz quase ininteligível:

– Odeio-o.

– Esteja à vontade – respondeu o padre.

– Guarde seus conselhos – gritou Mouchette. (Mas ele a havia surpreendido de tal modo que sua raiva ficou como travada.) – Não sei mesmo o que o senhor quer dizer!

– Creia que outras provas a esperam – continuou ele – e mais cruas, sim, mais cruas... Que idade tem? – perguntou, depois de um silêncio.

O olhar de Mouchette traía a surpresa decepcionada. A essa última frase, por um violento esforço, sorriu.

– O senhor deve saber, já que sabe tantas coisas...

– Até este dia a senhora viveu como uma criança. Quem não tem pena das crianças? Ora, ora, as crianças são os pais deste mundo! Veja só: Deus nos assiste até em nossas loucuras. E quando o homem levanta-se para maldizê-lo, é Ele ainda quem protege essa mão débil!

– Criança! – disse Germana. – Criança! Meninos de coro como eu o senhor não encontrará muitos em suas sacristias: não usarão sua água benta. Os caminhos que percorri, não deseje conhecê-los.

Mouchette pronunciou essas últimas palavras com uma ênfase um tanto cômica. Ele respondeu tranquilamente:

– Que achou no pecado que valesse tantos e tantos sacrifícios? Se a procura e a posse do mal conduzem a alguma horrível alegria, esteja bem certa de que outro já a extraiu para ele só e a sorveu até o último trago.

Padre Donissan deu ainda um passo para ela. Nada na sua atitude transpareceu emoção excessiva nem desejo de impressionar. Entretanto, as palavras que pronunciou tocaram profundamente Mouchette e ressoaram no seu coração.

– Afaste de si esse pensamento – disse ele. – Perante Deus, a senhora não é culpada dessa morte. Pois naquele negro momento sua vontade não estava livre. A senhora não passa de um joguete, como pequena bola de criança, entre as mãos do demônio.

Não lhe deixou tempo de responder; além disso, ela não achava palavra para fazê-lo. Falando, o padre ia arrastando-a pela estrada de Desvres, a largas passadas, nos campos desertos. Ela seguia-o, não podia deixar de segui-lo. Ele falava, como nunca havia falado, como não falaria jamais, mesmo em Lumbres e na plenitude de seus dons, pois verdadeiramente Germana Malorthy era sua primeira presa. O que Mouchette ouvia não era a sentença do juiz nem nada que fosse além do seu raciocínio de pequeno animal, obscuro e selvagem, mas sob terrível doçura, sua própria história, a história de Mouchette não dramatizada pelo cenarista, enriquecida com detalhes raros e singulares – pelo contrário, resumida, reduzida a nada, vista de dentro. Ah! Como o pecado que nos devora deixa à vida pouca substância!

O que ela via consumir-se no fogo da palavra era ela mesma; nada escapava à chama voraz, constante, insaciável diante do último naco de carne. À medida que se elevava ou decrescia a voz formidável, percuciente até o âmago, ela sentia crescer ou decrescer o calor de sua vida,

ao influxo dessa voz, a princípio marcada com as palavras de sempre, que seu terror acolhia como um rosto amigo dentro de um pesadelo, depois, pouco a pouco, confundindo-se com o testemunho interior, o murmúrio implacável da consciência humana perturbada em sua fonte íntima, de modo que as duas vozes se fundiam em um único lamento, como um só jato rubro de sangue. Quando ele por fim silenciou, ela percebeu que vivia ainda.

Esse silêncio prolongou-se por muito tempo, ou ao menos um tempo impossível de medir, indiscernível. Depois a voz (mas vinda de tão longe!) baixou de novo a seus ouvidos:

– Sossegue. Não abuse de suas forças. Já falou bastante.

– Bastante? Que disse eu? Eu nada disse.

– Nós falávamos – continuou a voz. – Falávamos muito, muito tempo. Veja como o céu clareia: a noite finda.

– Eu falei? – repetiu ela, suplicante.

E de repente (assim como no sonho surge da memória, com brutal evidência, o ato cumprido):

– Falei! – exclamou ela. – Eu falei.

Entre a névoa da manhã, ela reconheceu a face do vigário de Campagne. Havia nessa face um imenso cansaço. Em seus olhos se extinguira a chama como saciada da visão, misteriosa.

E Germana inteiramente abatida não conseguira dar um passo nem para aproximar-se nem para evitá-lo.

– Isto é possível? – disse a moça. – Com que direito?...

– Não tenho nenhum direito sobre a senhora – respondeu com doçura. – Se Deus...

– Deus! – começou ela... (foi-lhe impossí vel acabar. O espírito da revolta estava nela como embotado).

– Ah! como a senhora se debate na mão d'Ele – disse o padre tristemente. – Conseguirá novamente escapar de Suas mãos? Não sei...

Com voz humílima, depois de novo silêncio, acrescentou:

– *Poupe-me, minha filha!*

A palidez que lhe encovara a face era assustadora. A mão que levantara em direção à moça tombou desgovernada, e seu olhar se esvaziou...

Mouchette torcia impacientemente as mãos.

O padre viu-a tal como a entrevira na penumbra, uma hora antes, com esse rosto de criança envelhecida, contraído, irreconhecível.

A inutilidade de seu grande esforço, a vã dispersão das graças sublimes que acabavam de ser dissipadas, toda a inexorável presciência esmagou-lhe o coração.

– Deus! – exclamou ela com o mais duro dos risos.

A madrugada lívida elevava-se vagarosamente animando aquelas duas faces de reflexos patéticos. À direita, o burgo, apenas emergido da bruma e das reentrâncias da colina, era uma desolada paisagem. Na imensa planície, só um sinal de vida: uma fumaça desgarrada de teto invisível.

Então o riso de Mouchette estancou. Apagou-se-lhe a chama instável do olhar e, de súbito, lamentavelmente extenuada, com obstinação, implorou de novo:

– Eu não queria ofendê-lo... não é verdade que me mentiu ainda agora? Eu nada disse. Que lhe poderia ter dito? Creio que estava dormindo. Diga-me: estava dormindo mesmo?

Donissan parecia não a ouvir. Ela insistiu:

– Não recuse... Não pode recusar responder-me... Para saber, me sujeito ao que quiser ordenar-me.

Nunca a voz da estranha rapariga tinha se tornado tão humilde, tão suplicante.

Donissan não respondeu ainda.

Germana recuou alguns passos, olhou-o longa e ardentemente, as sobrancelhas contraídas, a fronte baixa, e subitamente:

– Confessei tudo! – disse ela. – O senhor sabe tudo!

E dominando-se logo:

– E quanto fosse verdade? Nada receio. Que me importa? ... Mas, diga-me... Ah! diga-me, que fez o senhor? Falei verdadeiramente sonhando?

No seu extremo esgotamento, a curiosidade sedenta atirava-a já a uma nova aventura. O sangue lhe subira ao rosto. Os olhos retomaram a sombria chama. E ele contemplava-a com piedade ou talvez com desprezo.

Com grande surpresa, a visão tinha se desvanecido inteiramente. A recordação de tudo era demasiado precisa e viva para que duvidasse. As palavras trocadas soavam-lhe ainda aos ouvidos. Porém, as trevas baixaram de novo. Por que não obedeceu, então, ao movimento interior que lhe ordenava esquivar-se logo? À sua frente não havia senão uma pobre criatura restaurando às pressas a trama, por um instante desfeita, de suas mentiras. Mas não estivera ele por um minuto (uma eternidade!) num esforço quase divino, liberto de sua própria natureza? Fora o desespero desse poder perdido, ou a ânsia de reconquistá-lo, ou a raiva de reencontrar rebelde a miserável ainda há pouco à sua mercê? Teve um gesto de ombros, num assomo de grande brutalidade.

– Eu te vi! (a este "tu", Mouchette estremeceu de raiva). Eu te vi, como talvez nenhuma outra criatura a ti semelhante fosse vista na terra! Eu te vi de tal maneira que não podes me fugir, com toda a tua astúcia. Pensas que teu pecado me faz horror? Apenas ofendeste mais a Deus que os animais. Engendraste falsos crimes, como engendraste um feto. Procura! Remexe na tua lama: o vício, de que te vanglorias, apodrece aí há muito; a cada minuto, a cada hora teu coração se impregna do mais negro tédio. De ti, só criaste vãos sonhos, decepções sobre decepções. Crês ter morto um homem ... Pobre moça! Livraste-o

apenas de ti. Destruíste com tuas mãos o único instrumento possível de tua abominável liberação. E algumas semanas depois rastejavas aos pés de um outro que não o valia e que te pôs de cara no chão. Tu o desprezas e ele te receia. Mas não podes fugir-lhe. Não podes fugir-lhe!

– ... Não posso... fugir-lhe! – balbuciou Mouchette. O terror e o ódio eram tais que seu rosto, de excessiva mobilidade, agora se crispava intensamente com uma serenidade sinistra.

– Sei que posso – disse afinal. – Quando quiser. Julgavam-me louca: nada fiz para desiludi-los. Esperava decidir-me, eis tudo.

Padre Donissan apoiou-lhe com tanta força a mão ao ombro que ela cambaleou.

– Tu nunca estarás decidida. Tu não roubas a Deus senão o pior: a lama de que és feito, Satã! Acreditas-te livre? Só o estarias em Deus. Tua vida..

Respirou profundamente, semelhante ao lutador que enfuna o peito; retomaram seus olhos a mesma luz de clarividência sobre-humana, desta vez despojada de piedade. O dom perigoso conquistara-o de novo, à força, num impulso desesperado, capaz de violentar o próprio céu! A graça de Deus tinha-se tornado visível a seus olhos mortais: percebiam agora o inimigo chafurdado em sua presa. E já também o pálido rosto de Mouchette, como que contraído pela angústia, soçobrava no mesmo sonho, de que seu duplo olhar permutava o horrível reflexo.

– Tua vida repete outras vidas, todas iguais, vulgarmente vividas, ao nível das manjedouras onde teu gado come seu grão. Cada um de teus atos é o sinal de um daqueles de quem tu sais, covardes avarentos, luxuriosos e mentirosos. Eu os vejo. Deus me concede vê-los. E verdade que te vi neles, e eles em ti. Oh! Como nossa atitude é arriscada neste mundo pequeno! Como nosso caminho é estreito!

E ele começou a dizer frases mais singulares ainda, mas em voz baixa, com imensa simplicidade.

Como registrá-las aqui? Era ainda a história de Mouchette, maravilhosamente confundida com outras velhas histórias esquecidas desde muito tempo, a menos que não fossem nunca conhecidas. Antes que compreendesse o sentido, Mouchette sentiu o coração contrair-se como em brusca descida, e ao mesmo tempo a assaltou uma espécie de surpresa idêntica à que torna hesitante o homem mais aloucado ao penetrar um recinto secreto. Em seguida, soaram-lhe nomes familiares, ou somente nomes incolores, memórias esmaecidas, crescentemente numerosos, iluminando-se mutuamente até que a própria trama da narração aparece sotoposta. Humildes fatos da vida cotidiana, sem nenhum brilho, encaixados na maldade mais trivial – como seixos num lamaçal – segredos mornos, mornas mentiras, desmandos mornos do vício, mornas aventuras em que um nome subitamente pronunciado iluminava como um farol para em seguida recair nas trevas onde o espírito nada distinguia, mas que uma espécie de horror sagrado denunciava como um enxame de vidas obscuras.

Enquanto Mouchette, mais uma vez, se sentia arrebatada, malgrado sua vontade e sua razão, era esse horror mesmo que vivia e pensava por ela. Porque na fronteira do mundo invisível, a angústia é um sexto sentido e sua dor e percepção não são senão uma coisa só. Esses nomes pronunciados um após outro pela voz novamente soberana, ela os reconhecia em parte. Eram os dos Malorthy, dos Brissauts, dos Paully, dos Pichons, avós, negociantes íntegros, boas donas de casa, amando seus bens, nunca mortos sem testamento, honra das Câmaras de Comércio e dos cartórios dos notários (sua tia Suzana, seu tio Henrique, suas avós Adélia e Malvina ou Cecília ...). Mas o que a voz contava, com tom igual, poucos ouvidos o escutaram algum dia – a história apanhada de dentro – a mais oculta e mais bem disfarçada, despida da superestrutura dos efeitos e das causas, dos atos e das intenções, mas relativos a alguns fatos principais, às culpas-mães. Em verdade, a inteligência de Mouchette, por si só, não teria colhido senão pouca coisa de

uma tal narração cuja espantosa elipse decepcionaria outras mais lúcidas. Não era por acaso em sua carne que a voz achava eco, em que cada culpa deixara sua marca no próprio instante em que fora concebida?

A ver pouco a pouco esses mortos e essas mortas saírem completamente nus das mortalhas, não sentia mesmo nada que se pudesse chamar surpresa. Escutava essa revelação sobre-humana, de um coração imerso em angústia, mas sem verdadeira curiosidade nem espanto. Parecia já tê-la ouvido, ou coisa "ainda melhor". Mentiras, calúnias, ódios longamente alimentados, amores vergonhosos, crimes calculados da avareza e do ódio, tudo se restaurava nela, gradativamente, como se restaura, em estado de vigília, as visões do pesadelo. Jamais, oh, jamais, os mortos foram tão brutalmente retirados de suas cinzas, trazidos para fora, expostos. A uma palavra, a um nome subitamente pronunciado, como uma bolha de lama emergindo à superfície, alguma coisa subia do passado para o presente – ato, desejo, ou, às vezes, mais profundo e mais íntimo, o pensamento (pois este não se extinguira com o morto), mas tão íntimo, tão profundo, arrancado tão brutalmente, que Mouchette o recebia com um gemido de vergonha. Ela não distinguia mais a voz impiedosa de sua própria revelação interior, mil vezes mais rica e mais ampla.

Entretanto, mais rápidos que qualquer palavra humana, esses fantasmas inumeráveis que se levantavam de toda parte não poderiam ser conclamados; porém, como através de uma tempestade de sons, ressalta a dominante irresistível, uma vontade ativa e clara acabava de organizar esse caos. Em vão Mouchette, num gesto de defesa ingênua, levantava as mãos para o inimigo. Enquanto outro sonho, apenas fixado a sangue-frio, se dispersa de chofre, outro se aproxima dela como uma tropa que se junta para arremeter. A multidão, um minuto antes tão agitada, em que reconhecera todos os seus, aperta-se gradativamente. Rostos se superpõem, não constituindo senão uma só face, a face única de um vício. Gestos confusos, numa

atitude única, eram o gesto do crime. Mais ainda: às vezes o mal só deixava de sua presa um amontoado informe, em franca decomposição, impregnado de seu veneno, digerido. Os avarentos formavam uma massa de ouro vivo, os luxuriosos, um monte de entranhas. Por toda parte o pecado rompia seu envoltório, deixava ver o mistério de sua geração: dezenas de homens e mulheres ligados nas fibras do mesmo câncer e os pavorosos liames contraindo-se como os tentáculos decepados de um polvo até o núcleo do próprio monstro, a culpa inicial, ignorada por todos, num coração de criança... E subitamente Mouchette se viu, como nunca se vira, nem mesmo no momento que lhe espezinharam o orgulho: alguma coisa dobrava-se nela na mais irreparável curvatura, afundando-a numa fuga obscura. A voz, sempre baixa, mas de entono vivo e ardente, como que a havia descarnado, fibra a fibra. Ela duvidava de ser, de ter sido. Toda abstração, no seu espírito, toma uma forma, jungida a seu seio ou repelida.

Que dizer da curvatura da própria consciência?

Reconhecera-se nos seus e, no paroxismo do delírio, não se distinguia mais do rebanho. Mas como? Não havia nenhum ato de sua vida sem seu duplo.

Nenhum pensamento que lhe pertencesse exclusivamente, nenhum gesto que não estivesse traçado de antemão. Não só parecidos, mas os mesmos! Não repetidos, mas únicos. Sem que pudesse reproduzir com palavras inteligíveis qualquer das evidências que acabavam de destruí-la, sentia em sua miserável pequena vida o engano imenso, o riso imenso do enganador. Cada um de seus antepassados irrisórios, de uma monótona ignomínia, tendo reconhecido e farejado nela seus haveres, vinha tomá-los; ia restituindo tudo. Entregava tudo e era como se esse rebanho tivesse vindo comer, em sua mão, sua própria vida. Que lhes disputar? Que retomar? Era deles até sua própria revolta.

Então Mouchette se levantou agitando no ar as mãos, a cabeça jogada para trás, estremecendo os ombros, como um náufrago que se

afunda. O suor brilhava-lhe no rosto, como se fosse uma torrente de lágrimas, enquanto os olhos, devorados pela visão interior, ofereciam-se ao vigário de Campagne como um metal já frio. Nenhum grito saía de seus lábios, parecendo estagnado na garganta muda. Esse grito, que não se ouvia, impunha, no entanto, sua forma à boca contraída, ao pescoço dobrado, aos ombros magros, aos rins cavados, ao corpo inteiro, como puxado para cima por um apelo desesperado... E foi quando ela fugiu.

. . . . . .

Até a primeira curva da estrada julgava não ir tão depressa, quando já corria. Embaixo, à extremidade da ladeira, quando as sebes aparadas e os troncos unidos das macieiras lhe constituíram um abrigo, pôs-se a fugir a toda velocidade. Na entrada de Campagne, entretanto, deixou a grande estrada e tomou por instinto o atalho deserto, a esta hora, e que lhe permitiu atingir, sem ser vista, o seu jardim. Não pensava claramente em coisa alguma, nada desejava a não ser ficar só, em seu quarto, trancada em seu quarto, só. Lá fora, o horizonte familiar e o próprio céu pertenciam ao inimigo. O pavor, ou para melhor dizer, a conturbação que a agitava era tal que esteve prestes a gritar por socorro chamando quem quer que fosse, mesmo o pai.

Mas a ocasião não se apresentou. A cozinha estava vazia. Galgou a escada, aflita, empurrou o ferrolho, jogou-se na cama, mas logo se levantou como ferretoada, correu à janela, abriu as cortinas e, descobrindo o olhar no espelho, deu um pulo para trás, de animal surpreendido.

– É você, Germana? – perguntou a senhora Malorthy, através do tabique.

Só o espelho conheceu esse novo olhar de Germana, a contração frenética dos lábios. Respondeu em voz baixa e calma:

– Sim, sou eu, mamãe.

E, antes que a velha senhora proferisse qualquer palavra, achou, sem hesitar, sem mesmo pensar, a única mentira que não era de todo inverossímil:

– O primo Jorge me trouxe de carro até o burgo de Viel. Ia ao mercado de Viel-Aubin.

– A esta hora?

– Ele teve que sair muito cedo de casa, para um embarque de porcos. Era preciso aproveitar a ocasião ou voltar a pé.

– Decerto não jantou! – respondeu a velha. – Vou fazer um pouco de café.

– Justamente porque não dormi é que vou deitar-me – disse Mouchette.

– Abra! – repetiu a senhora Malorthy.

– Não! – gritou ferozmente Mouchette. Mas arrependendo-se logo da resposta seca e dura, que fazia tremer a mãe:

– Só preciso dormir. Adeus!

E quando ouviu se extinguir, descendo a escada, o rumor dos tamancos, os joelhos dobraram-se-lhe; ela se encolheu toda sem palavras, sem olhar.

O perigo presente só engendra o pavor que atordoa de pânico a criatura covarde: tonteia em vez de matar. O terror exacerbando-se depois, quando a consciência aturdida toma pouco a pouco conhecimento e posse do hóspede sinistro. O julgamento atinge o condenado, como pedra de funda, e o guarda que o reconduz à célula não joga no leito senão uma espécie de cadáver. Mas ao abrir os olhos na noite profunda, o miserável conhece, de repente, que é um estranho entre os homens.

Raramente Mouchette se reserva tempo de observar-se com alguma solicitude: não acha nisso prazer algum. Sobre um tal assunto, sua inexperiência é enorme: assemelha-se à candura. Por mais que esmiúce o passado, não conhece dos escrúpulos e dos remorsos senão um vago

mal-estar – o receio do perigo ou s eu desafio –, a certeza obscura de estar um momento fora da lei, o instinto por inteiro despertado do animal retirado do covil, numa estrada desconhecida. Nesse momento mesmo nada a preocupa senão o perigo misterioso entrevisto há alguns instantes, a vontade que vergou a sua, o padre ridículo, conhecido de todos, procurado, familiar, que a viu dobrar os joelhos.

Essa recordação permanece tão forte que afasta todas as outras: choca-se num obstáculo e esse obstáculo é o padre. Antigamente, tal certeza lhe teria despertado a cólera, estendendo-lhe as mil redes da astúcia. O que a mantém desta vez, de cara contra o chão, é a cruel surpresa de não sentir no fundo de seu coração humilhado senão um amargo tédio.

Um momento – um único momento – a ideia lhe veio (mas tão embaraçada e tão confusa!): eliminar o obstáculo, repetir o gesto assassino. Afasta de si esse pensamento: parece-lhe vão e grotesco, como essas façanhas que povoam os sonhos. Ora, que ninguém vai se matar por umas tolas palavras obscuras. Essa a desculpa que a si mesma se dá; mas a verdade é que, atingindo-a em seu orgulho, o rude adversário despedaçou-lhe a única mola de sua vida.

Mais depressa o perigo a excitaria; o odioso não a faria parar. Receia somente alguma coisa que pode ser o ridículo ou a piedade. Como acontece às vezes, as palavras que lhe vêm de repente aos lábios, sem que as procure, exprimem o profundo receio: "Vão pensar que estou louca varrida!".

Louca!... Detém nessa palavra um longo momento de meditação. Até então, mesmo no sanatório de Campagne, Germana não tinha duvidado de sua razão. Desde o primeiro instante de lucidez, ouvia discutir seu caso com irônica curiosidade. Que sabiam eles, esses senhores, de sua terrível aventura? Nada sabiam; o essencial continuava oculto em si. Era pois, no meio desses novos espectadores, o que havia desejado ser, sempre – símile de seu personagem favorito – a rapariga

temível e misteriosa, de destino singular, heroína entre pulhas e néscios. No entanto... hoje, nesse instante...

Que podia justificar-lhe o terror? No caminho solitário, deixara atrás de si um jovem padre, trivial, de aparência inofensiva e mesmo um tanto bobo. Dá-se que esse padre disse coisas... Afinal o que disse ele de verdadeiramente sério? Nesse ponto, o esforço que despendeu para refazer-se, dominar-se, não prevaleceu. De minuto a minuto lhe acrescia a convicção de que de algum modo tinha sido ludibriada. Esse receio provinha de certas frases vagas, alusões, na aparência, pérfidas – inocentes talvez, ineptamente interpretadas. Quais foram essas palavras? A referência ao crime já tão antigo, quase esquecido, a frase intencionalmente dita para acalmá-la: "A senhora não é culpada desse crime perante Deus..." (por mais que repita essas palavras, não consegue renovar o orgulho humilhado que no momento lhe corroía o coração). Depois, que mais? Censuras, exortações para abandonar o mau caminho... (não se lembrava claramente de nenhuma palavra) e enfim... (nesse instante a memória se refaz) certa revelação singular que de tal maneira a perturbou, que a angústia, sobrevivendo à sua causa, Mouchette não sabia explicar-se por que se achava encolhida no ângulo da parede, o rosto entre os joelhos, tomada de pavor, batendo os dentes. "Aí! Aí estava a chave de tudo." Foi somente então que ela fugiu. Um vácuo medonho cavou-se nela então. É possível? É possível que tenha fugido apavorada com as vagas narrativas da crônica do burgo sobre ela e os seus? É verdade que acreditou nelas e está convicta de que em dado momento não poderia deixar de acreditar. Não havia dúvida de que a mesma presença e a mesma palavra a convenceriam de novo. E depois? Recearia o ódio dos tolos? Mas que é que lhe adianta esse padre? O terror que a pôs fora de si e a prostrara ali não provinha dele. Era apenas vítima de um pesadelo... mas esse pesadelo pode recrudescer de repente... Oh! Oh! Eis que o coração pulsa que pulsa, enquanto o suor escorre-lhe entre os ombros. A vaga de angústia agita-a,

a horrorosa carícia gelada prende-se-lhe à garganta. O uivo que ela soltou ouviu-se até a extremidade da praça e a própria parede tremeu.

Mouchette acha-se deitada de barriga para baixo, aos pés da cama. O edredom havia escorregado para o chão, e ela fincava nele as unhas, de modo que a boca estava cheia de penugem. Entretanto, nada perturba o silêncio, e ela percebe, espantada, que gritou em sonho. Agora, com todas as forças que lhe restam, reprimeum novo grito. Num relance, viu-se reconduzida ao hospício, a porta fechada sobre si, desta vez decididamente louca – louca a seus próprios olhos, louca confessa por si própria... Gemeu baixinho, depois se calou.

Às vezes quando a alma verga no envoltório da carne, a mais vil criatura recorre ao milagre e, se não sabe rezar, ao menos por instinto, abre os lábios para Deus. Mas é em vão que a miserável se lança (para resolver o enigma que se propõe) ao que lhe resta de vida. Como se elevaria por suas próprias forças à altura em que a elevou de repente o homem de Deus e de onde tombou depois? Da luz que a traspassou – pobre animal obscuro – só lhe resta a dor desconhecida de que morreria sem compreendê-la. Debate-se, a arma cintilante em pleno coração; e a mão que a brandiu nem sabe mesmo se é cruel. Mouchette não conhece a divina misericórdia nem poderia mesmo imaginá-la... Quantos outros se debatem assim, inutilmente aconchegados ao peito do anjo, de quem entreviram a face e depois a esqueceram! Os homens olham com curiosidade, agitar-se um dentre eles, marcado por esse estigma; espantam-se ao vê-lo, ora frenético à busca do prazer, ora desesperado de sua posse, passeando sobre todas as coisas o olhar ávido, mas vazio, onde se apagou até o próprio reflexo do que deseja.

Duas longas horas, ora curvada sobre si mesma, ora estorcendo-se ao chão, numa raiva convulsiva e muda, em seguida desalentada por um sono de pavores, crê verdadeiramente que vai perder a razão, descer

um por um os negros degraus da insânia. O destino delineava-se-lhe linha por linha: começara a percorrer-lhe as etapas como uma série de quadros fulgurantes. Contava os personagens imaginários, perscrutava seus rostos, ouvia-lhes as vozes. A cada imagem procurada, suscitada, voluntariamente desfeita, sentia literalmente lhe estremecerem os sentidos e a razão, como um navio sacudido pela ventania; e sempre e sempre a sua lúcida dor sobrepujava tudo. Erigia em si própria, deliberadamente, os poderes da desordem, chamando a loucura, como outros chamam a morte. E, por um instinto profundo, apenas consciente, evitava toda manifestação exterior que pudesse ameaçar-lhe as forças; não gritava, sufocando até mesmo qualquer lamento que testemunhasse o seu delírio; e era o bastante para que desvairasse de todo. Ela o sabia, mas a nada disso recorria. À medida que a resistência interior, inconscientemente, se firmava, os gestos tomavam uma agitação fictícia, a raiva se cansava da própria violência. Tornava-se gradativamente a espectadora de sua própria loucura. Quando percebeu que de novo respirava livremente, como se regressasse de um longo sonho, e sentiu uma ameaçadora calmaria instalada no peito, sua decepção foi total, absoluta. Era como a queda brusca do vento sobre um mar encapelado numa noite negra.

A mesma coisa ignota faltava-lhe sempre, faltavaà sua vida. Que era que lhe faltava? Em vão enxugou a face dilacerada pelas unhas, os lábios mordidos; em vão espreitou, através das vidraças, a luz da alvorada; em vão repetia com triste voz magoada: "Tudo está acabado!... Tudo está acabado!...". A verdade surgia, todas as evidências estancavam-lhe o coração; até mesmo a loucura recusava-lhe seu asilo de trevas. Não! Não era louca, não o seria jamais. Alguma coisa faltava-lhe que já possuíra; onde? Quando? De que maneira? Certamente, houvera representado para si mesma, por alguns instantes, a comédia da demência para disfarçar, para esquecer, fosse como fosse, o seu mal real, incurável, desconhecido.

(Ah! Às vezes Deus nos chama com voz tão carinhosa e tão doce! Mas quando, de repente, Deus se afasta, o uivo que se eleva da carne decepcionada deve assustar o inferno!)

Foi então que Mouchette chamou – do mais profundo de seu ser, com um apelo que era como um dom de si mesma – o demônio.

Que ela o chamasse ou não, ele só deveria vir à sua hora e por um caminho oblíquo. O astro lívido, mesmo implorado, surge raramente do abismo. Também não podia dizer em sua semiconsciência qual a oferenda que de si mesma fazia e a quem. Isso veio de repente, subiu menos de seu espírito que da pobre carne poluída. A compunção, que o homem de Deus tinha nela despertado por um momento, se tornara um sofrimento entre inúmeros sofrimentos. O minuto presente era todo angústia. O passado, um abismo. O futuro — outro abismo. O caminho em que outros vão passo a passo, ela o tinha percorrido: por menor que lhe fosse o destino, a contemplação de tantos pecadores lendários, a corrupção interior havia esgotado todo o mal de que era capaz, sem exceção de nenhum crime. Desde a infância, tudo votara ao mal, cada desilusão sendo apenas pretexto para novos desafios. Pois ela o amava.

Onde o inferno acha sua melhor propina não é no rebanho dos agitados que espantam o mundo com delitos espetaculares. Os maiores santos não são sempre os santos dos milagres, porque o contemplativo vive e morre, as mais das vezes, ignorado. O inferno tem também seus claustros.

Ei-la, pois, sob nossos olhos, essa mística ingênua, pequena serva do demônio, Santa Brígida do nada. A não ser um crime de morte, nada lhe assinalará os passos na terra. Sua vida é um segredo entre ela e seu patrão que não a procurou entre os poderosos; suas núpcias foram consumadas no silêncio. Ela caminhou até o fim, não passo a passo, mas aos pulos, toca-o mesmo, quando ainda não se julga tão próxima. Vai receber o salário. Ai dela! Não existe homem que, decisão tomada e remorso de antemão aceito, não se tenha lançado ao mal com uma

clara cupidez, como para estancar a maldição, o cruel sonho que faz gemer os amantes, enlouquece o assassino e acende uma última luz no olhar do miserável decidido a morrer, o pescoço já enlaçado na corda, a cadeira desviada com pontapé furioso... É assim, mas com multiplicada força, que Mouchette deseja em sua alma compunção – a presença do cruel patrão.

Ele veio logo, súbito, sem debate algum, espantosamente calmo e seguro. Por mais que arremede o Senhor, nenhuma alegria pode proceder dele, mas, bem superior à volúpia que revolve as entranhas, sua obra-prima é uma paz muda, solitária, gelada, comparável ao deleite do nada. Quando esse dom a alguém é concedido e aceito, o anjo que nos vela vira-nos o rosto, decepcionado.

Ele veio, e assim que chegou a agitação de Mouchette cessou como por milagre, o coração bateu lentamente, o calor voltou-lhe pouco a pouco ao corpo e sua alma permaneceu em espera firme e calculada – sem impaciência inútil – do epílogo infalível. No mesmo instante seu cérebro o incubou plenamente. E ela compreendeu que a hora havia chegado de matar-se, irrevogavelmente, no mesmo instante.

Antes que os membros houvessem feito qualquer movimento, o espírito fugia-lhe já pela estrada da libertação. Atrás dele, Mouchette se lançou. Coisa estranha: apenas o olhar continuava perturbado e hesitante. Toda sua vida sensível concentrava-se na extremidade dos dedos, na palma das mãos ágeis. Abriu cautelosamente a porta, empurrou a do quarto de seu pai, a essa hora sempre deserto, apanhou a navalha de onde ele a guardava habitualmente, abriu a lâmina. Voltou ao quarto, e em frente ao espelho, na ponta dos pés, o queixo atirado para trás, o pescoço distendido. Por mais violenta que lhe fosse a fúria de acabar com a vida, não alçou o golpe da lâmina, mais comprimiu o afiado gume, conscientemente, contra os músculos, sentindo-o ranger em sua carne. A última sensação consciente foi o jato de sangue morno a escorrer pela mão até a dobra do braço.

IV

Na igreja, na sacristia, de que tinha sempre a chave no bolso, padre Donissan esperava a hora da missa, que celebrou como habitualmente fazia. Há alguns dias, o deão Menou-Segrais não saía do quarto, atacado de violenta crise de asma. Pelas dez horas e meia, ao olhar a estrada, percebeu o vigário e admirou-se. Mas já os pesados sapatos se ouviam no vestíbulo, depois na escada, para enfim, à porta, a voz, sempre firme e calma:

– Posso entrar, sr. Deão?

– À vontade – exclamou o cura de Campagne, intrigado. – Entre!

Virou com dificuldade a cabeça, apoiada entre dois enormes travesseiros, no espaldar da grande poltrona. O rosto do vigário apareceu-lhe indistinto na penumbra do quarto, pois as cortinas ainda se conservavam meio descidas. O que presenciou desmentiu sobremodo a calma afetada da voz: não manifestou espanto senão por um bater de pálpebras sobre o olhar agudo.

– Que surpresa! – começou com muita doçura. – Já está de volta?

Não lhe ofereceu imediatamente uma cadeira, sabendo por experiência que, de pé, à sua frente, braços caídos, a atrapalhação do pobre padre duplicava-lhe a timidez natural, tendo-o melhor a seu talante.

– Não consigo deixar de ser ridículo – respondeu Donissan. – Venho dizer-lhe que me perdi na estrada.

– De modo que o senhor chegou tarde demais em Etables, as confissões terminadas?

– Não disse tudo ainda – confessou abatido o vigário.

– Como? – exclamou Menou-Segrais, batendo violentamente no braço da poltrona, com rispidez bem diferente de suas maneiras habituais. – E que vão dizer esses senhores, pergunto-lhe? Chegar atrasado, seja. Mas não chegar! Isso é demais!

Por tão pouco que se preocupasse, habitualmente, com a opinião alheia, o deão temia o ridículo com uma tal preocupação nervosa que era como o elemento feminino de uma natureza grandemente masculina. Indiretamente seria ele o objeto visado na pessoa de seu vigário, já bastante escarnecido! No entanto, encontrando o olhar de padre Donissan, tão leal e tão franco, corou envergonhado de sua fraqueza, e continuou calmamente:

– O que está feito... está feito. Vou escrever esta tarde ao cônego para "nos" desculpar. Agora, me diga...

Compassivo, apontou-lhe uma cadeira. Com grande surpresa, o vigário, seu vigário, manteve-se de pé.

– Diga-me – repetiu o velho padre num tom bem diferente, num tom de solicitude e autoridade –, como foi que o senhor se perdeu num lugar que não é absolutamente nenhuma selva?

Padre Donissan tinha a cabeça pendida sobre o ombro, numa atitude de humilde respeito. Contudo sua resposta caiu de alto:

– Devo dizer-lhe o que julgo ser a verdade?

– Naturalmente! – replicou Menou-Segrais.

– Direi então – prosseguiu o vigário.

O rosto macilento, cavado pelos terrores e fadigas da noite, testemunhava uma resolução já tomada e que seria infalivelmente cumprida. O único sinal visível de sua invencível timidez foi voltar

a cabeça na direção do outro. Mas começou a falar, de olhos baixos, depressa.

Aliás, a clareza de certas frases, sua ousadia, a visível preocupação de nada poupar, teriam descoberto, mesmo a observador menos sagaz, a esperança íntima de um aparte, de uma objeção violenta que viesse em seu auxílio, sem privá-lo entretanto de cumprir o que prometera. Mas Menou-Segrais o ouvia em profundo silêncio.

– Eu não me extraviei, propriamente – começou ele. – Na pior das hipóteses, isso poderia ter-me acontecido a meio caminho, já na planície. Por isso mesmo segui a estrada principal, sem deixá-la, absolutamente. Ora, só tinha que andar para diante, em linha reta. Mesmo em plena noite (a noite estava escurissima), era impossível me perder. Se então me perdi, a mim não me cabe a culpa.

Parou para tomar fôlego:

– Por mais estranho e mais desarrazoado que isso lhe possa parecer, há ainda alguma coisa de mais estranho e mais desarrazoado. Há coisa pior. Pois dura prova me estava reservada.

Nesse ponto, a voz lhe tremeu, e ele fez com a mão o gesto involuntário de um homem surpreendido no decorrer de uma narração por uma objeção capital. Seu olhar fixou-se desta vez, humildemente, no rosto do deão.

– Perguntar-lhe-ei... não haverá culpa em narrar uma aventura como essa, mesmo absurda, e interpretá-la como me parece conveniente – hesitava – ... atribuindo-me, a contragosto, um papel...

– Continue! Continue! – atalhou padre Menou-Segrais.

Obedeceu; depois de um silêncio, durante o qual parecia evitar todo desvio inútil, toda tentação de respeito humano:

– Deus me permitiu duas vezes, e sem nenhuma dúvida possível, ver, com meus olhos, uma alma através do invólucro carnal. E isso não por meios comuns, por estudo e reflexão, mas por uma graça especial maravilhosa, de que lhe devo o testemunho, custe o que possa custar...

– Um milagre, não? – perguntou o padre Menou-Segrais com o tom de voz mais comum.

– Eu o creio assim – disse padre Donissan.

– O senhor dará disso contas a seu bispo – respondeu o deão.

Não havia, aliás, nenhuma surpresa no olhar com que envolveu a estranha figura do seu vigário; nenhuma surpresa, mas uma atenção tranquila, indiferente à pessoa, apenas curiosa dos fatos, com um toque de piedade altiva. O vigário corou ate a raiz dos cabelos.

– Que encontrou então, em pleno campo, em plena noite?

– Em primeiro lugar, um homem de quem ignoro o nome.

– Oh! – disse padre Menou-Segrais.

– Compreenda-me – repetiu padre Donissan com uma contração dolorosa dos lábios. – Esse homem me abordou... eu não pensava o que ele fosse... nem mesmo lhe via o rosto... não lhe conhecia a voz! Andamos juntos por um momento. Falamos de coisas insignificantes... o tempo... a noite... que sei eu?...

Parou, tomado de escrúpulo por sonegar uma parte da verdade a seu juiz. E, bruscamente:

– Foi nesse momento que recebi essa graça e essa luz de que lhe falei. Sobre o outro encontro...

– Basta! Não precisa... avalio o resto... – respondeu o deão –, não precisa descer a detalhes. – Encostou a cabeça ao travesseiro, sacou com uma careta de dor a caixa de rapé no fundo do bolso, aspirou o rapé e levantando molemente as mãos, como para se desculpar polidamente de interromper a conversa banal:

– Quer me chamar dona Estele? É a hora em que devo tomar minha poção de salicilato e não sei onde ela pôs o vidro.

O vidro estava em seu lugar habitual. Bebeu lentamente, enxugando os lábios lentamente, depois despediu a governante com olhar afetuoso. Quando a porta se fechou:

– Vão tomá-lo por louco, louco varrido.

Mas o deão tinha diante de si (não duvidava) um desses homens cujo dom de experiência é todo interior, como formado pelo que existe dentro e cujo equilíbrio não é fácil alterar. Apenas uma ligeira contração dos traços transpareceu mais surpresa do que temor.

Replicou calmamente:

– Devia-lhe essa confissão, Deus me é testemunha de que desejo o esquecimento de tudo o que me aconteceu.

– Conte comigo – continuou o deão – para esconder tudo quanto possa ser sonegado sem mentira. Porque, enfim, eu sou seu superior direto, meu amigo, mas também tenho meus superiores!

Depois de um tempo:

– Vou escrever... não! Irei eu mesmo falar ao cônego Couvremont, o antigo diretor do grande seminário. É um confrade muito seguro, muito firme; ele deliberará. Aliás, não duvido chegarmos logo a um acordo. Prevejo facilmente a decisão.

Talvez esperasse uma pergunta, mas não teve nem um olhar.

– Pediremos para si um retiro prolongado, em Tortefontaine ou na casa dos Beneditinos de Chevetogne. A franqueza é indispensável, em tudo, sr. Padre. Acreditei em você; creio-o ainda um homem assalariado, escolhido. Não vamos mais longe. Não estamos mais no tempo dos milagres. Fora de moda e até comprometedores da velha ordem pública. A administração só esperaria isso para nos cair em cima. A moda são as ciências, como eles dizem, neurológicas. O bobo do padre que se metesse a ler nas almas como num livro!... Iriam curá-lo, meu amigo. Quanto a mim, o que me disse, basta; não peço mais: prefiro não ouvir essa história.

O velho padre agitou as mãos, como para repelir qualquer coisa íntima, e repousou a cabeça no travesseiro. Mas ao primeiro movimento de retirada do padre Donissan:

– Atenção! Proíbo-lhe formalmente de abrir a boca sobre tal assunto sem minha prévia autorização, em presença de qualquer pessoa. De qualquer pessoa, ouviu?

– Mesmo de meu confessor habitual?... – perguntou padre Donissan, timidamente.

– Principalmente a este – respondeu o deão com tranquilidade.

Então o silêncio baixou, mais sombrio. Uma, duas vezes, o corpanzil do vigário cambaleou, o olhar em direção à porta. Com a mão direita torcia nervosamente os botões da batina. E ouviu, subitamente, com grande espanto, a própria voz:

– Eu não disse tudo.

Nenhuma resposta veio do superior.

– O que me resta a dizer interessa, e em que medida, Deus o sabe! À salvação de uma pobre alma por quem teremos de responder, o senhor e eu. A Providência parece tê-la me confiado, expressamente, pois essa pessoa pertence à sua família paroquial, sr. Deão.

– Estou disposto a ouvi-lo – respondeu Menou-Segrais, levantando lentamente os olhos.

Nem um minuto sequer, no decurso da longa narrativa que se seguiu, o lúcido olhar se desviou da face convulsionada do vigário. Uma espécie de atenção dolorosa em que se podia ler a resolução firme alentando-se, pouco a pouco. Nenhuma palavra lhe saiu da boca cerrada, nenhum estremecimento percorreu as lívidas mãos pousadas nos braços da poltrona, e a cabeça, um pouco torcida, o queixo levantado, transpareciam inteligência e vontade.

Quando o vigário terminou, o deão voltou-se sem afetação para o Cristo florentino, dependurado à sua cabeceira, e disse com voz ao mesmo tempo forte e terna:

– Abençoado seja Deus, meu filho! Você falou tão leal e tão humildemente que essa simplicidade desarma até mesmo o espírito do mal.

Fazendo sinal ao jovem padre para aproximar-se, caminhou apressado ao seu encontro e fitou-o face a face:

– Eu o creio – disse –, creio sem reservas. Mas preciso preparar um momento o que vou dizer... Apanhe em cima da minha mesa, à direita,

aí, aí: a *Imitação de Cristo* Abra-a no livro III, capítulo LVI e pronuncie do fundo do coração, particularmente, os versículos 5 e 6. Vá... Vá!

O velho padre de dons magníficos que a ignorância, a injustiça e a inveja tinham outrora desarmado sentiu nessa hora única que realizava seu destino. As comparações são pouca coisa quando é preciso retirá-las da vida comum, para dar alguma ideia dos acontecimentos da vida interior e de sua majestade.

O momento tinha chegado em que esse homem excepcional, ao mesmo tempo sutil e apaixonado, e tão ousado como nenhum outro, porém capaz de levar sobre todas as coisas a ponta aguda do espírito, ia dar a plena medida da sua grandeza.

– A vergonha de ter fugido da glória... – murmurou ele, repetindo de memória as últimas palavras do capítulo. – Agora, escute-me, meu amigo.

Docilmente o vigário deixou o genuflexório e manteve-se de pé a alguns passos.

– O que vai ouvir – disse Menou-Segrais – lhe fará mal, sem dúvida. Deus sabe quanto o poupei até agora. Mesmo, não desejaria perturbá-lo. Diante do que lhe disser, guarde a paz. Você não cometeu nenhuma falta, a não ser por inexperiência e zelo. Compreende-me?

O padre sacudiu a cabeça.

– Agiu como criança – continuou o deão, depois de curto silêncio. – As provas que o esperam aqui não são das que se podem afrontar com presunção: mais do que nunca, custe o que lhe custar, deve voltar-lhes as costas, fugir, sem mesmo olhar para trás. Cada um de nós só é tentado segundo suas forças. Nossa concupiscência nasce, cresce, evolve conosco. É como certas enfermidades crônicas, uma espécie de compromisso entre a doença e a saúde. Então, a paciência basta. Mas acontece que o mal se agrava de repente, que um elemento novo...

Interrompeu-se, não sem algum embaraço, depressa dominado.

– Em primeiro lugar tome nota disto: para todo o mundo, o senhor não é senão (até quando?)um pobre padre cheio de imaginação e presunção, meio sonhador, meio mentiroso, louco mesmo. Suporte, pois, a penitência que lhe será, por certo, imposta, o silêncio e o esquecimento temporários do claustro não como um castigo injusto, mas necessário e justificado... Compreendeu-me ainda?

Mesmo olhar e mesmo sinal.

– Creia, meu filho. Há alguns meses que o observo, naturalmente com muita prudência e tato. Contudo, vi claro desde o primeiro dia. Certas graças lhe são prodigalizadas em excesso. Só na aparência é que você é tentado de maneira excepcional. O Espírito Santo é magnífico, mas suas liberalidades nunca vêm a esmo: Ele as proporciona à medida de nossas necessidades. Para mim, esse sinal não pode enganar; o diabo entrou em sua vida.

Padre Donissan calou-se ainda.

– Ah! meu filho! Os tolos fecham os olhos para essas coisas! Há padres que nem se atrevem a pronunciar o nome do diabo. Que fazem da vida interior? O triste campo de batalha dos instintos. Da moral? O equilíbrio dos sentidos. A graça não é mais que o raciocínio justo que solicita a inteligência; a tentação, um apetite carnal que tende a suborná-la. Apenas dão, assim, conta dos episódios mais vulgares do grande combate empenhado dentro de nós. O homem é sempre olhado como um fascinado pelo agradável e pelo útil, a consciência guia-lhe a escolha. Isso é bom para o homem abstrato dos livros, esse homem médio que não é encontrado em parte alguma. Tais infantilidades nada explicam. Num tal universo de animais sensíveis e raciocinadores, nada resta para o santo, senão convencê-lo de loucura. Isso não falha, bem entendido. Porém, por tão pouco não fica o problema resolvido. Cada um de nós... ah! possa você reter essas palavras de um velho amigo!... é de vez em vez, de qualquer maneira, um criminoso ou um santo, ora levado para o bem, não por

sensata aproximação de suas virtudes, mas clara e singularmente por um impulso de todo o ser, uma efusão de amor, que faz do sofrimento e da renúncia o próprio objeto do desejo, ora atormentado pelo sabor misterioso do aviltamento, do deleite, do gosto da cinza, a vertigem da animalidade, sua incompreensível nostalgia. E que importa a experiência, acumulada há séculos, da vida moral. Que importa o exemplo de tantos miseráveis pecadores e de sua angústia! Sim, meu filho, lembre-se: o mal, como o bem, é amado por si próprio e assim deve ser servido.

A voz naturalmente fraca do deão tinha ensurdecido pouco a pouco, de modo que parecia falar para si mesmo. Contudo não era assim: o olhar sob as pálpebras meio abaixadas não deixava o rosto do padre Donissan. Até então esse rosto tinha se mantido, aparentemente, impassível. A essas últimas palavras, a impassibilidade se dissipou subitamente, como uma máscara que cai.

– É preciso então crer!... – exclamou ele. – Somos verdadeiramente tão infelizes! ...

Não terminou a frase principiada, não a apoiou com nenhum gesto; uma angústia infinita, inexprimível por qualquer palavra, tão dolorosamente como protesto balbuciante na resignação desesperada de seus olhos cheios de sombra, que padre Menou-Segrais lhe abriu quase involuntariamente os braços. Donissan jogou-se neles.

Agora, ele estava de joelhos em frenteà alta poltrona acolchoada, a rude cabeça de cabelos curtos ingenuamente pendida sobre o peito do amigo... Esse gesto de carinho recíproco foi breve. O vigário retomou simplesmente a atitude do penitente aos pés do confessor. A emoção do deão transpareceu apenas no leve tremor da mão direita ao abençoá-lo.

– Essas palavras o escandalizam, meu filho. Possam elas também armá-lo! Fique certo, fique certo: sua vocação não é o claustro.

Teve um sorriso triste, depressa reprimido.

– O retiro que lhe imporão bem cedo será, sem dúvida alguma, um tempo de provação e de convicção muito amargo que se prolongará mais do que pensa, não duvide.

Com olhar paternal, não sem uma ponta de saudável ironia, contemplou longamente o rosto pendido.

– Você não nasceu para agradar, você sabe o que o mundo mais odeia, com ódio perspicaz e calculado, é o gosto da força. E por ele você será sempre visado, perseguido.

– A ação de Deus sobre nós – prosseguiu depois de curta pausa – raramente é o que esperamos. Quase sempre parece que o Espírito Santo age contra nós ou perde tempo. Se o pedaço de ferro pudesse conceber a lima que o desgasta lentamente, que rarva e que desapontamento! Entretanto é assim que Deus nos lima. Certas vidas de santos dão a impressão de intolerável monotonia, de verdadeiro deserto.

Baixou lentamente a cabeça; pela primeira vez, padre Donissan viu-lhe os olhos se toldarem e duas profundas lágrimas descerem. Logo depois, sacudindo a cabeça:

– Agora basta. Apressemo-nos! A hora soará bem cedo em que nada mais poderei por você neste mundo. Falemos agora claramente tanto quanto possível. Apraz-me falar do sobrenatural em linguagem comum, vulgar, com as palavras de todos os dias. Nenhuma confusão haverá assim. Passo sobre sua primeira aventura: que haja visto face a face aquele que encontramos diariamente, não na volta de um caminho, mas em nós mesmos, como eu o saberia? Viu-o realmente ou em sonho? Não me interessa sabê-lo. O que pode parecer ao comum dos homens o episódio capital não é quase sempre, para o humilde servidor de Deus, senão o acessório. Nada melhor para julgar sua clarividência e sua sinceridade que suas obras: suas obras são, por si mesmas, testemunhos. Mas deixemos isso.

Levantou os travesseiros, respirou profundamente e continuou com a mesma singular bonomia:

– Chego à sua segunda aventura, que não é sem interesse para mim. Um erro de julgamento pôde prejudicar aqui uma dessas almas que, como você disse, nos são confiadas. Não conheço a filha de Malorthy. Nada sei do crime de que a julga culpada.A nossos olhos, o problema se coloca de outra maneira. Criminosa ou não, foi essa jovem objeto de uma graça excepcional? Teria sido você o instrumento dessa graça? Compreenda-me!... Compreenda-me!... A cada instante pode nos ser inspirada a palavra necessária, a intervenção infalível – esta sim –, não outra qualquer. É então que assistimos a verdadeiras ressurreições da consciência. Uma palavra, um olhar, uma pressão da mão e tal vontade até então indomável se desmorona de repente. Pobres tolos que imaginamos que a direção espiritual obedece à leis ordinárias das confidências humanas, mesmo sinceras! Sem cessar, nossos planos se acham perturbados, nossas melhores razões reduzidas a nada, nossos fracos meios voltados contra nós. Entre o padre e o penitente há sempre um terceiro ator invisível queàs vezes se cala, outras murmura e de repente fala como senhor. Nosso papel é às vezes de tal maneira passivo! Nenhuma vaidade, nenhuma presunção, nenhuma experiência resiste a isso! Como pois imaginar, sem certo constrangimento, que essa mesma testemunha, capaz de servir-se de nós sem nos dar a menor satisfação, nos associe mais estreitamente à sua ação inefável? Se assim aconteceu com você, é que ele o experimenta, e essa prova será rude, tão rude que pode perturbar sua vida.

– Eu sei! – balbuciou o pobre padre. – Ah! como suas palavras me fazem mal!

– Sabe? – interrogou padre Menou-Segrais. De que maneira sabe?

Padre Donissan escondeu o rosto nas mãos, depois, como que envergonhado desse primeiro impulso, retomou, de cabeça erguida, os olhos dirigidos para a pálida luz de fora:

– Deus me inspirou o pensamento de que ele marcava assim minha vocação, que eu deveria perseguir nas almas o demônio e que nisso

comprometeria infalivelmente meu repouso, minha honra sacerdotal e minha própria salvação.

– Não creia nisso – replicou vivamente o cura de Campagne. – Só se compromete a salvação, quando se anda fora do caminho. Onde e para onde Deus nos segue a paz pode nos ser tirada, mas não a graça.

– Sua ilusão é grande – respondeu o padre Donissan com calma, sem parecer perceber quanto tais palavras estavam longe de seu tom habitual de deferência e humildade. – Não posso duvidar da vontade que me constrange nem da sorte que me espera.

O olhar do padre Menou-Segrais se iluminou da alegria do pesquisador que entrevê subitamente a solução há muito tempo procurada.

– Que sorte o espera então, meu filho?

O vigário levantou ligeiramente os ombros.

– Não lhe peço seu segredo. Teria tido esse direito outror a. Agora nós mudamos de caminho, você e eu, e já você não me pertence mais.

– Não fale assim – murmurou Donissan, com os olhos sombrios e fixos no deão. – Onde eu for, perdido, danadamente desgarrado, sim, mesmo nos braços de Satanás, me lembrarei de sua caridade.

Depois, como se a imagem que se apoderava do seu espírito o fizesse sofrer demais e dela quisesse fugir ou talvez afrontá-la, pôs-se bruscamente de pé.

– É esse o seu segredo – exclamou o senhor Menou-Segrais –, é isso o que pretende receber de Deus! Terei compreendido que você blasfemava enfim contra a divina misericórdia? Não foram essas as minhas lições! Ouça-me, infeliz! Você é (desde quanto tempo?...) o ludíbrio, o joguete, o ridículo instrumento daquele que você mais teme.

Fazia, com as mãos levantadas, tombadas depois, um gesto de horror e de desencorajamento que desmentia o brilho voluntário do olhar.

– Não blasfemei – respondeu Donissan. – Não desesperei da justiça de Deus. Acreditarei até o derradeiro minuto de minha miserável

vida que só os méritos de Nosso Senhor são bastante grandes para me absolver a mim mesmo e a todos comigo. Porém, não deve ter sido imotivadamente que me foi revelado um dia, de maneira convincente, o espantoso horror do pecado, o miserável estado dos pecadores e o poder do demônio.

– Em que momento?...

Mas, sem deixá-lo acabar, ou mais depressa como se não se preocupasse em ouvi-lo, o futuro santo de Lumbres continuou:

– Tal pressentimento me foi dado há muito. Antes de conhecer a verdade, eu já era triste. Cada ser, no mundo, recebe sua parte de luz: alguns com mais zelo, mais instruídos, têm, sem dúvida, um sentimento mais vivo da ordem divina das coisas. Para mim, desde a infância, vivi menos na esperança da glória que um dia possuiremos do que na mágoa da que perdemos – o rosto se endurecia e pouco e pouco uma ruga de cólera cavava-se na fronte. – Ah! Meu pai, meu pai! Desejei afastar de mim essa cruz! Talvez fosse possível! Porém, ela me voltava de novo. Sem essa cruz a vida perdia para mim sua finalidade: a melhor das criaturas pode tornar-se um desses tíbios que o Senhor vomita. Em nossa medonha miséria, humilhados, esmagados pelo mais vil, que seria de nós se pelo menos não sentíssemos o ultraje disso tudo? Dessa forma, o demônio não consegue ser inteiramente o senhor do mundo enquanto a santa cólera enche nossos corações, enquanto a vida humana, por sua vez, não joga o "Non Serviam" em sua face.

As palavras vinham-lhe em tumulto à boca, sem proporção com as imagens interiores que a suscitavam. E essa onda de palavras num homem naturalmente silencioso era como um delírio.

– Pare! – disse friamente o padre Menou-Segrais. – Ordeno-lhe que me ouça. Fala tanto para enganar-se a si mesmo e enganar-me em seu engano. Deixemos isso. Perdão! Eu sei que você não é homem para iludir-se com palavras. Essa sua violência é sinal de alguma resolução, algum projeto, algum ato, que desejo conhecer.

O golpe foi tão certeiro que padre Donissan levantou para o deão um olhar desesperado. Mas o velho, sutil e forte, prosseguia:

– Como foi você se deixar levar por sentimentos dos quais o menos que se possa dizer é que são perturbadores e perigosos?

O jovem padre calou-se.

– Eu o reconduzirei ao caminho – continuou Menou-Segrais. – Ora, você começou com mortificações excessivas. Depois se atirou ao ministério com igual frenesi. Agradavam-lhe os resultados que ia conseguindo. Deveriam ter-lhe trazido certa paz ao coração e, no entanto, ainda não a conhecia! Deus não a recusa nunca ao bom servidor, no limite de suas forças. Tê-la-ia, pois, deliberadamente recusado?

– Não a recusei – replicou Donissan, com esforço. – Por natureza, sou mais inclinado à tristeza do que à alegria...

Pareceu refletir um instante, procurando uma expressão moderada, conciliante; depois, de repente, com uma voz impregnada de paixão, comparável a uma chama sombria:

– Ah! antes o desespero e todos os seus tormentos que a covarde complacência com o demônio!

Com grande surpresa sua, porque tinha deixado escapar esse anseio como um grito e o tinha ouvido com uma espécie de espanto, o deão de Campagne tomou-lhe as duas mãos nas dele e disse docemente:

– Basta! Leio claramente em sua alma. Não me enganei. Você não me solicitou nenhuma consolação, mas eu quis entreter-lhe o espírito com tudo o que fosse capaz de levá-lo ao desespero. Você já alimentava dentro de si o desespero.

– Não era desespero, era temor!

– Sim o desespero – repetiu Menou-Segrais, no mesmo tom –, o desespero que o teria conduzido do ódio cego do pecado ao desprezo e ao ódio do pecador.

A essas palavras, padre Donissan, afastando-se um pouco de seu contendor e com os olhos subitamente cheios de lágrimas:

– O ódio do pecador! – exclamou com voz rouca (a piedade do seu olhar tinha alguma coisa de feroz). – O ódio do pecador!

A violência e a desordem de seus pensamentos detiveram-lhe a palavra nos lábios e não foi senão depois de um grande silêncio que ajuntou, de olhos fechados sobre misteriosa visão:

– Dispus de um bem muito mais precioso que a vida... – então a voz do deão ressoou no novo silêncio, firme, clara, iniludível:

– Nunca duvidei de que houvesse em sua vida interior um segredo que você guardava mais por ignorância e boa-fé que por qualquer dubiedade. Mas há em você uma imprudência consumada. Não me surpreendo que esteja mesmo obcecado por algum voto perigoso...

– Não estaria obrigado a qualquer voto sem a permissão de meu confessor – balbuciou o pobre padre.

– Se não for um voto, é alguma coisa que se assemelha!

Menou-Segrais, soerguendo-se com dificuldade dos travesseiros, as mãos pousadas nos joelhos, sem elevar o tom:

– Ordeno-lhe, meu filho.

Com grande espanto do deão, o vigário hesitou muito tempo, angustiado. Depois, com estremecimento doloroso:

– É verdade! Asseguro-lhe... Não fiz nenhum voto, nenhuma promessa, é apenas um anseio... sem dúvida mal justificado ... dentro da prudência humana...

– Isso lhe envenena o coração – replicou Menou-Segrais. Então, sacudindo a cabeça, deliberadamente:

– É talvez o que mereça suas censuras ... A posse de tantas almas pelo pecado cevou em meu espírito um imenso ódio contra o inimigo... Para a salvação dessas almas, ofereci tudo o que tinha ou possuísse algum dia... minha vida, em primeiro lugar, e isso é tão pouca coisa! ... as consolações do Espírito Santo...

Hesitou ainda:

– Minha salvação, se Deus quiser! – disse ainda em voz baixa.

Essa confissão foi recebida num profundo silêncio. As palavras extraordinárias que pareciam criar esse silêncio perderam-se por si mesmas.

Então padre Menou-Segrais falou de novo:

– Antes de continuar – disse ele com sua simplicidade comum –, renuncie a esse pensamento para sempre e rogue a Deus que o perdoe. Proíbo-lhe também que fale dessas coisas, seja a quem for.

Depois, como o padre abrisse os lábios para responder, o magistral clínico das almas, sempre firme na sua prudência e no seu bom senso soberano:

– Não insista – disse ele. – Cale-se. Só se trata de esquecer. Sei tudo. A empresa foi irrepreensivelmente concebida e realizada. O demônio não engana de outra maneira àqueles que se parecem consigo. Se ele não soubesse abusar dos dons de Deus, não seria nada mais do que um grito de raiva no abismo a que nenhum eco responderia.

Apesar de a voz não revelar nenhuma emoção excessiva, esta se manifestou no gesto de ter Menou-Segrais apanhado a bengala encostada à poltrona e se levantado, dando alguns passos pelo quarto. Donissan manteve-se de pé, no mesmo lugar.

– Meu filho – disse o velho padre –, quantos perigos o esperam! Deus chama-o à perfeição, não ao repouso. Será, entre todos, o menos seguro em seu caminho, clarividente só para os outros, passando da luz às trevas, instável. Esse seu voto temerário foi de alguma forma ouvido, mas a esperança está quase morta em você, para sempre. Não lhe resta senão essa última luz, sem a qual toda obra se tornaria impossível e todo mérito, vão. A privação da esperança, eis o mais importante. O resto nada é. Sobre a estrada que escolheu, em que você se atirou! Estará só, decididamente só, andará só: quem o seguisse, se perderia, sem socorrê-lo.

– Essa ajuda não pedi a ninguém! – exclamou o futuro santo de Lumbres com súbita violência (por um contraste verdadeiramente

patético, sua voz estava sombria e voluntariosa). Não solicitei essas graças singulares. Não as quero! Nem milagres! Nunca os pedi! Que me deixem viver e morrer na pele de um pobre homem que nada sabe em sua profunda ignorância. Não! Não! O que foi começado esta noite não será terminado! Estava louco.

Padre Menou-Segrais voltou à sua poltrona, estirou-se nela e replicou sem elevar a voz:

– Quem sabe? Muitos dentre os que honramos como nossos pais na fé foram considerados visionários! Quantos visionários não surgem seus discípulos! No ponto em que você está, só suas obras falarão a seu favor ou contra.

Depois de um momento, continuou em tom mais suave:

– Lastimo-o eu também, meu filho. Minha experiência das almas, uma reflexão de muitos meses, leva-me a crer que Deus o escolheu. Os incrédulos não admitem os santos e os crentes simplórios imaginam que eles brotam por si, como a erva dos campos. Poucos sabem que a árvore é tanto mais frágil quando de essência rara. Seu destino, ao qual tantos outros certamente estão ligados, está à mercê de um passo em falso, de um abuso, mesmo involuntário, da graça de Deus, de uma decisão apressada, de uma incerteza, de um equívoco. E você me está confiado! É meu! Com que mãos trêmulas eu o ofereço a Deus! Nenhuma falta me é permitida. Como é cruel para mim não poder prostrar-me de joelhos a seu lado, render graças com você! Dia a dia eu esperava uma confirmação sobrenatural dos desígnios de Deus sobre sua alma. Esperava essa confirmação do seu zelo, de sua influência crescente, da conversão do meu pequeno rebanho. E na sua vida tão perturbada, tão cheia de tempestades, finalmente o sinal surgiu como um raio. Acontece, porém, que você me deixa mais perplexo que antes, pois estou certo de que esse sinal é equívoco, que o milagre mesmo não é puro!

Meditou por um momento; depois, levantando os ombros, num gesto de impassibilidade:

– Deus sabe que eu não cederia ao medo e que amiúde sou tentado a arrostar a opinião alheia! Acusam-me de excesso de independência e mesmo de rebeldia. Há, porém, certas regras que não podemos infringir. Que você se despedace a golpes de disciplina, a isso me cabe pôr cobro. Que sonhe com o diabo, ou o encontre em todas as encruzilhadas, isso ainda é comigo. Mas essa história, não menos inverossímil, da pequena Malorthy, me explica muita coisa. Não posso impedi-lo de falar e agir nesta paróquia, na medida de suas possibilidades ... não posso resolver, por mim, o seu caso... devo... é preciso... é necessário que me abra sobre tudo isso com os nossos superiores. Meu apoio pouco lhe adiantará! Está você também obrigado a nada dissimular. E então... e então... quem sabe quando poderá você vencer, afinal, a desconfiança de uns, a piedade de outros, a contradição de todos! Vencerá algum dia? Ter-me-ia enganado a seu respeito? Terei esperado demais? Ao velho não cabe o direito de fazer falhar a sua vida, Donissan; mas eu terei falhado à minha morte.

Padre Donissan quis sair deliberadamente de seu silêncio. Longe de confundi-lo, essa última dúvida lhe infundia coragem. Objetou timidamente:

– O que mais desejo, meu caro mestre, é só o esquecimento, a penumbra, a vida comum, cumprir meus deveres. Se o senhor quisesse, quem me impediria de voltar ao que era antes? Quem se preocupará comigo? Não atraio a atenção de ninguém. Tenho a reputação que mereço de padre simplório, medíocre... Ah! se o senhor permitisse, parece que chegaria a passar despercebido mesmo do bom Deus e dos anjos!

– Despercebido! – exclamou suavemente o deão (sorria, porém, com os olhos cheios de lágrimas...). Interrompeu de pronto a conversa. À escada ressoava o passo singularmente precipitado da governante. Abriu-se a porta e muito pálida, com essa pressa das mulheres velhas em anunciar as más notícias:

– Mlle. Malorthy acaba de se matar!

E já satisfeita com o efeito produzido, acrescentou:

– Com uma navalha! Degolou-se com uma navalha...

* * *

Eis a carta de Monsenhor ao cônego Gerbier:

"MEU CARO CÔNEGO,

Venho agradecer-lhe o sangue-frio, a inteligência e o zelo discreto de que fez prova no decurso de certos acontecimentos bem dolorosos ao meu coração paternal. O infeliz padre Donissan deixou, esta semana, a casa de saúde Vaubecourt, onde foi tratado com a maior dedicação pelo dr. Jolibois. Esse médico, discípulo do dr. Bernheim de Nancy, conversou comigo ontem sobre o estado de saúde do nosso caro filho, convencendo-me cada vez mais dessa largueza de vistas e dessa carinhosa solicitude que tenho tido ocasião de admirar frequentemente, em homens de ciência, mesmo lamentavelmente desviados da fé por força de seus estudos. Dr. Jolibois atribui essas perturbações passageiras a uma grave intoxicação das células nervosas, provavelmente de origem intestinal.

Sem faltar à caridade, que deve ser nossa regra constante, deploro, solidário com o senhor, a negligência, ou coisa pior, do sr. deão de Campagne. Se tivesse agido com mais decisão e energia, ter-nos-ia, sem dúvida, evitado de parecer momentaneamente em conflito com as autoridades civis. Todavia, graças à sua judiciosa intervenção e depois de um primeiro mal-entendido, rapidamente desfeito, o sr. dr. Gallet usou para conosco da mais alta cortesia, ajudando-nos a cercear o escândalo. Além disso, o diagnóstico desse doutor foi confirmado por seu eminente confrade de Vaubecourt. Esses dois fatos fazem honra tanto ao seu caráter como a seus conhecimentos profissionais.

O testemunho de Mlle. Malorthy, as confidências feitas em plena demência ou no período de pré-agonia não teriam sido bastantes para comprometer, na pessoa do sr. Donissan, a dignidade do nosso Ministério. Mas sua presença na cabeceira da moribunda, a despeito do protesto formal do sr. Malorthy, não devia ser, em caso algum, tolerada pelo sr. deão de Campagne. Concordemos: o que se seguiu não podia ser previsto por um homem sensato. O desejo da vítima, manifestado publicamente, de ser conduzida à igreja para aí expirar, não devia ser tomado em consideração. Além disso, o pai e o médico que a tratava se opunham a uma tal imprudência, e o que se sabe do passado e da indiferença religiosa de Mlle. Malorthy autorizava a crer que, já tendo sido tratada antes de perturbações mentais, a aproximação da morte transtornara-lhe de todo a fraca razão. Que dizer da altercação que se seguiu? Das estranhas palavras pronunciadas pelo infeliz vigário? Que dizer principalmente do verdadeiro rapto cometido por ele, quando, arrancando a doente das mãos paternas, levou-a ensanguentada, agonizante à igreja, providencialmente muito próxima! Tais excessos são, na verdade, anacrônicos, não se justificam!

Graças aos céus, o escândalo passou. Felizmente, algumas almas boas, mais zelosas que sábias, começaram a chamar a atenção sobre essa conversão *in articulo mortis* cuja improbabilidade ter-nos-ia coberto de ridículo. Já repus as coisas dentro de boa ordem. Nossa solução contentou todo o mundo. À exceção, naturalmente, do sr. deão de Campagne que, fechando-se num silêncio desdenhoso, recusando-nos seu testemunho, mostrou-se, apenas, singular.

Sobre minhas instruções, o sr. padre Donissan entrou para a Trapa de Tortefontaine onde permanecerá até a confirmação de sua cura. Confesso que sua perfeita docilidade muito depõe a seu favor; por isso devemos esperar que algum dia, quando caídos no esquecimento esses fatos lamentáveis, arranjar-lhe-emos na diocese um empregozinho modesto de acordo com suas capacidades."

Cinco anos mais tarde, efetivamente, o antigo vigário de Campagne era nomeado cura ecônomo de uma pequena paróquia no burgo de Lumbres. Suas obras, aí, são conhecidas por todos. A glória, perto da qual toda glória humana empalidece, foi procurar nesse lugar deserto o novo cura de Ars.

A segunda parte deste livro, segundo documentos autênticos e testemunhos que ninguém se atreve a recusar, refere-se ao último episódio de sua extraordinária vida.

Segunda Parte

O SANTO DE LUMBRES

I

Abrira a janela; esperava, ainda, não se sabe o quê. Através da treva espessa, sob a água da chuva, a igreja se cobria de reflexos baços. Era a única vivente... "Eis-me aqui", disse, como em sonho...

A velha Marta, embaixo, abria as portas. Ao longe a bigorna do ferrador soava. Nada ouvia: era a hora da noite em que esse homem intrépido, sustentáculo de tantas almas, vergava sob o peso de seu magnífico fardo. "Pobre cura de Lumbres!", dizia sorrindo, "nada faz de aproveitável... nem mesmo sabe dormir!". Ou então: "Acreditam-me? Tenho medo da escuridão!...".

A lâmpada do santuário desenhava pouco a pouco, na noite, a ogiva das grandes janelas de três travessas. A velha torre, construída entre o coro e a grande nave, ostentava sua flecha e seu pesado sino. Não os via. Estava de pé, em face às trevas, só, como a proa de um navio. A grande vaga tenebrosa rolava em volta com um barulho sobre-humano. Dos quatro cantos do horizonte acorriam para ele os campos e os bosques invisíveis... e atrás dos bosques e dos campos, outras aldeias, outros burgos, todos iguais, fartos, nadando na abundância, mas inimigos dos pobres, povoados de avarentos encolhidos, frios como sudários... E mais longe ainda as cidades, que não dormem nunca.

– Meu Deus! Meu Deus!... – repetia ele sem poder chorar nem rezar... Como na cabeceira de um moribundo o tempo célere sumia-se nas trevas, irreparável. Por muito curtas que sejam as noites, o dia vem tarde demais: Celimene já pôs o seu ruge, o bêbado já cozinhou a carraspana. A feiticeira, à volta do sabá, ainda ardendo, escorregou entre os lençóis brancos... O dia vem tarde demais... Mas a única justiça, de um polo a outro, surpreenderá o mundo.

Acabou tombando de joelhos, como se cai a pique. Essa justiça que um povo generoso esperava do sr. Ministro das Finanças já não a procurava tão longe, antes lá embaixo, abaixo do horizonte, envolta, amada na aurora próxima irresistível, na noite que se desfaz. A mão aberta não se fechará... a palavra secará nos lábios... a Evolução – esse mostrengo travado quedará como morto, para sempre. A horrível aurora que se levanta dentro do homem lhedará ao pensamento a sua mais secreta forma e seu volume eterno, e o coração dúbio e furtivo nem renegar-se poderá mesmo... *Consummatum est,* isto é, tudo está findo para sempre.

O sr. Loyolet, inspetor da Academia (*agregé-ès-lettres*), quis ver o santo de Lumbres, de quem todo mundo falava. Fez-lhe uma visita, em segredo, com a filha e a senhora. Voltou apreensivo. "Eu tinha imaginado um homem imponente", disse ele, "possuindo garbo e maneiras. Mas esse pequeno cura não tem compostura: come em plena rua, como um mendigo. Que pena", acrescentava, "esse homem ainda acredita no diabo!"

O cura de Lumbres acreditava no diabo e nessa mesma noite teve medo dele. "Eu estava", declarou mais tarde, "sendo assaltado havia semanas por uma angústia nova para mim: tinha passado minha vida no confessionário e ficava de repente acabrunhado pelo sentimento de minha incapacidade; assaltava-me menos a piedade que o cansaço. É preciso não ser senão um pobre padre para saber o que é a espantosa monotonia do pecado!... Nada me ocorria para dizer... Só me limitava a absolver e chorar... "

Acima dele, a névoa se esgarça, desfazendo-se. Uma, dez, cem estrelas despontam no bojo da noite. Uma chuva fina cai ininterruptamente de uma nuvem esfacelada pela ventania. Ele aspira o ar fresco, revolvido pela tempestade... Esta noite não se defenderá mais; nada lhe resta a defender; deu tudo; está vazio ... O coração humano, ele o conhece bem... (mesmo esse reduto ele invadiu com sua pobre batina e seus solados grossos). Coração humano!

Ah! velho coração, onde habita o incompreensível inimigo das almas, o inimigo poderoso e vil, magnífico e vil. Estrela renegada da manhã: Lúcifer, falsa aurora!...

Sabe tanta coisa esse pobre cura de Lumbres! Tanta coisa que a Sorbonne não sabe. Tanta coisa que não se escreve, que apenas se diz, cuja confissão é arrancada como de chaga íntima – tanta coisa! Sabe também o que é o homem: uma criança grande e cheia de vícios e de tédio.

Que aprenderia ele de novo, esse velho padre? Viveu mil vidas, todas iguaizinhas. Nada lhe causa surpresa; pode morrer. Novas formas de moral há, mas o pecado é sempre o mesmo, não se renova.

Pela primeira vez, duvida, não de Deus, mas do homem. Mil recordações esmagam-no: ouve queixas confusas, balbucios cheios de pejo, o grito de dor da paixão esquiva e que uma palavra estancou, mas que outra palavra lúcida refaz para despojá-la viva... Revê os pobres rostos transtornados, os olhares que querem e não querem, os lábios vencidos que se relaxam e a boca amarga negadora. Tantos falsos revoltados, eloquentes e ridículos viu a seus pés! Tantos corações orgulhosos, onde segredos apodrecem! Anciãos transformados em horripilantes crianças! E acima de tudo isso, fixando o mundo com frio olhar, os jovens avarentos, que nunca perdoam.

Hoje, como ontem, como no primeiro dia de sua vida sacerdotal, os mesmos homens, os mesmos... Atingiu o extremo de seu esforço e o obstáculo falta-lhe de repente. Os que queria libertar são

os mesmos que recusam a liberdade como um fardo, e o inimigo que perseguiu até o céu, ri debaixo deste mesmo céu, inatacável, invulnerável. Todos escarneceram dele. "Queremos paz", diziam. Não a paz, mas um curto repouso, uma parada nas trevas. Aos pés do solitário, vinham despejar sua baba; e depois voltavam ao seu triste prazer, à sua vida sem alegria (comparava-se também a esses velhos muros poluídos em que o passante grava coisas obscenas, lentamente esboroados com seus segredos irrisórios).

Os que tantas vezes consolou não o conheceriam mais. Neste minuto, dos mais trágicos de sua vida, sente-se cerceado por todos os lados; tudo deve ser refeito, tudo é cogitação. Certos pensamentos mais pérfidos de há tempo recalcados reaparecem de repente; e ele não os reconhece mais. Acha em todas as coisas um sentido, e como que novo sabor... Pela primeira vez, contempla sem amor, mas com piedade, o lamentável rebanho humano, nascido para pastar e morrer. Percebe a amarga sensação de sua derrota e de sua grandeza. No limite da angústia, a vontade intrépida recusa confessar-se vencida; quer reencontrar equilíbrio, custe o que custar...

Agora está de pé; seu olhar é inflexível... Quantas noites, iguais a esta, até a última noite! Mas dentro da multidão, a graça divina escolhe; e há de sempre assinalar um entre esses homens para quem sobe a justiça, através do tempo, como um astro. O astro dócil ascende à voz desses eleitos.

Já não olha para a pequena igreja, olha por cima. Vibra de uma exaltação sem alegria. Quase não sofre mais, as grandes inquietações se foram. Nada deseja; considera-se vencido. Há em seu peito uma singular efração por onde o orgulho volta-lhe em ondas ao coração...

– Eu me danaria, sem saber – diria mais tarde –; sentia-me endurecer como uma pedra.

O projeto tantas vezes concebido de ir esconder-se para morrer num retiro, à margem do mundo, Cartuxa ou Trapa, vem novamente

assenhorear-se-lhe do espírito, mas sob outro aspecto, com uma crispação do coração, aguda e doce, um desfalecimento misterioso. Antigamente, em tais momentos, o pastor não abandonava o rebanho; sonhava levá-lo consigo até o lugar de sua penitência para viver ainda e merecer por ele. Mas agora mesmo essa lembrança se desfaz. O infatigável amigo das almas nada mais deseja que repouso, e alguma coisa ainda, cujo pensamento é suave, mas obsidente – a necessidade de morrer, tão parecida ao desejo de chorar... E são, com efeito, as lágrimas que lhe banham os olhos, sem aliviar-lhe o coração que em sua ingenuidade o velho homem não as reconhece mais; e espanta-se

por não poder dar um nome a essa vertigem voluptuosa. Na suprema tentação em que antes dele se abismaram tantas dessas almas ardentes que atravessam de um só ímpeto o prazer para encontrarem o nada, para abraçá-lo com um derradeiro amplexo, ele vai sucumbir, sem ter aberto os olhos. No limite de seu imenso esforço, o cansaço, tantas vezes vencido, recalcado, infiltra-se nele como a circulação de seu próprio sangue. Nenhum remorso. O inimigo, cheio de astúcia,

enrosca-se nessa lassidão desesperada como um sudário, com habilidade infinita, a medonha irrisão dos cuidados maternais... É em vão que o velho padre, abatido, dirige através da noite quase finda um olhar em que se move um derradeiro brilho incapaz de refletir o dia que está nascendo. Nada vê dentro de si, nenhuma imagem onde fixar a tentação, nenhum indício do mal que o destrói lentamente, sob os olhos de um senhor impassível. Não aspira mais ao claustro, porém

insulação maior que a solitude, qualquer coisa como o desfalecimento numa queda eterna, nas trevas fechadas. Ele que teve tanto tempo a carne escravizada, sente que já a volúpia desembuça a verdadeira face onde se estampa um riso imóvel. E não é também essa imagem, nem nenhuma outra, que perturbará os sentidos do velho solitário, mas em seu obstinado coração brota a outra concupiscência – essa obsessão do conhecimento que perdeu a mãe dos homens, no limiar do Bem e do

Mal. Conhecer para destruir e renovar na destruição seu conhecimento e seu desejo – oh, sol de Satanás! –, desejo do nada, por ele próprio procurado, abominável desvairo do coração! O santo de Lumbres não tem mais forças senão para recorrer a esse aconchego perigoso; a Graça desce um véu diante desses olhos, ainda há pouco cheios de mistério divino... Esse olhar, tão claro, agora hesita, não sabe onde pousar. Uma estranha juventude, uma avidez ingênua, como um primeiro golpe nos sentidos, aquece-lhe o velho sangue, pulsa em seu magro peito... Com as mãos que desfalecem palpa e acaricia a morte, através de tantos véus.

Teria alcançado sua vida, até esta hora solene, o destino a que se votou? Ignora. Não vê atrás de si senão uma paisagem árida povoada das multidões que ele atravessou abençoando. Mas... o rebanho trota sobre suas pegadas, persegue-o, não lhe deixa repouso algum, insaciável, com esse tumulto de animais feridos... Não!, não voltará a cabeça. Empurram-no, empurraram-no além, ao extremo limite... mas... oh, milagre! Aí está o silêncio, o verdadeiro silêncio, o incomparável silêncio, o repouso enfim.

– Morrer – disse ele em voz baixa –, morrer...

Põe-se a soletrar a palavra para convencer-se, para incorporá-la a seu coração... Sente-a agora dentro de si, em suas veias, essas palavras, esse veneno sutil que desejaria sorver de um trago e apressar o fim. Na sua impaciência, há essa ânsia do pecador de se afundar cada vez mais em seu crime, para nele se ocultar do juiz; e eis que atinge o momento em que se sente vergar sob o peso de Lúcifer com toda a coorte das forças ocultas do mal.

Entretanto, é para o alto que levanta os olhos, para o quadrado de céu acinzentado onde a noite lenta se dissipa. Nunca rezou com vontade tão dura nem com tal veemência. Nunca lhe pareceu mais forte a voz entre seus lábios, esse murmúrio que em seu íntimo ressoava como tremendo bramido prisioneiro de um bloco de bronze ... Jamais o humilde taumaturgo, de que se contavam tantas coisas, se sentiu tão

perto do milagre! Parece que sua vontade se afrouxa pela primeira vez, irresistível, e que uma só palavra, articulada no silêncio, vai esmagá-lo para sempre... Sim, nada o separa do repouso a não ser um único movimento de sua vontade soberana... Não se atreve mais a olhar para a igreja nem na bruma da madrugada as casas de seu pequeno rebanho; uma vergonha o empolga; tem pressa em livrar-se dela por um ato irreparável... Para que se embaraçar com outros cuidados supérfluos? Baixa os olhos para a terra, seu refúgio.

II

Foi então que por duas vezes bateram à porta baixa que dá para a estrada de Chavranches. No pequeno pátio, o galinheiro, unânime, bateu as asas. O cão Jacquot sacudiu sua corrente e todos esses ruídos se fundiram numa só nota clara, na clara manhã.

Os tamancos da velha Marta estalaram nos degraus– *clique, claque* – e mais surdos, na erva úmida – *floque, floque*. Depois a fechadura rangeu.

Nesse momento, o santo de Lumbres despertou. Só há sossego absoluto no o utro lado da vida; pela mais fina fresta, e is o real a jorrar, a jorrar, retomando o seu nível. Um sinal, uma palavra apenas murmurada ressuscita o mundo abolido; o perfume que sentimos em algum tempo é mais tenaz q ue a morte ... Os olhos do homem voltaram-se instintivamente para o pobre relógio, lembrança do Grande Seminário, pendurado à parede: "A esta hora da manhã", disse consigo, "há de ser provavelmente algum doente. Um doente, um de seus filhos!". Com olhar breve e agudo, torna a espiar a aldeia esparsa, o fumo das chaminés esgarçando-se nas árvores. Toda a pequena paróquia e tantas almas pelo mundo de que ele era força e alegria e a chamá-lo, a solicitar-lhe apoio! Ouve; atende; está pronto.

Que é que o espera, lá embaixo na escada – seu poleiro –, como gosta de chamar? Quem será? Quem será? A que novo combate estão novamente o chamando? Por que traz em si essa coisa cujo nome não se atreve a pronunciar e que lá está escondida no coração, pesada, terrivelmente pesada – sua angústia, Satanás! A paz desejada nunca baixou sobre ele; sabe disso. Dentro de si respira outro ser; pois a tentação é como o nascimento de um homem no homem e sua horrível distensão. Sente que arrasta por dentro esse fardo; não ousa jogá-lo fora. Jogá-lo-ia em outro coração?

Mas o Santo está sempre só, aos pés da cruz. Nenhum outro amigo.

– Sr. Cura – exclama a velha Marta –, sr. Cura!

O padre desce automaticamente os degraus, mergulhado em seus pensamentos, atravessa a cozinha, o jardim, os olhos semicerrados... A boa mulher puxa-o pela manga.

– Na sala, sr. Cura, na sala...

Tem para o velho sacerdote um gesto amigo com um sorriso de piedade.

A sala é uma bela peça, uma peça mesmo muito limpa, bem encerada. Aí há seis cadeiras de palha; em cima da chaminé, duas narcejas empalhadas, ao lado de uma grande concha e uma monumental estátua de Nossa Senhora de Lourdes em gesso branco, de detestável branco azulado (a irmã Saint-Memorin trouxe-a de Conflans-sur-Somme nas últimas férias da Páscoa). Há também um quadro representando o sepultamento de Cristo, em velha moldura bolorenta. E ainda, no papel de ramagens pálidas (um autêntico papel de casa de pasto), perto da única janela, uma grande cruz de madeira negra, sem o Cristo, vazia.

(Essa cruz o cura olha ao chegar e logo desvia o olhar...)

– Sr. Cura – disse Marta –, aí está nosso mestre do Plouy, por causa do seu rapaz, que está doente ...

O mestre de Plouy levantou-se, tossiu fortemente, escarrando nas cinzas. Diante dele, a xícara de café fumega ainda.

– Qual? – perguntou distraidamente o velho padre...

E para logo, cora sob o olhar de Maria e balbucia:

– Todos sabem, meu Deus, que o mestre do Plouy só tem um rapaz!

Mas o viajante não se espanta e retifica calmamente:

– Tiennot, é meu filho Tiennot! Está com uma coisa, uma coisa que o acometeu quando voltava das Vésperas, uma coisa, como se diz... uma indigestão. E depois de dor de cabeça de rachar, já de madrugada diz à mãe: "Mãe, não posso mais me mexer!". Era verdade. Nem braços, nem pernas, nada. Tinha os olhos tortos. Uma paralisia!

Doutor Gambillet me falou então: "Meu pobre Arsênio, é um caso perdido. Uma meningite! Uma meningite!". A mãe estava ali ouvindo tudo; é uma mulher imperiosa. Saiu-se aos gritos: "Vai procurar o cura de Lumbres". Já! Já!... Então atrelei o cavalo e estou aqui.

Olha para o santo de Lumbres com um bom olhar, onde brilha, mesmo assim, empanado de lágrimas, um pouco de ironia. Todo homem sabe, pois não? O que é vontade de mulher! (E, depois, esse Santo de quem se contam tantas histórias e que não conhece ainda o rapazote de Plouy, a esse santo a gente tem de contar as coisas com o são!).

– Meu amigo... meu bom amigo... – balbucia o padre –, desejo... isto é... desejaria... receio verdadeiramente... mas vamos ver, vamos ver! Luzarnes não é minha paróquia e o sr. cura de Luzarnes ... estou muito sensibilizado pela lembrança de Mme. Havret, pobre mulher! Mas eu devo... deveria...

Temia sobretudo humilhar um confrade suscetível. Além disso, se sente tão abatido, àquele dia, verdadeiramente!

Mas o mestre do Plouy é homem resoluto, só tem uma palavra. Enrola o *cachenez*, abotoa o sobretudo de lã. E Marta põe entre as mãos do velho cura, autoritária, um velho chapéu esverdeado... É preciso ir... Ele vai...

III

O cura de Luzarnes é homem chão. Vive de pouco; com um número reduzido de sentimentos simples que sua prudência não exprime. Jovem ainda, apesar de exceder os cinquenta, e será sempre; não tem idade. Sua consciência é clara como a folha de um grande livro sem rasuras e sem borrões. Seu passado não é deserto; nele há algumas alegrias, pode contá-las, admira-se que estejam tão mortas, em tão bela ordem, alinhadas como cifras. Teriam sido verdadeiramente alegrias? Teriam vivido mesmo? Pulsaram? Palpitaram algum momento?

É um bom padre, assíduo, pontual, amante da vida quieta, fiel à sua classe, identificado com o seu tempo, com as ideias do seu tempo, aproveitando o que é possível aproveitar, retirando das coisas a parte útil, funcionário e moralista de nascença. Prediz a extinção do pauperismo (como se diz por aí) – com a extinção do álcool e das moléstias venéreas, com o advento de uma juventude sã e esportiva, de maiôs de lã, à conquista do reino de Deus.

"Nosso santo de Lumbres," diz ele, às vezes com sorriso intencional. Mas no fogo da discussão, diz também: "Nosso santo!", com voz diversa. Se facilmente censura o formalismo e escrúpulo do governo diocesano, não deplora menos a desordem causada em sua calma jurisdição por um desses homens milagrosos que alteram

todos os cálculos: "O sr. bispo nunca mostrará, em tal matéria, demasiada prudência e discernimento", concluiu, prudente como um cônego que não se afasta dos textos ... Senhor! Um santo não é coisa que se arranje sem muitos estragos, mas a mim, não me cabe representar a parte do fogo.

As rodas velozes aproximam o cura de Lumbres desse censor impiedoso. Através do nevoeiro, como que vê aqueles olhos pardos, tão vivos e irônicos, inquietos, onde dança uma pequena chama vivaz. Considera a sua situação: a seis quilômetros de sua pobre paróquia, levado como taumaturgo à cabeceira de uma criança rica em agonia; que ridículo! Que escândalo! Recebe de antemão, em pleno rosto, a frase de boas-vindas, cheia de malícia... Que querem dele? Esperam o milagre dessa velha mão enrugada que treme a cada solavanco sobre a batina fouveira, de tão velha?

Contempla essa mão trigueira de campônio com espanto de colegial. Ah! o que é ele, enfim, senão um camponês pobre e teimoso, fiel ao labor cotidiano num grande campo deserto? Cada dia há para essa mão uma nova tarefa, novo estirão de terra para revirar, onde deve afundar as grossas solas. Anda que anda, sempre para a frente, atirando à direita e à esquerda uma palavra tosca, distribuindo bênçãos (era assim que, entre as névoas do outono, os seus avós semeavam trigo e cevada). Por que vêm de tão longe esses homens e essas mulheres que apenas sabem o seu nome confundido com narrativas lendárias? Por que a ele, e não a outros bem falantes curas de cidades ou de grandes aldeias, abalizados, sabichões? Muitas vezes, ao cair do dia, moído de cansaço, ruminou tal pensamento até a obsessão. E depois acabava por adormecer intrigado com os incompreensíveis dons de Deus e com a estranheza de seus caminhos ... Mas por que hoje o sentimento de sua incapacidade de fazer o bem humilha-o sem lhe restituir a paz? Será tão dura a seus lábios a palavra da renúncia fiel? Oh, como é estranho esse desvio do coração! Sim, sua conduta atual era fugir dos homens, do

mundo, do pecado universal; a lembrança de seu grande esforço inútil, da majestade da sua vida, da sua extraordinária solidão, ia lançar-lhe sobre a morte uma última alegria muito amarga – e eis que duvida agora desse mesmo esforço, certo de que o demônio o arrasta sempre e sempre para baixo... Homem de sacrifício, ele? Vítima assinalada e eleita? ... Não! Não passava de maníaco ignorante, exaltado pelo jejum e pela oração, santarrão camponês, feito para o gozo dos ociosos e dos *blasés*.. "Essa a verdade!"... murmura entre os dentes a cada sacudidela, os olhos vagos... Entretanto, os cercados vão passando à direita e à esquerda, a carriola desliza como em sonho, mas a terrível angústia sempre adiante, esperando-o em cada marco.

Esse estranho homem, a quem todo mundo confiava seu fardo de mágoas, esse homem provido do gênio da consolação, nunca foi consolado. Sabe-se que ele se abriu às vezes, em raríssimos momentos, desafogando-se de suas penas a chorar nos braços do padre Battelier, invocando a piedade divina, com as mais ingênuas queixas, numa linguagem de criança. No fundo do pobre confessionário de Lumbres, cheirando a bafio, os fiéis, de joelhos, não ouviam senão a voz soberana, sem brilho, mas que comovia os mais duros corações, dura, imperiosa, suplicante em sua própria doçura, inflexível. Da sombra sagrada em que se moviam os lábios invisíveis, a palavra de paz ia se alargando até o céu, arrastando o pecador para fora de si, leve, livre. Palavra simples, recebida nos corações, clara, nervosa, elíptica através do essencial, convincente, irresistível, feita para exprimir comando sobre-humano, em que os que mais o amaram reconheciam o tom e o eco da mais violenta das almas. Ai dele! Enquanto se dissipava assim por fora, o prodigalizador de paz não achava em si próprio senão desordem, tumulto, a cavalgada dos pensamentos tresvariados, um sabá de esgares e clamores...

Do mesmo modo, inúmeros nunca compreenderam por que esse homem extraordinário, a quem milhares de homens escolhiam para

árbitro dos mais temíveis conflitos de dever, mostrava-se sempre, em suas próprias questões, desigual, irresoluto. "Divertem-se à minha custa", dizia ele, "servem-se de mim como de um brinquedo". Era assim que distribuía às mãos cheias essa paz de que viveu sempre vazio.

IV

– Eis-nos chegados – disse o mestre do Plouy, atirando o chicote entre as árvores envoltas na névoa. Um homenzinho vestindo calções azul-celeste empurrou a porteira e tomou as rédeas. Na entrada do pátio, mestre Havret desapeou. O companheiro acompanhou-o até a casa. O sr. cura de Luzarnes acolheu-os ao limiar, com seu alto porte negro.

– Meu caro confrade – disse ele –, o senhor é esperado aqui da mesma forma que o grande senhor de outras eras, angustiado, esperava São Vicente.

Sorria, jovial, com certa discrição profissional, a dois passos do pequeno moribundo. Ao mesmo tempo, corrigia o gracejo com um vigoroso aperto de mão à moda camponesa.

... Mas já o cura de Lumbres o puxava para fora, quase no meio das galinhas assustadas.

– Estou envergonhado, meu amigo, verdadeiramente envergonhado – disse com voz mais suave –, peço-lhe desculpar... a ignorância dessa pobre senhora... peço-lhe também.... que me perdoe... falaremos sobre isso tudo mais tarde – concluiu em outro tom – e o senhor verá que sou o mais culpado dos dois...

O cura de Luzarnes sentia nos braços os dedos nervosos e um pouco trêmulos que o seguravam. Até na humilhação voluntária desse

homem sobrenatural o dom que recebera era passível de exteriorizar-se para que sempre agisse como mentor.

– Meu bom confrade – respondeu o antigo professor de química, já menos jovial –, não se acuse diante de mim... eu passo, com razão ou sem ela, por um espírito forte e mesmo, segundo alguns, por um mau espírito ... formação científica, o senhor sabe ... um palavreado diferente dos outros... mas acredite que... tenho... o maior apreço ao seu caráter...

Falava de olhos baixos, com crescente embaraço. Sentia-se ridículo, antipático talvez. Enfim se calou. Mas antes de levantar a cabeça, viu como em si mesmo, como num espelho, um olhar pousado sobre o seu; e foi obrigado a procurá-lo, sem querer, foi obrigado a render-se-lhe. Por um segundo, sentiu-se nu diante do juiz misericordioso.

Não via senão esse olhar na face trêmula, flácida, lívida. Esse olhar que o chamava de tão longe, suplicante, desesperado. Mais forte que dois braços estendidos, mais pungente que um grito, mudo, singular, irresistível... "Que quererá ele de mim?", perguntava-se com uma espécie de horror sagrado... "Parecia vê-lo num lago de fogo!", confessava tempos depois. Uma inexplicável ternura inundava-lhe o coração.

Um momento, sobre seu braço, sentiu os dedos do ancião tremerem mais agitados.

–Reze por mim... – murmurou o santo de Lumbres a seu ouvido. Mas apertando mais os dedos, depois se afastando com um gesto brusco, acrescentou, com outra voz, a voz rude de homem que defende a vida: – Não me tente!

E eles entraram na casa, lado a lado, calados. "Não me tente!"

Apenas proferira essas palavras. Teria querido explicar ... desculpar-se, envergonhado de ter entrado nessa casa como doador dos bens da vida, acreditando ter de retirar-se dali com falta grave e escandalizando o próximo ... Mas depois, de repente, as forças que o tinham assaltado durante a noite dolorosa ressurgiam, e a palavra que

ia delatar seu próprio e íntimo pensamento se dissipou de repente, na única realidade da angústia. Por mais baixo que em algum dia o arraste seu astuto inimigo, os laços não estavam de todo arrebentados nem o eco de fora, sufocado ... Mas, dessa vez, a forte mão o havia arrancado bem vivo, desenraizado... "Foge! Foge! É a hora!...", dizia também a voz nunca ouvida, tonitruante! ... Eis terminada a luta vã e a monótona vitória! Quarenta anos de trabalho e nenhum proveito, quarenta anos de debate fastidioso, quarenta anos no estábulo, achatado sobre a besta humana, no mesmo nível de seu próprio coração podre, quarenta anos percorridos, quarenta anos! Apressa-te!... Eis que chegou a ocasião de teu primeiro passo, teu único passo fora do mundo!...

E essa voz dizia mil coisas ainda e só dizia uma, mil coisas numa só, e essa palavra era breve como um olhar, infinita... O passado esboroava-se aos pedaços. Através da móvel angústia passava abruptamente para o deslumbramento de terrível alegria, como se uma gargalhada interior estivesse a pique de estourar-lhe o peito. Voltaram-lhe velhas recordações: viu-se no saguão do seminário, num dia de chuva... Na alta sala decorada a damasco vermelho, em frente à Sua Grandeza de opa e roquete... Depois, nos primeiros dias de Lumbres, o presbitério em ruínas, as paredes nuas, o vento de inverno uivando no pequeno jardim... e depois... e depois... o trabalho imenso e agora essa multidão impiedosa, apertada noite e dia contra o confessionário do homem de Deus, como um outro cura de Ars, insulado de todo socorro humano; sim, o homem de Deus, disputado como uma presa. Nenhum repouso, nenhuma paz a não ser a custo de vergastadas e de jejuns, paz de carne morta; o escrúpulo perpétuo, a angústia de tocar sem descanso as mais obscenas chagas do coração humano, o desespero de tantas almas danadas, a incapacidade de socorrê-las e de libertá-las do abismo da concupiscência, a obsessão do tempo perdido, a enormidade dos deveres... Quantas vezes e nessa noite mesmo suportou o assalto de tais imagens! ... Mas o que nesta hora sente é um anseio ... um grande e

maravilhoso anseio que o ilumina por dentro, consumindo o homem interior. Em verdade, em verdade é já o homem dos tempos novos, novo conviva... Como esse mundo sublunar está distante! Distante também o seu indócil rebanho! Felizmente, jamais reencontrará esse sentimento tão vivo das misérias da vida. Já não é mais sensível à enorme mistificação do vício nem sua grosseira e pueril mentira. Pobre e confuso coração humano! Pobre cérebro humano tão árido! Míseras criaturas a se agitarem na lama! O padre, o santo de Lumbres, não vos pertence mais, não vos conhece mais, renega tudo isso, sem ódio. Sobe para a luz, como o mergulhador de braços estendidos e que na água escura já vê o grande clarão em cima.

– Enfim, conquistaste tua liberdade – dizia o outro (um outro tão semelhante a ele mesmo) ... – Tua vida passada, teu inútil mas tocante trabalho, teus jejuns, tuas disciplinas, tua fidelidade ingênua e grosseira, a humilhação por fora e por dentro, o entusiasmo de uns, a injusta desconfiança de outros, as terríveis palavras corrosivas, ah! tudo foi um sonho, a sombra de um sonho! Tudo era sonho, a não ser tua lenta ascensão para o mundo real, teu verdadeiro nascimento, teu desdobramento. Levanta-te até minha boca, ouve a palavra que é a própria ciência, toda a ciência.

O padre apura o ouvido e espera. Está mesmo onde queria levar o velho inimigo, o eterno inimigo implacável. Aviltado, espezinhado, atirado por terra como uma borra, esmagado, atormentado por todos os fogos invisíveis, retomado na ponta do gládio, ainda ferido, despedaçado, o último brado, abafado pelo grito terrível dos anjos, esse eterno rebelde, a quem Deus só deixou para a defesa a mentira, a monótona e pere ne mentira... Ai dele! A mesma mentira nos cantos da boca avarenta ou na garganta ávida e moribunda, onde se ouve o estertor do prazer feroz: "Torna-te-ás sábio! Sim! Tornar-te-ás sábio! Eis aí a primeira letra da palavra misteriosa... Entra aqui... entra em mim... revolve a chaga viva... bebe e come... sacia-te!".

Depois de tantos séculos é a ti ainda que ele espera, assim mesmo mil vezes repintado e rejuvenescido, brilhando de unguento e de tintas, luzindo de óleo, rindo com todos os dentes novos, oferecendo à tua curiosidade cruel seu corpo esgotado, toda a sua mentira, onde tua boca árida não sugará nem uma gota de sangue!

"Eu o vi, ou melhor, nós o vimos", escrevia muito tempo depois ao cônego Cibot, o cura de Luzarnes, antigo professor no pequeno seminário de Cambrai. "Eu o vi de olhos semicerrados e durante muitos minutos olhamos para ele, sem querer perturbar-lhe o silêncio. A expressão natural de seu rosto era de bondade cheia de unção em que diversas prudentes pessoas percebiam os sinais de certa simplicidade. Mas seu rosto ossudo, pareceu-nos a todos, nesse instante, como petrificado, paralisado em extrema violência; parecia um homem que concentra toda a atenção para dar um passo dificílimo. Notei que sua estatura como que se havia incrivelmente agigantado e que dava, na velhice, uma impressão de vigor pouco comum, quase de brutalidade mesmo. Apesar de meu espírito ter sido formado no severo método das ciências exatas e habitualmente pouco sensível aos impulsos da imaginação, fiquei de tal modo impressionado com o espetáculo desse enorme corpo imóvel e como que fulminado, na quietude rústica daquele interior camponês, que duvidei por um momento do testemunho de meus próprios sentidos: e quando vi meu respeitável amigo agitar-se e falar de novo, fiquei surpreendido como por acontecimento inesperado. Parecia, aliás, sair de um sonho. Disse-lhe, mais acima, meu muito honrado colega, que eu tinha ido ao encontro do nosso caro cura de Lumbres e que com ele me encontraria à margem do caminho, a alguma distância da casa. Certas frases, cujo sentido exato me escapou, haviam aumentado minha inquietação. Eu procurava responder o que a prudente amizade me inspirava quando, apertando meu braço com violência e mergulhando seu olhar no meu: 'Não me tente mais!', disse. Nossa primeira conversação parou aí; encaminhamo-nos

depois até o limiar da casa Havret. Tive nesse minuto o pressentimento de uma desgraça... pura verdade. A criança, cujo estado era, aliás, desesperador, tinha expirado durante minha curta ausência. Mlle. Lambelin havia cientificamente constatado o óbito, não poderia haver nenhum erro possível. 'Morreu', disse-nos aquela pessoa em voz baixa. Não sei se o cura de Lumbres ouviu. Ele tinha atravessado a portada do alguns passos, quando, num ímpeto doloroso e comovedor (que toda pessoa esclarecida pode mesmo, deplorando o exagero, devido à ignorância, honrar a sincera piedade), a infeliz mãe veio jogar-se aos pés de meu venerável confrade e, no arrebatamento de seu desespero, beijava-lhe a velha batina, batendo com a cabeça no chão com um ruído que ecoava em meu coração. Ao contato da pobre mulher e sem baixar sobre ela os olhos, o cura de Lumbres estacou. Foi, então, que o vimos, durante alguns minutos, imóvel no meio do quarto, como uma estátua, tal como eu o pintava ainda há pouco.

Depois, fazendo sobre a cabeça de Mme. Havret o sinal da cruz e levantando para mim o olhar: 'Saiamos!', disse. Ai de mim! meu caro e honrado colega, tal é a fraqueza de nosso espírito dominado por uma impressão demasiadamente viva que nenhuma objeção me ocorreu que me impedisse de segui-lo; também no excesso de sua aflição, a mãe infortunada nos deixou sair, sem nada dizer. De todos nós, só talvez Mlle. Lambelin tinha guardado calma e sangue-frio. Há, por certo, muito a criticar na conduta e na religião dessa pessoa, mas Deus nos dava por seu intermédio uma lição de bom senso e de razão. Sem dúvida alguma, eu me tornara durante essa espantosa manhã um joguete entre as mãos desse homem infeliz que um conselho salutar, apoiado na experiência e no saber, teria podido preservar de horrível desgraça... Somente Deus poderia dizer se eu fui o instrumento de sua cólera ou de sua misericórdia, mas os tristes acontecimentos que sobrevieram fazem pesar a balança a favor da primeira hipótese."

O distinto cônego prebendado, falecido depois, parece reviver a cada linha dessa carta, única no gênero, com suas ajuizadas e discre-

tas formas, enfiadas como castanhas-da-índia, em que os néscios nada encontrarão senão o banal e o baixo, mas que envolve a magia de um sonho, único sonho de uma pobre vida que só conheceu esse caso de consciência naufragando nele, única dúvida e único encantamento! Poucos meses antes de sua morte, a inocente vítima escrevia a um de seus íntimos:

"Forçado a interromper um trabalho que era minha última distração, não posso desviar o pensamento de certas recordações e entre essas a mais dolorosa: o infeliz e inexplicável fim do cura de Lumbres. Volto a esse fato, com insistência. Vejo nisso um desses acontecimentos tão raros neste mundo, que ultrapassam a razão comum. Minha fraca saúde padece o contragolpe dessa ideia fixa e nela vejo a principal causa de meu enfraquecimento progressivo e da perda total do apetite"

Essas últimas linhas agradarão certamente aos pesquisadores de documentos humanos que deixamos hoje, chafurdando e fungando em águas turvas. Mas lendo-os, sem vil curiosidade deixando soar em si mesmo o eco desse lamento ingênuo, compreender-se-á melhor o que há de angústia sincera nessa confissão de incapacidade, escrita porém em estilo elevado. O supremo esforço de certos homens simples, nascidos para trabalhos calmos e que um maravilhoso encontro arremessa ao coração das coisas em célere minuto – quando os vemos aplicados até o fim de sua incompreensível vida, a querer ressarcir o que nunca volta e que os feriu pelas costas –, é um espetáculo tão trágico e de amargura tão profunda que só se iguala ao trágico da morte de uma criancinha. É vão esforço o deles: passo a passo, de lembrança em lembrança, soletram-lhe a vida, letra por letra. A enumeração dos fatos aí está; contudo, a história não tem mais sentido. Tornaram-se estranhos em sua própria aventura; nela, não se reconhecem mais. O trágico apenas os atravessou, indo matar um outro, que estava ao

lado. No final; permaneceram insensíveis a essa injustiça da sorte, à maldade e à estupidez do acaso. Seu maior esforço é bem semelhante à agitação do animal inocente e desarmado; sujeitam-se, morrendo, a um destino que não atingem. Por tão longe que um espírito vulgar possa ir, na presunção de que através dos símbolos e das aparências consiga por vezes alcançar o real, faz-se mister que não tenha sonegado a parte dos fortes, que é menos o conhecimento do real que o sentimento da nossa incapacidade em fixá-lo e retê-lo por inteiro; eis a feroz ironia da verdade.

Quem melhor, a não ser esse padre tão distinto, para nos traçar o último capítulo de uma tal vida, consumida na solidão e no silêncio? Infelizmente, o antigo cura de Luzarnes não nos deixou senão algumas cartas incompletas de que citamos as passagens essenciais. O resto foi cuidadosamente destruído depois do encerramento do inquérito ordenado pela autoridade episcopal, cujos resultados continuam, provisoriamente, mantidos em segredo.

V

– Vamos sair daqui – tinha dito o cura de Lumbres.

O outro o seguiu, não fascinado como acreditara depois, de boa-fé, mas por simples curiosidade. O antigo professor conhecia pouca coisa a respeito do velho padre, transformado, de repente, em guarda de imenso rebanho incessantemente aumentado. Por que prodígio, esse homem, de solas enlameadas, sempre só pelos caminhos, sempre apressado, com o seu permanente sorriso triste, conseguira reunir em torno de seu confessionário uma verdadeira multidão de gente, sua gente? O cura de Luzarnes, recém-chegado à diocese, partilhava "até certo ponto" da desconfiança de alguns de seus confrades. "Guardo minhas reservas", dizia ele, ingenuamente. E eis que hoje, por acaso (outra palavra de que gostava), penetrava galhardamente na vida confidencial desse singular espírito.

Saíram para o pequeno jardim murado, atrás da casa. O belo sol filtrava-se entre os leirões das alfaces. Abelhas arrastadas pelo vento de oeste lá se iam como flechas. Na verdade, a brisa despertara com a aurora.

De repente, o cura de Lumbres parou e deu um passo para o companheiro. Em plena luz, o velho rosto avultava marcado pela insônia, tão trágico como a máscara de um agonizante. Um minuto, a pobre

boca se entreabriu, a tremer; depois, ao olhar curioso que o observava, o outro olhar vencido, entregou-lhe o segredo, entregou-se... o pobre homem chorava.

Já o futuro cônego se apiedava, elevando no ar sua mão muito alva.

– Na verdade, meu caro confrade...

Profere muitas coisas, às pressas, ao acaso, como convém num caso tão grave, procurando apoio e equilíbrio à medida que falava, no som de sua própria voz. Ao mesmo tempo olhava (certificando-se de que o convencia) para o padre cambaleante que sua infalível eloquência ia em breve soerguer. "Esta crise de exaltação, meu piedoso amigo, uma prova passageira e um aviso da Providência que nem sempre aprova os excessos da devoção, esses rigores de penitência, esses jejuns, essas vigílias..."

Continuava a doutrinar o outro, apressado em concluir, fornecendo pródigo ao infeliz Donissan seus emplastros e linimentos, quando uma voz de acento singular, ah! certamente uma voz singularíssima, inesperada, de um homem que ainda não ouvira, que não ouviria mais, cujo único lamento restituía ao nada a eloquência decepcionada:

– Meu amigo, meu amigo, não posso mais. Não posso mais.

Uma outra palavra tremeu em seus lábios, mas quedou ali mesmo.

O vigilante de Luzarnes, atrapalhado, recomeçou:

– Esse desespero...

O cura de Lumbres pousava já sobre a mão do outro a sua mão imperiosa, febril.

– Afastemo-nos um pouco – disse ele –, peço-lhe, vamos!

Pararam perto de um muro em ruínas. A natureza estuante e alegre zumbia em volta!

– Já não posso mais – continuou a voz lamentável. – Ah! Por piedade, que sua caridade não o iluda, ao senhor, meu amigo, agora meu

único amigo. Seja duro! Eu sou verdadeiramente um padre indigno, um pobre padre, uma alma seca, sou um cego, um miserável cego ...

– Não... não... – retificou polidamente o futuro cônego –, o senhor não, mas talvez alguns espíritos temerários que, abusando de sua cre... de sua boa-fé... é tão fácil acreditar nas coisas amáveis que dizem de nós!

O cura de Luzarnes sorriu, afastando com a mão rápida uma vespa importuna (a vespa e a brilhante boca tão cheia de palavras, dois bichos barulhentos) ... Porém, peremptório:

– Estou disposto a ouvi-lo.

O cura de Lumbres prostra-se de joelhos a seus pés:

– Deus me põe de novo em suas mãos, entrega-me ao senhor!

– Que criançada! – exclama o futuro cônego. – Levante-se, meu amigo. Sua imaginação dramatiza demais uma simples impressão de fadiga, de exaustão. Oh! Eu não sou mais do que um homem comum, um homem com uma certa experiência... – concluiu rindo, superior.

O cura de Lumbres responde a esse sorriso com outro sorriso doloroso. Que importa! Ele só quer ver nesse homem um amigo, antes da suprema volta, não escolhida, mas recebida, visivelmente recebida de Deus, seu último amigo. Ah! Certamente não espera mais voltar atrás, à procura da paz do mundo, tornar a viver. Já se sente longe na estrada maldita. Irá, irá, até o último fôlego, com um único companheiro.

– Ai de mim! – exclama, como nos tempos do grande seminário. – Sou hoje o mesmo : cabeça dura, coração seco, pessimista, para resumir: sou um homem vil de que a Providência se serve. Ah! o rumor que arranjaram em volta da minha fama, a obstinação com que me seguem, a amizade de tantos pecadores, tantos sinais e provas de que não entendo nem o sentido nem a finalidade! Um santo deve amadurecer no silêncio, mas o silêncio não me é concedido. Ainda há pouco, deveria ter me calado... não teria agora de fazer-lhe uma confissão... (sim... eu morreria de dor se abandonasse em tal momento essa pobre

mulher de joelhos – tão duramente – sim, duramente atingida...). Porque... meu amigo, quando eu atravessava a soleira da porta... um pensamento... um tal pensamento me veio...

– Que pensamento? – perguntou o cura de Luzarnes. Com um gesto involuntário, curvou-se para Donissan, o ouvido junto à boca do homem, de onde saía apenas um murmúrio confuso... Soergueu-se, aterrado...

– Oh! meu amigo... – exclama. – Oh! meu amigo!

Levanta os braços para o céu, cruza-os sobre o peito, deixando cair os largos ombros, com abatimento. O velho padre continua de joelhos, cabeça baixa. Só se vê a nuca enrugada curvada sob o peso da vergonha.

– Assim – replica o senhor cura de Luzarnes –, esse pensamento lhe veio, de repente, pela primeira vez?

– Sim, pela primeira vez.

– Nunca antes?...

– Meu Deus! – exclama o cura de Lumbres. – Nunca antes! Sou um infeliz. Há anos que não sei o que é uma hora de paz. Acredite... Até sob os pés do demônio... milagre? Eu?... Meu amigo, em verdade, talvez não tivesse feito em toda minha vida um só ato de amor divino, mesmo imperfeito, mesmo incompleto... foi preciso que o horrível martírio desta última noite... acredite, meu amigo, não me pertenço mais... no momento do mais negro desespero... como por irrisão... este pensamento baixou sobre mim.

– É preciso afastá-lo!

– Compreenda-me – disse o pobre homem, humildemente. – Garanto-lhe: tal pensamento me veio... digo mal; não me veio um pensamento, mas uma certeza... ah! as palavras me faltam; sempre me faltaram – exclama com ingênua impaciência. – Devo ir até o fim, meu querido, meu bem amado irmão, até a última confissão... de joelhos em frente a sua pessoa, mergulhado na mais terrível angústia, duvidando

mesmo da minha salvação... creio, devo crer... piamente, que essa certeza vem de Deus.

– Mas... tem, como direi? Alguma prova material?...

– Que prova? – pergunta o cura de Lumbres candidamente.

– Eu é que não sei... viu ou ouviu alguma coisa?...

– Nada... somente ouço a minha voz interior. Se uma ordem me fosse dada, assim clara, como o senhor quer, eu teria obedecido imediatamente. Mas é menos uma ordem do que uma simples certeza, a certeza de que isso se daria... se eu quisesse. Deus é testemunha de que a confissão que lhe faço despedaça-me o coração, sinto morrer de vergonha... eu sabia... eu sei... estou certo: uma palavra minha teria... meu Deus!... teria ressuscitado... sim! ressuscitaria esse menino morto!

– Olhe bem para mim – disse autoritariamente o cura de Luzarnes, depois de longo silêncio.

Levantara-o à força com ambas as mãos. Quando o viu de pé, os joelhos enlameados, a cabeça baixa, teve imensa pena do companheiro! Amou repentinamente aquela alma.

– Olhe para mim... Responda-me francamente. Quem lhe impediu de experimentar... de experimentar seu poder ainda há pouco?

– Não sei – disse o velho padre... É terrível! Quando o instrumento é vil demais, Deus o abandona depois de se ter servido dele.

– Mas sua... sua convicção permanece intacta?

– Sim – disse ainda o cura de Lumbres.

– E agora, que vai resolver?

– Obedecer – respondeu o estranho homem.

O futuro cônego retirou nervoso o *pince-nez*, agitando-o em seu cadarço.

– Então vou lhe aconselhar a mais simples conduta – disse afinal. – Em primeiro lugar, o sr. vai voltar até lá, atrás de mim, e chegando lá se desculpará o melhor que puder (sua saída tão brusca, pouco delicada, devia ter escandalizado os circunstantes). Enquanto eu preencher

esse dever de polidez, o senhor irá – entenda-me bem –, irá à câmara mortuária fazer suas orações, como deve fazer, então executará o que quiser, como quiser... Não quero deixar nenhuma dúvida em seu espírito, já tão perturbado... Assumo as responsabilidades! – concluiu, depois de imperceptível hesitação, com um gesto impetuoso, decisivo.

Era assim que disfarçava a seus próprios olhos a fraqueza de sua curiosidade consciente e inconfessa (às vezes, o mais vulgar dos homens, perdido numa sala de jogo, é arrastado pelo vórtice das decisões rápidas e arrisca também o seu dinheiro, descobrindo-se um pouco de si mesmo).

Em seguida, levantando o *pince-nez* à altura dos olhos:

– Depois disso tudo, meu amigo, é prudente que o senhor vá repousar um pouco, sensatamente.

– Experimentarei – disse humildemente o velho padre.

– Isso depende do senhor, o ato de repousar, afirmam os especialistas, é um ato voluntário. Em muitos doentes, mesmo a insônia não é senão uma das mil formas da abulia. Creia num homem a quem essas coisas são familiares. Uma crise moral como a sua não passa de uma reação natural de um organismo esgotado. Aqui para nós, meu caro confrade, falemos claro: nove vezes sobre dez, a paz que o senhor quer buscar tão longe está a seu alcance; uma boa higiene a devolverá. Eu bem sei que na boca de um padre essas verdades são, às vezes, perigosas ou muito delicadas de se externarem. Mas de um espírito superior, como o seu, não tenho que recear nenhuma interpretação excessiva... que certas almas escrupulosas...

– O senhor acredita que eu seja louco? – perguntou o cura de Lumbres, com doçura.

Levantou o olhar para ele, ainda há pouco aterrado, com uma ternura misteriosa. Depois replicou:

– Ai de mim! Há pouco eu desejaria sê-lo. Em certas horas, ver é por si só uma prova tão certa e tão dura que se desejaria que Deus

quebrasse o espelho. Dá-nos ímpeto de quebrá-lo... pois é duro ficar de pé aos pés da Cruz, mas mais duro ainda é contemplá-la porfiadamente ... Que espetáculo, meu amigo, o que decorre da inocência à agonia! Depois de tanta angústia a morte nada é... poder-se-ia procurá-la de uma vez, acabar, encher de terra a boca inefável, sufocar o grito ... mas a mão que nos oprime é mais sábia e mais forte; o olhar que se sacia em nós não é um olhar humano. Ao ódio medonho que até na hora da morte espreita o justo moribundo, tudo é concedido, tudo, tudo... a carne divina é dilacerada, violada, profanada por um sacrilégio absoluto até na majestade da agonia... a irrisão de Satanás, meu amigo! O riso, a tremenda alegria da danação! ... Para um tal espetáculo – disse ele, depois de uma pausa –, nossa lama é ainda pura demais...

– O drama do Calvário – começou o futuro cônego...

Não acabou a frase pois daquele momento em diante o padre cartesiano cessou de ver claro. O eminente filósofo, cujos discursos revelaram outrora a tantas belas curiosas um outro universo sensível e que, por uma sábia combinação de matemática e de espírito, fez do problema do ser um divertimento para grã-finos – se tivesse um dia ouvido falar um desses singulares bonecos mecânicos todos de molas, rodas e alavancas, não se teria sentido mais atônito que diante de si mesmo, do padre que era ele, até então tão incisivo, mas que subitamente arrastado para fora de seu campo, já não se reconhecia.

O cura de Lumbres pousou na testa do futuro cônego o dedo rijo.

– Infelizes somos nós – disse com voz rouca e lenta –, infelizes somos nós todos que nesse mundo não possuímos senão um naco de miolos e o orgulho do demônio! Nada tenho com a sua prudência. Minha sorte está lançada. Que paz até hoje alcancei, que silêncio? Não há paz nesta vida, digo-lhe eu, nenhuma paz e nenhum instante de verdadeiro silêncio. Este mundo podre se desfaz como uma fumaça ou uma emanação. Pedi a Cristo para me abrir os olhos; quis ver a sua Cruz; eu a vi; o senhor não sabe o que é ... o drama do Calvário, diz o

senhor... mas esse drama salta-nos aos olhos por si só... aí está! Eu que lhe falo, Sabiroux, eu ouvi – sim, eu ouvi – até nos púlpitos... coisas... não posso dizer... nesses púlpitos se fala da morte de Deus como de um velho conto... embelezam esse conto... renovam-no. Onde vão buscar tanto enfeite? O drama do Calvário! Tome cuidado, Sabiroux...

– Meu caro amigo... meu caro amigo – balbuciou exausto o outro – ... essa exaltação... essa violência... tão em desacordo com o seu caráter...

Certamente as palavras do cura de Lumbres o aterravam menos do que esse tom de voz duro e pungente. Mas o pior ainda era ouvir seu próprio nome, as três sílabas atiradas ao vento, imperiosas, como uma ordem: Sabiroux... Sabiroux...

– Tome cuidado, Sabiroux, o mundo não é uma mecânica nem nenhum maquinismo. Entre Satanás e Ele, Deus nos joga como sua última trincheira. É através de nós que desde séculos e séculos o mesmo ódio procura atingi-lo; é na pobre carne humana que o inefável assassínio é consumado. Ah! Ah! Por mais alto, mais longe que nos transportem a prece e o amor, nós o levamos conosco, preso aos nossos flancos, o medonho companheiro, gargalhando sua imensa risada! Rezemos juntos, Sabiroux, para que a prova seja curta, e poupada a miserável multidão humana... Miserável multidão!...

A voz fragmenta-se-lhe na garganta, e ele cobre os olhos com as mãos trêmulas. Em redor, o pequeno jardim iluminado freme de alegria matinal. Ambos já não ouvem esse rumorejo.

Miserável multidão!, repete ele surdamente. À lembrança daqueles que tanto amara, a boca lhe treme, uma espécie de sorriso sobe lentamente até a face e aí se espalha com uma majestade tão doce que Sabiroux receou vê-lo cair, diante dele, morto. Chamou-o duas vezes receoso. Então, como um homem que desperta:

– Eu devia falar assim. Devia. Creio que era permitido, Sabiroux, retificar um pouco seu juízo sobre mim. Custar-me-ia deixá-lo crer

que nunca fui favorecido por... por visões... aparições... enfim, tentações pouco comuns. Isso não foi feito para mim. Não! O que vi, meu amigo, vi na minha pequena sacristia, sentado na minha cadeira de palha, tão claramente como o estou vendo a você, Sabiroux. Veja só, pouca gente sabe o que é um pecador. Que é uma voz na escuridão de um confessionário, que ronrona, ronrona, ronrona, apressada, e só se pousa nas primeiras sílabas do *mea culpa*? Bom para crianças, isso, pobres crianças! O que é preciso ver são as caras em que tudo se lê, ver os olhares! Os olhos dos homens, Sabiroux! Há sempre alguma coisa a dizer sobre isso. Você sabe? Assisti a muitos moribundos;

isso não é nada; não assustam ninguém. Deus os cobre sempre. Mas os miseráveis que vi diante mim, que discutem, sorriem, debatem-se, mentem, mentem, mentem – até que uma última angústia joga-os a nossos pés como sacos vazios! Ao sol do demônio tudo isso se dá, pois sua empáfia escarva o chão diante das raparigas ou blasfema que dá gosto de tanta doçura... Ah! por muito tempo nada compreendi dessas artimanhas; não via senão gente desgarrada que Deus apanhava em sua

passagem. Mas há alguma coisa entre Deus e o homem, e essa coisa não é um personagem secundário... há... há esse ser obscuro, incomparavelmente sutil e teimoso, a quem nada poderia ser comparado, a não ser a atrocíssima ironia, a crudelíssima gargalhada. O próprio Deus por algum tempo a ele se entregou. E é ainda dentro de nós que ele fisga Deus e O devora. Verdadeiramente extirpa Deus de dentro de nós. Há milênios e milênios, Sabiroux, que ele nos joga em seu

lagar, espreme-nos, espreme-nos e retira-nos o sangue, todo o sangue para que a menor parcela da carne divina não escape à sua gula e ao seu sarcasmo. Oh! nossa ignorância é profunda! A um padre erudito, cortês, político, que é o diabo?, pergunto-lhe, Sabiroux. Ninguém lhe pronuncia o nome sem sorrir. Atacam-no como a um cão. Acreditam tê-lo domesticado ou tornado familiar. Leram livros demais e não se confessaram suficientemente. Só se quer agradar. Não se agrada senão

aos tolos. Nós não somos sabidos, Sabiroux! Estamos na primeira fila de uma luta de morte, e nossos filhos, atrás de nós. Padres! Mas os padres não querem ouvir o grito da miséria universal! Não confessam senão os funcionários de suas sacristias! Jamais se lhes depara, face a face, um rosto transtornado! Nunca veem levantar-se para eles um desses olhares inesquecíveis, cheios do ódio de Deus, ao qual nada mais se tem que dar, nada! O avarento roído por seu câncer, o luxurioso de carne podre como um defunto, o ambicioso obcecado, o invejoso que não sossega. Que padre não chorou algum dia de sua incapacidade diante do mistério do sofrimento humano, de Deus ultrajado no homem, seu refúgio!... Os padres não querem ver ... não querem ver!

À medida que a áspera voz se elevava ao vento e ao sol, o luxuriante pequeno jardim desafiava-a com sua exuberante seiva. A brisa de maio, tangendo no céu as nuvens cinzentas, bloqueava às vezes, abaixo do horizonte, seu imenso rebanho. Foi então que um jato de luz deslumbrante, como imenso gládio, varreu a sombria planície e veio parar na magnífica sebe.

"Eu me sentia", escreveria tempos depois o padre Sabiroux, "como um cimo isolado, exposto, sem defesa, aos golpes de invisível inimigo... Mas o cura de Lumbres, agora silencioso, fixava atento qualquer coisa no espaço. Parecia esperar um sinal que não veio".

VI

É preciso que devolvamos a palavra à mais autorizada testemunha dessa narrativa, convidada por alguém mais hábil e poderoso a assistir o velho homem de Lumbres em seu último combate. Como as citações precedentes, as que se seguem foram retiradas do volumoso relatório dirigido a seus superiores pelo escrupuloso cônego. Certamente, ver-se-á aí o receio e o amor-próprio se exprimirem às vezes com desembaraço inocente. Mas não é de todo vil a defesa do autor a amparar seus preconceitos, sua vaidade, suas razões de viver.

"Por certo é bem difícil apresentar com a devida força acontecimentos tão antigos; a própria conversação que tento reconstituir é, aqui, por assim dizer, irreproduzível; e a memória mais fiel não poderia recompor a distância, a atitude, o tom, mil pequenos fatos que modificam sobremodo o sentido das palavras e nos dispõem a não ouvir senão os que concordam com nossos sentimentos íntimos. É preciso que o respeito que devo à ordem formal de meus superiores e meu desejo de os esclarecer triunfe de minha repugnância e de meu escrúpulo. Tentarei, pois, relatar menos os termos que reproduzir o sentido geral e a impressão singular que me empolgou.

'Tome cuidado, Sabiroux!', tinha exclamado de repente meu infeliz confrade, com uma voz que me aterrou. Os olhos dele brilhavam estranha-

mente. Uma vez ou duas tentei fazer-me ouvir sem que se dignasse nem sequer olhar-me. Que devo dizer ainda? Eu estava sob um encantamento, se se pode chamar encantamento a uma horrível tensão nervosa, a uma curiosidade insofrida. Durante o tempo em que falava, não duvidei mais de estar em presença de um homem verdadeiramente sobrenatural, em pleno êxtase. Mil coisas em que eu nunca havia pensado e que hoje me parecem cheias de contrassensos e obscuridades ou de imaginação pueril iluminaram de uma só vez meus pensamentos e minha razão. Julguei penetrar um mundo novo. Como reproduzira sangue-frio as singulares frases com que, suplicando e ameaçando ao mesmo tempo, ora pálido de raiva, ora chorando com inflexão dilacerante, ela desesperava da salvação das almas, relatava seu inútil martírio, revoltando-se contra o mal e a morte como se apertasse Satanás pela garganta. Satanás! O nome voltava-lhe sem cessar aos lábios e ele o pronunciava com tal veemência que dilacerava o coração. Se fosse permitido a olhos humanos entrever o anjo rebelde, a quem a santa ingenuidade de nossos pais atribuía tantas maravilhas, hoje mais bem explicadas, tais palavras o teriam evocado, porque já sua sombra estava entre nós dois, pobres padres, no pequeno jardim. Não! senhores, semelhante colóquio não pode ser refeito a sangue-frio! Seria preciso ouvir esse homem venerável, transfigurado pelo horror e como desvairado pelo ódio, evocando as mais íntimas recordações de seu santo ministério, medonhas confissões, o trabalho do pecado nas almas e até nos rostos dos infelizes, transformados em presa do demônio, em que seu olhar visionário via traçar-se linha por linha a agonia de Nosso Senhor na Cruz. Uma espécie de embriaguez me transfigurava. Então era mais um desses ministros da moral cristã, mas um homem inspirado, um desses exorcistas lendários, prestes a arrancar aos poderes do mal as ovelhas de seu rebanho. Milagres da eloquência! Eu mesmo dei em pronunciar palavras sem seguimento, teria querido enfrentar perigos, talvez o martírio. Pela primeira vez, pareceu-me que entrevia o fim verdadeiro de minha vida e a majestade do sacerdócio. Joguei-me, sim, joguei-me aos joelhos do senhor cura de Lumbres. Ainda mais! Apertava

entre minhas mãos as dobras de suapobre batina e nela imprimia meus lábios, regava-a com minhas lágrimas, gritando-lhe minha superabundante alegria, sentia estas palavras, antes mesmo de pronunciá-las: 'Vós sois um santo! Vós sois um santo!'."

Não uma vez, mas vinte vezes, o cônego abismado repetia essas palavras, balbuciando inebriado! A terra queimava-lhe os grossos solados, o horizonte girava como uma roda. Sentia-se mais leve que um homem de cortiça, maravilhosamente leve e livre, no ar elástico. "Julguei-me desligado dos laços mortais", assevera ele. Que palavra imensamente forte ou que milagroso silêncio levantaram esse tão alto enorme peso? Que lhe dizia ao ouvido o trágico ancião, que a tentação abalava até o âmago e que repelido por todos e mesmo por Deus, aterrado e abatido, voltava-se, morrendo, para um olhar amigo? Isso é que nunca poderemos saber ...

– Ah! Satanás nos tem sob os pés – disse enfim, com voz suave e sem ânimo.

O cura de Luzarnes, espantado, balbucia:

– Meu amigo, meu irmão, eu o desconhecia... não sabia... Deus o fez para ser a honra da diocese, da Igreja, do trono da Verdade... E possuindo tão admiráveis dons, o senhor ainda se lamenta, o senhor se crê vencido! Deixe ao menos lhe exprimir meu reconhecimento, minha emoção, pelo bem que me fez, pelo entusiasmo...

– O senhor não me compreendeu – disse simplesmente o cura de Lumbres.

Sabe que deve se calar e no entanto fala. A fraqueza tem sua lógica e seu declínio, como o heroísmo. E, todavia, o velho hesita antes de assestar seus últimos golpes.

– Eu não sou um santo – replica ele. – Escute! deixe-me dizer. Sou talvez um réprobo... Sim! olhe para mim... Minha vida passada se esclarece e eu a vejo como uma paisagem, como no alto de Chennevières o burgo do Pin, sob meus pés. Trabalhei para me desfazer do mundo;

eu o queria, mas o outro mais forte e mais astucioso me ajudava a afagar a esperança dentro de mim. Como sofri, Sabiroux! Quantas vezes engoli meu cuspo! Entretive em mim um insanável nojo de tudo; era como se tivesse ninando ao peito o diabo menino. Já me encontrava ao fim de minhas forças quando essa crise acabou de estragar tudo. Besta, besta que eu era! Deus não está aí, Sabiroux!

Hesita ainda, diante da inocente vítima: esse padre florido, de olhos cândidos. E depois, com raiva, zurze que zurze:

– "Um santo!". Vocês têm todos essa palavra na boca. Santos! Sabem o que é um santo? E você mesmo, Sabiroux, retenha isso: o pecado entra em nós raramente pela violência, mas pela astúcia. Insinua-se como o ar. Não tem forma nem cor, nem sabor que lhe seja próprio, mas toma-os todos. Rói-nos por dentro. Devora mesmo vivos a alguns miseráveis cujos gritos nos assustam, como também a outros já frios e que não são nem mesmo mais mortos, mas sepulcros vazios. Nosso Senhor disse (ouça bem, Sabiroux!): O Inimigo dos homens rouba tudo, até a morte, e depois voa rindo-se.

(A mesma chama repassa-lhe nos olhos fixos como uma réstia na parede.)

– A gar*gal*hada! Aí está a arma do príncipe do mundo. Tanto foge como mente, toma todos os rostos, até os nossos. Nunca espera, não se firma em parte alguma. Está no olhar que o enfrenta, está na boca que o nega. Está na angústia mística, está na segurança e na serenidade do néscio... Príncipe do mundo! Príncipe do mundo!

"Por que essa cólera? Contra quem?...", pergunta a si mesmo o cura de Luzarnes, honestamente.

– Ah! – exclama –, homens como o senhor...

Mas o santo de Lumbres não o deixa terminar; avança para ele até sentir-lhe o contato.

– Homens como eu! o Livro Santo o dirá, confundem-se com a própria sabedoria.

Depois, com sua voz cortante, pergunta-lhe, de repente:

– Príncipe do mundo... que pensa você desse mundo?

– Por minha fé, sem dúvida... – sibila o homenzinho entre os dentes.

– Príncipe do mundo; eis aí a palavra decisiva. É príncipe *deste mundo*, tem o mundo em suas mãos, é rei.

– Estamos sob os pés de Satanás – replica ele depois de uma pausa –, o senhor, eu mais do que o senhor, com uma certeza desesperada. Somos dissolutos, perdidos, enterrados. A nós, mesquinhos seres, ele nem se digna de nos combater decentemente; faz de nós seus instrumentos; serve-se de nós, Sabiroux. Neste minuto, que sou eu? Um escândalo para você, um espinho que ele lhe enfinca no coração. Perdoe-me em nome da piedade divina! Trouxe comigo esse pensamento, amadurecido cada dia, em silêncio, toda minha vida. Não posso conservá-lo mais; devorou-me. Sou eu quem está nele, meu inferno! Conheci almas demais, Sabiroux; ouvi por demais a palavra humana, quando a palavra já não serve para disfarçar a vergonha, mas para exprimi-la; tomada na sua fonte, sugada, como o sangue de uma ferida. Também pensei poder lutar, vencer. No princípio de nossa vida sacerdotal, fazemos do pecador uma ideia tão singular, tão generosa. Revolta, blasfêmia, sacrilégio, isso tem sua grandeza selvagem, é um animal que se vai domar... domar o pecador! oh! ridículo pensamento! Domar a própria fraqueza e covardia! Quem não se cansaria em ser obrigado a levantar uma massa inerte? Todos os mesmos! Na efusão da confissão, na elasticidade do perdão, mentirosos ainda, sempre! Eles representam o homem forte e desconfiado que tomou o freio nos dentes através das conveniências, a moral e o resto imploram o punho brutal. Ah! miséria! Estão exaustos! Imagina: vi alguns a que um simples nome de mulher provocava convulsões de raiva e que, despedaçados de medo, de remorsos e de inveja, se arrastavam a meus pés como bichos... Vi. Não! Não! Esta imensa ilusão, esse riso cruel, esta maneira de profanar o que ele mata, aí está Satanás vencedor! Compreendeu-me, Sabiroux?

Os olhos azuis do professor enfrentaram-lhe o olhar com uma curiosidade cândida, uma benevolência infinita, eterna. Ah! Que se arrebente até esse esmalte azul! O velho atleta em frente à criança cora e empalidece alternadamente. O coração bate forte e regularmente, no peito, onde a vontade poderosa, jamais de todo sujeita, já se empina, rebenta o freio.

Leva Sabiroux à parede, grita-lhe ao ouvido com inesquecível inflexão:

– Estamos vencidos, digo-lhe eu! Vencidos! Vencidos!

Um minuto, um longo minuto, ouve sua própria blasfêmia como a última pá de terra sobre um túmulo. Aquele que por três vezes renegou seu mestre, um único olhar pode absolvê-lo, mas que esperança para o que se renegou a si mesmo?

– Meu amigo! Meu amigo! – exclama o cura de Luzarnes.

Mas o santo de Lumbres lhe repele docemente as mãos:

– Deixe-me – disse ele –, deixe-me... não me ouça.

– Deixá-lo! – replica o outro com voz estrepitosa. – Deixá-lo! Nunca vi nada que se parecesse com você. Perdoe-me de ter duvidado de você. Estou pronto a servir-lhe de testemunha na prova que planejou... nada é impossível nem incrível a um homem tal como você... vá! Vá! Eu o sigo: era Deus que o inspirava há pouco. Vamos! Voltemos juntos a casa. Vá devolver à pobre mãe o pequeno morto.

O cura de Lumbres olhava-o com espanto, passa a mão na testa, procura compreender... contra o moralista, o trágico, o terrível esquecimento!... Ora! Ora! Será que não se lembra mais?...

– Vejamos, meu amigo, meu venerável amigo – repete ele –, sou eu quem lhe deve lembrar que nesse lugar, ainda há pouco ...

Aí se lembrou. O último apelo da misericórdia, a promessa deslumbrante que o teria salvo e que ouviu com temor, em vez de obedecer como a criança, cujas pequenas mãos fazem grandes coisas que ele ignora; é possível? É preciso que outro a chame. A ideia fixa com que

por dois dias e duas noites o miserável subjugava o pensamento – que horror! – talvez no momento da libertação, e com que mão! se apoderou dele por inteiro. No minuto decisivo, no minuto único de sua extraordinária vida – irrisão soberana, absoluta –, não era mais do que um pobre animal humano cuja sina era sofrer e gritar.

Ah! o náufrago que, na bruma da manhã, não encontra mais a vela rubra; o artista que, com veia exangue, morre vivo; a mãe que vê, nos olhos do filho em agonia, o olhar escorrer para fora de sua presença – nunca elevaram ao céu um grito mais tremendo. Sob tal golpe, entretanto, o heroico ancião não dobra os joelhos. Não reza mais. Mede friamente a profundidade de sua queda; repassa pela última vez a tática superior do inimigo que o venceu. "Odiei o pecado", disse consigo, "odiei a própria vida e o que sentia de inefável nas delícias da oração era talvez esse desespero que se fundia no coração".

Uma por uma, as imagens desfazem sobre nós os próprios contornos, depois, em plena desordem da consciência, a razão vem nos aturdir. Tanto quanto o próprio instinto, a alta faculdade de que nos orgulhamos tem seu pânico. O cura de Lumbres experimenta-o; consome o pensamento que o mata. Então o quê? No momento mesmo em que me julgava... quê? Até no inebriamento do amor divino!...

– Deus teria zombado de mim?! – exclama.

Na dissipação de um sonho que nos pareceu sempre a própria realidade e ao qual nosso destino se tinha ligado, quando o desastre é completo – atinge seu ponto de perfeição –, que outra força nos solicita ainda a não ser o áspero desejo de provocar a desgraça, de apressá-la, conhecê-la, enfim?

– Vamos – disse o cura de Lumbres.

VII

Com grandes passadas, atravessa o jardim que uma nuvem agora ensombrava. Reaparece à soleira da porta.

– Está aqui! – exclama aquela que o esperava com o coração aos pulos.

Adianta-se para ele, estaca, atingida em sua esperança, à vista desse rosto violento em que se estampa uma vontade feroz, rosto de herói, não de santo. Porém, Donissan, sem lhe dirigir o olhar, vai até a porta fechada, atrás da grande mesa de carvalho e a mão na maçaneta, com um sinal detém o confrade intimidado. A porta se abre para o quarto obscuro e silencioso, cujas persianas estão fechadas. Porum segundo, a vela oscila ao fundo. Entra e fecha-se com o morto.

O quarto, de paredes caiadas, é estreito e fundo; fica por trás da cozinha para onde o médico quis que se transportasse o doente, porque é mais vasto, com duas janelas para o levante, em frente ao jardim e os bosques de Sennecourt, às colinas de Bearegard, cheias de sebes floridas. Sobre o ladrilho avermelhado colocaram um tapete ordinário. Uma única vela mal ilumina as paredes nuas. E a luz do dia – não se sabe como – penetra ali através de frestas invisíveis, converge, flutuando em torno dos lençóis brancos, sem dobras, duros, descidos por igual até o chão, de cada lado do

pequenino morto, agora maravilhosamente quieto e tranquilo. Uma mosca importuna zumbe .

O cura de Lumbres está de pé, junto à cama, olha, sem rezar, o crucifixo sobre a fazenda clara. Não espera ouvir de novo a ordem misteriosa. A promessa está feita, a ordem, ouvida: isso basta. Eis o servo infiel onde o esperou seu mestre, a esperar, impassível, o julgamento que merece.

Escuta. Escuta. Lá fora, atrás das persianas fechadas, o jardim rumoreja, zumbe, chia sob o sol, como um pedaço de lenha verde ao fogo. Dentro, o ar é denso, impregnado do perfume dos lilases, da cera quente e de outros solenes odores. O silêncio, não mais deste mundo, que os ruídos exteriores atravessam sem romper, sobe em volta deles, da terra profunda. Sobe como uma invisível névoa e já se desfazem e se diluem as formas vivas, apenas entrevistas; já os sons se distendem, se procuram e a eles se juntam mil coisas desconhecidas. Semelhante ao fluir de dois fluidos sotopostos, de densidade desigual, duas realidades se sobrepõem, sem se confundir , num equilíbrio misterioso.

Nesse momento, o olhar do santo de Lumbres encontra o do pequeno defunto e nele se fixa, na órbita que não se cerrou de todo: a outra pálpebra desceu rija.

Baixadas cedo, sem dúvida, e por mão trêmula, a retração do músculo levantou um pouco a pálpebra, e vê-se sob os cílios estendidos a pupila azul, já desbotada, estranhamente escura, quase negra. Do rosto lívido, ao côncavo do travesseiro, bem se vê essa pupila murcha sumida na enorme olheira negra como um poço. O corpinho, em sua mortalha juncada de lilases , tem já essa dureza e essas angu losidades do cadáver, em volta do qual o ar, tão amante das formas vivas, parece solidificado como um bloco de gelo. O leito de ferro, com sua fria carga, parece um maravilhoso navio ancorado para sempre. Nada lhe resta, nada, nada, a não ser esse olhar para trás – longo olhar de exilado – tão claro como um adeus.

Certamente o cura de Lumbres não se surpreende com esse olhar; interroga-o. Tenta compreendê-lo. Ainda há pouco, numa espécie de desafio, atravessou a soleira da porta pronto a jogar entre essas quatro paredes brancas um lance desesperado. Andou em direção ao morto, sem comoção nem piedade, como ao encontro de um obstáculo a galgar, uma coisa imensamente pesada a soerguer... e eis que o morto se adiantou a ele: *era o morto que o esperava*, semelhante a um adversário resoluto, posto em guarda.

O homem fixa esse olhar entreaberto com uma atenção curiosa em que a piedade se apaga pouco a pouco, para terminar numa impaciência cruel. Donissan contemplara a morte tanto quanto o velho soldado; tal espetáculo lhe é familiar. Dar um passo, estender a mão, baixar com os dedos a pálpebra, cobrir a pupila que o espia, sem defesa, nada há de mais simples. Nenhum susto nem nenhum escrúpulo o detém hoje, principalmente. O que o empolgava antes era o desejo, a espera não confessada de uma coisa impossível, que vai agora se cumprir fora de si, sem sua pessoa. Entretanto, por um momento, hesita, recua, decide-se afinal. Tenta esse morto, como daqui a pouco, sem saber, tentará a Deus.

Ainda uma vez procura rezar, mexe os lábios, desafoga a garganta cerrada. Não! ainda um minuto, um pequeno minuto ainda... o receio louco, insensato de que uma palavra imprudente afaste para sempre a presença invisível, adivinhada, desejada, temida, prega-o no lugar, mudo. A mão, que esboçava no ar o sinal da cruz, tomba! A manga larga de raspão faz oscilar a chama do círio e apaga-a. Tarde demais! Viu, sim, viu duas vezes, os olhos se abrirem e se fecharem num apelo silencioso. Sufoca um grito. O quarto escuro está mais calmo do que antes. A luz de fora flui através dos postigos, flutua, ressalta cada objeto no fundo cinza, envolve o leito num halo azulado. Na cozinha o relógio bate dez vezes ... o riso de uma menina sobe na clara manhã, vibra demorado... "Vamos! Vamos!...", disse o santo de Lumbres, com voz mais segura.

Revista-se com uma pressa cômica, procura o isqueiro, presente do sr. conde de Salpène (mas que esquece sempre em cima da mesa), descobre um fósforo, risca-o, repete: Vamos!... vamos!, com os dentes cerrados. Esvaziando os bolsos, põe no chão sua faquinha de cabo de chifre, cartas, um lenço vermelho de algodão, tão bonito! mas depois tateia em vão o ladrilho, aqui e ali, sem encontrá-los. O leito, muito próximo, forma uma sombra mais densa. Em contraste, no alto, a névoa luminosa, em volta dos postigos, se alarga, espraiando-se. Já o rosto do morto aparece... gradualmente... sobe... lentamente... até a superfície das trevas. O homem debruça-se para tocá-lo, olha... os dois olhos agora completamente abertos fixam-no também.

Por um minuto suporta esse olhar, com uma louca esperança. Mas nenhuma dobra das pálpebras levantadas se mexe. As pupilas, de um negro opaco, estão verdadeiramente vazias de pensamento humano... e contudo... outra espécie de pensamento talvez?... Oh! Horror! Nesse momento, percebe nelas a velha irrisão... O desafio do senhor da morte, do ladrão de homens... é ele.

– És tu, reconheço-te – exclama o miserável velho padre, com voz baixa e pausada. Ao mesmo tempo, parece-lhe que todo o sangue de suas veias afluiu-lhe ao coração, como chuva gelada. Uma dor fulgurante, indizível, atravessa-o de ombro a ombro, espalhando-se pelo braço esquerdo até os dedos entorpecidos. Uma angústia jamais sentida, física, provoca-lhe uma espécie de vácuo no peito, como por monstruosa sucção do epigastro. Domina-se para não gritar, chamar alguém.

Toda a segurança vital desapareceu: a morte está próxima, certa, iminente. O homem intrépido luta com ela com uma energia desesperada. Treme, dá um passo para recuperar o equilíbrio, segura-se ao leito, não quer cair. Nesse simples passo em falso, quarenta anos de vontade magnânima, na sua mais alta tensão, esvaem-se num segundo, num último esforço, sobre-humano, capaz de fixar num momento o destino.

Pois é verdade: até que a noite o esconda e proteja o carrasco tenaz, implacável que se diverte com os homens como com uma presa, cerca-o com seus poderes, chama-o, desvia-o, exige ou solicita, retira ou restitui a esperança, apodera-se de todas as vozes, anjo ou demônio, inumerável, eficaz, poderoso como um Deus. Como um Deus! Ah! Que importa o inferno e sua chama, contanto que seja esmagada uma vez, pelo menos uma vez, a monstruosa maldade! Quererá Deus conceder que o pobre servo que o seguiu ache em seu lugar o ridículo rei das moscas, o animal cem vezes coroado? Para a boca que procura a Cruz, para os braços que a estreitam, só isso está reservado? Só isso? Só essa mentira? Será possível?, repete o cura de Lumbres em voz baixa, será possível?... E logo depois:

– Tu me enganaste – gritou.

(A dor aguda que o cingia como um horrível cinturão descerra um pouco seu arrocho, mas a respiração continua difícil. O coração bate lentamente, como sufocado. "Só me resta um momento", disse consigo o infeliz, levantando do chão, um após outro, os pés pesados como chumbo.)

Mas nada faz parar aquele que, de lábios cerrados, concentrando-se num só pensamento, avança para o inimigo vencedor e mede-lhe o golpe. O santo de Lumbres passa as mãos sob os bracinhos rijos, puxa para fora o leve cadáver. A cabecinha pende, oscilando de um para outro ombro, depois, cai para trás, imóvel. Parece dizer-lhe: "Não!... Não!...", com o bonito gesto cansado das crianças mimadas. Mas nada importa ao rude camponês violentado em sua suprema esperança e que concentra de pé uma cólera sobre-humana, um desses sentimentos elementares, raiva de criança ou de semideus?

Levanta o menino como uma hóstia. Dirige ao céu um olhar feroz. Como reproduzir o grito de angústia, a maldição do herói que não pede piedade nem perdão, mas justiça! Não, não! Não implora esse milagre, exige-o. Deus lhe deve esse milagre, Deus lho concederá

ou tudo não passa de um sonho. Dele ou de Vós, dizei-me quem é o mestre! Oh, a louca palavra dita para estremecer o céu e afrontar-lhe o silêncio! Louca palavra, amorosa blasfêmia!...

Àquele que inaugurou a morte na família humana dispensa-se o poder de destruir a própria vida, restituí-la ao nada de onde é tirada. Que ele tenha sofrido em vão, seja! Mas sempre teve fé.

– Mostrai-VOS – exclama com essa voz interior com que se manifesta ao mundo invisível o incompreensível poder do homem –, mostrai-VOS, antes de me abandonardes para sempre!... Oh, o miserável velho padre, que atira ao vento o que dispõe para obter um sinal do céu! E esse sinal não lhe será recusado, porque a fé que transporta montanhas pode bem ressuscitar um morto... mas Deus não se dá senão ao amor.

VIII

Não possuímos do próprio santo de Lumbres senão uma narrativa muito curta, ou antes notas escritas às pressas e numa desordem de espírito bem próxima do delírio. A redação é malfeita, tão ingênua que é impossível transcrevê-las sem modificá-las. Nada lembra o homem extraordinário contra quem foram experimentadas todas as seduções do desespero; o que nelas há é, ao contrário, o antigo cura de Lumbres, com sua humildade cândida, seu respeito aos superiores e até uma deferência um pouco chã, o receio servil do alarde, uma completa desconfiança de si, junto a um abatimento profundo, sem remédio, tudo isso prenunciando a morte próxima.

Todavia, algumas dessas linhas merecem sair do esquecimento. São as que, preocupado em notar com fidelidade a sucessão dos fatos de que foi a única testemunha, transcrevia, palavra por palavra, os últimos instantes de sua maravilhosa história.

Ei-las, tais como estavam:

"Tive um minuto ou dois o pequeno cadáver entre meus braços, depois tentei levantá-lo, até a Cruz. Tão levezinho estava! Mas custou-me soerguê-lo, tanto meu braço esquerdo entorpecido me doía extraordinariamente. Entretanto consegui. Então, fixando Nosso Senhor e invocando fervorosamente a penitência e as fadigas de minha pobre

vida, o bem que pude fazer às vezes, as consolações que recebi, ofereci incondicionalmente tudo, para que o inimigo que me perseguira sem tréguas e que me furtava naquele momento até a esperança da salvação fosse, enfim, humilhado diante de mim por Quem mais poderoso que ele... Oh! Pai, eu teria sacrificado a isso até a vida eterna!...

Meu pai, é bem verdade; o diabo, que tinha tomado posse de mim, é bastante forte e bastante sutil para enganar meus sentidos, perturbar meu julgamento, misturar o verdadeiro ao falso. Aceito, recebo de antemão vossa decisão soberana. Mas o prodígio está ainda nos olhos que o viram, nas mãos que o tocaram... Sim! durante um espaço de tempo que não pude fixar, o cadáver pareceu reviver. Senti-o quente, palpitando sob meus dedos. A cabecinha caída para trás voltou-se para mim ... vi as pálpebras baterem e o olhar animar-se... eu vi. Nesse momento, uma voz interior me repetia as palavras: *numquid cognoscentur in tenebris mirabilia tua et justitia tua in terra oblivionis?* Ia abrir a boca para pronunciá-las quando a mesma dor aguda, indizível, que a coisa alguma posso comparar, veio me aterrar de novo. Um segundo ainda, tentei aguentar o pequeno corpo que me escapava. Vi-o tombar sobre o leito. Foi então que estalou atrás de mim um terrível grito."

Ouvira, com efeito, esse horrendo grito seguido de uma risada não menos pavorosa. Então, fugira do quarto como um ladrão, através da porta aberta e do jardim cheio de sol, sem voltar a cabeça, sem ver nada senão sombras, que afastava desvairado, com os braços estendidos... Atrás dele, as vozes se apagaram pouco a pouco para se confundirem num só rumor vago, logo extinto... deu ainda alguns passos, respirou exausto, abriu os olhos. Estava sentado na rampa da estrada de Lumbres, o chapéu caído a seu lado, o olhar turvo. Uma carriola passou veloz na poeira dourada, o boleeiro dirigiu-lhe mesmo um largo sorriso, cumprimentando-o com o chicote... "Teria sonhado?", dizia consigo o infeliz padre com o coração batendo...

O cura de Luzarnes estava à sua frente.

Nem parecia o mesmo, mas outro cura de Luzarnes, pálido, cansado, balbuciante. Porém, recuperou pouco a pouco prestígio e segurança à vista do infeliz que se levantava com muito custo, esforçando-se por ficar de pé, sem chapéu, os cabelos grisalhos em desordem, parecendo um velho colegial.

– Infeliz! – exclamou o futuro cônego, ao certificar-se de que ia falar com necessária firmeza. – Infeliz. Infeliz! Seu estado pode inspirar piedade; eu o lamento. Mas também me lamento a mim mesmo, por ter cedido à sua loucura, atraindo a essa pobre casa outra tremenda desgraça, ao mesmo tempo que comprometia a nossa dignidade, de todos nós – sim! –, de todos, com esse caso tão ridículo... e sua fuga depois? Hem? Meu caro confrade, essa sua covardia me surpreendeu... e agora – continuou ele, depois de um silêncio em que se escutava a si mesmo, com os olhos semicerrados –, e agora, que vai fazer?

– Que quer que eu faça? – respondeu o santo de Lumbres. – Cometi uma falta de que suspeito apenas a gravidade. Deus a conhece. Mereço bem o seu desprezo.

Acrescentou com voz sumida algumas palavras confusas, gaguejou, depois, humildemente, a cabeça curvada para o chão, com voz quase ininteligível:

– E agora... e agora... se quisesse me dizer... esse pequeno morto, que segurava com meus braços?...

– Não me fale nele! – respondeu o cura de Lumbres, com brutalidade intencional.

A esse golpe, ele tremeu sem responder, mas lançou sobre seu juiz um olhar singular...

– A comédia quase sacrílega que o senhor representou (sem má intenção, meu pobre amigo!) teve um desfecho que o senhor parece ignorar... sejamos sérios! Não é possível que o senhor não tivesse visto nem ouvido...

– Ouvido... – respondeu o santo de Lumbres – ... ouvido... que foi que ouvi?...

– "Que foi que ouvi!" – exclamou o antigo professor. – Explique-se! O senhor é bem capaz, depois de tudo, de não ter aberto os ouvidos senão a vozes imaginárias. Não quero crer que um homem como o senhor, um ministro da paz, tenha deixado atrás de si, sem remorso, uma mulher, uma mãe, que sua odiosa representação quase mata – sabe-se que Mme. Havret ficou curada alguns meses depois no decurso de uma peregrinação à igreja de Lumbres. Entre tantas conversões extraordinárias, de que já não se sabe mais o número, é curioso constatar que essa cura milagrosa é a única que pode ser atribuída, até este dia, à intercessão do padre Donissan – e que está, no momento em que falo, completamente louca.

Mas como o velho padre o encarasse espantado, evidentemente sincero, baixou o tom para continuar, com o empenho dos tolos, a desobrigar-se de uma ruim e trágica narrativa:

– Assim, o senhor ignora então! Não sabia que a infeliz se introduzira no quarto, atrás do senhor? Que se passou? Deve saber melhor que eu... ouvimos um grito, uma gargalhada... depois o senhor atravessou o aposento, como quem foge ... bem queria ela segui-lo; nós a seguramos com grande trabalho. Um espetáculo horroroso... ai de mim! Já não me admiro que uma fraca mulher, aturdida pela desgraça, tenha cedido à atração de suas palavras, o contágio de seus gestos e de sua imaginação exaltada, pois que eu mesmo... um cérebro como o meu... ainda há pouco... estava hesitando entre o verdadeiro e o falso... a pobre mulher repetia: "Ele vive!... ele vive... vai ressuscitar!..." Ela queria que corrêssemos, que o trouxessem... Misericórdia!...

Sabiroux parou um momento, respirou e perguntou, com os braços cruzados:

– Eis os fatos... que pensa o senhor?

– Estou perdido – respondeu o cura de Lumbres, levantando-se.

Depois pareceu perseguir com o olhar, no céu vazio, seu invisível inimigo.

– Estou perdido, continuou... eu estava louco... louco... louco... vou me castigar, a mim mesmo, sim, devo me esconder, desaparecer. Uma esperança me resta, é que meus dias estão contados, contados ... senti ainda há pouco, meu amigo, o primeiro ataque de um mal que eu atribuía... enfim uma dor estranhíssima que recrudescerá a qualquer momento, para me levar...

"*Descreveu muito claramente*", relata o cura de Luzarnes, nas notas já citadas, "*uma crise clássica de angina de peito. Falei-lhe com a maior franqueza. Desejaria ajuntar alguns conselhos (por experiência, ai de mim!, minha veneranda mãe morreu também dessa terrível moléstia). Mas, depois de ter-me feito repetir duas vezes as palavras* angor pectoris *que ignorava, vi-o apanhar no chão o chapéu, limpá-lo com a manga e partir sem querer mais me ouvir, a grandes passos*".

IX

Como é longo o caminho de volta; o longo caminho dos exércitos vencidos, o caminho da noite que a nada conduz, na poeira vã!... Contudo, é preciso ir, é preciso andar enquanto bate esse pobre velho coração – para quê? Para nada, para esgotar a vida; ah! que não existe repouso enquanto dura o dia, enquanto o astro cruel nos olha, com seu único olho, de cima do horizonte. Enquanto bate o pobre velho coração.

Eis a primeira casa da aldeia e agora é o atalho entre duas cercas desiguais por entre prados e macieiras que desemboca à entrada do cemitério, à sombra mesmo da igreja. Eis a igreja de Lumbres, como uma sombra.

O cura de Lumbres entra sem ser visto pela pequena porta da sacristia. Desaba sobre uma cadeira, o olhar no ladrilho do chão, amassando o chapéu entre dedos, ainda incapaz defixar em alguma coisa a memória transtornada, ouvindo somente o choque regular do sangue nas artérias do pescoço com uma atenção estúpida.

Nada resta do grande velho em plena revolta, em pleno combate! Nem um segundo, até o fim, encontrará a força necessária para coordenar suas record ações, revisá-las. Só a ideia dessa certez a tão dolorosa abate-o profundamente. Ah! que o entretenha e sse meio sono!

O esforço foi duro demais, e ele caiu de muito alto; as tentações comuns não são senão sonhos de criança, um remoer monótono, debate bem semelhante à tagarelice insidiosa dos juízes. Mas a ele, foi o próprio carrasco que o enfrentou.

Mantém num gesto inconsciente a mão sobre o peito, no próprio lugar onde a dor se concentrou. Mais do que o medo de uma agonia nova, oprime-lhe o receio do julgamento dos confrades, em primeiro lugar, de suas palavras, de suas objeções e das sanções do arcebispo. Lágrimas lhe vêm aos olhos. Arrasta a cadeira para perto de uma mesinha e, a cabeça vazia, o coração covarde, o dorso curvado sob a ameaça,

procura escrever legivelmente, cuidadosamente, para um possível inquérito, com uma bela letra de colegial, essa espécie de relatório de que citamos, atrás, algumas linhas.

Escreve, risca, rompe o papel. Prossegue e, à medida que fixa os detalhes, sua milagrosa aventura se dissipa em seu espírito, apaga-se. Nem a reconhece mais; é como um estranho diante dela. O próprio esforço mesmo que faz para retê-la destrói a frágil trama da memória

e a prostra com os cotovelos sobre a mesa, os olhos vagos, insensível.

Quantas horas ficará assim, olhando sem ver a estreita janela gradeada, na espessura da pedra, onde oscila do lado de fora o ramo de um sabugueiro agitado pelo vento, ao sol, ora negro, ora verde? O homem que veio ao meio-dia tocar o Angelus divisou, através da pequena viseira da porta, na penumbra, o chapéu caído e o breviário, de que as imagens e os registros estavam espalhados no chão. Às cinco horas, um aluno de catecismo da Primeira Comunhão, Sebastião Mallet, vindo procurar um livro que esquecera, achou a porta fechada, mas como nada ouvisse, foi embora. "Não quis bater com mais força nem chamar", disse ele, "porque a igreja já estava cheia de gente e receei que me interrogassem". Era efetivamente a hora em que a multidão dos peregrinos, que o autotransporte de Plessis-Baugrenan traz cada dia a Lumbres, se apertava em torno do confessionário do santo, na capela

dos Anjos. Multidão singular, onde se veem, acotovelados, tantos personagens trágicos ou cômicos, tantos títeres ilustres que o calor de uma grande alma eleva, um momento, acima da banal mentira, como que os humanizando! Nessa noite, mais numerosa ainda, a multidão estava enervada à espera, ou talvez agitada por pressentimento sombrio, dentro da velha igreja rumorosa... cada vez que a grande porta se abria, os rostos inquietos – esses rostos aflitos que os familiares daquelas peregrinações jamais esquecerão, viravam-se para a abertura, por um instante iluminada, para, logo depois, voltarem à semiescuridão ambiente. Os sussurros discretos, as tosses nervosas que se abafam com a mão, todos os mil pequenos gestos de impaciência ou de curiosidade acabavam por se confundir em um só rumor estranho, comparável ao tropel de um rebanho na tempestade e na chuva. De repente cessa esse rumor, cala-se a multidão. A porta da sacristia rangeu no silêncio solene. O cura de Lumbres aparece.

– Meu Deus, como está pálido! – disse uma voz de mulher, na nave. Essa exclamação, ouvida nitidamente, rompeu o silêncio. O rebanho reencontrava seu doce pastor e respirava. O velho padre aproxima-se do confessionário lentamente, a cabeça um pouco inclinada sobre o ombro direito, a mão comprimindo sempre o coração. Ao primeiro passo pensou que ia cair. Mas um movimento da multidão logo o refez: a massa se cerrava em torno dele. Ainda uma vez; tornara-se sua presa; não lhe podia escapar. Levantou-se, na noite espessa, a alta figura dobrada, a nuca no teto de carvalho procurando ar; verdadeiramente abandona ao sofrimento o corpo inerte humilhado, seus despojos. Sua infinita paciência vai esgotar o carrasco. Que poderá jamais cansar aquele que o observa invisível e se satisfaz com sua agonia É preciso que o mísero ancião, um momento rebelado, quase vencedor, sinta sobre si, até o fim, pelo poder que afrontou... que Deus lhe permitisse conhecer, pelo menos, face a face, seu inimigo! Mas não é a voz que ouvirá, o último desafio?... E eis que através

da dor aguda a consciência lhe volta gradativamente, e ele ouve... ouve um murmúrio cada vez mais distinto... monótono... inexorável. Reconhece-os... são eles. Um por um, homens e mulheres, ei-los todos; sente-lhes o hálito subir até onde está, menos detestável que suas palavras impuras, mornas litanias do pecado, palavras maculadas há séculos, ignobilmente poluídas pelo uso, passando da boca dos pais para a dos filhos, semelhantes às páginas mais manuseadas de um mau livro que o vício marcou com seu sinal autentificando-as com a sujeira de milhares de dedos. Essa palavra guinda-se, cobre pouco a pouco o santo de Lumbres ainda de pé. Como se apressam eles! Como vão velozes! Apenas volte o fôlego ao velho padre, vê-las-eis, ah! vê-las-eis, essas horríveis crianças, procurar, apalpar com os lábios a horrorosa teta que o demônio espreme para elas, apojada de delicioso veneno! Por isso, até a morte, esse homem da Cruz levanta a mão, perdoa, absolve, vencido antes do combate da vida. Agora ouve, responde como em sonho, mas com extrema lucidez. Nunca seu cérebro esteve mais leve, seu julgamento mais pronto, mais claro, enquanto a carne não dá atenção senão à dor crescente, no ponto fixo de onde o sofrimento agudo se irradia, lança em todos os sentidos seus maravilhosos tentáculos a vibrar sob a trama dos nervos, como uma lançadeira veloz. Penetrou-o tão profundamente que parece atingir as raias entre o corpo e o espírito, secionando em dois o mesmo homem... Nessa agonia, o santo de Lumbres transfere suas relações às almas, só com as almas que passa a ver, com esse olhar em que as pálpebras já estão descidas, só elas, só... Inteiriçado de encontro ao tabique frágil, comprimindo os rins de encontro ao banco em que não ousa sentar-se, a boca aberta para respirar o ar espesso, inundado de suor, ouve esse murmúrio indistinto, a voz envergonhada de seus queridos fiéis ajoelhados. Que falem ou se calem, a grande alma impaciente adivinha-lhes a confissão, ordena, ameaça, suplica! O homem da Cruz não está aí para vencer, mas para testemunhar, até a morte, a astúcia feroz, o poder

injusto e vil, a sentença iníqua contra que clama a Deus. Olhai essas crianças, Senhor, em sua fraqueza! Ouvi, Senhor! sua vaidade, tão leve e rápida como uma abelha, sua curiosidade sem constância, sua razão curta, elementar, sua sensualidade cheia de tristeza... ouvi-lhes a linguagem ao mesmo tempo frustre e pérfida que só abarca o contorno das coisas, rica só pelo equívoco, bastante firme quando nega, sempre covarde em afirmar, linguagem de escravo, ou de liberto, feita para a insolência e a carícia, fugidia, insidiosa, desleal. *Pater, dimitte illis, non enim sciunt quid facient!*

X

– Ai de mim – afirmava-se o cura de Luzarnes –, paguei outrora minha experiência bastante caro! Meu desgraçado confrade quase morreu diante de mim, de uma angina de peito, e o senhor concordará comigo em breve... – Dizendo isso lá se ia apressado pela estrada de Lumbres, seguido do jovem médico de Chavranches. Esse médico ainda imberbe, que iniciara clínica havia poucos meses, gozava de uma reputação profissional um pouco acima de seus méritos. O *a plomb* de sua prosápia, sua audácia de carabineiro e, acima de tudo, seu desprezo pela clientela havia conquistado todos os corações. Não havia burguesa que não sonhasse para sua filha uma palavra dessa boca insolente e o socorro de suas mãos peritas, armas que atacavam as feridas que elas próprias faziam. Nenhum moribundo que não ambicionasse ouvir no seu leito de morte algumas dessas palavras consoladoras e ao mesmo tempo divertidas, *mezzo voce*, como um gracejo de canibal. Porque esse pândego perdeu mesmo a conta dos que sob seus cuidados (e para imitar sua linguagem) faleceram entre duas pilhérias.

– Meu Deus! É possível, é possível, padre – respondeu em tom conciliador.

Chamado com grande urgência e a conselho do sr. cura de Luzarnes, tinha encontrado a senhora de Plouy em plena crise de delírio

a que só o extremo cansaço acalmou. Durante a noite, como a doente dormisse:

– Meu caro doutor – disse ele –, tenho a lhe pedir um favor de ordem pessoal. Seu automóvel, diz o senhor, deve ir buscá-lo aqui pelas sete horas? São apenas cinco. Então venha comigo até Lumbres. Uma vez lá, será fácil telefonar a seu mecânico de Chavranches que o virá buscar. Nesse ínterim, o senhor examinará seriamente o meu pobre colega e assim me capacitarei de sua opinião.

– Mas se o senhor conhece-o de há muito! – disse o jovem clínico, como achando graça. – Uma alimentação pouco substancial, vida sedentária dentro de um presbitério lôbrego, a igreja úmida, o confessionário sem luz nem ar, uma higiene do décimo terceiro século. Ponhamos a *angor pectoris* de lado: só o que acabo de enumerar basta para liquidar de uma vez um já tão estafado!... Mas, afinal, o que quer o senhor de mim?

– O que quero? Eu tenho o meu ministério, o senhor tem o seu – respondeu nobremente o cura de Luzarnes. – Nossa razão de ser é a piedade pelos fracos, pela humanidade. Que meu pobre colega seja isto ou aquilo, que lhe importa? E se o senhor está com a verdade, o caso em questão ainda é uma dessas deformações profissionais que merecem a atenção do observador e os cuidados do clínico...

– Bem! bem! Não há dúvida, eu irei... além do mais, tenho prazer em discutir com um padre como o senhor – acrescentou o doutor de Chavranches.

Foi assim que eles decidiram fazer juntos (e com um sentimento pouco diferente) a peregrinação de Lumbres. Na entrada da aldeia, uma chuva fina principiou a cair; a estrada branca, sob seus passos, tingia-se de ocre; uma neblina rescendendo à hera flutuava. Apressaram o passo. A erva rasteira do cemitério se encharcava de água, a grade, abrindo-se e fechando sob a ventania, rangia lamentavelmente, e o alto

pórtico de pedra cinza chicoteado pelo aguaceiro parecia, na sombra agonizante, desdobrar-se e ondular como uma vela de barco. Entraram lado a lado na igreja, já quase vazia. Aí, o cura de Luzarnes, pousando tranquilamente a mão no ombro de seu companheiro:

– Sr. Gambillet – disse em voz baixa –, ter-lhe-ia poupado de boa vontade essa visita ao santuário, talvez incômoda para um homem como o senhor, mas não esperará mais agradavelmente aqui do que numa sala de presbitério, tão fria e tão nua como um parlatório de Irmãs Clarissas? Demais, o grosso da multidão se dispersou, felizmente. A pequena antessala do confessionário me parece livre e, se meu venerado colega estiver repousando na sacristia, espero que não se oporá em nos seguir até a casa!

Apenas disse isso e desapareceu. O jovem de Chavranches, sempre imóvel perto da pia de água-benta, só ouviu, por um momento, o eco de sua voz ao longe, o baque de uma porta, o ruído de passos nos ladrilhos. Diante dele, uma a uma, as devotas atrasadas, com passo miúdo, a mão furtiva à borda da bacia de mármore, passaram, desfilaram, lançando-lhe um olhar meloso e grave. Depois o sacristão camponês apagou as últimas lâmpadas. Em breve o cura de Luzarnes reaparecia.

– Coisa surpreendente! – disse ele. – Meu confrade já deve ter saído da igreja; não o encontramos em parte alguma. Pelo que me disseram, as confissões terminaram há uns quarenta minutos pelo menos... É preciso nos curvarmos à evidência das coisas dr. Gambillet... sem dúvida foi para casa... pela porta do cemitério. Faça esse último pequeno esforço – acrescentou com um tom de intimidade a que nada se recusa.

– Não há dúvida! – respondeu atenciosamente o doutor de Chavranches... meu automóvel vem me buscar às dezenove horas; tenho tempo... para moribundo, meu caro amigo, esse seu colega está bem ágil...

Acabou de exprimir seu pensamento com um assobio discreto. Esperando sem impaciência e com máscula firmeza o momento de,

por sua vez, passar ao primeiro plano, julgaria pouco digno parecer emocionado. Mas foi em vão que interrogaram a velha Marta, no parlatório das duas narcejas; ela não tornara a ver o patrão e não o esperava tão cedo.

– Pobre querido padre que janta em horas impossíveis e passa frequentemente as noites de joelhos nos ladrilhos, na capela dos Santos Anjos!

– Ainda lá está, senhores, tão certo como os estou vendo! Os senhores o encontrarão no cantinho da parede, atrás da mesa das galhetas, um lugar de que ele gosta, tão só como em pleno bosque de Bargemont.

– Ladislau! – disse ela ao sacristão que apareceu na soleira da porta, uma pilha de roupa branca nos braços. – Você o viu ao fazer a ronda da noite?

Ladislau sacudiu a cabeça que não.

– Fecham as portas da igreja – explicou ela – às seis horas, e Ladislau só reabrirá às nove, para a oração da noite e a Bênção do Santíssimo. Esse é o único momento de que o sr. Cura dispõe para pôr um pouco de ordem lá embaixo à moda dele ... sabem de uma? Ele obteve de Monsenhor que o Santíssimo Sacramento fique exposto toda a noite!... Queres dar as chaves a estes senhores? – perguntou ela a Ladislau, um pouco embaraçada.

– Prefiro acompanhá-los – respondeu brusco o sacristão. – Tenho muito que fazer lá. É só o tempo de mastigar uma côdea e beber um copo de vinho.

A boa mulher, atrás de Ladislau, balançou a cabeça.

– Eu já sabia, senhores – disse ela. – Não se incomodem: ele ceará depressa, ele quase não come! É malcriado, estão vendo, mas não tem maldade, tal qual uma criança.

– Nós o esperaremos – disse o cura de Luzarnes com ar afetado, interrogando com o olhar o companheiro.

– Ah! Tenho um pedido a fazer aos senhores – começou a velha Marta, depois de ter tossido para clrear a voz. – No aposento ao lado (o que nosso santo do bom Deus chama oratório, porqueaí também confessa), um homem alto, que veio de longe, de propósito para ver o sr. Cura; é um velho com a legião de honra, bem parecido e tão delicado! Ele deve é estar enjoado de esperar..

O doutor de Chavranches fez com as mãos o gesto de quem joga ao diabo o velho com sua legião de honra.

– Será algum general reformado?... – perguntou o antigo professor de química, com um sorriso cúmplice.

– O cartão está na mesa – aí na frente dos senhores –, disse ela decepcionada. — É um senhor de olhos tão doces, tão amáveis! Não pode ser... um militar!

O cartão de papel brístol já estava sob o nariz de Gambillet, que corou como uma criança.

– Oh! oh! o caso muda de aspecto! – disse com o tom de conhecedor... Estendeu o cartão ao cura de Luzarnes, que cambaleou.

– Antônio Saint-Marin... – gaguejou o futuro cônego, com a boca úmida.

– Da Academia Francesa – respondeu o outro, como um eco. O jovem médico empertigou-se, parecendo, um momento, procurar uma coisa...

– Introduza-nos – disse enfim.

XI

O ilustre velhote exerce, há meio século, a magistratura da ironia. Seu gênio, que se gaba de nada respeitar, é de todos o mais dócil e o mais familiar. Se finge o pudor ou a cólera, escarnece ou ameaça, é para melhor agradar a seus patrões, é como uma escrava obediente ora morder, ora bajular. Na boca enganosa, as palavras mais seguras são afetadas e a própria verdade é servil. Uma curiosidade, de que a idade ainda não aguçou a ponta, e que é a virtude desse velho charlatão obriga-o a remoçar-se sempre, a trabalhar em frente ao espelho. Cada um de seus livros é um marco onde espera o que passa. Tal qual uma moça instruída e polida pela áspera experiência do vício, sabe que a maneira de dar vale mais que o que se dá; e na sua fúria de contradizer-se e renegar-se, chega mesmo a ofertar cada vez ao leitor um homem novo.

Os jovens gramáticos que o cercam elevam às nuvens sua simplicidade sábia, suas frases tão velhacas quanto as ingênuas de teatro, as sutilezas de sua dialética, a imensidade de seu saber. A raça de invertebrados e anódinos que reconhece nele seu mestre goza, como uma vitória ganha sobre os homens, o espetáculo da incapacidade que escarnece do que não pode abarcar, reclamando a parte que lhes cabe de carícia infecunda. Ninguém mais do que ele deflorou tantas ideias, estragou palavras veneráveis, ofereceu aos pulhas mais rica presa.

De página em página, a verdade que enuncia, a princípio, com uma careta libertina, traída, iludida, escarnecida, acaba, na última linha, depois de uma suprema cambalhota, nua em pelo, sobre os joelhos de Sganarelo vitorioso... E já o pequeno grupo, engrossado por um público selvagem e fanático, saúda com um riso discreto o novo golpe do garoto precocemente centenário.

"Eu sou o último dos Gregos", diz de si mesmo, com um ricto singular. Logo vinte tolos, instruídos de oitiva por Homero, que conseguiram ler à margem do Sr. Jules Lemaître, celebram esse novo milagre da civilização mediterrânea e correm a despertar, aos gritos, as Musas consternadas. A coqueteria desse horripilante velho, sua graça mais cínica, é fingir esperar a glória sobre os joelhos da altaneira deusa, embalando-se-lhe ao casto seio onde introduz as enrugadas mãos ... Estranha, horrível criança de peito!

Há muito tempo se decidira visitar Lumbres; e seus discípulos não escondiam mais aos profanos que traria daí a ideia de um novo livro. "Os acasos da vida", confiava ele aos que o cercavam, nesse tom de impertinência familiar com que costuma distribuir as sobras de um ceticismo de mesa de café, batizado por ele de "sabedoria antiga" – "os acasos da vida permitiram que me aproximasse demais de um santo, contanto que se queira dar esse nome a certos homens de costumes simples e de espírito cândido cujo reinado não é deste mundo e que se alimentam, como todos nós, do pão da ilusão, mas com excepcional apetite. Todavia, esses vivem e morrem, reconhecidos por pouca gente e sem terem estendido bem longe o contágio de sua loucura. Que me perdoem ter voltado tão tarde a sonhos de criança. Desejaria ver, com meus olhos, um outro santo, um verdadeiro santo, um santo de milagres e, para dizer tudo, um santo popular. Quem sabe? Talvez vá a Lumbres para aí acabar de morrer entre as mãos desse bom velho?". Esse intento, outros ainda, foram tidos por amável fantasia, bem que exprimissem, com uma espécie de pudor cômico, um sentimento

sincero, reles, mas humano, um medo sórdido da morte. O ilustre escritor, para sua desgraça, é apenas vil, medíocre é que não é. A forte personalidade, cerceada dolorosamente em suas obras, libertou-se no vício. É em vão que tenta ocultar, redobrando de ceticis mo e de ironia, o segredo medonho que transparece às vezes através das palavras. À medida que avança em idade, o miserável sente-se cerceado, ameaçado em sua farsa, e dia para dia menos capaz de saciar com *hors-d'oeuvræ* gulodices sua voracidade crescente. Não podendo dominar-se, consciente do asco que inspira, sem conseguir senão à força de astúcia e de indústria raras ocasiões de se satisfazer, joga-se gulosamente sobre o que passa ao alcance de suas gengivas e, diante do prato vazio, chora de vergonha. A ideia ia de um obstáculo a vencer e do retardamento que impõe a comédia da sedução, mesmo em pequena escala, o medo do abatimento físico sempre possível, o capricho de suas pândegas, o desencorajam previamente de encontros ocasionais. Às governantes que dantes mantinha com certo aparato, sucedem hoje cozinheiras e criadas, que lhe são tiranos domésticos. Justifica como ninguém, sua linguagem familiar afeta uma bonomia digna de piedade, desvia a atenção com um riso que soa falso, enquanto segue com o olhar, disfarçadamente, a saia curta sobre a qual vai depois em seguida pousar a cabeça encanecida.

Mas, ai dele! Esse morno deboche esgota-o sem saciá-lo; nada imagina de mais baixo, verdadeiramente toca o fundo de seu grotesco inferno. Ao desejo cada vez mais áspero e mais premente, sucede um prazer por demais curto, furtivo, instável. Soou a hora em que a carência sobrevive ao apetite, último enigma da esfinge carnal ... é então que entre o velho corpo inerte e a volúpia em vão recalcada, a morte se levanta, como um terceiro camarada.

Aquela que nos seus livros tantas vezes acariciara e de quem acreditava ter esgotado a doçura, a morte – aliás, sempre visível através de sua fria ironia, como um rosto debaixo da água clara e profunda –, cem

vezes sonhada, saboreada, ele não a reconheceu. Viu-a agora perto demais, boca a boca. Fizera sua a imagem de uma lenta velhice, de doce declive florido a adormecer risonha no último passo. Não esperavaa terrível surpresa em pleno dia. O quê? já?

Tenta eliminar tal pensamento ou disfarçar ao menos; nesse jogo miserável despende reservas infinitas. Apenas ousa confiar aos mais íntimos alguma coisa de sua angústia e eles só o compreendem pela metade; ninguém quer ver, na face do grande homem, o olhar trágico em que se exprime um terror de criança. Socorro! Socorro! E o auditório exclama: Que *causeur* admirável.

XII

O sr. Gambillet adiantou-se em direção ao célebre autor do *Cierge Pascale* apresentou-se a si próprio, não sem espírito, porque não lhe falta de todo nem malícia nem a elegante palavra. Depois, voltando-se para seu companheiro e lhe dando a palavra:

– O sr. cura de Luzarnes – disse ele –, muitíssimo mais digno do que eu para desejar-lhe boas-vindas a este milagroso Lumbres, a dois passos da pequena igreja que o senhor vem visitar.

Antônio Saint-Marin inclinou para o padre Sabiroux sua comprida face lívida, olhando-o de alto a baixo, meio enjoado.

– Caro e ilustre mestre – disse, então, Sabiroux com um tom medido –, nunca esperei vê-lo tão de perto. O ministério que exerço no fundo desses campos nos condena a todos ao isolamento até a morte e é uma grande infelicidade que o clero da França seja assim afastado da elite intelectual do país. Que se permita pelo menos a um de seus mais humildes representantes...

Saint-Marin sacudiu de alto a baixo essa mão fina e branca que imortaliza o quadro de Clodius Nyvelin.

– A elite intelectual do país, meu caro senhor, é uma sociedade bem rumorosa e bem desagradável que eu lhe aconselharia tê-la afastada de seus presbitérios. E sobre o isolamento – continuou ele com

um risinho pulha –, pudesse eu ter sido há muito tempo condenado como o senhor!

O antigo professor de química, aturdido por um momento, achou que era conveniente rir também. Mas o jovem doutor Chavranches meteu-se a familiar:

– Vamos, vamos! Padre, o senhor está como um burgomestre à entrada do rei em sua boa cidade. O ilustre mestre não andou seis léguas para ouvir lisonjas. Devo confessar-lhe, senhor – continuou, inclinando-se para Saint-Marin –, estou pronto, eu mesmo, veja lá! a cometer contra o senhor uma falta mais grave.

– Não se constranja! – respondeu o romancista com voz doce. – Permita-me somente perguntar-lhe por que motivo...

– Nem mais uma palavra, se faz questão de minha estima! – exclamou o autor do *Cierge Pascal*. Já sei que deseja saber a razão que me determinou empreender essa pequena viagem. Ora, graças a Deus que sobre isso não sei mais que o senhor. O trabalho de composição, moço, é o mais enfadonho e o mais ingrato de todos; basta-me compor meus livros, não tenho tempo de compor minha vida. Esta é uma página em branco.

– Entretanto espero que a escreva – suspirou o cura de Luzarnes – e ouso dizer-lhe que é a nós que a está devendo.

O olhar sempre um pouco vago do ilustre mestre se abateu sobre o cura, passou por ele sem se demorar. Depois perguntou, com os olhos semicerrados:

– Assim, todos três esperamos pela boa vontade de um santo?

– Pelas chaves do santuário, em primeiro lugar – atalhou o *enfant terrible* de Chavranches –, e depois pela boa vontade do sacristão Ladislau.

– Como assim? – perguntou Saint-Marin, sem dignar-se a atender ao gesto do cura de Luzarnes, pedindo a palavra.

Porém Gambillet, mais rápido, fez, à sua maneira, a narração dos acontecimentos do dia, vinte vezes, interrompida por seu altivo com-

panheiro que um leve movimento de impaciência do ilustre mestre afastava de qualquer condescendência. Quando acabou de ouvir tudo:

– Palavra de homem – disse o romancista –, não esperava tanto de um dia tão mal começado. Felizmente vamos ter a compensação de um pouco de sobrenatural e de miraculoso!

– Sobrenatural e miraculoso? – protestou a voz grave do cura de Luzarnes.

– Por que não? – perguntou bruscamente Saint-Marin, vol tando-se todo para seu inof ensivo interlocutor.

(Por mais baixo que o grandehomem tenha caído, a estupidez pos-

ta à prova o envergonha. Mas receia, acima de tudo, encontrar a própria imagem na tolice ou na covardia alheia, como num trágico espelho.)

– Por que não? – repetiu ele, mais sibil ando que destacando cada palavra entre os longos dentes unidos. Esperamos todos sempre pelo milagre, e o triste universo espera conosco. Hoje ou dentro de um milhão de séculos, que me importa, se algum acontecimento liberta-dor deve abrir uma brecha, um dia, no mecanismo universal? Prefiro

esperá-lo para amanhã e adormecer satisf eito. Com que direito a bruta politécnica viria acordar-me do meu sonho? Sobrenatural e milagroso são adjetivos cheios de sentido, senhor, e que um homem honesto pro-nuncia com inveja...

O cura de Luzarnes nunca se sentira mais injustamente acusado.

– O sr. Saint-Marin – disse ele ao amigo Gambillet, par ece-me mais poeta que filósofo e capaz de interpretar a seu modo as palavras de

outra pessoa. Mas não sei por que motivo ficou irritado assim.

O próprio autor do *Cierge Pascal* ficaria bem embaraçado em res-ponder, pois odeia instintivamente a quem se lhe assemelha, e goza, sem saber, a amarga embriaguez de se desprezar nos outros. Melhor do que ninguém, ele sabe por que diferença sutil o homem que só faz pro-fissão do espírito se distingue do tolo e, em certos bobos bem falantes, o velho cínico f areja, com ódio, o rebento da mesma ninhada.

– Se não vimos ainda o ermitão – replicou o doutor de Chavranches para romper o silêncio –, pelo menos conheçamos a ermida. Que casa estranha! Que solidão!

– Ainda há pouco, eu me achava mergulhado em tal encantamento – disse Saint-Marin. – Nada há de verdadeiramente precioso na vida, senão o raro e o singular, o minuto de espera e de pressentimento. Percebi tudo isso aqui, esperando.

Gambillet balançou a cabeça, aprovando com um sorriso prudente. Contudo, o velho escritor, aproximando-se da janela, começou a passear os dedos compridos nas vidraças. A luz da lâmpada fazia dançar sua sombra na parede, ora diminuindo-a, ora alongando-a. Fora, os olhos não distinguiam nada a não ser a mancha lívida da estrada. E no profundo silêncio o doutor de Chavranches ouvia o leve ranger das unhas no vidro polido.

A voz de Saint-Marin fê-lo, de repente, estremecer:

– O diabo desse sacristão quer nos matar de melancolia. Sou, na verdade, uma grande besta em estar esperando e bocejando aqui, quando tenho diante de mim um dia inteiro. Não deixarei Lumbres senão amanhã. E depois, palavra de honra! estou imensamente cansado.

– Além do mais – notou Gambillet –, se as suposições de padre Sabiroux têm alguma realidade, seu confrade não se encontra em estado de conversar esta noite.

– Por esta vez, aliás – respondeu o ilustre mestre –, basta-me conhecer esse presbitério rústico: um lugar único.

(Apontava o aposento de quatro paredes nuas, com um gesto acariciador, como a um raríssimo bibelô tentando o colecionador.)

Essa simples frase foi para o amor-próprio do cura de Luzarnes como um bálsamo.

Devo fazer-lhe notar – disse ele – que esta sala é impropriamente designada com o nome de oratório: meu venerável confrade aí permanece raramente. Para dizer a verdade, ele não deixa seu quarto.

– Sim? – fez o autor do *Cierge Pascal* interessado.

– Seria para mim grande prazer levá-lo lá – apressou-se em dizer o futuro cônego. – Meu colega, o cura de Lumbres, estou certo, dar-lhe-ia de boa vontade esta prova de atenção e eu não estou fazendo outra coisa senão interpretar-lhe o pensamento.

Apanhou a lâmpada, levantou-a acima da cabeça, depois se detendo um instante, a mão na maçaneta da porta:

– Se os senhores quiserem me seguir...

No primeiro andar, o cura de Luzarnes apontou, à extremidade de um longo corredor, uma porta entreaberta:

– Permitam-me ir adiante.

Acompanharam-no. A lâmpada, segura com o braço esticado, iluminava uma comprida sala caiada e que pareceu à primeira vista inteiramente vazia. O soalho de pinho, recentemente lavado, rescendia. Alguns móveis, ingenuamente enfileirados junto à parede, foram pouco a pouco surgindo da sombra: duas cadeiras de palha, um genuflexório, uma mesinha atulhada de livros.

– Isso se parece com qualquer água-furtada de estudante pobre – disse Saint-Marin, decepcionado.

Mas o futuro cônego, infatigável, arrastava-os para mais longe, inclinando para o chão a candeia fumegante.

– O leito! Está ali o leito! – disse, com uma espécie de orgulho. – O homem incomparável.

O menino impossível de Chavranches e o escritor, diante das palavras do cura, trocaram, velhacamente, por cima das largas costas, um sorriso meio constrangido. O pobre colchão de palha ridiculamente estreito e ralo, coberto com um montão de andrajos, constituía, por si só, um espetáculo de lastimável melancolia. Contudo, Saint-Marin passeou sobre aquilo um olhar apenas; impressionavam-no dois sapatões, esverdinhados de tão velhos, um em pé, estranhamente colocado, o outro adernado, mostrando os pregos enferrujados; parecia uma

velha gôndola empenada – dois pobres sapatos surrados, cheios de uma lassidão infinita, mais miseráveis que os homens.

– Que imagem! – disse ele. – Que ridícula e maravilhosa imagem!

Pensava na fuga circular da vida humana, nos caminhos debalde percorridos, nos passos frustrados ou perdidos. Que tinha ido procurar tão longe o vagabundo magnânimo? – o mesmo que ele próprio esperava, em meio de seus objetos familiares, suas ricas gravuras, livros, amantes, prostitutas, de seu hotel à rua de Verneuil, onde morreu Mme. de Janzé. Esse patriarca da negação, em suas melhores horas, jamais conseguira ir além de um lírico tédio de viver, um inofensivo niilismo. Todavia, diante daquele espetáculo, sua garganta se cerrou, o coração pulsou apressado.

Então, falou abundantemente:

– Estamos aqui, num lugar tão venerável como um templo. Se o vasto mundo é um campo fechado, o lugar em que travamos o nosso mais duro combate ou lutamos cheios da mais louca esperança deve ficar assinalado. Os antigos teriam olhado, sem dúvida, o nosso santo de Lumbres com desprezo; mas uma longa experiência da desgraça nos tornou menos severos em frente a essa espécie de sabedoria um pouco bárbara, que acha no próprio impulso da ação sua razão de ser e sua recompensa. A diferença é menor do que se imagina entre o que tudo quer abarcar e o que tudo repele. Há grandezas selvagens que a sabedoria antiga não conheceu...

A bela voz grave do ilustre escritor ficou como que empoleirada sobre a última sílaba, enquanto seu olhar se fixava no ângulo da parede onde o diligente Sabiroux passeava nesse momento a luz da sua lâmpada. Na reentrância, formada pela aresta exterior do teto, uma tábua, grosseiramente pregada, suportava um crucifixo de metal. Embaixo, jogada no chão, no canto mais escuro, uma tira de couro das que os tangedores de gado chamam "baioneta", afilada na ponta, larga de três dedos na base, dir-se-ia uma serpente negra. Mas nem o crucifixo nem

o chicote retinham o olhar do mestre. Na parede, no espaço correspondente à altura de um homem, uma mancha singular cobria extenso lanço, composta de mil pequenos coágulos tão aproximados para o centro que formavam uma crosta só, de tonalidade rubro-esmaecida, alguns desses coágulos mais recentes, róseos ainda vivos, outros apenas visíveis na espessura da cal como absorvidos, dessecados, de cor indefinível. A cruz, o chicote de couro, a parede avermelhada... Essa grandeza selvagem que a sabedoria antiga... O eminente músico não teve coragem de executar o último acorde e cessou bruscamente sua canção.

Imóvel, o dr. Gambillet mastigava umas palavras em que se ouvia o estribilho "loucura mística", espiando, de esguelha, Saint-Marin mudo. O irresistível confidente da sociedade de Chavranches, tão destro em desnudar as chagas alheias e que se gabava de olhar para tudo, tudo ouvir impassível, sentiu, como confessou depois, um arrepio na espinha. O mais espesso dos homens não vê, impunemente, a violação do humilde segredo de um grande amor, o lado oculto do pobre, único tesouro, que ele guarda consigo.

O cura de Luzarnes, desviando a lâmpada, começou a dizer com imensa naturalidade:

– O meu venerável amigo, senhores, maltrata-se e compromete a sua saúde! Deus me livre de censurar-lhe o zelo! Mas devo dizer que essas violências contra si próprio, não prescritas, somente toleradas, foram contudo mais de uma vez julgadas um meio perigoso de santificação e têm sido frequentemente um motivo de escândalo para os fracos ou de escárnio para os ímpios.

O antigo professor reforçou essas últimas palavras com um gesto familiar, o polegar e o indicador juntos, o dedo mínimo erguido, no tom de quem esclarece um assunto controvertido. O embaraço do doutor e o silêncio do outro lhe pareceram prova bastante lisonjeira da sua atenção benevolente. Sorriu ao verificar isso e depois saiu satisfeito, pois o sacerdote medíocre é, entre todos, impenetrável.

"Como este grande homem é nervoso!", pensou Gambillet, caminhando nos calcanhares de Saint-Marin e olhando curioso a longa mão de marfim crispada sobre a bengala que, por vezes, batia no chão com pequenas pancadas. Desde alguns instantes, com efeito, o autor do *Cierge Pascal* fazia um esforço quase heroico para ocultar seu embaraço e dominar-se. Sem dúvida, ele não ficara insensível diante dessa lúgubre poesia da casa do pobre, mas há muito que o romancista não se deixava mais levar por nenhum impulso de seu velho coração! A emoção, logo ao surgir, ainda em estado nascente, era prontamente dominada, utilizada; constituía a matéria-prima que a sua inteligência industriosa acomodava ao gosto do comprador.

O velho comediante não é acessível senão pelos sentidos; a trágica mancha da parede, sob o halo da lâmpada, havia-lhe arrepiado os nervos. Conhece-se dele, sabe-se de cor, umas vinte páginas ousadas em que, com os recursos de sua arte, o infeliz se diverte em conjurar o mais desabusado de seus fantasmas. Ninguém até hoje falou mais impunemente da morte, com mais displicência e amoroso desprezo.

Nenhum escritor de nossa língua parece tê-la encarado com olhar tão cândido, escarnecido com trejeitos tão debochados. Por que misteriosa desforra, ao deixar a caneta, transforma-se no animal mais medroso deste mundo? À ideia da queda inexorável, não é sua razão que cede à vertigem, é a vontade que se dobra, ameaçando subverter-se. Esse grã-fino conhece com desespero os sobressaltos do instinto, o odioso pânico, o recuo agoniado do animal que, no matadouro, fareja o arpão do magarefe. Assim, outrora (se acreditarmos em Goncourt), o pai do naturalismo e dos Rougon-Macquart, despertado em plena noite pelos mesmos terrores, joga-se debaixo da cama, oferecendo, à esposa consternada, a pantomima de um acusador em trajes menores, tremendo de medo.

De pé, no primeiro degrau, o rosto virado para o cubículo escuro, as têmporas apertadas, a garganta seca, Saint-Marin respira

profundamente – seu único remédio eficaz para tais crises. Atrás dele, Gambillet, boquiaberto, espanta-se, atento à respiração irregular, profunda, do mestre. Apoiando-lhe de leve a mão ao ombro:

– Que está sentindo? Sente-se mal?

Saint-Marin vira-se a custo:

– Não é nada... apenas um mal-estar... uma tontura. Mas já estou melhor...

Entretanto se sente ainda tão fraco e acovardado que a simpatia banal do médico pareceu-lhe incrivelmente doce ao coração. Na euforia da distensão nervosa, ele fica assim muitas vezes tentado a falar, a abrir-se todo, a mendigar aos circunstantes um conselho e um apoio. Por felicidade, o amor-próprio entorpecido desperta-o sempre a tempo de seu mau sonho.

– Doutor – diz ele com um sorriso paternal –, a experiência o convencerá de que as viagens não podem mais formar o espírito dos velhos, mas somente apressar-lhes o fim. Vantagem ainda preciosa, pois último trecho do caminho, quando o ancião mais receia o passo em falso que o precipita no nada, um pouco de arrebatamento é às vezes necessário.

– O nada, o nada! – protesta polidamente o cura de Luzarnes. – Eis aí, mestre, uma palavra excessiva.

(Saint-Marin, por cima do ombro do médico de Chavranches, encara por um segundo seu detestável fã.)

– Que importa a palavra? – diz ele. – Temos o direito de escolha?

– Há palavras tão desesperadas... tão dolorosas... – exclama o pobre padre, já empalidecendo.

– Ora! – continua o autor do *Cierge Pascal* –, eu não espero que uma sílaba a mais ou a menos vá me conferir a imortalidade!

– Não me faço compreender bem – respondeu o futuro cônego, aflito por uma conciliação. – É bem provável que um espírito como o do caro mestre tenha... da vida futura... outra imagem... que o comum

dos nossos fiéis... mas eu não posso crer que... sua alta inteligência... aceite sem revolta... a ideia de um aniquilamento absoluto, irremediável, uma dissipação no nada?

As últimas palavras estrangulam-se na garganta, enquanto implorava com os olhos, com emocionante confusão, a indulgência, a piedade do grande homem.

A ferocidade do desprezo com que Saint-Marin agride os tolos espanta, em primeiro lugar, porque ela começa afetando um ceticismo complacente. É assim que consegue exteriorizar, com menor risco, seu ódio natural aos enfermos e aos fracos.

– Agradeço-lhe – disse ao cura de Luzarnes – reservar-me um outro paraíso que não o do seu vigário e de seus chantres. Os deuses me livrem, no entanto, de ir procurar lá em cima uma nova Academia, quando só a francesa já me amola demais!

– Se estou compreendendo a sua ironia – responde o futuro cônego –, o senhor me acusa...

– Não o acuso – exclama Saint-Marin com extraordinária violência. – Saiba somente que recearia menos o nada que os seus ridículos Campos Elísios!

– Campos Elísios... Campos Elísios – sussurra o homenzinho aturdido. – ... Longe de mim o pensamento de desfigurar as coisas... Eu queria somente pôr ao seu alcance... falando a sua linguagem...

– Meu alcance... minha linguagem! – repete o autor do *Cierge Pascal* com um sorriso envenenado.

Para um momento, toma fôlego. A lâmpada que treme nas mãos do cura de Luzarnes ilumina-lhe em cheio o rosto lívido. A boca má contrai-se nos cantos, como numa náusea. E é o coração, com efeito, seu verdadeiro coração, que o velho comediante vai jogar fora, vai escarrar uma vez por todas aos pés desse padre estúpido.

– Sei o que me oferecem os mais esclarecidos de seus iguais, padre: a imortalidade do sábio entre Mentor e Telêmaco, sob um bom Deus

que raciocina. Gosto do mesmo modo de Berenger em uniforme de guarda nacional! A antiguidade de Renan, a oração na Acrópole, a Grécia do colégio, blagues! Nasci em Paris, padre, por detrás de uma loja do Marais, de pai *beauceron* e de mãe *tourangelle* Ajudei na missa como qualquer outro. Se tivesse que me pôr de joelhos, iria à minha paróquia de Saint-Sulpice, não me veriam fazer caretas aos pés de Palas-Atena, como um professor bêbado! Meus livros! Zombo deles!! Um dilletante, eu! Tomei da vida tudo o que se pode tomar, entende, a grandes tragos, boca cheia! Bebi à farta: acontecesse o que acontecesse! Agora é preciso tomar partido, padre. Quem goza teme a morte. Tanto vale olhá-la em face como se distrair nos alfarrábios dos filósofos com essa pachorra do paciente que, no dentista, folheia revistas. Um sábio coroado de rosas, eu! Um homem de antiguidade! Ah!... Há certos momentos em que a reverência exagerada dos ingênuos aflige mais que o pelourinho! O público não nos larga, quer sempre uma cara a seu modo, para suas zumbaias, mas nada o impede de amanhã nos tratar de mentirosos e farsantes. Se os carolas soubessem pintar! No fundo, nós todos terminam os ludibriados, padre, qualquer amassador de gesso, qualquer santeiro que só pensa em encher a pança é mais perverso que eu; até o último minuto, ele pode esperar e beber à vontade! Mas nós!... Sai-se do colégio com ilusões de poeta. Nada se vê de mais desejável no mundo que um formoso quadril de mármore vivo. Jogamo-nos às mulheres de olhos fechados. Aos quarenta anos, dorme-se com duquesas, aos sessenta já é preciso contentar-se com gente mais fácil. E mais tarde... mais tarde... Eh! Eh! Mais tarde, invejamos homens como o seu santo de Lumbres que sabem, pelo menos, envelhecer!... Quer saber o meu pensamento? O pensamento do ilustre mestre, meu pensamento todo, cru? Quando não se pode mais... Terminou a frase crua numa verdadeira explosão de nojo. Os traços finos se impregnaram de brutal expressão, o ricto sonso, a assustadora imobilidade do vício num rosto de velho.

Gambillet observava-o de esguelha com um sorriso cruel. O cura de Luzarnes recuara dois passos. Sua angústia nesse momento teria enternecido o barão Saturno do imortal Villiers.

– Vejamos... vejamos... mestre – balbuciou. – A religião de que sou ministro... tem tesouros de indulgência... de caridade... O escrúpulo tocando o dogma... pode... deve de algum modo... concordar com uma paternal solicitude ... uma benevolência particular mesmo ... para certas almas excepcionais... Eu não acreditava que um esforço sincero de conciliação... de síntese... uma certa largueza de vistas... a vida futura... segundo o ensinamento da Igreja...

Os argumentos afluíram em tropel no pobre cérebro confuso. Teria desejado expô-los de uma só vez, mas o pensamento saltava de um para outro, como a agulha louca de uma bússola ...

Nesse momento, o espadaúdo velho acadêmico se encaminhou em direção a ele, tapando-o com seus largos ombros:

– A vida futura? O ensino da Igreja? – exclamou, desafiando-o com os olhos claros. –Acredita nisso? Acredita sem vacilar? Ass im, sem mais nem menos? Estupidamente? Sim ou não? ...

(Certamente havia na voz do autor do *Cierge Pascal* outra coisa que o tom de um injurioso desafio...) Mas há por acaso quem espere ver o cura de Luzarnes entre duas hastes de pinça? Nunca duvidara seriamente das verdades que ensinava simplesmente porque nunca duvidou de si mesmo, de seu critério infalível. Contudo, hesita. Procura às pressas uma fórmula feliz, uma dessas palavras hábeis ... Ai dele! O temível adversário aperta-o decidido e implacável... O padre levanta para ele a mão que pede graça: "Compreenda-me bem...", começa com voz fraca.

Saint-Marin atira-lhe um olhar verdadeiramente chamejante de ódio. Depois, volta-lhe as costas. O infortunado esforça-se em vão; a frase começada estrangula-se na garganta, enquanto lhe sobem aos olhos, sinceras, envergonhadas lágrimas.

Gambillet nunca compreendeu por que milagre uma conversa, calma a princípio e que se acalorando depois pudesse terminar em tal desordem, no estado em que se achavam todos os três, sob a luz da lâmpada, face a face, como irreconciliáveis inimigos.E que eles viviam um desses minutos singulares em que a palavra e a atitude têm um sentido diferente, quando as testemunhas se interpelam, sem mais se entenderem, e fiéis a seu monólogo interior pensam se indignar contra o outro, exasperando-se apenas contra eles mesmos, contra seus próprios remorsos, como os gatos brincam com sua sombra.

No silêncio que se seguiu, carregado de nova tempestade, a porta exterior abriu-se de repente e os degraus da escada estalaram sob pesados passos. A superexcitação era tão grande que eles se olharam com uma espécie de terror sagrado. Mas reconhecendo o calmo rosto de Marta, padre Sabiroux respirou:

– Está tudo arranjado! – sussurrou a velha, ofegante.

Depois, no último degrau, dando pancadinhas no avental para desmanchar as dobras, observou os três homens com um olhar rápido.

– Ladislau os espera, senhores – diz ela.

Seguiram-na até a porta do jardim, docilmente, sem falar. O céu estava cheio de estrelas.

– Ladislau já foi na frente – continuou a criada, mostrando com o dedo uma lanterna bruxuleando na escuridão através do cemitério. – Estou ouvindo os passos dele. A Igreja está aberta. Um instante – reteve o cura de Luzarnes por sua manga e, na ponta dos pés, murmurou- lhe ao ouvido:

– Convença, por favor, o pobre santo padre. Desde ontem à tarde que não come! Uma coisa dessas é possível, meu Deus?

Desapareceu sem esperar a resposta. O futuro cônego alcançou os companheiros no pórtico. Acima deles, a Igreja se elevava dentro da noite, incomparavelmente iluminada dentro da noite. Ouviam-se do lado de dentro os passos do sacristão nos ladrilhos.

– Continuaremos, pois , a correr juntos nossa aventura – disse amavelmente Saint-Marin ao antigo professor, a quem o sorriso do grande homem restituíra à vida. – Não poderia jantar sem descobrirmos onde anda metido esse seu santo; além do mais, veio a propósito essa intervenção do alto, para terminar de vez nossas pequenas rusgas.

A frescura do ar, depois da chuva, dissipava-lhe o mau humor. Fora do pobre quarto do cura de Lumbres e do círculo encantado da lâmpada na parede, seu acesso de furor não era mais que um sonho mau.

– Entremos... – disse simplesmente Sabiroux (mas com que olhar de gratidão!).

Quando Ladislau os viu, veio ao seu encontro. O futuro cônego acolheu-o com tom alegre:

– Então Ladislau – disse ele –, que há de novo? (O rosto do homenzinho exprimia uma estupefação enorme):

– Nosso Cura não está aqui!

– Como assim? – exclamou Sabiroux com uma voz que repercutiu algum tempo sob as abóbodas.

Cruzou os braços aborrecido.

– Deixemos de brincadeiras! – replicou... – Você está certo...

– Corri tudo – respondeu Ladislau–, tudo, tudo. Pensei encontrá-lo na capela dos Anjos; ele está lá sempre num cantinho, depois da ceia, num cantinho que é preciso conhecer ... mas nem aí ele estava... Revistei até a tribuna...

– Mas, que é que acha? – interveio Gambillet. – Um homem não se perde assim, sem mais nem menos! Que diabo!

O futuro cônego aprovou com um sinal de cabeça.

– Para mim – disse Ladislau –, o sr. Cura saiu pela sacristia, ganhou a estrada de Verneuil, até o calvário do Rou. É um passeio que ele gosta de fazer, ao cair da noite, rezando seu terço.

– Ah! Ah! – suspirou ruidosamente o doutor de Chavranches.

– Deixe-me acabar – continuou o sacristão. – Àquela hora, vinte minutos antes da Bênção do Santíssimo Sacramento, já deveria estar de volta, há muito tempo... Pensei tanto nisso tudo... Coitado do nosso bom padre... Estava tão fraco, tão pálido, esta noite!... Em jejum desde ontem à tarde.. É capaz de ter caído por aí de fraqueza...

– Começo a ter meus receios – disse Sabiroux.

Quedou como refletindo um momento, os braços sempre cruzados, mais empertigado que nunca, inchando as bochechas. De repente tomou uma resolução:

– Estou desolado, meu caro mestre... de ter sido... indiretamente... a causa de tanto transtorno...

– Que transtorno? Nenhum transtorno! Nem pense nisso – protestou o caro mestre com decisão, já mais calmo. – Digo-lhe até que essa complicada história me divertiria, se não devesse compartilhar com sua inquietação... Não me animo, porém, a ir mais longe... minhas velhas pernas... Prefiro esperá-los aqui...

– A caminhada não há de ser grande, espero – concluiu o antigo professor. –Matematicamente, devemos encontrá-lo lá embaixo. Agora o dr. Gambillet fará o favor de acompanhar-me, pois sua companhia é-me mais necessária que nunca. Venha também conosco, Ladislau – ordenou ao sacristão –, e apanhe, ao passar, o filho do ferrador. Se nosso infeliz amigo tiver que ser transportado...

A voz apagou-se pouco a pouco na distância. A porta fechou-se, extinguindo-a de todo. O ilustre autor do *Cierge Pascal* ficou só e sorriu.

XIII

Maravilhoso sorriso! A velha igreja, aquecida pelo calor do dia, como que respira lentamente à sua volta. Um perfume de pedra antiga e de madeira carunchosa, tão discreto como o da densa mata, insinua-se ao longo dos grossos pilares, percorre como a neblina as lajes desconjuntadas ou se acumula nos cantos sombrios, semelhante à água parada, recolhendo-se numa reentrância do solo, no ângulo de uma parede, nicho vazio ou fenda de pedra. E a luz vermelha da lamparina ao pé do altar parece um farol num lago solitário.

Saint-Marin aspira com delícia esta noite campestre, entre os muros do século dezesseis, cheios do odor de tantas estações. Alcançando o lado direito da nave, deixa-se cair na extremidade de um banco de carvalho, duro, mas acolhedor; acima de sua cabeça, uma lâmpada de cobre suspensa a um fio de ferro oscila, rangendo levemente. Uma porta bate de quando em quando e, no instante que tudo silencia, o trote de um cavalo na estrada faz tremer os vitrais empoeirados nos caixilhos de chumbo.

"A esta hora", pensou ele, "o doutor de Chavranches e seu insuportável companheiro andam não sei por onde, felizmente bem distantes, para me permitir gozar em paz uma hora perfeita!..." (pois acredita facilmente nesses benefícios do acaso, nesses acordos misteriosos).

Essa igreja, esse silêncio, a cumplicidade das sombras... Vejamos! tudo estava às suas ordens, esperando-o. Seu desejo é que pelo menos não voltem muito cedo.

Sim, não voltarão, sem dúvida, muito cedo.

(Os moribundos sabem muito bem o que querem, mas guardam silêncio absoluto, dizia Mécislas Golberg, o velho judeu.)

Pouco a pouco a angústia do eminente mestre dissipa-se no grande silêncio interior que tão raramente encontrava. Surgem-lhe, sucessivamente, inúmeras recordações, como as pequenas luzes de uma cidade noturna. Repassa-as na memória, sentindo prazer em sua confusão, em sua deliciosa desordem. Como os anos, os dias e as horas se aproximam entre si através dos limites traçados pelos nossos calendários!... Uma luminosa manhã de férias em que se ouve o belo som de cobre de um tacho de doce... uma tarde em que, sob a folhagem imóvel, se vê correr um regato de águas límpidas e geladas... o olhar furtivo de uma prima loura por sobre a mesa familiar, o pequeno seio ofegante... e depois, subitamente – transposta num minuto a distância de meio século –, as primeiras impressões dolorosas da velhice, uma entrevista desfeita... o grande amor cuidadosamente protegido, defendido passo a passo, disputado até o último instante, quando os lábios do velho apaixonado se comprimem de encontro a uma boca móvel e furtiva que breve se tornará cruel... Aí está sua vida, tudo quanto o tempo não gasta, tudo que em seu passado conserva forma e aspecto; o resto, sua obra, sua glória, não vale coisa alguma. O esforço de cinquenta anos, sua bela carreira, trinta livros célebres... Pois quê! Então isso tem tão pouco valor?... Quantos imbecis exclamam que a arte... Que arte? O maravilhoso prestidigitador só lhe conhece as sujeições tendo-a trazido aos ombros como um fardo. O agradável tagarela que só falava de si não se exprimiu uma só vez. O universo, que supõe amá-lo, não sabe o que ele dissimula. Está afastado de seus livros e antecipadamente esbulhado... Tantos leitores e nenhum amigo!

Não sente, aliás, desgosto algum com isso. Seu olhar malicioso brilha à certeza de que nunca se terá dele senão uma ideia falsa. O melhor de sua obra não merece outro remate a não ser essa zombaria *in extremis*. Não deseja nenhum discípulo. Está cercado de inimigos que, impotentes para reproduzir um encanto, uma elegância, cujo segredo o mestre possuía, contentam-se em parodiar-lhe com habilidade o estilo. Suas maiores audácias manifestam-se na gramática. "Desmontam meus paradoxos", diz ele, "mas não sabem reconstruí-los". A juventude dizimada, que viu Péguy deitado sobre a palha, à vista de Deus, afasta-se com desdém da crítica requintada, deixando a Narciso o cuidado de apurar ainda mais sua delicada impotência. Odeia, porém, com todas as forças de seu gênio, os mais fortes e melhores do grupo, que disputam a herança do medíocre mestre, espalham com exageros seus pequenos livros complicados, afrontando com eles os maiores, e não têm outra esperança no mundo a não ser levar sua lama acre e fastidiosa à margem de todas as fontes espirituais onde os infelizes vão beber.

Entretanto, que importa ao autor do *Cierge Pascal* esse incessante movimento à sua sombra? Trabalhara mais por necessidade do que por gosto; sente-se entediado; podia ceder o lugar aos jovens mais aptos para agir. Nessa noite podia pensar neles sem cólera. Sonha, estremecendo de prazer, com a grande cidade distante, a turba em agitação sob o vasto e negro céu. Tornará a vê-la um dia? Será que ainda existe, ao longe, na noite tão suave?

Quase acima de sua cabeça, o relógio bate lembrando o ritmo do coração. Fecha os olhos por um momento para melhor ouvi-lo, viver e respirar com ele, com esse ancião secular que distribui à sua revelia o inexorável futuro. Esse ruído que escuta, apenas perceptível pela caixa sonora, esse monótono tique-taque interrompido somente pela voz grave das horas, durará mais do que ele, andará anos e anos ainda através de novos espaços de silêncio até o dia... Que dia terão marcado

pela última vez, ao bater da meia-noite, os dois ponteiros enferrujados, antes de parar para sempre?

Descerra os olhos e vê à sua frente uma placa de mármore cinzento colada à parede com uma inscrição cujas grandes letras apagadas ele decifra devagar.

À memória... de... João Batista Heame, tabelião real 1640-1741... e de Melânia-Hortênsia Le Pean, sua esposa... de Pedro Antônio Domingos... de João-Tiago Heame, senhor d'Hemecourt... de Paulo-Luís-Francisco. e assim até o fim da lista, até o último: João César Heame d'Hemecourt, capitão de cavalaria, antigo tesoureiro da paróquia, falecido em Cannes em 1889... Benfeitor desta igreja...

Orai por esta família inteiramente extinta. É ainda o pedido da velha pedra humilde, que parece desculpar-se de sua presença.

– Grande perda!... – murmura entre dentes o autor do *Cierge Pascal*. Mas sorri com protetora simpatia à grande peça de mármore conscienciosamente gravada, ornada de ouro puro, tão opulenta como qualquer móvel burguês. Nada mais triste do que um túmulo de pedra branca com os quatro marcos encadeados, fustigado pela chuva nos dias de inverno. Essa pedra, todavia, ao abrigo das intempéries, em frente ao banco dos mordomos em que o falecido tesoureiro recebia o pão bento, lisa e polida como no primeiro dia, semanalmente encerada por um sacristão diligente, era uma consoladora imagem da morte. A sensibilidade do escritor comove-se com essa confortável memória; lê vagarosamente todos esses nomes como se fossem de amigos que o tranquilizassem com sua presença. Quantas outras famílias, além dessa, jaziam aqui e ali até o pé do altar, sob as lajes de letras apagadas, boas criaturas que quiseram dormir abrigadas sob um teto e durar tanto tempo quanto essas sólidas pedras! É agradável pensar em dormir aí, com esses companheiros... Nunca o célebre romancista se sentiu tão resignado e dócil; invade-lhe todo o organismo

uma deliciosa fadiga, e ele vê oscilar diante de seus olhos a imagem da silenciosa igreja adormecida, agora amiga, familiar e confidente. Goza de uma paz que jamais conhecera, um extraordinário bem-estar quase religioso... Senta-se mais à vontade, distende os membros; sufoca um bocejo, como uma prece.

Fora, o céu escurece; subitamente se extingue a luminosidade do último vitral do transepto. De então por diante a porta, em seu incessante vaivém, deixa perceber apenas um fundo de veludo negro e só o perfume denuncia o mundo exterior. Sombras esparsas se aproximam e se confundem. Um murmúrio discreto corre ao longo das galerias, de banco em banco, pequenos passos impacientes alcançam a porta e pouco a pouco a invisível gente abandona a igreja. A hora da bênção diária passou há longo tempo, a sacristia está fechada e só três lâmpadas iluminam ainda a grande nave. Que se passa e que se pode esperar ainda? Os retardatários buscam-se às apalpadelas, chamam-se de longe com uma tossezinha carinhosa, discutem como iniciados; pois a última autodiligência de Vaucours levou os curiosos, ficando em Lumbres apenas os velhos amigos. Estes, afinal, se retiram, deixando Saint-Marin sozinho.

XIV

O autor do *Cierge Pascal* torna-se senhor absoluto desse grande templo um pouco fúnebre e, no entanto, encantador. Acompanha amorosamente com o olhar as nervuras da abóboda reunidas em florões, caindo de três em três sobre as pilastras dos muros laterais com um movimento tão flexível e uma graça tão animada como se tivessem vida. O mestre de obras que, em época remota, lhes traçou o curso aéreo, talvez sem o saber, trabalhou para alegrar os olhos do envelhecido gênio. Que esperam os devotos e mesmo esse padre rústico, quando erguem a vista para o céu vazio, senão uma distensão de seus grilhões, uma paz de curta duração, a provisória aceitação do destino? Aquilo que denominam ingenuamente graça de Deus, dom do espírito, eficácia do sacramento, é essa mesma trégua que ele goza nesse lugar solitário. Pobres criaturas cuja candura é perturbada por tantas palavras inúteis! Valoroso santo campônio que julga consumir todas as manhãs a vida eterna e cujos sentidos não conhecem senão uma ilusão bastante grosseira que mal se pode comparar ao sonho lúcido e à voluntária quimera do maravilhoso escritor. "Por que não vim há mais tempo respirar a atmosfera dessa igreja rústica!... Nossas avós de 1830 conheciam segredos que se perderam inteiramente para nós!" Lamenta a visita ao presbitério que quase o fizera mudar de ideia, a absurda

peregrinação à cela do santo (aquela parede rubra que lhe fez por um momento vacilar a razão), espetáculo em suma um pouco bárbaro e feito para um público menos delicado... "A santidade", confessou a si mesmo, "como todas as coisas deste mundo, só se pode ver de fora; o reverso da medalha é desagradável e feio". Em seu cérebro excitado, formam-se mil pensamentos novos e ousados; uma esperança jovem e ainda confusa invade-o, fazendo-o sentir-se, após muitos dias, ágil e vigoroso. – Sei agora que é uma alegria envelhecer – exclamou quase em voz alta. – O próprio amor – sim, o amor mesmo – pode ser abandonado suavemente. Procurei a morte nos livros ou nos ignóbeis cemitérios da cidade; encontrei-a ora desmedida, como uma visão formada nos sonhos, ora reduzida à figura de um homem de boné que administra, faz registros e conserva os túmulos. Não! É aqui, ou em lugares semelhantes, que devemos acolher com simplicidade o frio e o calor, a noite e o dia, o curso insensível dos astros, o retorno das estações, como fazem os sábios e os irracionais. Quantas coisas preciosas e incomparáveis pode aprender o filósofo apenas com o instinto de um velho padre como este, bem próximo da natureza, herdeiro desses solitários inspirados que foram elevados por nossos avós à categoria de divindades campestres! O inconsciente poeta, buscando o reino do céu, encontra ao menos o repouso, uma humilde submissão às forças elementares, uma profunda paz.

Estendendo o braço, o ilustre mestre poderia tocar com a mão o confessionário onde o santo de Lumbres distribui com seu povo os tesouros de sua sabedoria empírica. Ali está ele entre dois pilares, horrivelmente pintados de marrom, vulgares, quase sórdidos, fechados por duas cortinas verdes. O autor do *Cierge Pascal* lamenta tanta fealdade inútil; e sente que um profeta camponês precise dispensar seus oráculos no fundo de uma guarita de pinho; olha, porém, curiosamente, a grade de madeira atrás da qual imagina o calmo semblante do velho sacerdote, sorridente, atento, de olhos fechados, erguendo a mão para

abençoar. Gosta muito mais dele assim do que todo ensanguentado, lá em cima, em frente à parede nua, de azorrague em punho, em seu cruel delírio! "Os mais tranquilos sonhadores têm necessidade, sem dúvida, desses abalos um pouco violentos para reavivar em seu cérebro as imagens enfraquecidas. Esse homem obtém, ferindo com uma correia o dorso e as ilhargas, o que outros pedem à morfina e ao ópio."

A lâmpada de cobre suspensa ao fio de ferro oscila lentamente, de um lado para o outro. A cada oscilação a sombra se propaga até as abóbadas, depois, novamente expulsa, esconde-se entre os pilares onde se enrosca, propagando-se em seguida. "Assim passamos do frio ao calor", sonha Saint-Marin, "ora cheios de ardor, entusiastas, ora frios e cansados, obedecendo a leis desconhecidas e, sem dúvida, impossíveis de desvendar. Antigamente, nosso ceticismo era ainda um desafio; a própria indiferença, com a qual mais tarde julgamos tudo obter, torna-se em breve uma atitude difícil de conservar. O sorriso epicúrio esconde um grande cansaço. Mas os nossos netos não terão mais sorte do que nós. O espírito humano, como se quisesse voar, modifica incessantemente sua forma, age das mais variadas maneiras, passa da negação à afirmação, sem conseguir nunca se erguer do solo. Que existe mais desacreditado do que o nome de diletante, embora antigamente desse tanta honra aos que o traziam? Outra coisa assinalou claramente a nova geração: o sacrifício, destino honroso e desejado pelos militares. Vi, trêmulo de impaciência sagrada, o jovem Lagrange semelhante a um pressentimento vivo... Goza antes de mim do repouso que detestou. Crentes ou libertinos, como quer que nos chamem, nossa busca não é apenas inútil: cada esforço apressa-nos o fim. O próprio ar que respiramos queima interiormente e nos consome. Não é mais tranquilizante duvidar do que negar; mas propagar a dúvida é um suplício horroroso. Enquanto ainda somos moços, o amor, a obsessão do sexo, habitualmente congestiona o cérebro e repele o pensamento. Vivemos no semidelírio do melancólico deleite,

entrecortado por acessos de desespero lúcido. Mas com o correr dos anos as imagens vão enfraquecendo, nosso sangue se torna mais espesso, nosso organismo não funciona mais tão bem. Na velhice, repassamos no espírito as quimeras do tempo do colégio que continham toda a virtude do entusiasmo de nossos desejos; repetimos palavras tão extintas como nós mesmos; procuramos descobrir no olhar dos moços os segredos de que fomos despojados. E a provação mais dolorosa é comparar incessantemente à própria decadência o ardor e a atividade de outrora, como se sentíssemos deslizar em vão por sobre nossa cabeça a poderosa e grande vaga que não mais nos erguerá... Para que serve tentar o que não se pode fazer mais de uma vez? Esse bom padre agiu mais acertadamente, retirando-se da vida antes que ela o abandonasse, conquistando assim uma velhice sem amargura. Desejou livrar-se o mais cedo possível daquilo que mais sentimos perder; quando nos lamentamos de não mais sentir o aguilhão do desejo, ele se gaba de ser menos sujeito à tentação. Eu seria capaz de jurar que aos trinta anos ele sentiu a felicidade da velhice que não foi gasta pela idade. Será muito tarde para imitá-lo? Um campônio místico espiritualmente alimentado com livros antigos e com as lições de mestres incultos no pó dos seminários pode elevar-se gradativamente à serenidade do sábio, mas sua experiência é limitada e seu modo de agir, ingênuo e às vezes extravagante, cheio de inúteis superstições; ao passo que um mestre de valor, no fim da carreira, mas em plena força de seu gênio, dispõe de métodos de eficácia diferente. Poderia pedir à santidade o que ela tem de agradável e voltar sem sentir embaraço à paz da infância; poderia habituar-se ao silêncio e à solidão dos campos e procurar antes esquecer do que lamentar o perdido; poderia observar, dentro da razão e da moderação, os antigos preceitos de abstinência e castidade, indiscutivelmente preciosos, e gozar a velhice, aceitando-a da maneira como se aceita o crepúsculo ou o outono; poderia mesmo familiarizar-se aos poucos com a morte; tudo isso seria fácil de conseguir, mas não teria

valor algum para o autor de tantos livros, dispensador de ilusões. Será a minha obra", concluiu o eminente mestre, "e escrevê-la-ei só para mim, alternativamente ator e público..."

Mas este último livro não se escreve, é apenas entrevisto em sonhos como um fatal presságio. Assim os velhos gatos, próximos à morte, acariciam ainda com as patas a lã do tapete e fazem perpassar sobre suas belas cores um olhar cheio de ternura semiextinta.

É esse olhar que o autor do *Cierge Pascal* fixa na fina grade de madeira atrás da qual julga ver seu herói complacente, o patriarca de sorriso indulgente, de linguagem agradável e franca, rica da experiência das almas. Ama-o já por todo o bem que dele espera obter. Um santo não precisa desdenhar certa forma rara de cortesia, essa simpatia afetuosa, penetrante, que é a suprema polidez de um fidalgo da inteligência. As formas superiores de louvor são mais apreciadas pelo que não ama a lisonja. Ora! Outros se ajoelharam aqui e, tendo escutado o bom velho, partiram com a alma mais leve. Por que não fazê-lo? A experiência do pecado será completa ao confessá-lo? Não haverá, na vergonha da confissão mesmo imperfeita e desleal, uma sensação violenta e forte, um remédio um pouco excessivo e singular para que se deteste o vício? E, aliás, os maníacos do livre-pensamento desdenham tolamente um método de psicoterapia quando empregado pela Igreja, para julgá-lo excelente quando usado pelo neurologista de fama. Esse professor em sua clínica não faz mais do que o padre no confessionário: provoca e faz brotar a confidência para depois sugestionar, à vontade, um doente calmo e repousado. Quantas amarguras existem no coração que se desfazem só com esse esforço! O homem célebre, vivendo por seu mérito, olhado e discutido por todos, reconhecendo-se mesmo no ódio e na inveja que o perseguem, pode perfeitamente tentar escapar à sua própria obsessão, romper esse círculo sedutor. Nunca se abre com um inferior e jamais diz a verdade a seus iguais. Se acontece deixar memórias verídicas, a dissimulação natural se reforça por um desses terríveis

acessos de vaidade póstuma tão conhecidos do público. Não há nada tão sem valor como as palavras de além-túmulo. Então ... então é bom fazer ao acaso esse precioso dom de si mesmo, sempre recusado, a uma pessoa qualquer, como se atira um punhado de ouro a um mendigo.

Esse homem tão sutil que, à falta de gosto verdadeiro, sente pelo menos a grosseria alheia como um constrangimento físico, não escapa nem por um minuto à cilada de sua própria baixeza. Passa e repassa essas ideias com uma confiança ingênua, lisonjeando-se de serem tão sólidas suas razões, que é difícil escolher a principal. Acaba olhando os degraus de madeira, cheio de curiosidade e desejo... Chegando lá, o resto virá por si mesmo. Quem poderá detê-lo? Aquilo que foi concedido tantas vezes nesse mesmo lugar às solteironas analfabetas não será por certo recusado ao mais astuto observador, dotado do maior sangue-frio e sempre deliciosamente disposto a escarnecer. Após ter gozado por completo tantas sensações raras e complicadas, usado tantas linguagens e feito tantas hábeis dissimulações, é necessário apenas um pequeno esforço para terminar como filósofo rústico, desiludido, tranquilo, perfeitamente devoto. Depois do imperador que plantou rabanetes, não mais se viu um grande deste mundo procurar garantir para si uma morte bucólica. Na gíria de teatro isso se chama entrar em seu papel, dar a própria personalidade à representação. É desse modo que, ao terminar um estudo conscienciosо, um comediante gordo como uma bola, vermelho de prazer, bebe seu copo de cerveja, fecha o livro e exclama: "Estou de posse de meu Polieutes!...".

XV

"Estou de posse de meu santo!", poderia dizer ness e momento o ilustre mestre, se estivesse disposto a gracejar. E isso era verdade ou o seria dentro de pouco tempo. Imagina ingenuamente que, depois de ter provado desdenhosamente os mais preciosos frutos colhidos nos jardins dos reis, poderá servir-se ainda com apetite do pedaço de pão grosseiro arrancado da boca do pobre; pois é assim sempre nova a curiosidade do gênio.

Como é belo gozar tão tarde as alegrias da iniciação! É verdade que a estrada de Paris a Lumbres é bastante longa; muito maior, porém, foi o espaço que ele transpôs entre o presbitério tão próximo e a pequena igreja sossegada. Havia pouco estava inquieto, ansioso, esperando apenas voltar em breve, de cabeça baixa, para o palacete da Rua de Verneuil onde morreria um dia, inútil, esquecido, nos braços de uma criada, que diria com seus botões que "o pobre senhor tinha muito que sofrer"; agora, sentia-se resgatado, livre, planejando fazer alguma coisa. Tão grande é seu prazer que se sente um pouco febril... Dentro de seis semanas tudo estará decidido e terminado. Encontrará em qualquer lugar, na orla de um bosque, uma dessas casas meio rústicas, meio burguesas, cercada de tabuleiros de relva úmida e verde. Os devotos terão exclamações de triunfo com a conversão de Saint-Marin.

Em seu retiro de Lumbres dará a primeira entrevista, assentará delicadamente todos os assuntos, como se fizesse um testamento. Pensará assim pela última vez carinhosamente na juventude, na beleza e no prazer perdidos, e não renegados; depois virá o silêncio, o grande silêncio em que o público sepultará piedosamente, lado a lado, na solidão de Lumbres, o filósofo e o santo.

A obsessão torna-se tão forte que ele julga sonhar, perde a consciência por um momento, estremece vendo-se sozinho. Esse despertar brusco rompeu o equilíbrio, deixando-o agitado e nervoso. Olha com desconfiança para o confissionário vazio, tão próximo; a porta fechada pela cortina verde como que o convida... Ora pois! Haverá melhor ocasião para ver mais do que o pobre aposento do bom homem, seu catre, sua disciplina – ver o próprio lugar em que ele se manifesta às almas? O autor do *Cierge Pascal* está sozinho e, aliás, não se incomodaria se o vissem. Mesmo aos setenta anos, seu primeiro impulso é sempre definido, franco, irresistível, perigoso privilégio dos escritores de imaginação...

Tateia com a mão, encontra uma argola, abre de chofre.

A hesitação, em vez de preceder o gesto, surge depois dele. Reflete muito tarde e sente um remorso indefinido, o arrependimento de ter agido tão depressa, ao acaso; o temor, a vergonha de surpreender um segredo mal defendido fê-lo baixar a vista; mas já o reflexo da lâmpada nas lajes atingiu a porta semiaberta e invadiu lentamente o recinto. Seu olhar acompanhou-o...

De que serviria deter-se? O que a luz descobriu uma vez não se pode nunca mais ocultar. Vê a princípio dois sapatos grossos, semelhantes aos que já vira em cima, a dobra de uma sotaina extravagantemente arregaçada... uma comprida perna magra e muito rígida, calçada numa meia de lã, um tacão pousado na soleira da porta. Depois... pouco a pouco... na sombra mais profunda... uma vaga mancha branca e, de repente, avistou a face terrível, fulminada.

Antônio Saint-Marin sabe mostrar nos casos extremos uma coragem fria e calculada. Aliás, morto ou vivo, esse bom homem inesperado irrita-o, pelo menos, tanto quanto o amedronta. Em suma, seu sonho é interrompido de súbito no melhor momento; essa testemunha singular, esse cadáver sentado no fundo dessa guarita escura terá a última palavra; domina o mestre de ironia que desperta, envergonhado, de um sonho um pouco ingênuo e enternecedor.

Abre inteiramente a porta, recua um passo, mede com o olhar o estranho companheiro, encarando-o, sem ousar ainda desafiá-lo.

– Belo milagre! – diz entre dentes um pouco irritado. O bom padre morreu aqui em silêncio, de uma crise cardíaca. Enquanto aqueles imbecis andam à sua procura pelas estradas, ele está aqui tranquilo, como uma sentinela que um tiro à queima-roupa matasse na guarita!...

Encostado à parede, com o dorso sustentado pelo estreito banco sobre o qual se deixou cair no último instante, firmado com suas pernas rígidas contra o delgado assoalho que limita a soleira, o miserável corpo do santo de Lumbres conserva, numa imobilidade grotesca, a atitude de um homem que a surpresa faz erguer.

. . . . . .

Outros poderão ser envolvidos num lençol branco por mãos amigas para o repouso final; este, porém, levanta-se ainda nas trevas da noite ouvindo o grito de seus filhos ... Ainda tem alguma coisa a dizer, pois não proferiu a última palavra ... O velho lutador, atacado de todos os modos, põe-se ao lado dos mais fracos, denunciando o traidor e revelando a traição... Ah! o diabo, o outro, é sem dúvida um mentiroso astuto e assombroso, esse rebelde aferradoà sua glória perdida, nutrindo um desprezo profundo pelo rebanho humano grosseiro e cabisbaixo, que sua astúcia multiforme provoca ou reprime de acordo com sua vontade; mas seu humilde inimigo faz-lhe frente, erguendo a fronte

obstinada sob os brados dos adversários. Com que explosões de gritos, riso e galhofa saúda o inferno a palavra ingênua e quase inaudível, a defesa obscura e tosca! Não importa! Será ouvido por outro juiz que um dia se manifestará!

Senhor, não é verdade que nos tenhamos insurgido contra vós; morra esse mentiroso, essa testemunha falsa, vosso irrisório rival! Despoja-nos de tudo que possuímos, deixa-nos despidos e nos faz pronunciar palavras de impiedade. Mas ainda nos resta o sofrimento, que é o que temos de comum convosco, a prova de nossa predestinação herdada de nossos pais, mais viva do que o fogo casto, incorruptível... Nossa inteligência é obtusa e medíocre, nossa credulidade, infinita, e disso se aproveita o subornador sutil de belas palavras... Dá a suas frases o sentido que lhe convém e quanto mais lindas mais nos desviam do nosso caminho. Se guardamos silêncio, ele fala por nós e, quando nos tentamos justificar, nossas palavras nos condenam. O incomparável argumentador, sem se dar o trabalho de contradizer, diverte-se arrancando à vítima sua própria sentença de morte. Que tenham fim com ele as palavras pérfidas! E por seu grito de dor que se exprime a raça humana, a planta extirpada do solo por um desmedido esforço. Vós nos lançastes na escuridão para que germinássemos. O universo, que o pecado nos tirou, nós o retomaremos passo a passo a fim de restituí-lo a vós como o recebemos, em perfeição e santidade, à primeira manifestação da luz. Não conteis nosso tempo, Senhor! Nossa atenção é pouco firme e nosso espírito muda de rumo tão depressa! Incessantemente o olhar procura à direita e à esquerda uma saída quase impossível; toda hora um de vossos obreiros retira-se, abandonando suas ferramentas. Mas vossa piedade é incansável e por toda parte nos apresentais o gume de vosso gládio; o desertor retornará à tarefa ou morrerá na solidão... Ah! o inimigo que tantas coisas sabe há de sempre ignorar isso! O mais vil dos homens leva consigo seu segredo de sofrimento eficaz e purificador... Porque tua dor é estéril, Satanás!... Quanto a mim, vê aonde me levaste, prestes a receber teu último golpe. Sou apenas

um pobre sacerdote muito simples, com o qual tua maldade se divertiu durante algum tempo e que vais conduzir rolando como uma pedra ... Quem pode competir com tua astúcia? Desde quando tomaste a aparência e a voz de meu Mestre? Em que dia cedi pela primeira vez à tua vontade? Em que dia recebi com insensata condescendência o único presente que podes dar, enganosa imagem do abandono dos santos, teu desespero, inefável a um coração humano! Sofrias, oravas comigo, oh, pensamento terrível! Esse mesmo milagre... Que importa! Que importa! Despoja-me! Não me deixes coisa alguma! Depois de mim haverá outro, depois mais outro, pelos séculos afora, lançando o mesmo grito, abraçado à Cruz... Estamos longe de ser os santos corados, de barba loura, pintados para edificação das boas criaturas e cuja saúde perfeita e eloquência até os filósofos invejariam. Nosso quinhão é muito diferente do que o mundo imagina. Comparado com ele até a sujeição do gênio é uma frivolidade. Toda vida feliz, Senhor, fala a vosso favor; mas o testemunho do santo é como que arrancado pela dor.

Tal foi, sem dúvida, aqui na terra, a última lamentação e a carinhosa censura do pároco de Lumbres dirigida ao Juiz. Mas ao homem ilustre que veio procurá-lo de tão longe tem outra coisa a dizer. Embora, na sombra, os lábios enegrecidos e como que descerrados pela explosão do último grito não mais possam falar, todo o corpo lança um terrível desafio:

– AMBICIONAVAS MINHA PAZ DE ESPÍRITO; VEM, TOMA-A!...

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação(CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Bernanos, Georges, 1888-1948

Sob o sol de Satã / Georges Bernanos; tradução de Jorge de Lima. – São Paulo : É Realizações, 2010.

Título original: Sous le soleil de Satan
ISBN 978-85-8033-005-2

1. Ficção francesa I. Título.

10-1 1969 CDD-843

Índices para catálogo sistemático:
1. Ficção : Literatura francesa 843

Este livro foi impresso pela Edições Loyola para É Realizações, em novembro de 2010. Os tipos usados são da família Adobe Garamond e The Last Font. O papel do miolo é chamois bulk dunas 90g, e o da capa, aspen linear 250g.